



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

CATEQUESE RENOVADA ORIENTAÇÕES E CONTEÚDO

**Documento aprovado pelos Bispos do Brasil na 21ª Assembléia Geral
15 de abril de 1983**

APRESENTAÇÃO

Catequese Renovada Orientações e Conteúdo é um documento aprovado pelo episcopado brasileiro, na 21ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaiçara (1983) e dedicado, de modo especial, a todos os agentes de catequese da Igreja no Brasil.

Estas orientações catequéticas, inspiradas nos documentos da Igreja (Vaticano II, Medellín, Puebla, Evangelii Nuntiandi e Catechesi Tradendae), querem ser uma resposta aos apelos do papa João Paulo II, na sua visita ao Brasil (1980), quando então nos dizia: "A Catequese é uma urgência. Só posso admirar os pastores zelosos que em suas Igrejas procuram responder concretamente a essa urgência, fazendo da catequese uma prioridade" (Encontro com os Bispos em Fortaleza 10/07/80).

Percebendo as necessidades pastorais, obedecendo à voz do Papa e depois de ter pedido a colaboração e as sugestões dos agentes de Catequese de todos os níveis, apresentamos agora este documento, enriquecido por três Assembléias Gerais da CNBB (1981, 82 e 83). Esperamos que ele venha ajudar a criar uma unidade de princípios, critérios e temas fundamentais para a Pastoral Catequética no Brasil. Colocamos estas diretrizes catequéticas nas mãos dos catequistas, a quem agradecemos toda a colaboração na educação da fé das nossas comunidades e a quem pedimos que, juntamente com seus pastores, continuem fazendo da Catequese uma prioridade das nossas Igrejas Particulares.

I. PARTE: A CATEQUESE E A COMUNIDADE NA HISTÓRIA DA IGREJA

1. Na procura de orientações para uma catequese renovada, é conveniente recordar brevemente como se realizou a catequese no passado e quais as grandes mudanças a serem destacadas em nossa época.

2. Nosso objetivo neste capítulo não é fazer uma história exaustiva da Catequese, mas destacar apenas algumas de suas linhas fundamentais.

3. Ao descrever estas linhas fundamentais, veremos como, em cada fase, determinado aspecto sobressai aos demais. Por isso, a História nos ajuda a revalorizar estes diversos aspectos que, aos poucos, foram compondo o complexo processo da Catequese, que hoje procura levá-los em conta.

1.1. Catequese como iniciação à fé e vida da comunidade

4. Esta primeira fase se estende, aproximadamente, do século I ao século V.

No tempo dos Apóstolos, a vivência fraterna na comunidade, celebrada principalmente na Eucaristia, representava a maneira mais alta de traduzir na vida a mensagem de Cristo Ressuscitado (1Cor 11,17-29)¹.

5. Era na comunidade que se vivia a doutrina dos Apóstolos, seu ensinamento recebido do próprio Cristo que, pouco a pouco, foi sendo formulado nos *Símbolos da Fé* (fórmulas condensadas, como o Credo), nas doxologias (aclamações litúrgicas como as que encontramos, por exemplo, em Ef 1,3-14; Rm 1,8; Rm 16,27; 1Cor 1,2-3)², e nas orações.

6. Aos poucos foi-se formando uma Catequese prolongada e organizada, que tinha como objetivo levar os convertidos à iniciação na vida cristã. Criou-se assim o catecumenato com seus vários graus, que preparava os candidatos à vivência na comunidade cristã, através da escuta da Palavra, das celebrações e do testemunho. Muitas das obras notáveis em Catequese dos Padres da Igreja surgiram no contexto do catecumenato (cf. CT 12)³.

7. A Catequese introduzia progressivamente na participação da vida cristã dentro da comunidade. Animada pela fé, sustentada pela esperança, exercida através da caridade fraterna, a própria vida da comunidade fazia parte do conteúdo da Catequese. Esta, por sua vez, era o instrumento a serviço de uma entrada consciente na comunidade de fé e da perseverança nela. Catequese e comunidade caminhavam juntas.

1.2. Catequese como processo de imersão na cristandade

8. No período que vai mais ou menos do século V ao século XVI, pode-se dizer que a Catequese já não consistia tanto numa iniciação à comunidade de fé, como verificamos na fase anterior. É que a sociedade inteira, em todos os seus aspectos, se considerava animada pela religião cristã, a ponto de se estabelecer uma aliança entre o poder civil e o poder eclesiástico. Foi o que se chamou de *cristandade*.

9. A Catequese se fazia, então, por um processo de imersão nessa cristandade. Sem esquecer a influência da família, das escolas episcopais e monacais e da pregação, convém ressaltar que a educação da fé se realizava pela participação numa vida social, profissional e artística marcada pelo religioso, num ambiente cristão presente na sociedade inteira.

1.3. Catequese como instrução

10. A partir do século XVI, a catequese passou, conforme as exigências do tempo, a realizar-se prevalentemente por um processo que valorizava mais a aprendizagem individual, na qual já não era tão marcante a ligação com a comunidade.

11. Vários fatores concorreram para que a Catequese se concentrasse no aspecto da instrução. Salientamos entre outros:

a) *a preocupação com a clareza e a exatidão das formulações doutrinárias*, em face das divisões no meio dos cristãos, no tempo da reforma protestante;

12. b) *a descoberta da imprensa e a difusão das escolas*, que concentram a Catequese nos textos para o ensino, isto é, nos catecismos. Após as primeiras tentativas católicas, inclusive latino-americanas, Lutero publicou seu catecismo em 1529. Entre 1550 e 1600 apareceram os grandes catecismos inspirados no Concílio de Trento, como o de São Pedro Canísio, em 1555, e o de São Carlos Borromeu, em 1566, e o de São Roberto Bellarmino, em 1597. O valor sempre inspirador dos catecismos, numa época de confusão doutrinária, foi o de apresentar de maneira clara e pedagógica o conjunto dos principais mistérios da fé cristã (cf. CT 13)⁴;

13. c) *a influência do iluminismo*: segundo este movimento cultural, a inteligência humana, devidamente instruída, é capaz de encontrar sozinha a solução de todos os problemas da humanidade.

1.4. Catequese como educação permanente para a comunhão e participação na comunidade de fé

14. 1.4.1. *No século XX* foi-se redescobrimdo na Catequese a importância fundamental da iniciação cristã e do lugar primordial que nela cabe à comunidade de fé. Tal tendência foi gradativamente reforçada por vários elementos:

15. a) *os resultados dos movimentos bíblico, patrístico, litúrgico e querigmático* que, na evangelização, contribuíram respectivamente para a revalorização da Bíblia, da Liturgia e do anúncio de Jesus Cristo;

16. b) *as descobertas da psicologia, da pedagogia e de outras ciências humanas*, descobertas essas aplicadas aos processos catequéticos;

17. c) mais recentemente, *a renovação inspirada no Concílio Vaticano II (1962-65)*, explicitada no Diretório Catequético Geral (1971) e animada pelos Sínodos sobre a Evangelização (1974) e sobre a Catequese (1977). Fruto desses dois Sínodos são as exortações apostólicas *Evangelii Nuntiandi* (EN) de Paulo VI, sobre a Evangelização no mundo de hoje (1975) e *Catechesi Tradendae* (CT) de João Paulo II, sobre a Catequese hoje (1979);

18. d) *as transformações no próprio mundo* pelo progresso tecnológico-científico, explosão demográfica, urbanização, e pela secularização, fruto do positivismo e do tecnicismo.

Esta sociedade, marcada pela massificação, anonimato, impacto dos meios de comunicação de massa, consumismo, libertinagem moral, violência coletiva e desigualdades sociais chocantes, exige, de modo novo e radical, a segurança da pessoa no abrigo de uma comunidade menor, onde possam ser vividos os valores do relacionamento interpessoal.

19. Esta sociedade, marcada também pelos ateísmos práticos e teórico-militantes, por diversos tipos de neopaganismo, pelas formas fanáticas e sectárias de religiosidade de origem recente e pelo indiferentismo religioso, precisará também de um tipo de Catequese que, além de uma sólida fundamentação da fé, seja capaz de ajudar o cristão a converter-se e a comprometer-se no seio de uma comunidade cristã para a transformação do mundo.

20. 1.4.2. *Na América Latina*, a 2ª Conferência Episcopal realizada em Medellín (1968), percebeu esta nova necessidade e, aplicando os ensinamentos do Concílio Vaticano II à nossa realidade continental, redirecionou a catequese para o compromisso libertador nas situações concretas. À luz do documento final de Medellín, confirmado mais tarde pela *Evangelii Nuntiandi* e pela Conferência de Puebla (cf. Puebla 978-986)⁵, a Catequese na América Latina vem procurando realizar-se em estreita ligação com a realidade da vida, para a construção de comunidades de fé.

Neste sentido vem levando os catequistas a caminharem com os mais pobres e oprimidos e a partilharem as suas angústias, lutas e esperanças.

21. 1.4.3. No século XX, também *no Brasil*, o movimento catequético foi impulsionado pela ação do Papa São Pio X e sua encíclica sobre a catequese, intitulada *Acerbo Nimis* (1905). Também nesta época surgiu o Catecismo dos Bispos das Províncias Meridionais do Brasil, que teve inúmeras edições. Varias gerações de cristãos foram instruídas e educadas na fé por este catecismo.

Num notável esforço de renovação nestas últimas décadas, a Catequese no Brasil passou por diversas fases onde, sucessivamente, os acentos e as preocupações recaíam sobre o conteúdo, método, sujeito e, mais recentemente, sobre o objetivo da catequese.

Já desde os anos 40, diversos pioneiros se dedicaram ao trabalho de sistematização e adaptação da Catequese às novas exigências.

22. É o caso, entre outros, de Mons. Álvaro Negromonte, que criou e difundiu no Brasil o chamado Método integral de Catequese, o qual se propunha como objetivo formar o cristão íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno de esperança.

23. É o caso também dos que trabalharam, nas décadas de 50 e 60, nos secretariados nacionais e regionais de catequese e nos Institutos de Pastoral Catequética, que daí surgiram depois do Concílio Vaticano II nos diversos níveis. Os Institutos prestaram relevante serviço no que tange à formação dos quadros dirigentes da catequese.

24. Houve, em todo este último período, um grande esforço de integrar a catequese no conjunto da renovação pastoral, a fim de pôr em prática os princípios e normas do Concílio, repetidamente inculcados pelos Papas e pelos Sínodos, adaptados à situação latino-americana em Medellín e Puebla e à nossa situação brasileira pelas orientações e diretrizes gerais da CNBB.

25. 1.4.4. Cabe ressaltar, como *características positivas* que vem tomando a nossa catequese:

- uma inserção maior no conjunto de toda a pastoral esta vem procurando torna-se cada vez mais uma pastoral orgânica;
- a apresentação de uma nova imagem da pessoa de Jesus Cristo e sua prática, da Igreja, e do homem
- a consideração da pessoa humana como um todo, com seus direitos e deveres, suas dimensões individual, comunitária e social;
- a luta pela libertação integral do homem, reconhecido como sujeito de sua própria história;
- o relevo dado às comunidades eclesiais de base e à opção preferencial pelos pobres;
- a preocupação por um ensino sistemático dos conteúdos da fé, através de um roteiro nacional.

26. Ao lado dessas aquisições, porém, cabe não perder de vista as *deficiências* que a catequese no Brasil continua mostrando:

- ainda não atinge permanentemente a todos os cristãos, especialmente os jovens e adultos, os universitários, o operariado nos grandes centros e as elites intelectuais
- às vezes, fica em dualismos e falsas oposições, como entre a catequese sacramental e catequese vivencial, entre catequese doutrinal e catequese situacional;
- publicações catequéticas fracas e às vezes questionáveis do ponto de vista doutrinal e metodológico;
- em certos lugares, a catequese ainda continua a merecer maior atenção de nossa parte, de sacerdotes, de seminaristas, de religiosos, e também não encontra apoio suficiente nas famílias;
- um ensino religioso muitas vezes fragmentário e pouco eficaz em diversos Estados.

27. É compreensível que cada um, num processo complexo como é o da catequese, acabe por favorecer um ou mais elementos integrantes do processo, em detrimento de outro. Daí o surgimento de *diversos tipos* de catequese e uma rica variedade de textos e manuais que sublinham, às vezes, a instrução nas verdades; outras, a experiência vital individual ou comunitária, os métodos de uma sã pedagogia e a devida atenção à pessoa do educando.

Em alguns sobressai o aspecto da inserção na comunidade de fé; noutros, a adesão à caminhada do povo na busca de sua libertação e o impacto transformador nas estruturas sociais.

28. Cada uma das múltiplas tendências existentes em nossas Igrejas locais tem seus aspectos positivos e suas limitações. O processo que procura integrar os diversos elementos válidos das diferentes tendências parece-nos como o mais correspondente aos objetivos finais da Catequese e como o mais fiel às diretrizes da Igreja desde o Vaticano II.

29. Tal processo procurará unir: fé e vida (cf. CDC Cân. 773)⁶; dimensão pessoal e comunitária; instrução doutrinária e educação integral; conversão a Deus e atuação transformadora da realidade; celebração dos mistérios e caminhada com o povo.

Procuramos, nestas Orientações, perceber os fundamentos e as conseqüências práticas de uma Catequese que procura renovar-se diante das novas situações.

II. PARTE: PRINCÍPIOS PARA UMA CATEQUESE RENOVADA

30. A renovação atual da Catequese nasceu para responder aos desafios de uma nova situação histórica. Esta exige a formação de uma comunidade cristã missionária que anuncie, na sua autenticidade, o Evangelho e o torne fermento de comunhão e participação na sociedade e de libertação integral do homem.

Para realizar esse objetivo, a Catequese precisa de sólido fundamento. Ele só pode ser procurado na própria Palavra, pela qual Deus revela sua vontade de comunhão plena com os homens.

31. No Novo Testamento, o termo Catequese significa dar uma instrução a respeito da fé. Em sua origem, o termo se liga a um verbo que significa fazer ecoar (Kat-ekhéō). A Catequese, de fato, tem por objetivo último fazer escutar e repercutir a Palavra de Deus.

32. O que é Palavra de Deus? O que significa Revelação? Que relação tem isso com a Catequese? São questões fundamentais, que serão aprofundadas no capítulo I. O capítulo II tratará das exigências da catequese.

2.1. Revelação e Catequese

2.1.1. A linguagem da comunicação de Deus

33. Deus, em sua bondade e sabedoria, quis revelar-se a si mesmo... Deus fala aos homens como a amigos e com eles conversa. ...Assim o Concílio Vaticano II (DV 2)⁷ expressa a convicção sobre a qual a Igreja e todo cristão edificam a sua fé. Mas, *como* Deus fala?

34. A principal forma de comunicação humana é a *palavra*. Mas, há outras linguagens com que os homens podem comunicar-se. Muitas vezes, um gesto diz mais que muitas palavras. Também *gestos e fatos* podem constituir uma linguagem.

35. Deus, para se comunicar com os homens, adotou essas duas linguagens que se completam mutuamente: a das palavras e a dos gestos ou acontecimentos (cf. DV 2)⁸.

2.1.2. Deus quer comunicar-se a si mesmo e formar o seu povo

36. Além da linguagem, é necessário entender outros aspectos dessa comunicação entre Deus e o homem: 1) *o que* Deus quer comunicar; 2) *a quem* se dirige; 3) que *obstáculos* encontra.

37. 1º – Deus não quis e não quer comunicar aos homens apenas alguma verdade ou alguma lei. Ele quer comunicar a si mesmo, sua presença, seu amor (cf. DV 2 e 6)⁹.

38. 2º – Deus não quer fazer isso separando as pessoas, mas unindo-as. Deus quis santificar e salvar os homens não isoladamente, sem nenhuma conexão uns com os

outros, mas constituí-los num povo, que o conhecesse e o servisse santamente (cf. LG 9)¹⁰. Mesmo quando Deus se revela através de um profeta, é sempre ao povo que se dirige; e é sempre numa ligação vital com a comunidade que a pessoa é chamada e chega à fé em Deus.

39. 3º – Entre o homem e Deus há uma distância incomensurável, não só pelo desnível natural entre a grandeza infinita de Deus e a fragilidade da condição humana, mas também pelo pecado, que é uma recusa da comunicação com Deus, uma recusa do Amor. Uma vez que o homem não pode chegar sozinho ao pleno conhecimento de Deus, é necessário que o próprio Deus tome a iniciativa de se revelar, de remover as barreiras entre ele e nós, deixando de ser um Deus escondido para nos mostrar o seu rosto, quem ele é.

2.1.3. A “pedagogia” de Deus

40. Compreende-se agora que a Revelação de Deus é mais um *processo*, uma caminhada, do que um *ato* realizado imediatamente e de uma vez.

41. Isto acontece, não porque Deus não quer comunicar-se logo e por inteiro. Deus É comunicação, Deus É amor. Deus está sempre perto de nós. Mas somos nós que nos afastamos dele. Somos nós que precisamos desse processo lento e permanente da Revelação, porque seres históricos, em construção.

42. Em outras palavras, a humanidade não está preparada para acolher a Deus plenamente. Muitos obstáculos a separam dele. Muitos pecados a desviaram.

43. Deus, então, ele mesmo procura guiar a humanidade de volta. Procura orientá-la, aproximá-la de si. Torna-se para seu povo como um pai ou uma mãe que ensina à criança os caminhos da vida. Torna-se um mestre ou educador, que ensina aos alunos caminhos mais adiantados em busca da verdade e da felicidade. Como um pai educa seu filho, assim Deus educa seu povo (Dt 8,5)¹¹.

44. Por isso, pode-se falar em pedagogia de Deus (cf. DV 15)¹², para indicar a forma com que Deus se revelou na História da humanidade, gradativamente, por etapas.

2.1.4. A história da Revelação

45. A Revelação de Deus foi conservada, de início, por uma tradição oral contada de pai para filho (cf. Dt 4,10; 11,19)¹³, de boca em boca. Depois foi posta por escrito na *Bíblia*.

46. A Bíblia usa raramente a palavra Revelação. Tampouco faz teorias sobre ela. Conta, sobretudo, fatos. Alguns desses fatos podem ajudar-nos a compreender como se dá a Revelação. São principalmente fatos que apresentam o encontro de Deus com o seu povo ou com um profeta.

47. Tomemos um exemplo: a Revelação de Deus a Moisés (Ex 3,1-15)¹⁴. Deus atrai Moisés com um sinal: a sarça ardente. E a Moisés comunica duas coisas: o seu Nome e a vontade de libertar os filhos de Israel. Reparemos bem: De um lado, Deus se apresenta como Deus dos pais, dos antepassados de Moisés, o Deus que Moisés já conhece e adora. Até aí, nada de novo. De outro lado, Deus revela algo *novo* que Moisés e seu povo não conheciam: o nome *Javé* (que significa Aquele que sou ou Aquele que estou convosco) e a *vontade* de libertá-los.

48. Nos encontros de Deus com o seu povo e seus profetas, é possível reconhecer essa estrutura da Revelação: Deus fala partindo de algo que os homens já conhecem, que pertence à experiência deles, e procura levá-los a descobrir e compreender algo *novo* do seu ser, do seu amor, da sua vontade. Ou ainda: Deus ilumina o seu povo e seus profetas para que compreendam o *sentido* da História que estão vivendo, dos acontecimentos que Deus quis ou permitiu.

49. Muitas vezes, o acontecimento é tão importante que ilumina com luz nova todo o passado e leva a uma nova e mais profunda compreensão do plano de Deus. É o que aconteceu com a experiência da aliança. À luz dela, foi interpretada toda a história da salvação: a criação (cf. Is 40,25-28; 44,24; etc.)¹⁵, Noé (Gn 6,19; 9,9)¹⁶, Abraão (Gn 17,2)¹⁷, Moisés (Ex 19,5; 24,7)¹⁸, Davi (2Sm 23,5)¹⁹. A fé de Israel se expressa através da evocação da História (Dt 6,20-23; 26,5-9)²⁰.

A luz definitiva sobre a história da Revelação vem de Jesus, que revela enfim toda a amplitude do amor de Deus.

2.1.5. A plenitude da Revelação: Jesus Cristo

50. A expressão mais alta, absolutamente única e definitiva da comunicação de Deus à humanidade, é Jesus, o Cristo (cf. DV 4)²¹. Nele, Deus não se limita a manifestar algo de seu Amor. Deus se dá a si mesmo. Jesus é a encarnação, na natureza humana, do Verbo. É a própria Palavra de Deus feita carne (Jo 1,14)²².

51. Jesus Cristo se torna assim, para os homens de todos os tempos, caminho, verdade e vida (Jo 14,6)²³. Só por ele se vai ao Pai. Ele é a plenitude da Revelação. Por isso, depois de Jesus, já não esperamos novas revelações. É importante, porém, observar *como* Jesus revela o Pai. De novo encontramos a presença de acontecimentos e palavras estritamente uni dos. Sua encarnação, sua vida terrena, especialmente sua morte e ressurreição são fatos em que a fé reconhece Deus que se revela e se comunica.

O sentido desses fatos se torna acessível a nós pelas próprias palavras de Jesus, que compreendemos com a ajuda do Espírito Santo e da Igreja.

52. Para a Catequese, é ainda importante reparar que Jesus, na sua pedagogia, para levar seus ouvintes à plenitude da fé, não despreza a história anterior da Revelação, o Antigo Testamento, e também recorre às situações de vida e à experiência das pessoas, educando-as para que reconheçam nelas os apelos de Deus.

2.1.6. Cristo se comunica pelo Espírito Santo

53. Jesus é a plenitude da Revelação de Deus. Neste sentido, Deus não tem mais nada a revelar de si mesmo (cf. DV 4)²⁴. Tudo o que é do Pai foi comunicado a Jesus, e Jesus o comunicou a seus discípulos e após tolos (Jo 15,15; cf. DV 7)²⁵. Revelou os mistérios quer dizer, a intimidade de Deus, o que até então estava escondido não aos sábios e entendidos, mas aos simples (Mt 11,25)²⁶.

54. Mas Jesus, exatamente porque nele habita a plenitude de Deus e só nele se encontra a salvação, deve tornar-se de alguma forma contemporâneo e companheiro de todos os homens. É esta a tarefa que se realiza através do Espírito de Jesus, o Espírito Santo que atua na Igreja. Neste sentido, pode-se dizer, com o Concílio Vaticano II, que Deus continua mantendo permanente diálogo com a comunidade cristã (cf. DV 8c)²⁷ e que o Espírito Santo faz ressoar na Igreja e no mundo a voz viva do Evangelho, conduzindo os fiéis para a plenitude da verdade (Jo 16,13)²⁸.

55. Como o Novo Testamento afirma repetidas vezes, a experiência do Espírito na comunidade cristã é inseparável da memória de Jesus (cf. Jo 14,26; 15,26; 16,13-14; At 2,17-36; 1Cor 2,1-16; 12,3 etc.)²⁹. Mas a ação do Espírito não está somente voltada para o passado. Ela quer conduzir a vida e fazer crescer a fé do Povo de Deus (DV 8a)³⁰. Ela se volta também para o futuro, para a plenitude da verdade, fazendo progredir a compreensão tanto das realidades como das palavras confiadas à Igreja.

56. O Espírito não age só, livre e misteriosamente, como o vento da noite, que não se sabe de onde vem e para onde vai (Jo 3,8)³¹. Ele, para manter inalterado e vivo o

Evangelho, suscitou e conserva na Igreja a Tradição, a Escritura e o Magistério (cf. DV 7-10)³².

2.1.7. Tradição, Escritura e Magistério

57. O que Jesus deixou foi, antes de tudo, uma comunidade viva, a Igreja. Aquela comunidade que Paulo, escrevendo aos Coríntios, define como uma carta de Cristo, entregue aos cuidados do nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações! (2Cor 3,3)³³.

58. Nesta comunidade se conservam as palavras de Jesus, os sacramentos, a oração que ele ensinou, a liturgia que se vai enriquecendo aos poucos com as expressões das várias culturas, as diversas manifestações da fé e da caridade cristã, que originam diferentes modelos de santidade, espiritualidade, transformação cristã da civilização e da cultura (cf. DV 8)³⁴.

59. Pode-se falar em *tradição* na medida em que a comunidade cristã une dois aspectos: 1) de um lado, ela se mantém fiel à sua *origem*, ao que recebeu de Cristo e dos Apóstolos; e, 2) simultaneamente *progride* na compreensão da doutrina, na vivência da caridade e na edificação da sociedade, mantendo vivo e eficaz o Evangelho.

60. A Tradição Apostólica abrange todas aquelas coisas que contribuem para santamente conduzir a vida e fazer crescer a fé do Povo de Deus. E é chamada tradição, porque transmite e perpetua a todas as gerações tudo o que a Igreja é, tudo o que crê (DV 8a)³⁵.

61. Um lugar único ocupa, dentro da Tradição, a Sagrada Escritura. Nas comunidades cristãs primitivas, fundadas pelos Apóstolos, o Espírito Santo inspirou aqueles escritos que nós conhecemos como o Novo Testamento. Neles a Igreja reconheceu, junto com os livros do povo de Israel, o Antigo Testamento, o testemunho autêntico da Revelação divina. Reconhecendo que a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus redigida sob a moção do Espírito Santo (DV 9)³⁶, a Igreja a venera e a escolhe, junto com a Tradição como suprema regra de sua fé (DV 21)³⁷. Tradição e Escritura devem ser consideradas como um todo, pois ambas procedem de Deus e têm como finalidade a comunhão dos homens com ele.

62. Conservar a Tradição e a Escritura, através da vivência e do testemunho da fé, é tarefa dos pastores e fiéis. A interpretação autêntica da Tradição ou da Escritura, porém, está confiada ao Magistério da Igreja. O Magistério está, assim, a serviço da Palavra de Deus: da Tradição e da Escritura tira o que propõe para ser crido como divinamente revelado (cf. DV 10)³⁸.

2.1.8. Fé e Comunidade missionária

63. Na comunidade da Igreja, a Palavra de Deus está viva hoje. Deus, fiel às suas promessas, continua convidando os homens à comunhão com ele.

64. Acolher a Palavra, aceitar Deus na própria vida, é dom da *fé*. Ele exige, porém, certas condições por parte do homem. Elas podem ser resumidas com duas palavras evangélicas: *conversão* e *seguimento*. A fé é como uma caminhada. Mais exatamente: é seguir o caminho de Jesus. O que os discípulos fizeram pelos caminhos da Galiléia e da Judéia até a Cruz, acompanhando fisicamente Jesus e comungando sempre mais de sua vida e de seu ideal, deve ser refeito hoje, em nosso meio. É o programa que nos propõem os Evangelhos. Eles foram escritos, não apenas para recordar o itinerário terreno de Jesus, mas para fazer dele o roteiro ideal da caminhada de todo discípulo.

É evidente, nisso, que a fé não é só uma adesão intelectual, um conhecimento da doutrina de Jesus. Ela é uma opção de vida, uma adesão de toda a pessoa humana a Cristo, a Deus e a seu projeto para o mundo.

65. A aceitação e o seguimento de Jesus são uma *opção* profundamente *pessoal*. Ao mesmo tempo, porque a pessoa se realiza no relacionamento e no amor, o seguimento realiza-se na *comunidade fraterna*. Seguir a Jesus é juntar-se, fraternalmente, aos outros discípulos. Assim a fé, nascida na comunidade da Igreja, renova permanentemente a própria comunidade a partir da sua raiz profunda, a comunhão com Deus, e gera novas comunidades eclesiais.

66. As comunidades dos discípulos de Jesus não estão a serviço de si próprias, mas dos outros. A fé cristã é, intrinsecamente, *missionária* (cf. Mt 28,19ss)³⁹. Quem crê não pode deixar de testemunhar sua fé. Quem foi escolhido, recebe um encargo, uma missão. A missão fundamental é pregar o próprio Evangelho, anunciar Jesus, revelar o amor do Pai pela humanidade. Mas o próprio amor de Deus exige o amor fraterno, a comunhão e participação nesta terra, o empenho na libertação do homem (cf. Puebla 327)⁴⁰.

67. A comunidade cristã, animada pela fé, sente necessidade de celebrar todos os aspectos da existência cristã através da *liturgia*, especialmente na celebração eucarística, onde adquirem uma outra dimensão, ou manifestam mais claramente uma dimensão profunda da fé: a *adoração*, a entrega ao Pai, em comunhão com o seu Filho e nosso Salvador Jesus Cristo, pelo Espírito Santo.

2.1.9. Experiência humana e Revelação

68. Uma última questão, muito importante, merece nossa atenção. Há um modo de pensar a Revelação divina que a representa como se fosse totalmente externa ao homem.

69. Basta refletir um pouco para perceber as falhas desse ponto de vista.

Antes de tudo, não devemos esquecer que o Deus que se revela é o próprio Deus criador. Em segundo lugar, é ele que suscita em nosso coração aquela inquietação que nos leva a procurá-lo. E ainda, como vimos, é uma linguagem acessível que ele nos fala. Este diálogo estimula a nossa reflexão e a nossa participação; em suma, a nossa liberdade. Por isso se pode e se deve acentuar a unidade profunda entre as aspirações do homem e o plano de Deus, como explicam os Bispos latino-americanos no documento de Medellín sobre Catequese:

70. Ao apresentar sua mensagem renovada, a Catequese deve manifestar a unidade do plano de Deus. Sem cair em confusões ou em identificações simplistas, deve-se manifestar sempre a unidade profunda que existe entre o projeto salvífico de Deus realizado em Cristo e as aspirações do homem; entre a história da salvação e a História humana; entre a Igreja, Povo de Deus, e as comunidades temporais; entre a ação reveladora de Deus e a experiência do homem; entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos.

Excluindo, assim, toda dicotomia ou dualismo não cristão, a Catequese prepara a realização progressiva do Povo de Deus (Medellín Cat. 4; DCG 8)⁴¹.

2.1.10. Ministério da Palavra e Catequese

71. Onde se situa a catequese em face da Revelação? Convém agora retomar esta pergunta e concluir.

Vimos que a *Palavra de Deus está viva* e atuante hoje na comunidade eclesial. Em outras palavras: Deus continua a falar aos homens em Cristo, pelo Espírito. É ele que fala, que se comunica. Mas através de mediações.

72. Deus se serve de palavras e de acontecimentos, mas também da atuação viva das pessoas. Essa atuação só pode ser subordinada ao próprio Deus; só pode ser serviço ou *ministério*. A Catequese faz parte do ministério da Palavra. Ela é, por isso, um aspecto ou momento da evangelização. Podemos defini-la, com o Sínodo dos Bispos de 1977 e Puebla (cf. n.977)⁴², como a educação ordenada e progressiva da fé. A *Catechesi Tradendae* fala de uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especial mente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã (n.18)⁴³.

E sublinha a relação da Catequese com outros aspectos da pastoral da Igreja: primeira evangelização, apologética, vida cristã, celebração dos Sacramentos, integração na comunidade, testemunho apostólico...

73. As diversas maneiras de conceber e praticar a Catequese estão ligadas não só às circunstâncias históricas (como mostramos na I parte deste documento), mas também e especialmente a diversos modos de pensar na relação com a Revelação. A Conferência de Medellín preconizava uma fidelidade dinâmica à Revelação e afirmava: De acordo com esta teologia da Revelação, a Catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, para oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor.

Por isso deve ser fiel à transmissão, não somente da mensagem bíblica em seu conteúdo intelectual, mas também da sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje.

74. As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da Catequese. E devem ser interpretadas seriamente, dentro de seu contexto atual, à luz das experiências vivenciais do povo de Israel, de Cristo e da comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente (Medellín, Cat. 6)⁴⁴.

75. As conseqüências ou exigências, que para a Catequese decorrem da Revelação divina, serão agora objeto de exame e exposição no próximo capítulo.

2.2. Exigências da Catequese

76. Como se deve realizar a Catequese para alcançar seus objetivos? Como a Catequese pode levar os cristãos – crianças, jovens e adultos – a acolher a Palavra de Deus e a fazer dela a luz que orienta a sua vida?

77. A questão pode ser abordada em diversos níveis e sob diversos enfoques. Neste capítulo, vamos apresentá-la no nível dos princípios ou critérios básicos. O nível da prática será tratado na IV parte deste documento. Quanto aos enfoques, achamos oportuno considerar vários (fontes, critérios, dimensões etc.), mas sem dar a todos a mesma atenção e o mesmo desenvolvimento.

2.2.1. Fidelidade a Deus e ao homem

78. A exigência primeira e fundamental da Catequese é a *fidelidade ao plano de Deus*.

Essa fidelidade é, antes de tudo, *fidelidade ao Deus que se revela* (CT 52)⁴⁵. E, por isso mesmo, é fidelidade ao movimento, pelo qual Deus entra na História dos homens e nela se encarna, pelo seu Filho. Daí decorre que a Catequese é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas (CT 53)⁴⁶, isto é, não somente a encarná-la na história pessoal de cada homem, mas também na própria História da humanidade.

79. *Fidelidade a Deus e ao homem*, portanto. Não como sendo duas preocupações diferentes, mas como uma única atitude espiritual. A lei da fidelidade a Deus e da fidelidade ao homem: uma única atitude de amor (CT 55)⁴⁷.

O papel da mediação entre Deus, que se revela em Cristo, e o homem, cabe à Igreja. Por isso Puebla explicita a lei da fidelidade em: fidelidade a *Jesus Cristo*, à *Igreja*, ao *Homem*. (Essa temática será desenvolvida na III parte deste documento).

80. Insistimos sobre a necessidade de considerar os três temas, não como separados ou estanques, mas como mutuamente implicados um no outro. Cristo ilumina o mistério do Homem; a Igreja só se entende como caminho da realização do Homem em Cristo. Não há fidelidade a um, sem fidelidade aos outros.

81. Isto será mais explicitado nos enfoques seguintes, que dizem respeito principalmente ao *conteúdo* da Catequese. Em sintonia com o interesse dos últimos Papas e das grandes Assembléias Episcopais (Concílio, Sínodos de 1974 e 1977, Medellín, Puebla), a nossa preocupação se dirige principalmente à integridade e à autenticidade evangélica do *conteúdo* formulado como resposta aos anseios dos homens de hoje.

2.2.2. Fidelidade às fontes

82. Fidelidade à Revelação significa, para a Catequese, encontrar nela a sua fonte. É às águas da Revelação divina que a Catequese conduz os homens, para aplacarem sua sede de verdade e de vida.

83. A Revelação divina chega até nós através da Sagrada Escritura, dentro da Tradição viva da Igreja, recebida dos Apóstolos. A Tradição Apostólica compreende, como afirma o Concílio, todas aquelas coisas que contribuem para santamente conduzir a vida e fazer crescer a fé do Povo de Deus. Assim, em sua doutrina, vida e culto, a Igreja perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é e tudo o que crê (DV 8)⁴⁸.

84. A Catequese, portanto, deve haurir seu conteúdo na única fonte da Revelação divina, utilizando sabiamente a Sagrada Escritura e todos os outros testemunhos da Tradição viva da Igreja, que fazem chegar até nós as águas vivificantes da Revelação. Aqui fixamos alguns princípios que orientam no uso desses testemunhos (ou fontes da Catequese) (cf. CT n. 26-34. DCG n.45)⁴⁹.

85. 1º Um lugar proeminente e uma atenção especial devem ser dados à *Sagrada Escritura*, conforme recomenda repetidas vezes o Concílio Vaticano II (cf. DV 21, 24, 25; SC 24; PO 4)⁵⁰. Na palavra da Escritura encontra alimento são e vigor santo... a Catequese (DV 24)⁵¹.

86. 2º Não se trata simplesmente de tirar da Sagrada Escritura e da Tradição *elementos* fragmentários, a serem inseridos numa Catequese de orientação diferente, mas de respeitar a *natureza* e o *espírito* da Revelação bíblica. Falar da Tradição e da Escritura como fonte da Catequese é já acentuar que esta tem de ser impregnada e penetrada pelo pensamento, pelo espírito e pelas atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados; e é também recordar que a Catequese será tanto mais rica e eficaz quanto mais ela ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja, e quanto mais ela se inspirar na reflexão e na vida duas vezes milenária da mesma Igreja (CT 27; cf. DV 12)⁵².

87. 3º A Catequese tem, entre suas tarefas fundamentais, a entrega do Evangelho (*traditio Evangelii*). Ela deve abrir ao catequizando o livro da Sagrada Escritura, que tem por centro o Evangelho. Assim, a Catequese é a verdadeira introdução à leitura da Escritura, de que falaram os Bispos no Sínodo de 1977 em sua Mensagem ao Povo de Deus (n. 9).

88. Para isso, todo roteiro catequético deverá incluir estímulos e orientações com vista a uma leitura da Bíblia, segundo um plano adequado à idade e às condições culturais do leitor. O plano deve favorecer uma leitura interessante, viva, com acesso direto aos textos, ajudando a compreensão da mensagem, assim como o Magistério da Igreja a interpreta (cf. DV 10b)⁵³.

89. 4º A iniciação à leitura da Bíblia, na Catequese, deve levar não só ao contato com a Palavra de Deus na leitura pessoal ou grupal da Escritura, mas principalmente à compreensão da Palavra proclamada e meditada na *Liturgia*. Não só pela riqueza de seu conteúdo bíblico, mas pela sua natureza de síntese e cume de toda a vida cristã, a Liturgia é fonte inesgotável de Catequese. Nela se encontram a ação santificadora de Deus e a expressão orante da fé da comunidade.

As celebrações litúrgicas, com a riqueza de suas palavras e ações, mensagens e sinais, podem ser consideradas como uma Catequese em ato. Mas, por sua vez, para serem bem compreendidas e participadas, as celebrações litúrgicas ou sacramentais exigem uma *Catequese de preparação ou iniciação* (cf. DCG 25; CT 23)⁵⁴.

90. Enfim, a Liturgia, com sua peculiar organização do tempo (domingos, períodos litúrgicos como Advento, Natal, Quaresma, Páscoa etc.) pode e deve ser *ocasião privilegiada* de Catequese, abrindo novas perspectivas para o crescimento da fé, através de orações, reflexão, imitação dos santos, e descoberta não só intelectual, mas também sensível e estética dos valores e das expressões da vida cristã.

91. 5º Uma expressão privilegiada da fé da Igreja, professada desde os Apóstolos, é o *Credo* ou Símbolo Apostólico (cf. CT 28)⁵⁵. Na história da Catequese, a entrega do *Credo* (*traditio Symboli*), seguida pela transmissão da Oração do Senhor (o Pai-Nosso), foi importante. O *Credo* resume o conteúdo da fé que a Igreja quer transmitir. Por isso, constitui um ponto de referência seguro para o conteúdo da Catequese (CT 28)⁵⁶.

92. Além disso, junto com o Pai-Nosso, a Ave Maria, os Dez Mandamentos e outros textos bíblicos e litúrgicos mais usados, o *Credo* constitui uma fórmula indispensável para que o cristão possa expressar sua fé e seu louvor a Deus junto com a comunidade. Ele deve ser memorizado e aprofundado (CT 55)⁵⁷.

93. 6º. Deus, porém, continua falando à sua Igreja e, à luz da Escritura e da Tradição, a Igreja se volta atenta para os *sinais dos tempos* e as indicações atuais da vontade de Deus. Nessa mesma linha, a Catequese presta uma atenção pedagógica às condições concretas das pessoas e grupos a quem se dirige, e mais do que isso, também alimenta seu conteúdo na história da Igreja, na vida dos santos, no *sensus fidei* do povo cristão (cf. LG 12)⁵⁸, na religiosidade e devoções populares, mesmo quando precisamos de purificação (CT 54)⁵⁹. De um modo especial, a Catequese, em nosso contexto, procura esclarecer como convém... realidades como a ação do homem para sua libertação integral, o empenho na busca de uma sociedade mais solidária e fraternal e a luta pela justiça e pela construção da Paz (CT 29; cf. EN 30-38; Medellín, Cat. 6)⁶⁰.

Podemos resumir tudo isso com as palavras da Mensagem ao Povo de Deus, do Sínodo sobre a Catequese (1977): Para qualquer forma de Catequese se realizar na sua integridade, é necessário estarem indissolavelmente unidos:

- o conhecimento da Palavra de Deus,
- a celebração da fé nos sacramentos,
- e a confissão da fé na vida cotidiana (n. 11).

2.2.3. Critérios de unidade, organicidade, integridade e adaptação

94. Não basta que o conteúdo da Catequese seja *autêntico*, isto é, que tenha sua origem na Palavra de Deus, que se comunica através da Bíblia, da Liturgia, das diversas

expressões da Tradição viva da Igreja, dos sinais dos tempos e das situações históricas que vivemos.

É preciso, também, para a solidez da educação da fé e para edificar personalidades e comunidades cristãs maduras, coerentes, que o conteúdo da Catequese seja unitário, orgânico e integral.

95. 1º – A unidade do conteúdo da Catequese se faz ao redor da pessoa de Jesus Cristo. É o CRISTOCENTRISMO da Catequese, procurado com insistência pelo Sínodo dos Bispos de 1977 e tão ricamente ilustrado pelo Papa João Paulo II no capítulo I da *Catechesi Tradendae* (n.5-9)⁶¹.

96. Cristocentrismo significa não só que Cristo deve aparecer na Catequese como a chave, o centro e o fim do homem, bem como de toda a História humana (GS 10)⁶², mas que a adesão à sua pessoa e à sua missão, e não só a um núcleo de verdades, é a referência central de toda a Catequese (cf. EN 22)⁶³.

97. O Cristocentrismo também exige que, na apresentação de temas ou na vivência de experiências particulares, a Catequese evidencie sua relação com o centro de tudo, Cristo.

98. 2º – Uma segunda exigência é a INTEGRIDADE do conteúdo. A Catequese deve levar o cristão a penetrar plenamente no mistério de Cristo. Por isso procurará apresentar integralmente sua mensagem. Não poderá acontecer de uma vez, mas sim segundo as aptidões das pessoas e as condições do contexto em que vivem. A Catequese parte da apresentação mais simples, porém orgânica e integral da mensagem cristã... Mas não se detém aí. O conteúdo há de ser desenvolvido de forma sempre mais ampla e explícita (cf. DCG 38)⁶⁴.

99. O Papa defende com vigor a integridade da mensagem como um direito dos fiéis: Aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm o direito de receber a Palavra da fé não mutilada, falsificada ou diminuída, mas sim plena e integral, com todo o seu rigor e com todo o seu vigor. Atraiçoar em qualquer ponto a integridade da mensagem é esvaziar perigosamente a própria Catequese e comprometer os frutos que Cristo e a comunidade eclesial têm o direito de esperar dela (CT 30)⁶⁵.

100. 3º – Outra exigência, que explícita e complementa as duas primeiras, é a da HIERARQUIA DAS VERDADES. Na formulação de sua mensagem, a Igreja sempre reconheceu a prioridade de algumas: Isto não significa que algumas verdades pertençam à fé menos que outras, mas que algumas verdades se fundam sobre outras mais importantes, e são por elas iluminadas (DCG 43)⁶⁶. Também a Catequese deve levar em conta esta hierarquia: A integridade não dispensa do equilíbrio, nem do caráter orgânico e hierarquizado, graças aos quais se poderá dar às verdades a ensinar, às normas a transmitir e aos caminhos da vida cristã a indicar, a importância que respectivamente lhes compete (CT 31)⁶⁷.

101. 4º – Pode-se também falar de ADAPTAÇÃO do conteúdo. Embora o critério da ADAPTAÇÃO deva ser aplicado, antes de tudo, à linguagem e ao método da Catequese, também o CONTEÚDO pode necessitar de ADAPTAÇÃO, inclusive por sua estreita conexão com o método. ADAPTAÇÃO significa levar em conta as condições históricas e culturais dos catequizandos. A integridade do conteúdo pode e deve ser comunicada numa *linguagem* adequada aos homens de hoje: Pois, uma coisa é o depósito ou as verdades da fé, outra é a maneira com que são enunciadas, embora o significado e o sentido profundo permaneçam os mesmos (GS 62)⁶⁸. Mais do que isso: a Catequese deve levar em conta a experiência e os problemas, a situação histórica dos homens a que se dirige: As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da Catequese (Medellín, Cat. 6; cf. também CT 29)⁶⁹. É esta uma exigência intrínseca da Revelação do Deus conosco, presente em nossa História.

102. A ADAPTAÇÃO pode exigir uma escolha ou acentuação de determinados elementos. Essa escolha será válida lembra o Papa na medida em que, longe de ser ditada por teorias ou preconceitos mais ou menos subjetivos e marcados por uma determinada ideologia, for inspirada pela humilde preocupação de coligir um conteúdo que deve permanecer intacto (CT 31)⁷⁰.

2.2.4. Dimensões da Catequese

103. A Catequese pode ser vista, também, sob outro enfoque: o das *dimensões*. Assim podemos nos interrogar se a Catequese reflete as dimensões da história da salvação, que são a *crisológica* (referência a Cristo), a *eclesiológica* (referência à Igreja) e a *escatológica* (referência ao dinamismo da História em direção ao Reino futuro e definitivo).

104. Nosso documento acentua, em diversas partes, a dimensão *crisológica* e *eclesiológica*. É evidente. Mas também não está ausente a dimensão *escatológica*, que nos lembra nossa condição de peregrinos que participam da construção da História e da luta pela libertação integral do homem, na esperança da plena realização do encontro com Deus face a face.

105. A dimensão *crisológica* não pode ser separada da dimensão trinitária. O mistério de Cristo se compreende em relação com o mistério do Pai e do Espírito Santo.

106. Nossa comunicação com Deus Pai, pelo Filho, no Espírito, se reveste de dois aspectos principais: *bíblico* e *litúrgico*. É o que enfatizamos tratando das fontes da Catequese.

107. Analisando a dimensão *eclesiológica*, podemos destacar, dentro dela, diversos aspectos: *comunitário, vocacional, missionário, ecumênico...*

108. Finalmente, se considerarmos especialmente a pessoa do cristão, do homem, e sua atuação solidária na História, poderemos ressaltar as dimensões *antropológica, existencial, histórica, política, libertadora* da Catequese. Considerado o dinamismo contínuo de todo o homem, que está sempre em busca do crescimento e sempre exposto a dificuldades e fracassos, pode-se falar também em dimensão *permanente* da Catequese, enquanto ela quer abranger todas as fases e ambientes educativos da vida da pessoa e as etapas da educação da fé.

109. A lista de dimensões que acabamos de mencionar fornece, em síntese, duas orientações:

1º – indica que nem todas as dimensões têm o mesmo valor e a mesma importância: umas são fundamento, e outras são conseqüências;

2º – sugere que, na prática catequética, cada comunidade ou catequista deve fazer sua revisão e verificar se dá a devida acentuação a cada uma das dimensões essenciais.

2.2.5. Em métodos diversos o mesmo princípio da interação

110. Também a respeito da metodologia catequética, fixamos alguns pontos fundamentais.

Antes de tudo, incentivamos catequistas e formadores de catequistas a consagrarem parte de seu tempo ao estudo dos métodos mais adequados, evitando a tentação do empirismo, da improvisação, talvez do desleixo.

111. Em segundo lugar, reconhecemos a existência de uma pluralidade de métodos, entre os quais uma diocese, uma comunidade ou um catequista, de acordo com as

respectivas autoridades, podem e devem escolher os que julgarem mais adequados. A variedade dos métodos é um sinal de vida e uma riqueza (CT 51; cf. DCG 72)⁷¹.

112. Lembramos, porém, que todos eles deverão obedecer, com ampla possibilidade de diferentes aplicações concretas, ao chamado *princípio da interação* (ou de interpelação).

113. Pois, por tudo o que vimos anteriormente, na Catequese realiza-se uma *inter-ação* (= um relacionamento mútuo e eficaz) entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição. De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca de explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com ele, que ultrapassa a busca e as expectativas humanas; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo.

114. O Papa Paulo VI faz alusão ao tema da interação entre Evangelho e Vida, quando escreve: A Evangelização não seria completa se não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social dos homens. E o Papa mostra o resultado positivo dessa interpelação recíproca: “É por isso que a Evangelização comporta uma mensagem explícita adaptada às diversas situações e continuamente atualizada, sobre os direitos e deveres de toda pessoa humana e sobre a vida familiar, sem a qual o desabrochamento pessoal quase não é possível; sobre a vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem sobremaneira vigorosa em nossos dias, ainda sobre a libertação” (EN 29; cf. Medellín, Cat. 6)⁷².

115. Também o método seguido em Puebla, o *Ver-Julgar-Agir*, quer levar a essa interação entre a experiência de vida, ou a visão da situação histórica, de um lado, e a reflexão baseada sobre a doutrina da fé, do outro, a fim de gerar uma praxe cristã. Um correto entendimento do método, ou seu aprofundamento, mostra que a fé já está presente no momento do VER e que categorias humanas entram no momento da reflexão e da avaliação à luz da fé (o JULGAR) (cf. MM 239; AA 29)⁷³.

116. De fato, não seria correto recair em novos dualismos, que opusessem radicalmente *vida e Evangelho, experiência e doutrina, humano e divino*. Ao contrário, deve ser ressaltada a unidade profunda do plano de Deus (cf. Medellín, Cat. 4; DCG 8)⁷⁴. Em Puebla, os Bispos assinalam como aspecto positivo da Catequese atual; Um esforço sincero para integrar a vida com a fé, a História humana com a história da salvação, a situação humana com a doutrina revelada, a fim de que o homem consiga sua verdadeira libertação (Puebla 979)⁷⁵. E apresentam um aspecto negativo ainda existente: Não raro, cai-se em dualismos e falsas oposições, como entre Catequese sacramental e Catequese vivencial, Catequese de situação e Catequese doutrinal. Por não situar-se numa posição de justo equilíbrio, alguns têm caído no formalismo e outros no vivencial, sem apresentação de doutrina (Puebla 988)⁷⁶.

117. O Papa João Paulo II também rejeita a oposição entre ortopraxis e ortodoxia, convicções firmes e ação corajosa, experiência vital e estudo sério e sistemático da mensagem de Cristo (CT 22)⁷⁷. E conclui: A Catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à Revelação que Deus faz de si mesmo ao homem em Jesus Cristo; Revelação esta conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada por uma tradição viva e ativa, de uma geração para a outra. E tal Revelação não está isolada da vida, nem justaposta a ela de maneira artificial. Mas diz respeito ao sentido último da existência, que ela esclarece totalmente para a inspirar e para dela ajuizar criticamente, à luz do Evangelho (CT 22)⁷⁸.

2.2.6. Lugares da Catequese

118. O lugar ou ambiente normal da Catequese é a *comunidade* cristã. A Catequese não é tarefa meramente individual, mas realiza-se sempre na comunidade cristã. As formas da comunidade evoluem hoje rapidamente. Além das comunidades como a família,

primeira comunidade educadora do homem, ou a paróquia, lugar normal em que opera a comunidade cristã, ou a escola, comunidade destinada à educação, surgem, hoje em dia, muitas outras comunidades, entre as quais as pequenas comunidades eclesiais, as associações, os grupos juvenis etc. Essas novas comunidades oferecem uma oportunidade para a Igreja: podem ser fermento na massa, no mundo em transformação; contribuem para manifestar mais claramente tanto a diversidade como a unidade da Igreja; devem mostrar entre si a caridade e a comunhão. A Catequese pode, nelas, encontrar novos lugares onde inserir-se, uma vez que os membros da comunidade são uns para com os outros proclamadores do mistério de Cristo (Sínodo dos Bispos de 1977, Mensagem ao Povo de Deus, 13)⁷⁹.

119. É importante ressaltar a novidade dessa orientação comunitária, em face da convicção infelizmente ainda muito difundida de que a Catequese se ria exclusivamente assunto para crianças. Mesmo algumas das escassas iniciativas específicas da Catequese de adultos estão concebidas mais como prolongamento ou substitutivo da Catequese elementar, infantil, do que como resposta às exigências próprias de seu campo e de seus destinatários. Assim, o que acontece muitas vezes é que o homem cresce, mas não o cristão.

120. A *Catequese comunitária de adultos*, longe de ser apêndice ou complemento, deve ser o modelo ideal e a referência, a que se devem subordinar todas as outras formas de atividade catequética. Ela deve receber uma atenção prioritária em *toda paróquia e comunidade eclesial de base* (cf. CT IV parte)⁸⁰.

121. A *família* é não somente destinatária ou objeto de Catequese. A família cristã, pela graça sacramental do Matrimônio tornada como que igreja doméstica, é também lugar por excelência de Catequese, especialmente na primeira infância: Os pais devem ser para seus filhos os primeiros mestres da fé (GE 2)⁸¹.

122. De fato, a família, nos primeiros anos de vida, comunica aos filhos uma formação religiosa que se entranha profundamente em sua personalidade. Essa formação, que reflete geralmente as convicções e práticas religiosas dos pais, pode e deve ser aperfeiçoada com a ajuda da comunidade, de modo a se inspirar mais plenamente no espírito evangélico e eclesial.

123. Os pais devem ser orientados não só para dar uma formação consciente e explicitamente cristã aos filhos, mas para eles mesmos crescerem em seu compromisso cristão e na capacidade de iluminar pela fé a realidade familiar e social, que são chamados a construir (cf. CT 68)⁸².

124. O *ensino religioso* na escola é um direito e dever dos alunos e dos pais. É uma dimensão fundamental e necessária de toda a educação, bem como uma exigência da liberdade religiosa de cada pessoa, que tem direito a condições que lhe permitam progredir em sua formação espiritual (cf. CT 69; Discurso de João Paulo II aos Sacerdotes de Roma, 5.3.1981, 3; Documento SCEC, o leigo católico testemunha da fé na escola, 56)⁸³.

125. O ensino religioso nas escolas é normalmente distinto da Catequese nas comunidades. Para o cristão, é particularmente importante para conseguir a síntese criteriosa entre a cultura e a fé. Não tratamos aqui dos problemas específicos do ensino religioso, que deve caracterizar-se pela referência aos objetivos e critérios próprios da estrutura escolar (João Paulo II, Discurso de 5.3.1981, 3)⁸⁴.

Mas o ensino religioso levará em conta, nas devidas proporções, o que aqui é dito a respeito da Catequese em comunidade, com a qual mantém íntima conexão nos destinatários e no conteúdo. Devido ao pluralismo religioso da sociedade em que vivemos, no ensino religioso nas escolas deverá prevalecer a evangelização, cabendo a Catequese à comunidade paroquial.

126. Como recomenda o Sínodo dos Bispos de 1977, uma muito atenção especial deve ser dada a *grupos, movimentos e outras formas de vida associada*, que hoje se multiplicam entre jovens e adultos. Há uma florescência de movimentos de leigos católicos com grande potencialidade catequética, mas que precisam de maior estímulo e orientação para desenvolverem séria e sistematicamente uma Catequese renovada. Do contrário, o risco é de permanecerem num estágio de adesão entusiasta e emocional ao cristianismo, sem amadurecimento adequado da fé, que possa enfrentar duradoura e vitoriosamente impactos e agressões das ideologias e contra-valores.

127. Entre os recursos que devemos dispor e desenvolver a serviço da Catequese, estão os modernos *meios de comunicação grupais*: audiovisuais, dinâmicas de grupo, técnicas para reprodução e multiplicação de documentos, recursos da cultura popular: canto, música, desenho, teatro, cordel etc. (cf. Puebla 1090)⁸⁵.

128. Também é desejável maior presença nos *meios de comunicação social de massa (mass media)*, com vista à informação religiosa e mesmo, quando oportuno, visando a formas de Catequese em sentido lato. Essa presença, que supõe rigorosa preparação técnica, não interessa só pelo número de pessoas que permite atingir, inclusive entre aquelas que não costumam freqüentar as comunidades eclesiais, mas também pela possibilidade de incidir tempestivamente sobre a opinião pública, provocando uma reflexão sobre a atualidade.

Essa presença é responsabilidade especialmente das instituições eclesiásticas de maiores recursos e mais próximas dos centros de produção que alimentam os *mass media*. Todas as comunidades, porém, têm o dever de contribuir para a formação de uma consciência crítica em face dos meios de comunicação social (cf. Puebla 1088)⁸⁶.

2.2.7. Catequese segundo idades e situações

2.2.7.1. Educação permanente da fé

129. Sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o homem por toda a vida e se integre em seu crescimento global. A comunidade catequizadora velará zelosamente para que isso aconteça de fato, estabelecendo uma organização adaptada e eficaz que empenhe na atividade catequética as pessoas, os meios, os instrumentos e os recursos financeiros necessários (CT 63; cf. DGAE 1974-78, p.59; P 998; Sínodo de 1977, proposição 15)⁸⁷.

2.2.7.2. Catequese de adultos

130. É na direção dos *adultos* que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais direta mente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada.

Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação Social e na própria comunidade eclesial.

Destacamos o peculiar valor do ano litúrgico para uma Catequese contínua e integrada. Igualmente, são momentos privilegiados para a Catequese de adultos os grandes acontecimentos da vida: nascimento, matrimônio, enfermidade, morte etc.

2.2.7.3. Crianças, adolescentes e jovens

131. Durante muito tempo, a Catequese se limitou à infância. E mesmo assim, no horizonte da preparação imediata da Primeira Eucaristia, numa linha quase exclusivamente doutrinária. O papel dos pais e da comunidade, apesar de certo esforço

para uma visão mais ampla da Catequese infantil, é ainda muito restrito. Não se percebeu suficientemente que uma das tarefas essenciais dos pais e da comunidade eclesial é criar ambiente e apoio para que a criança, o adolescente e o jovem caminhem para a maturidade na fé.

132. Já em 1974, no seu documento Pastoral da Eucaristia, cap. VI, a CNBB insistia em que a preparação para a Primeira Eucaristia tivesse mais preocupação com a iniciação na vida da comunidade, com a fraternidade cristã e com a participação do cristão na missão da Igreja.

133. É evidente que o papel mais importante na educação da primeira infância compete à família. Em seguida caberá à comunidade paroquial e escolar colaborar com os pais na iniciação da criança e do adolescente na vida comunitária mais ampla, fazendo-os conhecer e experimentar Jesus Cristo que, com sua vida e Boa-Nova, inspira a caminhada do Povo de Deus, e levá-los a participar, como crianças e adolescentes, nessa caminhada.

134. Na Bíblia, a Catequese das crianças tem seu lugar tanto na comunidade quanto na família: Quando amanhã o filho te perguntar: Que significam estes mandamentos, estas leis e estes decretos que o Senhor nosso Deus nos prescreveu? então responderás ao filho: nós éramos escravos do Faraó e o Senhor nos tirou do Egito com mão poderosa... O Senhor mandou que cumpríssemos todas estas leis e temêssemos o Senhor nosso Deus, para que fôssemos sempre felizes e nos conservasse vivos, como nos faz hoje. Seremos justos, se guardarmos os seus mandamentos e os observarmos diante do Senhor nosso Deus, como Ele mandou (Dt 6,20-25; cf. Dt 29,21-27)⁸⁸.

Era o direito e dever do pai de família em Israel dar aos filhos as razões dos próprios gestos, de sua fé, da caminhada do povo liberto por Deus.

135. É indispensável a existência de grupos de crianças, de adolescentes e também de jovens, que os preparem, através da oração, estudo, fraternidade, atividades transformadoras, para integrar pouco a pouco a comunidade maior.

Para isso, esses grupos infanto-juvenis devem sempre manter estreita ligação com a comunidade, realizando diversos serviços na celebração litúrgica, nos círculos bíblicos, e nas demais atividades comunitárias.

136. A formação litúrgica constituirá parte importante da iniciação das crianças, adolescentes e jovens na vida da comunidade cristã. As preparações para os diversos sacramentos devem passar a ser momentos fortes dessa iniciação e perder seu caráter episódico e esporádico.

137. A criação de um ambiente educativo da fé é uma exigência não só metodológica, mas de conteúdo, especialmente em se tratando de crianças e jovens. Eles necessitam de apoio, acolhida, alegria, presença fraterna de educadores adultos, além de um mínimo de estruturação de suas atividades.

O catequizando, criança e jovem, não participará do catecismo, da aula de ensino religioso, dos grupos infanto-juvenis somente para aprender religião, aprender as principais verdades da fé, preparar-se para receber tal sacramento, mas sobretudo para aprender a viver e atuar como cristãos, agentes de transformação na sociedade brasileira de hoje. Por isso, é importante que, já como adolescentes e jovens, realizem ações transformadoras no seu ambiente específico.

A Catequese deverá realçar também a dimensão vocacional das crianças e jovens. Deverá ajudá-los, desde cedo, a encontrarem a vocação a que Deus os chamou. Por isso, deverá orientá-los à oração e à reflexão diante de Deus, para que saibam escutar e entender os sinais da vocação que os levam a descobrirem qual o seu lugar na Igreja, seguindo o plano e a vontade de Deus (cf. Puebla 865)⁸⁹.

138. No processo de educação permanente da fé, tanto na família como nas outras formas de estruturação da Catequese da comunidade cristã, as crianças e jovens:

- em face de uma sociedade baseada no neo-positivismo e no ativismo, aprenderão o senso do mistério e o gosto pela oração e pelo silêncio;
- em face da sociedade que tudo relativiza e apresenta como valor o que não o é, aprenderão a ter senso crítico;
- em face da sociedade competitiva e de consumo, onde tudo se vende e se compra, aprenderão a viver o senso da simplicidade, da gratuidade, a disposição de compartilhar e a solidariedade libertadora entre os pequenos;
- em face da sociedade repressiva, aprenderão a criatividade, a coragem empreendedora, a compreensão e o perdão;
- em face da sociedade massificante e escravizante, aprenderão a liberdade, a responsabilidade, que permitirão superar o egoísmo, a rotina, o vazio, a manipulação, a exploração;
- em face da sociedade pluralista, invadida por todo tipo de movimentos religiosos e ideológicos, aprenderão a dar razões de sua identidade cristã-católica e de sua esperança.

Aprenderão, enfim, na experiência com o Senhor Jesus e na vivência da comunidade, os valores propostos nas Bem-aventuranças.

139. Confrontando constantemente a própria vida com a mensagem evangélica e com as formulações da fé, oferecidas pela Tradição viva da Igreja, a criança, o adolescente e o jovem aprenderão também a exprimir sua fé com palavras próprias. Assim, as fórmulas antigas da Bíblia, da Liturgia e do *Credo* adquirirão aos poucos vida e se tornarão expressões privilegiadas da fé (cf. CT 59)⁹⁰.

140. Ao invés de sobrecarregar a criança com todas as fórmulas doutrinárias de que poderá precisar na vida, é melhor e mais pedagógico ensinar-lhe progressivamente essas fórmulas, principalmente textos bíblicos e litúrgicos, à medida em que vai vivendo sua experiência eclesial no grupo, e levá-la a continuar participando do processo catequético, conforme as exigências de uma Catequese permanente.

141. A memorização virá como necessidade de guardar carinhosamente o essencial da experiência de Deus iniciada ou acontecida no processo catequético. Trata-se, então, de uma memorização em nível de fé. Assim, os textos bíblicos ou outros, as fórmulas, sempre que vierem à mente, virão carregadas de realidade contempladas, estudadas, vividas numa experiência de fé.

2.2.7.4. Excepcionais

142. A presença de deficientes físicos ou mentais numa família e comunidade eclesial interpela evangelicamente e exige delas uma real identificação com o Cristo sofredor nesses seus irmãos mais fracos.

A família e a comunidade deverão colocar à disposição deles todos os recursos necessários para acolhê-los como membros plenos de sua comunhão, e para o possível conhecimento de Jesus Cristo.

Os próprios deficientes, como os pobres, as crianças e os jovens, tornam-se por sua vez evangelizadores da própria comunidade que os acolhe.

2.2.7.5. Outras situações

143. A comunidade deve prestar particular atenção e procurar meios adequados para ir ao encontro das necessidades catequéticas daquelas categorias de pessoas que, por sua condição de vida, mais dificilmente podem participar da vida normal da comunidade

cristã. Lembramos sobretudo migrantes, menores abandonados, anciãos, motoristas, operários com turno especial de trabalho, encarcerados, prostitutas, bóias-frias etc.

2.2.8. Missão e formação do catequista

144. A tarefa da Catequese é confiada, em primeiro lugar, a toda a comunidade eclesial, que, com toda a sua vida, contribui para a educação de seus membros na fé. O Bispo, e com ele os presbíteros e diáconos, sacramentalmente constituídos ministros do Cristo-Mestre, são os primeiros responsáveis pela Catequese (cf. CDC Cân 773-777)⁹¹.

A comunidade não dispensa a figura do catequistanidade, conhece bem sua história e suas aspirações e sabe animar e coordenar a participação de todos.

145. Como bom comunicador, o catequista não fala sozinho. Ele desperta e provoca a palavra dos membros da comunidade. O catequista dedica-se de modo específico ao serviço da Palavra, tornando-se porta-voz da experiência cristã de toda a comunidade. O catequista é, de certo modo, o intérprete da Igreja junto aos catequizandos. Ele lê e ensina a ler os sinais da fé, entre os quais o principal é a própria Igreja (DCG 35)⁹². Desenvolve um verdadeiro ministério, um serviço à comunidade cristã, sustentado por um especial carisma do Espírito de Deus.

146. Quando catequiza, ele o faz em nome de Deus e da comunidade profética, em comunhão com os pastores da Igreja. Anuncia a Palavra, denuncia o que impede o homem de ser ele mesmo e de viver sua vocação de filho de Deus. Ajuda a comunidade a interpretar criticamente os acontecimentos, proporcionando-lhes a reflexão e explicitação da fé. Convida a comunidade a libertar-se do egoísmo e do pecado e a celebrar a sua fé na Ressurreição. De profunda espiritualidade, falará mais ainda pelo exemplo do que pelas palavras que profere.

147. É tarefa do catequista apresentar os meios para ser cristão e mostrar a alegria de viver o Evangelho. Catequizar é comunicar. O catequista comunica mediante o testemunho, a palavra e o culto. A comunicação autenticamente evangélica supõe uma experiência de vida na fé e de fé capaz de chegar ao coração daquele a quem se catequiza. Contudo, sabendo que a adesão dos catequizandos a Jesus Cristo é fruto da graça e da liberdade, estará atento a respeitar as decisões e dificuldades de cada um. Assim também, o catequista participará do diálogo com as manifestações religiosas que caracterizam o nosso hodierno mundo pluralista... dentro do máximo respeito à pessoa e à identidade do interlocutor (Puebla 1114)⁹³.

148. Em vista dessa formação permanente, a comunidade envidará todos os esforços para possibilitar aos seus catequistas, ao longo de seu compromisso, os seguintes dados básicos, que deverão ser continuamente retomados e aprofundados: sua inserção na caminhada da comunidade eclesial; consciência crítica da realidade sócio-econômico-política, cultural e ideológica, para aprender a ler nela os sinais de Deus; conhecimento atualizado e experiencial da Bíblia; fidelidade à Tradição e ao Magistério; visão da história da Igreja; vida de oração; ciências humanas que favoreçam de perto sua missão, como, por exemplo, psicologia, pedagogia, didática, comunicação etc.

149. Em função disso, são importantes as Escolas Catequéticas tão insistentemente solicitadas pelos catequistas e recomendadas pelo Magistério.

150. A formação deve ter o cuidado de não somente desenvolver a capacitação didática e técnica do catequista, mas também e principalmente sua vivência pessoal e comunitária da fé e seu compromisso com a transformação do mundo, a fim de que a atuação do catequista nunca esteja separada do seu testemunho de vida.

151. O catequista deve viver sua experiência cristã e sua missão dentro de um grupo de catequistas, que dará continuidade à formação e oferecerá oportunidades para a oração em comum, a reflexão, a avaliação das tarefas realizadas, o planejamento e a

preparação dos trabalhos futuros. Assim, o grupo de catequistas expressa mais visivelmente o caráter comunitário da tarefa catequética.

2.2.9. Textos e manuais de Catequese

152. De acordo com essa visão da Catequese renovada, os manuais deverão ser organizados, levando em conta os princípios acima expostos, as dimensões mencionadas, e tirando das fontes indicadas a iluminação da caminhada da comunidade.

153. A comunidade cristã primitiva teve como fonte de Catequese a memória de Jesus fatos e palavras, interpretada no contexto das Escrituras Sagradas do Antigo Testamento. Surgiram assim os escritos do Novo Testamento que, junto com o Antigo, lido agora à luz de Cristo, forma as Escrituras Cristãs.

154. Em primeiro lugar, recordamos que o uso dos manuais não deve substituir a leitura da Bíblia, livro de Catequese por excelência, mas orientar para ela. A própria Bíblia, com a extrema riqueza e variedade de gêneros literários, sugere que também em nossa Catequese haja recurso a expressões estéticas e literárias diversificadas, que ofereçam diferentes caminhos de aprendizagem e múltiplas possibilidades de apresentação da mensagem.

155. Os manuais catequéticos, além de apresentar textos bíblicos selecionados, devem conter instruções sobre o uso deles, bem como elementos de introdução à leitura da Bíblia e de formação de coordenadores de círculos bíblicos.

156. Espera-se de um bom texto de Catequese que, além da clareza doutrinária, encaminhe satisfatoriamente as atividades educativas da fé. Para essa finalidade, os planos de atividades educativas e transformadoras provavelmente servirão mais do que o clássico catecismo e os chamados planos de aula.

157. À primeira vista, os planos de atividades transformadoras e educativas podem assemelhar-se aos planos de aula. Na realidade, porém, seus objetivos e métodos, e sua própria estrutura são totalmente diversos. São planos de atividades. Visam à educação para um novo modo de agir e viver, em que a reflexão e informação constituem elementos de um todo muito mais amplo. Não estão presos a uma ordem fixa. Não fornecem nem supõem respostas pré-fabricadas. Estimulam a criatividade, a busca comunitária da experiência de Deus e a descoberta e vivência de sua mensagem.

158. Os planos de atividades serão repertórios, ora mais ora menos organizados, que contêm:

- estímulos para atividades transformadoras e pedagógicas;
- propostas de temas a serem refletidos e debatidos;
- formulações básicas da fé;
- textos-fontes, extraídos da Bíblia, da Liturgia, dos Santos Padres e do Magistério eclesial.

159. Ao lado da temática catequética básica, os planos de atividades poderão também conter diversos elementos úteis complementares, como, por exemplo, elementos de introdução aos sinais litúrgicos, seleção de cantos e orações que sirvam para exprimir a vida da comunidade, elementos de história da Igreja, poesia etc.

160. Em todos os manuais, merecem especial atenção as ilustrações, que se destinam não apenas a enfeitar e agradar, mas a integrar e aprofundar a mensagem e a própria educação religiosa do catequizando. Como os sacramentos e como todo sinal, a imagem revela e esconde ao mesmo tempo. Aprender a ler essa imagem é aprender a ler a História, a vida, a natureza, que são lugares da manifestação de Deus.

161. As considerações que aqui fizemos e as conhecidas diferenças regionais e culturais de nosso País nos induzem a pensar que um único manual de catequese para todo o Brasil seria inviável, ou ao menos inadequado. Para conseguir, dentro da legítima diversidade, uma unidade fundamental de conteúdo, oferecemos a seguir um temário básico.

III. PARTE: TEMAS FUNDAMENTAIS PARA UMA CATEQUESE RENOVADA

162. Esta terceira parte é uma proposta de temas fundamentais para a Catequese de hoje. Está baseada principalmente no documento de Puebla, cujos textos são muitas vezes transcritos literalmente ou resumidos, enriquecida por outros documentos eclesiais, principalmente os do Concílio, Medellín, Diretório Catequético Geral, Evangelii Nuntiandi, Catechesi Tradendae e outras encíclicas do Papa João Paulo II, e documentos da CNBB.

Não se trata de um catecismo, mas é um esforço de apresentar os grandes temas de uma Catequese renovada em nosso contexto. Este temário não é exaustivo nem único, mas inspirador. Relembramos que o temário fundamental é a Bíblia. No entanto, a História atual nos coloca alguns parâmetros para a leitura e vivência da Palavra de Deus que devem ser levados em conta.

163. Entre as opções de base está a de fazer ligação entre fé e vida, formulações da fé e caminhada da comunidade. Esta interação nem sempre poderá aparecer no documento, porque ela é a grande tarefa e arte do agente de Catequese diante das situações concretas. Por isso, este temário é endereçado sobretudo aos coordenadores de Catequese, autores de textos catequéticos e agentes de Catequese que, evidentemente, deverão adaptá-los aos destinatários quanto à seleção dos temas, linguagem, metodologia, e principalmente encarná-lo na caminhada da comunidade.

164. Eixo central que permeia toda a apresentação da mensagem é o de COMUNHÃO-PARTICIPAÇÃO num processo comunitário. Por isso, a parte eclesiológica apresenta-se bastante desenvolvida; mas as outras dimensões centrais do documento de Puebla (fidelidade a Cristo e ao Homem) acham-se também muito presentes. A fidelidade ao texto de Puebla condiciona a linguagem que, em certas ocasiões, não é diretamente catequética. No entanto, procura-se falar a partir da comunidade e numa linguagem descritiva.

3.1. A situação do homem

3.1.1. Várias visões do mundo

165. Todos nós temos uma visão do mundo. Para alguns, o homem deve aceitar tudo passivamente, pois tudo já está fatalmente determinado. Outros vêem o homem reduzido a seus instintos, que lhe tiram toda a responsabilidade. Um terceiro grupo considera o homem como o resultado de suas relações de produção ou das forças econômicas. Há os que colocam o Estado acima das pessoas, limitando assim a liberdade individual. Outros vêem nas ciências a única salvação do homem.

166. Grande parte de nosso povo possui uma visão do mundo e do homem baseada numa crença em Deus manifestada em diversas expressões da religiosidade popular. Muitas vezes, porém, é uma fé desvinculada da vida, ou uma fé que se diz cristã, mas cheia de elementos estranhos ao cristianismo (cf. Puebla 308-315; 444-456; 914; 342; 453)⁹⁴.

3.1.2. Como Jesus via o mundo

167. Nós, cristãos, temos uma visão própria da realidade humana, que nos vem de Jesus Cristo porque nele se revela a dimensão mais profunda do Homem e do seu mundo. Jesus e os Apóstolos colocavam Deus e o mundo em estreita relação.

168. Jesus mostra conhecer bem a realidade da vida. Nada que está a seu redor escapa de seu olhar; diante das contradições e injustiças, ele toma posição. Fala de Deus e de seu Reino a partir da situação de vida de seu Povo. Os acontecimentos, até trágicos, as realidades da vida quotidiana, as coisas do mundo, servem de material com o qual ele concretiza a mensagem do Reino e o mostra presente na História. Para Jesus, as coisas todas podem servir de sinal da presença ou ausência do Reino. Por isso tem os olhos bem abertos para a realidade.

169. Da mesma forma, os Apóstolos e a Igreja tomam posição diante da realidade concreta, unindo profunda e criticamente fé e vida.

3.1.3. Como vemos nós a realidade?

170. Assim como Jesus, nunca podemos separar a mensagem evangélica da Catequese, de nossa História; nem falar de Deus sem falar do homem. Nossos Bispos latino-americanos, sobretudo em Medellín e Puebla, o episcopado brasileiro, em inúmeros documentos, nos ajudam a ver a realidade na perspectiva de Jesus e dos Apóstolos. Assim, assumem os desafios vindos de nossa realidade contraditória e a confrontam com o Evangelho. Resultam daí caminhos, colegialmente aprovados, para a encarnação do Evangelho na realidade de nossos povos.

171. Toda a primeira parte do Documento de Puebla nos mostra que vivemos num processo de desenvolvimento, cujos benefícios são, entretanto, desigualmente distribuídos. Esta injustiça se constata não só em campo econômico, mas também social, político e cultural. Tal situação faz surgir, em todos os níveis, o espírito de solidariedade, de comunhão e participação em favor dos marginalizados, e um grande anseio de libertação, diante do subdesenvolvimento em que vive a maior parte de nosso povo.

172. A visão da realidade é apresentada de modo bastante completo no Documento de Puebla e nos documentos e pronunciamentos da CNBB, o que demonstra estar a Igreja agindo a partir da realidade. Esta visão não é meramente social e científica, mas teológica e pastoral. Do mesmo modo, cada catequista deve aprender a fazer a análise da própria realidade local.

173. Diante dessa realidade, qual é a mensagem de salvação que devemos anunciar com nossa Catequese? Para todos os homens, a Igreja tem uma só resposta: Cristo, o Redentor do homem. Ele não se substitui ao homem, mas se oferece como caminho da plena realização humana e da vida eterna (Jo 8,32)⁹⁵. Assim, essa libertação se torna plenamente ação do homem e, ao mesmo tempo, plenamente dom de Deus, e o clamor surdo dos que não têm voz é aceito por Deus: Eu ouvi os clamores do meu povo por causa de seus opressores, e desci para o libertar (Ex 3,7-8)⁹⁶ (cf. Puebla 1-2; 160-161; RH 1)⁹⁷.

3.2. Os desígnios de Salvação de Deus: A verdade sobre Cristo, a Igreja e o Homem

3.2.1. A verdade sobre Jesus Cristo

3.2.1.1. Deus voltado para o mundo

174. Deus, como nossa fé professa, é um Deus que está no meio de nós, que sempre se manifesta dentro de nossa História e de nossas vidas, procurando nos libertar para formas mais humanas de vida. A plenitude desta vida é a total comunhão com ele.

175. Sabemos da ação divina no curso da História, pelo testemunho das Escrituras Sagradas: elas contêm o Relato dos acontecimentos salvíficos e Palavras proféticas pelos quais Deus se revela e dá sentido a toda a nossa História. Elas testificam que Deus sempre fez e manteve Aliança com os homens. O Antigo Testamento é a história de

Israel, Povo escolhido para ser sinal e instrumento, para todos os povos, desta presença divina dentro da Humanidade. O Novo Testamento narra o acontecimento máximo de nossa história da salvação, isto é, a manifestação do próprio Deus na pessoa de Jesus de Nazaré, e seu prolongamento até o fim dos séculos através de sua Igreja vivificada pelo Espírito Santo.

176. Toda a Bíblia é a narração, sob a inspiração do Espírito Santo, das experiências concretas de um Povo à procura de Deus e da ação desse Deus se revelando a este Povo. Por isso, a Bíblia, como principal fonte da fé, deve ser lida no contexto da vida, porém à luz da Tradição e do Magistério, que são a garantia para nós de uma correta interpretação (cf. DV 2-6; Puebla 372; 1001)⁹⁸.

3.2.1.2. A criação, início do plano de salvação

177. Tendo descoberto as maravilhas do Amor de Deus por nós em Jesus Cristo, a comunidade cristã primitiva, também à luz da experiência do Povo Eleito, professa que a própria criação do mundo é um grande ato do amor de Deus. A criação das coisas visíveis e invisíveis, do mundo e dos anjos, é o princípio da História da salvação.

Deus criou o mundo e o homem para poder se doar, fazendo-o gratuitamente participar de sua vida e felicidade. Por isso, o plano de nossa salvação tem início na criação: todos os homens são criados em vista do apelo que Deus lhes faz em Cristo para entrar em seu Reino (cf. 1Cor 8,6; Cl 1,15-17; Jo 1,1-3; Hb 1,1-4; LG 2,3,7,48; GS 22; DCG 51; DV 3)⁹⁹.

178. Deus está sempre presente e atuante no mundo através de sua Providência, respeitando, no entanto, a liberdade que ele mesmo nos deu; assim, aquilo que para nós é tão difícil, ou seja: cuidar e educar respeitando a liberdade pessoal, para Deus é o normal, porque o amor, que em nós é embrionário, nele é a essência mesma do ser: Deus é amor (1Jo 4,8)¹⁰⁰, e é próprio do amor doar-se livremente, expandir-se, gerar novas vidas.

179. Dos seres do mundo, só o Homem, criado à imagem e semelhança de Deus, pode entrar em diálogo com ele e responder a seu apelo de Amor. Criando o mundo, Deus o confia ao Homem, para que ele o aperfeiçoe com seu trabalho e o torne uma terra habitável, onde todos os homens possam viver em comunhão fraterna. Sendo fiel ao plano de Deus e à sua graça, o homem, com sua caminhada histórica, vai se dirigindo para os novos céus e a nova terra (Ap 21,1; 2Pd 3,13)¹⁰¹, que serão o cumprimento final da criação (Rm 8,18-27)¹⁰².

180. O poder e o amor de Deus, que se manifestou na criação, manifesta-se plenamente quando surge a nova criatura, o novo Adão, ou seja, na Ressurreição de Cristo (Ef 1,19)¹⁰³. As iniciativas de Deus para nos salvar, presentes em toda a nossa História e que culminam na Ressurreição de Cristo, hão de ter sua consumação no fim do mundo, quando haverá novos céus e nova terra (cf. 2Pd 3,13)¹⁰⁴.

3.2.1.3. O homem criado maravilhosamente e decaído

181. Ao criar o mundo, Deus nos criou para que participássemos da comunidade divina de amor: o Pai com seu Filho Unigênito no Espírito Santo. Fomos criados, pois, para a comunhão e participação. O homem, eternamente idealizado e eternamente eleito em Jesus Cristo, devia realizar-se como imagem criada de Deus, refletindo, em si mesmo e na convivência com os irmãos, o mistério divino da comunhão, através de uma atuação que chegasse a transformar o mundo.

A Bíblia exprime esse pensamento através da imagem do paraíso terrestre: o homem, na medida em que permanece fiel ao plano da criação, vive numa perfeita harmonia com o próprio Deus, com ele mesmo, com os outros e com a natureza. Ele é o parceiro de

Deus, com quem conversa e passeia (Gn 3,8-13)¹⁰⁵. Essencialmente iguais (Gn 2,23)¹⁰⁶, homem e mulher não são idênticos: são diferentes em vista da complementaridade.

182. Deus é bom, e o homem, criado para a comunhão, é bom também (Gn 1,31)¹⁰⁷. Donde, então, tanta violência, ódio, exploração e escravidão, que vemos ao nosso redor? O homem, instigado pelo maligno, desde o início rejeita o amor de Deus, não tem interesse pela comunhão com ele, quer construir, prescindindo de Deus, um mundo fundamentado nas relações de dominação. Em vez de adorar ao Deus verdadeiro, adora os ídolos, obras de suas mãos e realidade deste mundo; adora a si próprio. Por isso o homem dilacera-se interiormente, rompe a unidade consigo mesmo, com Deus e a natureza. Penetram no mundo o mal, a morte, a violência, o ódio e o medo; a multiplicidade dos pecados torna-se a triste experiência dos homens e é causa de multiforme sofrimento e desgraça.

183. O pecado das origens continua atingindo toda a humanidade. Dentro desse contexto se manifestam a natureza e os efeitos do pecado pessoal, pelo qual, agindo ciente e deliberadamente, violamos de fato a lei moral, ofendendo gravemente a Deus. À atitude de pecado, à ruptura com Deus que degrada o homem, corresponde sempre, no plano das relações intersubjetivas, a atitude de egoísmo, orgulho, ambição e inveja, que geram injustiças, dominação e violência em todos os níveis.

Corresponde também à luta entre indivíduos, grupos, classes sociais e povos, bem como a corrupção, hedonismo, exacerbação sexual e superficialidade nas relações mútuas. Conseqüentemente se estabelecem situações de pecado que, em nível mundial, escravizam a tantos homens e condicionam adversamente a liberdade de todos. O pecado destrói nossa dignidade humana. A realidade latino-americana faz-nos experimentar amargamente, até aos extremos limites, esta força do pecado, que é contradição flagrante com o plano de Deus.

184. Ao narrar o pecado, a Bíblia nos apresenta logo a promessa do Salvador, e este é o aspecto principal de toda a narração. Assim, a certeza fundamental, sobre a qual se alicerça a doutrina do pecado original, não é a informação histórica sobre fatos acontecidos na origem do mundo, mas a Revelação de que Cristo é o Redentor necessário de todos os membros da humanidade, sem o qual ninguém encontra salvação (cf. Puebla 182-186; 328; DCG 62; GS 13)¹⁰⁸.

3.2.1.4. Jesus Cristo, centro do plano de salvação

185. Deus realiza nossa salvação através de uma longa História. De fato, depois, do pecado, ele não nos abandona, mas através de um povo concreto, Israel, reinicia o diálogo de salvação, realizando sucessivas Alianças, para que possamos construir o mundo partindo da fé e da comunhão com ele. Fatos concretos da História deste povo, particularmente o Êxodo, mostram a mão poderosa de Deus Pai que anuncia, promete e começa a realizar a libertação do pecado e de suas conseqüências.

186. O centro dessa História de nossa libertação é a figura de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. A salvação que ele nos propõe ultrapassa de muito a redenção do pecado; por ela se cumpre o plano de Deus, que quer comunicar-se conosco em Jesus, com tal plenitude que vai muito além da expectativa humana, ou seja: em Jesus Cristo todos somos chamados a participar da própria vida divina pelo Espírito Santo, e daquela cristificação do cosmos e da História, que Deus pensou desde o início do mundo (cf. Cl 1,15-20)¹⁰⁹. De fato, a obra redentora de Cristo visa também a restauração de toda a ordem temporal, pois, embora a ordem espiritual e a ordem temporal sejam distintas, encontram-se, no entanto, intimamente ligadas no único propósito de Deus, ou seja, fazer do mundo, em Cristo, uma nova criação que se inicia aqui na terra e tem sua plenitude no último dia.

Este plano de amor conserva sempre sua força e se estende a todos os tempos. Ainda que pecador, o homem sempre permanece na única ordem desejada por Deus, isto é,

numa radical vocação para a comunhão com ele em Jesus Cristo. Por isso todos, movidos pela graça, podemos, pela conversão, alcançar a salvação (cf. Puebla 181, 187; DCG 62; AA 5; GS 29, 41)¹¹⁰.

3.2.1.5. Jesus Cristo: sua encarnação e vida entre nós

3.2.1.5.1. A encarnação

187. Chegada a plenitude dos tempos (Gl 4,4)¹¹¹, Deus Pai envia ao mundo seu Filho Jesus Cristo, Senhor nosso, Deus verdadeiro nascido do Pai antes de todos os séculos, e homem verdadeiro nascido da Virgem Maria por obra do Espírito Santo. O Filho de Deus assume o humano, e no humano o universo todo, que desde a criação é orientado para o homem, restabelece a comunhão entre seu Pai e nós.

Ao enviar seu Filho ao mundo, o Pai se torna Pai de todos os homens, e nós nos tornamos filhos no Filho. Assim, quando a Palavra eterna de Deus assume a nossa natureza humana, nos é dada uma dignidade altíssima, e Deus irrompe na nossa História, isto é, no peregrinar humano rumo à liberdade e à fraternidade, que aparecem agora como caminho que leva à plenitude do encontro com ele.

188. Professando a fé no mistério da Encarnação, cremos, com a Igreja, tanto na divindade de Jesus Cristo, quanto na realidade e força de sua dimensão humana e histórica. Nele resplandecem a glória e a bondade do Pai que tudo prevê, e a força do Espírito Santo que anuncia a libertação integral de todos e de cada um dos homens do nosso povo.

O homem Cristo Jesus, que habitou entre os homens trabalhando com suas mãos como homem, pensando com mente humana, agindo com vontade humana, amando com coração humano, é verdadeiramente o Verbo e o Filho de Deus que, pela Encarnação, de certa maneira se uniu a cada homem (cf. Puebla 188, 189, 175; DCG 53; GS 22; RH 8, 13)¹¹².

3.2.1.5.2. Vida e ensinamentos

189. Jesus de Nazaré nasceu e viveu no meio de uma família pobre e de seu povo de Israel, compartilhando com ele a vida, esperanças e angústias; compadeceu-se das multidões e fez o bem a todos. Esse povo, acobardado pelo pecado e pela dor, esperava a libertação que Deus lhe havia prometido. No meio dele Jesus anuncia: Completou-se o tempo; chegou o Reino de Deus. Converti-vos e crede no Evangelho (Mc 1,15)¹¹³. Ungido pelo Espírito Santo para anunciar o Evangelho aos pobres, para proclamar a liberdade aos cativos, a recuperação da vista dos cegos e a libertação dos oprimidos, Jesus entrega e confia, com as Bem-aventuranças e o Sermão da Montanha, a grande proclamação da Nova Lei do Reino de Deus; através de muitas parábolas ele nos esclarece a realidade e o conteúdo do Reino.

190. Com a vida e os ensinamentos de Jesus, Deus atendeu às súplicas humanas e quis libertar os homens de forma definitiva e última. O Reino de Deus é essa libertação de Deus, como dom do Pai. O Reino não é um mundo utópico aqui na terra, nem apenas a felicidade depois da morte. Para Jesus, o Reino começa aqui na terra e se consuma depois da morte, no céu. Nosso povo está ainda esperando e quer que a Igreja lhe comunique a verdade de Jesus: O Reino já chegou e está no meio de nós! (cf. Puebla 176, 190)¹¹⁴.

3.2.1.5.3. A práxis de Jesus

191. Às palavras anunciadoras do homem novo e da sociedade nova e de crítica profética à estrutura sócio-religiosa de seu tempo, Jesus juntou fatos. Os milagres são realizados por Jesus para serem sinais de que ele é efetivamente o Messias, o Libertador. Palavras,

atitudes e ações de Jesus demonstram então que o Reino já chegou. Em Jesus, Deus estava presente vencendo o demônio e criando o homem novo num mundo novo.

192. Infiltrando-se nas estruturas sócio-religiosas, as forças do mal levaram muitos homens à rejeição de Jesus. Passando pela perseguição e pela dor, ele manifesta-se como o Servo de Javé, de que fala o profeta Isaías (Is 53)¹¹⁵. Por sua radical fidelidade ao amor do Pai, chega à abnegação total, rejeitando a tentação do poder político e da violência. E é este o caminho que ele traça para seus seguidores: a doação desinteressada e sacrificada do amor; amor que abraça a todos, privilegiando os pequenos, fracos, pobres, e congregando a todos numa fraternidade capaz de abrir novo caminho na História (cf. Puebla 191-192)¹¹⁶.

3.2.1.5.4. O seguimento de Jesus e a conversão

193. O projeto de Deus, anunciado no Reino pregado por ele, implica uma transformação radical no nosso modo de pensar e de agir como pessoas e como sociedade.

À medida que vamos seguindo o Cristo Ressuscitado, seu Espírito que habita a Igreja nos inspira a ficarmos mais parecidos com Cristo, compreendendo e atualizando em nossa vida os mandamentos da Lei divina, especialmente o Amor a Deus e ao próximo e a fidelidade às orientações de vida dadas pelo Mestre no Sermão da Montanha. Por isso, a conversão ao Reino é um processo nunca encerrado, tanto em nível pessoal quanto social, porque, se o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgota nem se identifica com elas (cf. Puebla 193, 1221, 1159)¹¹⁷.

3.2.1.6. O mistério pascal

3.2.1.6.1. A morte redentora de Jesus

194. Num mundo que não se converte ao Reino, mas que se organiza contra ele, este Reino só pode se realizar pela via do martírio. Foi o caminho seguido por Jesus. Por fidelidade e obediência ao Pai que o enviou e à mensagem que pregou e viveu, Jesus se entregou à morte livremente. Sumo Sacerdote, Vítima Pascal, ele encarna a justiça salvadora do Pai e o clamor de libertação e redenção dos homens. Torna-se assim o verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo: morrendo destruiu a nossa morte, redimindo-nos do pecado (cf. Puebla 194)¹¹⁸.

3.2.1.6.2. Sua ressurreição-exaltação

195. Por isso o Pai o ressuscita, confirma-o Senhor e Filho de Deus e o coloca à sua direita com a plenitude vivificante do Espírito. Ele é constituído Cabeça do Corpo que é a Igreja, Senhor da História e do mundo, sinal e penhor de nossa ressurreição e da transformação final do universo. Por ele e nele o Pai recria todas as coisas. Exaltado na glória, não se aparta de nós: continua a viver em nossas comunidades, principalmente na Eucaristia e na proclamação da Palavra. Está no meio dos que se reúnem em seu nome e na pessoa dos pastores que envia e, num gesto de ternura, quis identificar-se com os mais fracos e mais pobres (cf. Puebla 195-196)¹¹⁹.

3.2.1.6.3. Jesus Ressuscitado, Senhor da História

196. No centro da História humana se implantou, assim, o Reino de Deus em Jesus ressuscitado. A justiça de Deus triunfou da injustiça dos homens. Da História velha do homem decaído passou-se à História nova do homem regenerado por Cristo, que, pela eficácia do Espírito, coloca os homens em comunhão e participação com a própria vida de Deus. É esta a boa nova que anunciamos (cf. Puebla 197)¹²⁰.

3.2.1.7. O Pai e Jesus enviam seu Espírito

3.2.1.7.1. O Espírito Santo é o Espírito de Jesus

197. O primeiro dom do Pai com Cristo ressuscitado aos Apóstolos é o Espírito Santo, tantas vezes prometido. Por ele Jesus continua sua presença salvadora no mundo, pois o Espírito Santo é a alma da comunidade daqueles que nele creem, isto é, a Igreja. A Bíblia não nos fala tanto do seu ser, mas sim descreve o seu agir: é o Espírito Santo que faz reviver e recriar a atitude de Jesus (cf. Jo 16,12-15)¹²¹; ele renova na fração do pão o mistério pascal de Jesus; ele cria a união entre os irmãos, do mesmo modo que reunia os discípulos ao redor de Jesus. É o Espírito da verdade que nos liberta, conduzindo-nos à verdade total; dentro de nós dá testemunho de que somos filhos de Deus e de que Jesus ressuscitou e é o mesmo ontem, hoje e através dos séculos (Hb 13,8)¹²². Assim ele é o nosso principal Evangelizador (cf. Puebla 202; 198)¹²³.

3.2.1.7.2. A ação do Espírito Santo hoje

198. O Espírito Santo é a vida de Deus em nós, a água que jorra da fonte, Cristo, que faz renascer os que morreram pelo pecado. É ele que nos atrai para Deus, suscita nossa oração, faz-nos viver os mistérios de Cristo na Liturgia; suscita na vivência da mesma Liturgia uma criatividade fecunda, e inspira as várias modalidades de viver o Evangelho. É o mesmo Espírito que nos faz odiar o pecado, sobretudo combatê-lo num momento de tanta corrupção e desorientação como o atual. A renovação dos homens, e conseqüentemente da sociedade, vai depender, em primeiro lugar, da ação do Espírito de Deus em nós e por nós. As leis e estruturas deverão ser animadas pelo Espírito que vivifica os homens e faz com que o Evangelho se encarne na História (cf. Puebla 203; 199)¹²⁴.

3.2.1.7.3. Espírito que reúne na unidade e enriquece na diversidade

199. Deus não faz acepção de pessoas: a ação evangelizadora dirige-se a todos os homens indistintamente para torná-los filhos de Deus. Para isso, o Espírito Santo suscita na Igreja ministérios e instituições. O Espírito Santo unifica na comunhão e no ministério e provê com dons hierárquicos e carismáticos a toda a Igreja através dos tempos, vivificando as instituições eclesiais (cf. AG 4)¹²⁵. Hierarquia e instituições são instrumentos do Espírito e da graça. Os dons e carismas provêm dele, mas especialmente os dons maiores da fé, esperança e caridade, e estão a serviço do Cristo e da Igreja, que é assim edificada.

200. Sem o Espírito não há Igreja; em sua ação missionária ela age, como Cristo, impulsionada pelo Espírito. A experiência do Espírito na caminhada da História constitui um dos fundamentos da Igreja (cf. Puebla 205-208; LG 4; AG 4)¹²⁶.

3.2.1.8. O Deus revelado em Jesus Cristo e no Espírito Santo: um Deus de comunhão e participação

201. A ação salvífica de Jesus, Filho de Deus, e a ação do Espírito Santo nos revelam concretamente quem é Deus. Ele é Pai de bondade e fonte de toda vida e santidade; é um Deus que se revela e se comunica: revela-se em Jesus Cristo, seu Filho, Palavra eterna feita carne, e se revela no Espírito, Amor e Comunhão do Pai e do Filho, pelo qual Deus entra em comunhão conosco e nos ama.

202. Deus, portanto, é comunhão, onde tudo é vida, onde todas as relações são de igualdade e de mútua abertura. Deus é protótipo daquilo que devemos ser como sociedade, pois somos criados à imagem e semelhança de Deus. Este Deus-Comunhão de Pai, Filho e Espírito Santo quer nos inserir sempre mais em sua comunhão: é o que se chama comunhão trinitária, a estender-se em todas as dimensões da vida, inclusive econômica, social e política. Nossas comunidades eclesiais, vivendo intensamente a comunhão trinitária, devem esforçar-se por constituir para nosso país um exemplo de convivência, onde consigam unir-se a liberdade e a solidariedade, autoridade e serviço; onde se ensaiem formas de organização e estruturas de participação capazes de suscitar um tipo mais humano de sociedade. Nossas comunidades eclesiais devem testemunhar,

sobretudo, que sem uma comunhão com Deus em Jesus Cristo, qualquer outra forma de comunhão puramente humana acaba se tornando incapaz de sustentar-se e termina fatalmente voltando-se contra o próprio homem. E é nisto justamente que o Reino de Deus encontra sua plena realização: a humanidade e cada pessoa como templo de Deus Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Puebla 214-215; 273)¹²⁷.

3.2.2. A verdade sobre a Igreja

Introdução: Jesus, fundador da Igreja como sinal do Reino

203. Nosso povo tem a intuição profunda de que a presença de Jesus na História é inseparável da presença da Igreja que o evangeliza. De fato: a Igreja é inseparável de Cristo. Ele fundou-a sobre Pedro, cabeça dos doze, como sacramento universal e necessário da salvação. Foi uma ação direta do Senhor, convocando os discípulos, outorgando-lhes seu Espírito, dotando a comunidade nascente de elementos essenciais, que deu origem a uma instituição divina.

Aceitar Cristo é aceitar a Igreja. Isto faz parte do Evangelho, e nós o professamos ao dizer: creio na Igreja una, santa, católica e apostólica. Ela é depositária e transmissora do Evangelho, prolongando na terra a ação evangelizadora de Jesus. Ela é única: o Senhor a chama minha Igreja (Mt 16,18)¹²⁸. Daí a imensa graça e responsabilidade da vocação à Igreja Católica (cf. LG 14; Puebla 220-225)¹²⁹.

204. A mensagem de Jesus é o Reino que nele mesmo se torna presente e chega até nós; embora seja inseparável da Igreja, o Reino transcende os limites visíveis dela; ele se realiza onde Deus está reinando pela graça e pelo amor, vencendo o pecado, estabelecendo comunhão, mesmo no coração de quem se acha fora do ambiente perceptível da Igreja.

205. Ela é anunciadora, instrumento e sinal do Reino. Nela se manifesta visivelmente o que Deus realiza silenciosamente no mundo inteiro: a convocação de todos os homens para um crescimento de comunhão entre si e com ele. Germe e princípio do Reino, sob o influxo do Espírito, a Igreja deve crescer, aperfeiçoar-se sob muitos pontos, necessitando de constante evangelização, conversão e purificação (cf. LG 5; Puebla 226-231)¹³⁰.

3.2.2.1. A Igreja, Povo de Deus

206. Prefigurada já no Antigo Testamento pelo Povo eleito, a Igreja é o Povo de Deus caminhando para seu Senhor. É um povo universal, não depende de raça, idioma ou qualquer particularidade humana. Nasce de Deus pela fé. Encarna-se em todos os povos, fomenta e assume, e, ao assumir, purifica e eleva todas as capacidades, riquezas e costumes dos povos no que têm de bom (LG 13 b)¹³¹; não é massa, mas fermento. É um povo de redimi dos pelo sangue de Cristo, um povo em marcha, chamado para levar a todos os homens a libertação definitiva que, acontecendo já na História, terá sua plenitude somente na eternidade. É um povo de servidores, no qual cada um desempenha sua função para o crescimento de todos (cf. LG 9-17; Puebla 232-237)¹³².

3.2.2.2. A Igreja, comunidade a serviço da salvação do mundo

207. A Igreja existe por causa de sua missão: salvar. Ela mesma é fruto de salvação, pois nasceu do lado aberto de Cristo na Cruz. Nascida como primeiro fruto dos acontecimentos pascais, ela é enviada a salvar, torna-se sinal de Cristo entre os homens, meio necessário de salvação, sacramento original e universal da redenção de Cristo, porque expressa e realiza o encontro de Deus com os homens. Para isso ela é induzida pelo Espírito Santo, dotada da Palavra, dos Sacramentos e de Ministérios.

208. A Igreja, como instituição salvífica, se caracteriza por estas notas:

a) *É divina, mas está no mundo:*

A Igreja tem uma missão de diaconia, de serviço, em relação ao mundo, para levá-lo a Deus, através da pregação, dos sacramentos e da atuação da caridade (cf. Jo 17,11-19)¹³³.

209. *b) É apostólica e atual:* fundada sobre os Apóstolos, a Igreja continua hoje; nela o velho e o novo estão em contínua tensão, originando formas sem pré-renovadas de adaptação aos tempos, permanecendo fiel às suas origens. A apostolicidade da Igreja exige uma dupla fidelidade: à doutrina apostólica que nos é transmitida pelas Escrituras inspiradas, e aos Bispos, presididos pelo Papa, como sucessores dos Apóstolos e legítimos intérpretes de sua doutrina. É apostólica, também, porque quer reproduzir duas características dos Apóstolos: ficar com Jesus e pregar (Mc 3,14)¹³⁴. Toda a Igreja é chamada a realizar a Tradição: unir passado, presente e futuro num enriquecimento contínuo; o que foi recebido pelos Apóstolos foi enriquecido pelas gerações cristãs nestes 20 séculos, e a nossa geração está dando também a própria contribuição: é a juventude perene da Igreja (cf. Puebla 1178)¹³⁵.

210. *c) É católica e local:* a Igreja é católica, isto é, universal, por causa de sua missão de reunir todos os homens em Cristo, por isso as dimensões “católica e missionária” são inseparáveis. A Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis que, unidas com seus pastores, são chamadas, também no Novo Testamento, de Igrejas. Nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres ou vivendo na dispersão, está presente Cristo, por cuja virtude se faz presente a Igreja una, católica e apostólica.

A catolicidade da Igreja é também manifestada pela variedade de suas Igrejas particulares ou Ritos, com suas próprias instituições, ritos litúrgicos, tradições eclesiais e disciplinas, mas unidos pela mesma fé, pelos mesmos sacramentos e pelo mesmo sucessor de Pedro. A Igreja local é presidida pelo Bispo, princípio visível e fundamento da unidade de sua diocese, portador da plenitude do sacerdócio; em sua missão ele é auxiliado pelos presbíteros. Integrados neste Povo Universal, as CEBs, verdadeira esperança da Igreja, tornam possível uma intensa vivência da realidade da Igreja como família de Deus. Fazem experiência de novas e mais profundas relações interpessoais na fé, de aprofundamento da Palavra de Deus, de participação na Eucaristia, de comunhão com os pastores da Igreja particular e de um maior compromisso com a justiça na realidade social dos ambientes em que vivem (cf. LG 26, 23; AG 20; Puebla 645; 261-262; 239; 640; 629; OE 1, 2)¹³⁶.

211. *d) É una e múltipla:* ela é una pela aceitação do mesmo ensinamento apostólico, pela caridade e pela vida fraterna que tornam seus cargos não títulos de honra, mas de serviço; é una, principalmente pelas celebrações, mormente a Eucaristia. Mas a Igreja é também múltipla, pois a Igreja universal é una e se realiza nas Igrejas particulares. A unidade da Igreja universal é garantida pelo Papa, perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade da fé e comunhão, sucessor de Pedro e vigário de Cristo, e cabeça visível de toda Igreja (cf. LG 18-23)¹³⁷.

212. *e) É santa e pecadora:* a Igreja é santa porque Jesus Cristo, o Justo e Santo, amou-a e santificou-a com sua entrega total; é santa por causa do Espírito Santo santificador, que é sua alma, por causa de seus dons, dos sacramentos e da caridade. Todos somos chamados a esta santidade. Mas a Igreja é também peregrina, está a caminho daquilo que será na consumação dos tempos; ela carrega em si ainda a marca do pecado, pois é feita de pecadores (cf. LG 11,32, 39-40; Puebla 250, 251; 266)¹³⁸.

3.2.2.3. A Igreja, sacramento de comunhão

3.2.2.3.1 A dimensão comunitária da Igreja

213. A Igreja, como sacramento universal da salvação, está inteiramente a serviço da comunhão dos homens com Deus e do gênero humano entre si. Ela evangeliza, em

primeiro lugar, mediante o testemunho global de sua vida. Assim, na fidelidade à sua condição de sacramento, trata de ser mais e mais um sinal transparente ou modelo vivo da comunhão de amor em Cristo, que ela anuncia e se esforça por realizar.

214. A fé sempre é vivida e transmitida dentro de uma comunidade: por isso a Catequese é obra de toda comunidade. Cada membro da Igreja nasce para Deus, mediante o Sacramento do Batismo. Pela água, pela Palavra, pelo Espírito Santo e pela adesão da pessoa à fé e à comunidade cristã, inicia-se o processo de conversão permanente do cristão ao Senhor; ao mesmo tempo, começa a participar, como membro da Igreja, na realização do Projeto Libertador de Deus na História.

215. Como batizados, sentimo-nos atraídos pelo Espírito de Amor, que nos impele a sair de nós mesmos, a abrir-nos para os irmãos e a viver em comunidade. Na união entre nós, torna-se presente o Senhor Jesus Ressuscitado, que celebra sua Páscoa no meio de nós. A experiência de comunidade de fé se concretiza de modo crescente na família, nas pequenas comunidades eclesiais, nas paróquias que, em comunhão com o Bispo, formam a Diocese (LG 1; Puebla 272; 564-565; 639-647)¹³⁹.

3.2.2.3.2. A dimensão comunitária e o pecado

216. A Igreja, ao concretizar historicamente sua missão de ser sinal de comunhão e sacramento da salvação, é dificultada pela ação do pecado que impede constantemente nosso crescimento no amor e na comunhão. A marca do pecado se encontra tanto nos corações dos homens como nas diversas estruturas por eles criadas. É importante reconhecer tanto a forma do pecado pessoal como a do pecado social. Este é o egoísmo e a injustiça que se cristalizam nas instituições e nas leis da sociedade, criadas para satisfazer aos interesses de alguns em detrimento de muitos outros.

São pecados diretamente contrários à verdadeira comunhão fraterna. Por isso, a primeira opção pastoral da Igreja é a conversão cada vez mais profunda ao Evangelho. De fato, animados pelo Espírito Santo, esperamos superar as estruturas do pecado na vida pessoal e social e obter a verdadeira libertação que vem de Jesus Cristo (cf. Puebla 281; 973)¹⁴⁰.

3.2.2.3.3. A dimensão comunitária e ecumênica

217. O Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja. Todavia, são muitas as Confissões cristãs que reivindicam para si o título de verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Esta divisão contradiz a vontade de Cristo, é escândalo para o mundo e prejudica a pregação do Evangelho. No entanto, por obra do Espírito Santo, surgiu na Igreja o movimento ecumênico, visando edificar em Cristo a unidade de todos os cristãos, e dele todos nós somos chamados a participar.

218. Teremos verdadeiro espírito ecumênico se nós, sem deixar de professar que a plenitude das verdades reveladas e dos meios de salvação instituídos por Cristo permanece na Igreja Católica, vivemos nossa fé com sincero respeito, em palavras e obras, para com as outras Igrejas e comunidades cristãs.

3.2.2.4. Os sacramentos, ações de Cristo na Igreja

219. Expressamos nossas relações com Deus através das pessoas, gestos, palavras, sinais, símbolos, silêncio; Deus igualmente os utiliza querendo se comunicar conosco. Toda a criação é uma mediação, símbolo e sinal da manifestação de Deus. E o homem, através dela, chega ao conhecimento básico do Senhor.

220. Jesus Cristo, Mediador supremo entre Deus e os homens, é o mais perfeito e cabal SINAL SENSÍVEL e EFICAZ da ação salvadora de Deus. Ele é a imagem do Deus invisível (CI 1,15)¹⁴¹. Portanto, ele é o Sacramento Primordial do Pai. Cristo Jesus, após realizar historicamente a obra de nossa libertação e da perfeita glorificação de Deus

através de sua morte e ressurreição, enviou, com o Pai, o Espírito Santo à sua Comunidade-Igreja, e por ela ao mundo.

Assim vivificada continuamente pela presença libertadora do Senhor Ressuscitado, a Igreja é o Sacramento de Cristo, para comunicar a vida nova e propor o Projeto de Deus aos homens e ao mundo, sendo ao mesmo tempo sinal e testemunha.

221. Toda ação da Igreja para o serviço do Reino participa, de certa forma, da sua sacramentalidade. Mas, entre os múltiplos gestos da Igreja que são sinais visíveis da presença da graça do Cristo entre os homens, a Igreja reconhece sete sacramentos propriamente ditos.

Cada um deles atualiza de modo original e específico a ação da graça para uma determinada situação da vida humana: Batismo (nascimento, entrada na vida divina e na Igreja); Eucaristia (alimentação da vida cristã, participação no mistério da morte-ressurreição do Senhor); Confirmação ou Crisma (participação do Espírito na missão comunicada à Igreja no dia de Pentecostes; testemunho da fé no Cristo Ressuscitado); Reconciliação ou Penitência (celebração do perdão após o pecado); Unção dos Enfermos (presença da graça no sofrimento, doença, morte); Ordem (serviço cristão especial, administração dos Sacramentos) e Matrimônio (amor conjugal, estabelecimento da família cristã).

3.2.2.5. Os sacramentos numa perspectiva integral

222. Sendo os Sacramentos sinais sensíveis e eficazes da graça, visam sim, à nossa santificação, à construção da Igreja, ao culto a Deus, mas vão mais longe, devendo repercutir de forma dinâmica e libertadora nas relações interpessoais, na estruturação mais justa da sociedade e na ação do homem sobre a História e o mundo. Por serem sinais e símbolos, requerem uma iniciação, uma instrução, para serem devidamente compreendidos e vividos. Supõem a fé, mas ao mesmo tempo a alimentam, fortalecem e exprimem. Conferem a graça, mas simultaneamente nos preparam, para que estejamos dispostos a acolhê-la melhor, tornando-se assim cada vez mais eficaz em nós.

223. Os sacramentos possuem eficácia santificadora porque prolongam, por instituição divina, o mistério pascal, morte e ressurreição do Senhor. Neste sentido, todos eles não somente a Eucaristia são o memorial da morte e ressurreição. Porque memorial, evocam o acontecimento salvífico, fazem-no presente à nossa fé como mistério sempre atual e eficaz à espera da realização futura do Reino. No entanto, os sacramentos não produzem efeitos mágicos. Supõem, nos que os recebem, disposições interiores. Assim, a fé em Jesus Cristo é exigida, fundamentalmente, para o Batismo e deve prolongar-se em todos os demais sacramentos. A conversão sincera e a confissão dos pecados são indispensáveis na Penitência. A pureza da consciência exige-se na participação, principalmente, da Eucaristia. E a intenção de efetuar um contrato uno e indissolúvel em ordem à geração de novas vidas, é imprescindível no matrimônio (cf. Puebla 920-923; SC 38)¹⁴².

3.2.2.6. Igreja, sacramentos e liturgia

224. Constituída em seu núcleo central pela celebração dos Sacramentos (o que supõe também a celebração da Palavra de Deus), a Liturgia é vivida também nos sacramentais, na Liturgia das Horas e nas orações comunitárias do Povo de Deus. A Liturgia, como ação de Cristo e da Igreja, é o exercício do Sacerdócio de Jesus Cristo. Assim, nossa oração unida à de Cristo constitui-se como culto público e integral a Deus. A Liturgia é o ápice e a fonte da vida da Igreja, um encontro com Deus e os irmãos. Nela celebramos o mistério da presença operante de Deus em nossa caminhada, a ação de Deus em nosso dia-a-dia, o esforço de libertação total. Por isso, ela é também força em nosso peregrinar, para que levemos a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus (cf. SC 5, 6, 7; Puebla 917-918; SC 10)¹⁴³.

225. A nossa Liturgia organiza e vive a celebração dos grandes mistérios da fé através do ano Litúrgico, tendo como centro e fundamento a celebração da PÁSCOA. Na veneração dos Santos, particularmente de Maria, a Igreja celebra o mistério pascal vivido por eles e proposto para nós como exemplo (cf. SC 102-104)¹⁴⁴.

3.2.2.7. A Eucaristia, centro de toda a vida sacramental

226. A Eucaristia é a renovação da Aliança do Senhor conosco, seu Povo; perpetua o sacrifício da Cruz, realizando de modo contínuo a obra da Redenção; é sacramento de piedade, sinal de unidade, banquete pascal, em que Cristo nos é dado, força para nossa caminhada, prelibação dos bens futuros. Ela contém todo o bem espiritual da Igreja e a ela se ordenam todos os demais sacramentos e todos os ministérios eclesiais.

Por ela deve iniciar-se toda a educação ao espírito comunitário, pois significa e realiza a unidade da Igreja. Por ela a Igreja continuamente vive e cresce, fazendo acontecer sempre mais a Aliança em Cristo com Deus e provocando-nos para o amor-justiça, tanto para a partilha dos bens e dos dons, como para a entrega de nós mesmos, até ao martírio, se preciso for, a exemplo do Mártir Maior, Jesus Cristo.

227. Por isso, a Eucaristia é o centro e o ponto culminante de toda a vida sacramental, fonte e ápice de toda a vida cristã e de toda a evangelização, raiz e centro da comunidade cristã.

228. Como fonte, a Eucaristia é dom inesgotável de Deus; como ápice, é a meta proposta de toda a comunidade. Entre o dom e a realização do ideal, há uma caminhada a ser feita pelos cristãos: é o caminho da integração fé-vida, da realização da comunhão no dia-a-dia, é a celebração da Liturgia da vida.

229. Assim a comunidade cristã se esforçará para celebrar a Eucaristia principalmente no domingo, como Dia do Senhor, celebração da Páscoa semanal, fundamento e núcleo do Ano Litúrgico (cf. SC 106)¹⁴⁵. Esse dia deve ser guardado como de preceito e celebrado com particular solenidade (cf. CDC Cân 1246 e 1247)¹⁴⁶. Também quando os fiéis se reúnem sem padre, em nossas comunidades, para celebrar o Dia do Senhor, alimentando a sua vida cristã com o Pão da Palavra de Deus, estão unidos à celebração da Eucaristia na Paróquia. Cresce essa união e participação real através da atuação dos Diáconos Permanentes e dos ministros não ordenados, autorizados a conservar e distribuir a Sagrada Comunhão às pessoas devidamente preparadas.

3.2.2.8. Maria, Mãe de Deus e modelo da Igreja

230. Não se pode falar de Igreja sem que esteja presente Maria. Esta verdade é testemunhada pelas nossas comunidades de fé, para as quais Maria é a realização mais alta do Evangelho, o grande sinal, com rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e de Cristo, com quem ela nos convida a entrar em comunhão.

Em suas alegrias e sofrimentos o nosso povo se identifica profundamente com Maria, de modo que ela se torna a mediação mais completa da vivência evangélica. A Igreja, instruída pelo Espírito Santo, venera Maria como Mãe muito amada com afeto e piedade filial. A sagrada Escritura mostra como em Maria se instaura a vitória definitiva sobre o demônio (cf. Gn 3,15)¹⁴⁷. Ela é a nova Eva, que no sim obediente (cf. Lc 1,38)¹⁴⁸ vence o não da primeira Eva. É a primeira a crer (cf. Lc 1,45)¹⁴⁹ e misteriosamente é associada à Redenção (Jo 2,1-11; 19, 25-27)¹⁵⁰.

231. Maria é Mãe de Deus, Mãe de Jesus Cristo no seu sim da anunciação. É Mãe da Igreja, porque é Mãe de Cristo, Cabeça do Corpo Místico. Além disso, é nossa Mãe, por ter cooperado com seu amor no momento em que do coração trespassado de Cristo nascia a família dos redimidos; por isso, é nossa Mãe na ordem da graça.

232. Maria não vela apenas pela Igreja: tem coração tão grande quanto o mundo, e intercede ante o Senhor da História por todos os povos. Enquanto peregrinamos, Maria será a Mãe e a educadora da fé. Ela cuida para que o Evangelho penetre intimamente em nossa vida e nossa cultura, e produza em nós frutos da santidade.

233. Maria é modelo de vida cristã, pois toda a sua existência é uma plena comunhão com o Filho, uma entrega total a Deus em todos os seus caminhos, numa união única que culmina na glória. Acreditou com uma fé que foi dom, abertura, resposta, fidelidade. O Magnificat espelha sua alma vazia de si mesma e plena de confiança no Pai. É o poema da espiritualidade dos pobres de Javé e do profetismo da Antiga Aliança; modelo daqueles que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, e não são vítimas da alienação, mas antes proclamam com ela que Deus exalta os humildes e depõe do trono os soberbos.

234. Sua Virgindade, amor-doação ao Senhor, foi inseparável da fé, pobreza, obediência, e assim tornou-se fecunda pelo Espírito Santo. No mistério da Igreja, esta Virgindade materna reúne duas realidades: Maria é toda de Cristo e toda servidora dos homens. Assim quer ser a Igreja: unida a Cristo e Mãe de todos os homens.

235. A Imaculada Conceição nos apresenta a face do homem redimido, em que se refaz mais misteriosamente ainda o projeto do paraíso. A Assunção manifesta o destino do corpo santificado pela graça, a criação material participando do corpo ressuscitado de Cristo, e a integridade humana, corpo e alma, reinando após a peregrinação da História.

236. Em Maria, o Evangelho penetrou a feminilidade, remiu e exaltou-a, dignificando extraordinariamente a mulher. Maria é bendita entre todas as mulheres.

237. Enquanto em Maria a Igreja já atingiu a perfeição pela qual existe sem mácula e sem ruga, em nós, cristãos, ela ainda se esforça para crescer em santidade, vencendo o pecado. Por isso, eleva seus olhos a Maria que refulge para toda a comunidade dos eleitos como exemplo de virtude (MC 28; Puebla 282; 286-290; 292-294; 296-299; LG 65)¹⁵¹.

3.2.3. A verdade sobre o homem

3.2.3.1. O homem renovado em Jesus Cristo

238. Deus criou o homem para que participasse da comunidade divina de amor. Pelo pecado, ele se afastou de Deus, mas Jesus Cristo o resgatou, fez dele uma nova criatura, filho de Deus, irmão de todos os homens, senhor do universo e herdeiro da vida eterna. Assim, Jesus Cristo, Redentor do mundo, impregnou de maneira tão singular a humanidade, que só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. O Filho de Deus, fazendo-se homem, uniu-se de certo modo a cada homem (cf. Puebla 182, 322; RH 8; GS 22)¹⁵².

3.2.3.2. O homem, cooperador de Deus no plano da salvação

239. A vida do homem é dom de Deus, mas é também compromisso, pois Deus, que nos criou sem nossa participação, não nos salva sem nossa cooperação (Sto. Agostinho). Ao longo da história da salvação, Abraão e Moisés, Davi e os Profetas, Maria e os Apóstolos, todos os cristãos, a Igreja inteira, respondendo livremente ao apelo de Deus, tornaram-se seus colaboradores para a salvação da humanidade. Também nós, hoje, somos chamados a nos tornar co-responsáveis da nossa libertação e do nosso destino. Temos consciência que mesmo esta capacidade de responder e colaborar com nossa salvação, é igualmente dom do amor de Deus por nós.

3.2.3.3. Grandeza da liberdade humana e cristã

240. Nós fomos dotados por Deus com o dom da liberdade, o que dignifica sobremaneira nossa condição humana. Ferida pelo pecado, nossa liberdade foi redimida por Cristo; ele restaurou a dignidade original que tínhamos recebido ao sermos criados por Deus à sua imagem. É o amor de Deus que nos dignifica radicalmente; em nós ele se traduz necessariamente em comunhão com os outros homens e participação fraterna. Por isso, a exemplo de Jesus Cristo, nosso amor se manifesta concretamente para com os injustiçados e no esforço de libertação dos oprimidos (cf. Puebla 331, 324, 327)¹⁵³.

3.2.3.4. Dignidade da consciência moral

241. Iluminados pelo Evangelho, revalorizamos os grandes traços da verdadeira imagem do homem e da mulher. Sendo todos fundamentalmente iguais, membros da mesma estirpe, apesar da diversidade de sexos, línguas, culturas e formas de religiosidade, temos por vocação um único destino. Nesta pluralidade, cada pessoa tem sua missão e seu valor irrepetíveis no destino comum. Embora condicionado por processos sociais, econômicos e políticos, o homem não está a eles submisso, mas tem a missão de humanizá-los. Está, ao invés, submisso a uma lei moral que vem de Deus e capacita a consciência dos indivíduos e povos a viverem a liberdade verdadeira dos filhos de Deus (cf. Puebla 334-335; GS 16; IM 6)¹⁵⁴.

3.2.3.5. O pecado do homem

242. Quando o homem age contra sua consciência e contra Deus, ele peca, ofende a Deus e degradando-se a si mesmo. É o maior dano que a pessoa pode causar-se a si mesma e aos demais, pois o pecado pessoal sempre tem consequência também em nível social (cf. Puebla 182-183)¹⁵⁵. As situações de pecado corroem a dignidade do homem, são causa da miséria e escravidão, raiz e fonte de opressão, injustiça e discriminação, limitam a liberdade de todos (cf. Puebla 328, 330, 73, 70, 186, 517)¹⁵⁶.

3.2.3.6. Reconciliação com o Pai em Cristo

243. Quem nos pode libertar dessa condição de pecado? Jesus Cristo, assumindo todas as nossas situações, carregou o peso de nossos pecados e quis ser a vítima decisiva da injustiça e do mal deste mundo. Através de sua morte e ressurreição, ele nos deu a vida divina: Morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação (Rm 4,25)¹⁵⁷. Ele permanece vivo e atuante em sua Igreja (sobretudo entre os mais pobres), continuando a obra de nos reconciliar com o Pai. De fato, através do Espírito Santo que ele infundiu em nossos corações, podemos chamar a Deus de Pai e nos tornamos radicalmente irmãos. Ele nos faz tomar consciência do pecado contra a dignidade humana, contra o universo, contra o Senhor.

Fortifica também nossa liberdade, para que possamos reconciliar-nos conosco, com os outros, com a natureza e com ele, através da Igreja. Esta reconciliação através da Igreja, é o sinal de nossa reconciliação com o Pai: é o sacramento da reconciliação ou penitência que faz chegar ao homem o amor-misericórdia de Deus e o perdão dos outros. Nesse processo, a libertação do pecado exige também a coerência na libertação das consequências do pecado em nosso íntimo, em nossa inter-relação com os outros e na maneira como estruturamos a sociedade (tantas vezes estruturada a partir e em função do pecado). Assim terá sentido nossa oração: Perdoai as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos tem ofendido (cf. Puebla 194, 329, 330; RH 1)¹⁵⁸.

3.2.3.7. O mistério da morte e da vida eterna

244. O Filho de Deus, encarnando-se, assumiu a condição humana, menos o pecado, para levá-la à plenitude. Neste processo, ele assumiu e superou os sofrimentos e a morte. A Igreja celebra a vitória de Cristo sobre a doença e a morte, com o sacramento da Unção dos Enfermos, enraizando-as na Cruz-Ressurreição e projetando-as para a felicidade eterna. Com este Sacramento, a força da graça alivia o sofrimento, santifica o

enfermo e lhe dá coragem para a luta contra a doença, anunciando a vitória pascal da morte cristã.

245. Jesus Cristo, assumindo a morte, destruiu a nossa; destruindo em nós o pecado, salvou-nos da morte eterna. O plano de nossa salvação não se detém na redenção do pecado, mas confere uma graça superabundante em relação à condenação trazida pelo pecado (cf. Rm 5,17)¹⁵⁹. Assim, sabemos que, embora submetidos à morte física, pela força da vida divina que nos foi dada no Espírito Santo, somos destinados à vida eterna. Deus, no entanto, respeita nossa liberdade, se não queremos aceitar o seu amor e a sua proposta de salvação, e livremente nos afastamos de seu caminho. O homem que faz esta opção radical e morre nesta situação, permanece eternamente afastado de Deus: é o que chamamos de inferno ou morte eterna, isto é, a total frustração da vida humana, devido à perda do amor de Deus. Esforçando-nos por viver as exigências do Reino, após a morte passando pela purificação (purgatório) quando necessário, somos confirmados no amor de Deus: é a bem-aventurança eterna.

Nela viveremos em plenitude com Deus aquela vida de comunhão que, em germe, agora procuramos viver com os irmãos. Por isso, nossa vida mortal não nos é tirada, mas transformada, e desfeita nossa habitação terrena nos é dada nos céus uma eterna mansão (cf. DCG 62)¹⁶⁰.

3.3. Os compromissos do cristão

3.3.1. A fé, resposta do homem a Deus, expressa na fraternidade e no culto

246. A fé cristã é nossa resposta livre e pessoal à Palavra de Deus, que nos interpela em Jesus Cristo locamos o fundamento último de nossa existência em Deus; ela é também adesão da inteligência que, através de sinais e palavras, chega às realidades que não se vêem (Hb 11,1)¹⁶¹.

247. A nossa resposta de fé é, antes de tudo, obra de Deus, não só porque Deus tem de fato a iniciativa em vir ao encontro das expectativas do homem, mas sobretudo porque o ato mesmo, com o qual o homem acolhe sua Palavra, se encontra sob a moção do Espírito Santo e por isso é fruto da graça.

248. Ter fé significa colher nas coisas, acontecimentos e pessoas, o apelo de Deus que oferece sua Aliança de comunhão em Cristo. Longe de se identificar com uma ideologia, a fé cristã é adesão à pessoa de Jesus Cristo, à sua mensagem de libertação e salvação; ela tem uma tarefa crítica e profética diante das situações contingentes da História. Não consiste apenas em adesão a um credo ou princípios morais, mas também e principalmente, em atitudes, ou seja, na adesão a Deus e a seu plano de salvação e no compromisso com os irmãos, incluindo a responsabilidade social.

Uma fé pessoal e adulta é operante e constantemente confrontada com os desafios de nossa realidade. É uma fé animada pela caridade (cf. Gl 4,6; 1Jo 4,7-21)¹⁶² e está presente no compromisso social como motivação, iluminação e perspectiva teológica, que dá sentido integral aos valores da dignidade humana.

249. O Sacramento da Crisma ou Confirmação conferido na adolescência, juventude ou começo da idade adulta, por motivos pastorais, significa uma confirmação da fé batismal. O cristão, fortalecido pelo dom do Espírito Santo que recebe no sacramento, assume consciente, esclarecida, coerente e generosamente, de modo pessoal e comunitário, as exigências do Batismo, num compromisso adulto com a comunidade eclesial, presidida pelo Bispo que confere o sacramento, e com a transformação social segundo o Projeto de Deus, numa consagração mais amadurecida do Senhor.

250. Não se vive a fé apenas individualmente, mas em comunidade; a fé do cristão cresce na medida em que ele caminha com a comunidade na busca e cumprimento da vontade de Deus. Isto exige uma atitude de constante conversão, e por isso ela é a

primeira opção de toda a comunidade eclesial. A Catequese existe em função dessa conversão e permanente crescimento na fé.

251. Através de um conjunto de sinais, nós celebramos a fé, na Liturgia, como encontro com Deus e com os irmãos, festa de comunhão eclesial e fortalecimento em nosso caminhar e compromisso de nossa vida cristã (cf. DCG 64; SC 7; Puebla 939, 973; Medellín 8,10; 713; 9; 613)¹⁶³.

3.3.2. O cristão na construção da História

252. A nossa comunidade transforma-se num lugar onde, vivendo a fé, nos educamos para fazer a História, para levar eficazmente com Cristo a História de nosso povo até ao Reino. Cremos que o projeto de Deus a nosso respeito é que sejamos os construtores da História; assim fugimos da tentação do secularismo, que concebe a construção da História como responsabilidade exclusiva do Homem, e da tentação oposta, dos que creem não poder e não dever intervir, esperando que só Deus atue e liberte.

253. Cristo ressuscitado é o Senhor da História. Ele está conosco, e, pela sua presença em nossa História humana, toda ela assume o sentido pleno de realização do desígnio salvador de Deus. Toda ação humana na História tem, assim, uma referência objetiva à salvação.

254. Assumindo sua Cruz, Jesus Cristo converteu seus sofrimentos em fonte de vida pascal. Para que também nós sejamos capazes de transformar nossas dores e as dos nossos irmãos em crescimento para uma sociedade de participação e fraternidade, a Igreja precisa educar homens capazes de forjar a História segundo a práxis de Jesus, isto é, numa atitude de total confiança e doação ao Pai e de máxima co-responsabilidade e compromisso transformador da História.

255. Essa atitude eclesial é celebrada e alimentada na Eucaristia. Fazendo memória sacramental do gesto de Cristo que entrega seu corpo e seu sangue pela vida do mundo, a comunidade cristã rememora também o sacrifício de todos quantos, seguindo o seu Mestre, dedicam sua vida à libertação dos irmãos e aprendem a viver cada vez mais plenamente a sua vocação de serviço à libertação total do homem, que tem seu centro e sua fonte na morte e ressurreição do Senhor (cf. Puebla 197, 274-279, 435, 436; ECOP 2)¹⁶⁴.

3.3.3. O cristão na comunidade eclesial

256. A comunidade eclesial, Sacramento do Cristo Salvador no mundo de hoje, é formada de seres ainda em busca da perfeição. Divina, porque obra do Espírito Santo, nela sempre presente, a Igreja é também humana e conseqüentemente pecadora. Enviada a evangelizar e testemunhar o Reino, ela precisa continuamente auto-evangelizar-se e converter-se. O esforço de santificação de cada um e de todos a constrói e a aperfeiçoa. Cada membro do Corpo eclesial é responsável pelo bom andamento do todo (cf. 1Cor 12)¹⁶⁵, e o corpo sadio ajuda o crescimento de cada um. A comunidade cristã primitiva (At 2,42-47; 4,32-35)¹⁶⁶ é modelo para qualquer comunidade eclesial, e, obviamente, para a Catequese renovada.

257. Na comunidade eclesial todos têm a vocação comum de construí-la e de torná-la cada vez mais eficaz em sua missão libertadora e salvadora junto ao mundo. Pelo Batismo e Crisma, cada cristão assume sua fé, sua participação na comunidade, seu engajamento na transformação da sociedade no amor e na esperança. As vocações, no interior da Igreja, realizam a complementariedade de membros do mesmo corpo: uns como leigos, outros como ministros, ordenados ou não, outros como religiosos.

258. O Sacramento da Ordem assinala alguns membros da Igreja com a graça e o caráter específicos e em diversos graus e funções (Bispos, Presbíteros, Diáconos), destinando-os a certos serviços (ministérios) fundamentais: apascentar o Povo de Deus,

a exemplo de Jesus, o Bom Pastor, dirigindo e animando as comunidades, garantindo a presença atuante de Cristo pelo anúncio da Palavra e a celebração da Liturgia, especialmente da Eucaristia; e fazer a comunhão vital das comunidades a que servem com a Igreja católica e apostólica.

O ministério dos Bispos, presbíteros e diáconos é uma participação especial no sacerdócio de Cristo, participação que difere essencialmente do sacerdócio comum dos fiéis. Os Bispos, possuindo a plenitude da Ordem, e os presbíteros como seus colaboradores imediatos se configuram com Cristo Cabeça e estão a serviço de Cristo na sua função de Chefe da Igreja.

259. Os religiosos são cristãos com vocação específica, consagrados pelo Senhor para o profetismo da vida cristã, no celibato, na simplicidade de vida, na obediência no sentido evangélico da entrega radical de si ao Senhor e às causas do Reino, testemunhando o absoluto de Deus em suas vidas e na contingência da História (cf. Puebla 644, 648, 853, 690-693; CT 24; LG 10; CNBB, Doc. 20,181)¹⁶⁷.

3.3.4. O cristão e a família

260. Na família cristã, em seu esforço de ser Igreja doméstica, somos chamados à primeira experiência de comunhão na fé, no amor e no serviço ao próximo. Pela força libertadora do Evangelho, a família cristã torna-se escola do mais rico humanismo.

261. A lei do amor conjugal é comunhão e participação, e não dominação. O matrimônio deve ser uma exclusiva, irrevogável e fecunda entrega à pessoa amada, sem perder a própria identidade. Tão profunda é esta aliança, que é apresentada como símbolo da união existente entre Cristo e a Igreja (Ef 5,25-33)¹⁶⁸.

262. Os cristãos chamados a viverem no Matrimônio devem buscar a plenitude de sua humanidade como expressão do amor mútuo, como colaboração com Deus na transmissão da vida humana, na educação integral da pessoa e como serviço à causa do Reino. Assim, pela vivência da graça matrimonial, denunciam a idolatria do prazer e o fechamento egoístico do casal, ou mesmo da família, que rompem o Sinal do Amor e do Serviço.

263. A vida conjugal e familiar não estão isentos de dificuldades. A força do Matrimônio e de outros sacramentos, a força de uma forte espiritualidade conjugal e familiar e o apoio da comunidade cristã, ajudam o casal e a família a superarem, na fé, as várias situações de conflito, de dificuldades na educação dos filhos, de tentações de todos os tipos. Vive-se, assim, concretamente a comunhão com o mistério da paixão-morte-ressurreição (amor-doação de Cristo), na espera da realização plena do amor e da felicidade que se busca no matrimônio e na família (cf. GS 40-50; Puebla 582; 585; 589; 639)¹⁶⁹.

3.3.5. O cristão e o trabalho

264. O cristão trabalha, não somente por necessidade, mas para responder conscientemente à ordem do Criador: Dominaí a terra (Gn 1,28)¹⁷⁰. Esta convicção nos faz perceber que o trabalho humano não é apenas útil, mas também digno, ou seja, dignifica o homem e exprime sua dignidade. Assumindo-o como uma vocação, transformamos a natureza sem desrespeitá-la e nos realizamos como pessoas no campo familiar, social, nacional e internacional.

265. Quem dá a medida do trabalho é o próprio homem, que é o seu sujeito, autor e fim. Construímos a sociedade sabendo que o trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho. Superamos assim qualquer ideologia que queira fazer do trabalho apenas um instrumento de lucro e que leve à dominação e exploração do próprio homem. E isto porque acreditamos que a matéria prima do trabalho nos é dado como dom, pois no princípio do trabalho humano está o mistério da criação, colocada à disposição de todos para usufruto na justiça e fraternidade.

E Cristo, que caminha em nosso meio, transforma nosso trabalho em gesto litúrgico, tornando-nos protagonistas com ele na construção da convivência e das dinâmicas humanas, que refletem o mistério de Deus e constituem sua glória vivente. Na Eucaristia, máxima celebração de nossa fé, nos é dado usar os frutos da terra e do trabalho do homem (cf. LE 6,7,9,10,12; Puebla 213; GS 67)¹⁷¹.

3.3.6. O cristão e a política

266. A Igreja sempre deu primazia ao amor fraterno como característica fundamental da vivência da fé no Deus de Jesus Cristo. Devido às condições específicas da organização da sociedade no mundo moderno, percebemos que o amor fraterno não pode ser vivido só no âmbito interpessoal, isto é, não se pode viver o amor pelo outro a não ser criando estruturas sociais e promovendo uma política global, que permita de fato reconhecer os direitos de cada pessoa e garantir as condições de vida que a dignidade humana exige.

267. Por isso a Igreja acredita que a fé deve ordenar toda a vida do homem e todas as suas atividades, também as que se referem à ordem política: esta ordem está sujeita à ordem moral. A Igreja, iluminada pela fé, procura definir com sempre maior clareza as exigências que da ordem moral decorrem para a ordem política.

268. A política, enquanto atividade que concretiza a responsabilidade de todos pelo bem comum, é dever de todos na Igreja. Enquanto atividade partidária, isto é, que busca os meios e estratégias para a realização dos grandes objetivos, é campo próprio dos leigos.

269. Concretamente, a atitude do cristão diante da política deve ser: Participação de cada um segundo suas possibilidades. A omissão ajuda a perpetuação de injustiças. Participando consciente e concretamente em atividades que visem ao bem comum, estamos exercendo nossa função política. E a isto todos somos chamados, não só como cidadãos, mas, acima de tudo, motivados pela fé.

270. Estudo dos programas dos partidos para chegar a uma opção consciente, lembrando que nenhum partido, por mais inspirado que seja na doutrina da Igreja, pode arrogar-se à representação de todos os fiéis, já que seu programa concreto nunca poderá ter valor absoluto para todos.

Respeito pelos outros, evitando extremismos e unilateralismos. Não podemos esquecer que o pluralismo é indispensável à expressão política, e que o Evangelho nos convida a renunciar a toda violência, mesmo verbal e sutil (cf. Puebla 327, 521-524; ECOP 4-5)¹⁷².

3.3.7. O cristão em face da pobreza

271. A evangelização dos pobres foi para Jesus um dos sinais messiânicos, e será também para nós sinal de autenticidade evangélica. Por isso, o compromisso evangélico na Igreja deve ser como o de Cristo: um compromisso com os mais necessitados. Por esse motivo, os pobres merecem de todos nós uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, essa imagem é obscurecida e até escarneada. Por isso Deus toma sua defesa e os ama.

272. Esse compromisso com os pobres e oprimidos nos ajudará a descobrir seu potencial evangelizador: constantemente eles nos interpelam, chamando-nos à conversão, pois muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus. Isso nos ajudará a redescobrir o extraordinário valor da pobreza evangélica ou cristã, que une a atitude de abertura confiante em Deus com uma vida simples, sóbria e austera, que aparta a tentação da cobiça e do orgulho. Dessa maneira praticaremos mais facilmente a

comunicação e participação dos bens materiais e espirituais, e a abundância de uns remedeia a necessidade de outros.

273. A exigência evangélica da pobreza, como solidariedade com o pobre e como rejeição da situação em que vivem, liberta o pobre de ser individualista em sua vida e de ser atraído e seduzido pelos falsos ideais de uma sociedade de consumo. E o testemunho de uma Igreja pobre pode evangelizar os ricos, que têm o coração apegado às riquezas, convertendo-os e libertando-os dessa escravidão e de seu egoísmo. Essa conversão traz consigo a exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, já que na sua ação evangelizadora a Igreja contará mais com o ser mais e o poder de Deus e de sua graça, do que com o ter mais e o poder secular.

Assim apresentará uma imagem autenticamente pobre, aberta a Deus e ao irmão, sempre disponível, onde os pobres têm capacidade real de participação e são reconhecidos pelo valor que têm (cf. Puebla 1134-1165; 707; 733-735; 769; 1130)¹⁷³.

3.3.8. O cristão e a promoção da justiça, da dignidade humana, do desenvolvimento integral e da paz

274. A libertação do pobre não se realizará sem a construção de uma sociedade mais justa, pois a raiz da pobreza é social. Neste sentido nós, como Igreja, apoiamos e desenvolvemos as organizações de defesa e de luta pelos direitos humanos, empenhando-nos para que se orientem por princípios e critérios cristãos; através dessas organizações, os pobres chegam a conscientizar-se e a assumir a própria libertação.

275. Por isso o cristão, no esforço constante de crescer na fé, procura empenhar-se na libertação integral, trabalha pela realização de uma sociedade mais solidária e fraterna, luta pela justiça e pela construção de uma paz que não seja mera ausência de conflitos, mas sim uma paz alicerçada na justiça. Mas também condena a violência como atitude não cristã e afirma que as transformações bruscas e violentas das estruturas são enganosas e ineficazes. Nossa responsabilidade de cristãos é promover de todos os modos os meios não-violentos e evangélicos para restabelecer a justiça nas relações sócio-políticas e econômicas. Assim, possuindo a criatividade do Espírito que nos move com seu dinamismo, buscamos construir uma nova ordem nacional e internacional, que favoreça o surgimento de um Homem Novo, à imagem de Jesus Cristo.

276. Participamos também no diálogo e no trabalho com os que colaboram na construção da sociedade, particularmente com aqueles que têm poder decisório. Isso não exclui o reconhecimento do valor construtivo das tensões sociais que, dentro das exigências da justiça, contribuem para garantir a liberdade dos direitos, especialmente dos mais fracos (cf. Puebla 533-534; 1254-1293; 1296; 1226; 1228; 1308-1309; 1188)¹⁷⁴.

3.3.9. O cristão em face do pluralismo

277. Nossa comunidade cristã vive num país com radical substrato católico, o que constitui um traço fundamental de identidade e unidade; mas, ao mesmo tempo, presenciamos entre nós um crescente pluralismo religioso e ideológico. O cristão católico deve viver sua fé em diálogo com essas diversas manifestações religiosas e culturais.

278. O esforço de diálogo ajudará os católicos a aprofundarem a própria fé e identidade, e a conhecerem melhor os não-católicos, auxiliando-os a conhecerem e apreciarem a Igreja Católica e sua convicção de ser Sacramento da Salvação. De fato, a Igreja evangelizadora propõe a mobilização de todos os homens de boa vontade, principalmente os que professam a mesma fé em Cristo, para que, com novas esperanças, unam esforços e progressivas convergências, a fim de construir a civilização do amor e edificar a paz na justiça (cf. Puebla 7, 1300, 1099, 1114, 1115, 1251, 1252, 1188; DCG 27; CT 32, 33; Puebla 304)¹⁷⁵.

3.3.10. Esperança escatológica e comunhão final com Deus

279. A caminhada terrena da comunidade cristã não se faz na incerteza, pois já possuímos na esperança aquilo que possuiremos em plenitude na consumação da História. Por isso, embora peregrinos, caminhamos com segurança, e disso damos testemunho. O caminho que percorremos já foi percorrido por Cristo, pelos Santos, especialmente pelos santos da América Latina: os que morreram defendendo a integridade da fé, a liberdade da Igreja e ser vindo aos pobres. A luz pascal de Cristo ressuscitado, de Nossa Senhora da Glória e dos Santos nos ilumina, nos fortifica e nos aponta a meta final da existência: a realização plena daquela comunhão com Deus, que agora vivemos pela presença do Espírito Santo em nós e pela vida de comunhão com os irmãos.

Por isso nós, ainda peregrinos e conscientes de nossa fragilidade, meditamos o caminhar e a consumação da História, às vezes trágicos, sob o signo da consolação, de esperança e de salutar temor (1Ts 4,18)¹⁷⁶, e assim assumimos nossa parcela de responsabilidade no tocante à nossa sorte futura.

280. Somente no encontro definitivo com o Pai, para além da morte, acharemos a plenitude de comunhão que seria utópico procurar no tempo. Enquanto a Igreja espera a união consumada com seu esposo divino, o Espírito e a Esposa dizem: VEM, SENHOR JESUS (Ap 22,17-20)¹⁷⁷ (cf. Puebla 265, 298, 209-210; DCG 67)¹⁷⁸.

IV. PARTE: A COMUNIDADE CATEQUIZADORA

281. A Catequese é um processo dinâmico e abrangente de educação da fé, um itinerário, e não apenas uma instrução. Na Igreja primitiva, já encontramos essa concepção de Catequese no catecumenato, onde o ensino da Doutrina dos Apóstolos está unido a uma vivência comunitária, à liturgia e a uma prolongada iniciação à vida cristã em diversas etapas.

282. Puebla afirma que devemos empenhar-nos, como educadores da fé das pessoas e comunidades, numa metodologia que inclua, sob forma de processo permanente por etapas sucessivas, a conversão, a fé em Cristo, a vida em comunidade, a vida sacramental e o compromisso apostólico (Puebla 1007)¹⁷⁹.

283. Para uma verdadeira Catequese, não basta planejar o bom andamento de um conjunto de temas. Trata-se, a partir das exigências expostas, de promover a integração da caminhada da comunidade cristã com a mensagem evangélica.

284. É longa essa nossa caminhada à procura do conhecimento e do seguimento de Jesus Cristo. A sua palavra: sejam perfeitos como o Pai é perfeito (Mt 5,48)¹⁸⁰, nunca chega a realizar-se plenamente em nossa vida. Por isso, jamais poderemos parar. A caminhada na educação da fé deve durar a vida toda. Não pode limitar-se a ocasiões e lugares. A Palavra nos chama sempre de novo para a mudança de vida e para a construção do Reino de Deus na vida pessoal, na comunidade e no mundo.

285. No que segue, veremos como grupos podem caminhar e desenvolver-se para sempre mais se tornarem comunidades catequizadoras: é mais ou menos seguindo estes passos, que muitas Comunidades Eclesiais de Base se formaram no Brasil.

286. Apresentamos uma descrição lógica e idealizada, que nem sempre se verifica desta forma na realidade.

287. Depois examinaremos também como agir no caso de ainda não haver comunidade.

4.1. Exemplo de itinerário catequético de uma comunidade

288. Numa caminhada de comunidade, podemos observar inicialmente que vários elementos estão presentes e interagem. Para fins didáticos, focalizamos aqui somente

quatro elementos: a união entre os membros, a abordagem da realidade, a vida eclesial e a explicitação da fé.

Tais elementos crescem e caminham quando a comunidade caminha. Cada um exerce influência nos outros. Não podemos determinar antecipadamente qual deles caminha primeiro e quanto tempo leva para dar um passo à frente. Cada comunidade tem sua história, própria que deve ser respeitada.

289. 4.1.1. Começa a reunir-se um grupo de pessoas, geralmente de classe popular. As ocasiões que o levam a isso podem ser muitas: Novena de Natal, círculos bíblicos, grupos de preparação do batismo etc. Entre essas pessoas começa a nascer amizade. Elas se reconhecem como membros de um grupo. Visitam-se, cumprimentam-se na rua; colocam em comum e discutem entre si seus problemas pessoais e familiares. A vida eclesial ainda não tem muitas manifestações: a mais presente é a oração em comum, a leitura da Palavra de Deus.

290. Neste primeiro passo, a explicitação da fé consiste numa geral e pouco aprofundada fé em Deus Pai e em Jesus, e numa devoção a Nossa Senhora e aos Santos. É uma fé cheia de manifestações religiosas populares, e que considera a Bíblia como a Palavra de Deus, como a carta que ele escreveu aos homens.

291. 4.1.2. Geralmente essa fé na Palavra de Deus leva rapidamente o grupo a dar um novo passo. O povo, que não conseguiu ligar muitas vezes o catecismo com a vida, consegue ligar a Bíblia com o dia-a-dia. Se o que está escrito vem de Deus, devemos colocá-lo em prática.

292. Neste momento, a figura de Jesus tem mais peso. A fé se torna mais explícita. Cristo é visto como modelo de vida e mestre da verdade.

293. Isso faz caminhar o elemento união, que assume as características de colaboração e solidariedade entre os membros. Aparecem pequenos serviços, como visita aos enfermos, ajuda aos pobres.

294. Progride também a vida eclesial: a oração pelos outros, a legitimação dos casamentos, a primeira comunhão dos adultos, a assistência sacramental a doentes e velhos, o terço em família, as pequenas celebrações no dia das mães, dos pais, dos mortos, as novenas etc. Às vezes, o culto ou a missa são vividos como momentos agradáveis de união e amizade e se dá importância maior aos gestos: abraços de paz, preparação das oferendas etc.

295. Os problemas pessoais passam a ser vistos numa dimensão maior: começa-se a discutir o custo de vida, o atendimento médico, o transporte etc.

296. 4.1.3. Esse elemento, a realidade social, leva a um terceiro passo: ver os problemas em dimensão cada vez mais ampla. O grupo, que aos poucos se torna comunidade, procura conhecer as raízes sociais do mal que a atinge: o porquê da situação de opressão e injustiça. Entra o elemento da formação social da consciência cristã. Discute-se política, economia, multinacionais, capitalismo, comunismo etc. Vai-se à procura de peritos que ajudem a conhecer melhor a doutrina social da Igreja e os mecanismos de organização da sociedade.

297. A união da comunidade começa a manifestar-se em gestos públicos de solidariedade social e comunitária: abaixo-assinados, defesa dos direitos humanos, em particular dos pobres, denúncias, pequenas organizações populares, mutirões, caixinhas de saúde etc.

298. A fé também caminha. Procuram-se cursinhos bíblicos para conhecer o plano de Deus sobre o mundo e a sociedade. Jesus Cristo é visto como profeta que se posiciona, sem medo de falar a verdade. É o amigo dos homens, especialmente dos pobres.

299. A vida eclesial adquire novo aspecto. Os membros do grupo tornam-se mais ativos na vida paroquial e assumem certas lideranças na comunidade maior. As celebrações se tornam, pouco a pouco, celebrações ligadas à vida e aos acontecimentos. As pessoas fazem questão de participar de encontros e retiros. A própria contemplação do mistério de Cristo no decorrer do ano litúrgico, começa a ter aqui o seu espaço.

300. 4.1.4. O passo que os membros da comunidade procuram dar em seguida é o mais difícil e o que desperta maiores preocupações. É o momento em que assumem tarefas sindicais, políticas, empresariais, diluindo-se no meio dos homens, como o sal na água. Nem por isso deixam de pertencer à comunidade e de participar de sua vida. Mas o fato de não mais se ver o sal, gera inquietação em alguns cristãos mais preocupados com a vida interna da Igreja. Eles não percebem que os cristãos, como cidadãos do mundo, têm uma missão irrenunciável nas diversas instituições do mundo social e político, para que aí se realize o Reino de Deus.

301. Em nome do Evangelho, a comunidade eclesial deve iluminar pela Fé os projetos históricos, políticos, econômicos, culturais do mundo, promovendo a inviolável dignidade do homem, sua responsabilidade em face do bem comum. Mas a comunidade, enquanto Igreja, não se liga diretamente a um projeto histórico, especialmente na política. Pelo anúncio do Evangelho, ela se evidencia como portadora de critérios que a colocam acima de qualquer projeto. Também a CEB vive a tensão existencial de solidariedade com projetos concretos, e ao mesmo tempo se distancia deles por sua posição crítica e profética (cf. "As Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil" n.73-77 CNBB, Doc. 25)¹⁸¹.

302. Nesse momento, a comunidade participa do processo de libertação do povo. Ela sabe que a transformação da sociedade não é tarefa exclusiva dos movimentos comunitários eclesiais. Sente o dever de colaborar com movimentos populares, como sindicatos, associações de bairro, partidos políticos etc. Os cristãos da comunidade entram em contato e colaboram com pessoas de outros credos e de outras ideologias. Confrontam-se com novos projetos e novas maneiras de agir.

A leitura da realidade social se torna política e global. Discutem-se os métodos de ação, as diferentes estratégias. Por outro lado, este é um momento realmente catequético: o momento de uma adesão de fé explícita e madura. É o momento em que a comunidade e o cristão são interpelados a manter e aprofundar sua própria identidade cristã: que é mesmo que nos faz cristãos? O que temos de original para oferecer à humanidade que procura libertar-se?

303. A presença dos Pastores, neste momento, é decisiva para a sorte das comunidades. Os Bispos devem ajudar as comunidades, para que não se deixem instrumentalizar, para saberem discernir o que é específico para o cristão na linha da libertação integral do homem. Para que na sua luta, ao lado de outros que não professam nossa fé católica, saibam manter-se fiéis na sua adesão a Jesus Cristo e à Igreja.

304. Nesse processo, manifesta-se para o cristão uma importante dimensão do homem perante Deus: a do homem pecador, que sem Jesus nada pode fazer, mas que nele tudo pode. O tomar consciência do pecado é o passo verdadeiro e insubstituível que conduz a uma adesão adulta e firme a Jesus Cristo. É o momento da maturidade da fé, quando Cristo é visto e aceito, não só como modelo a imitar e como profeta, mas como Filho de Deus, Senhor e Salvador, Aquele que tira o pecado do mundo. Tomar consciência do pecado é, então, reconhecê-lo como raiz dos males da sociedade e, mais profundamente, como algo que está enraizado no coração de todo homem, de onde não pode ser arrancado pelo próprio homem, se Cristo não o transforma, criando-lhe um coração novo.

305. Aqui a Catequese organizada encontra seu lugar fundamental. O Povo de Deus: passa a ver os sacramentos como celebração da presença de Jesus no meio da comunidade e como compromisso com o Reino; percebe mais claramente a ação do

Espírito Santo que transforma, renova e envia sua Igreja, instrumento de salvação, para que dê conta do grande serviço que lhe cabe, ou seja, a construção do Reino de Deus; alguns descobrirão sua vocação especial a serviço do Reino, como religiosos ou como ministros; entra no processo de conversão para uma nova maneira de ser, de ver e de se posicionar diante da realidade: com coração de pobre, que espera de Deus a salvação e não a quer somente para si, mas para todos vilegiados da salvação oferecida por Deus ao mundo; ao lado dos pobres e a serviço deles, como povo pobre por causa do Reino de Deus; aplica-se à contemplação de Maria e dos Santos, procurando neles encontrar a mística dos pobres de Deus.

306. Em suma, progredindo nessa caminhada, o cristão descobre alguns aspectos essenciais de sua identidade:

- a consciência do pecado "Afasta-te de mim que sou pecador";
- a consciência da missão que Deus lhe dá e que lhe supera as forças "Vem, eu te farei pescador de homens";
- a certeza de que Cristo vive no cristão "Não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim";
- a descoberta de Cristo no irmão, pela prática concreta da caridade "O que fizestes a um desses mais pequenos, é a mim que o fizestes".

307. A fé da comunidade, até aqui não suficientemente adulta, manifesta-se agora como adesão total a Cristo. A vida eclesial adquire dimensões mais profundas. As celebrações se tornam expressões da Aliança com Deus Salvador que nos fez salvadores com ele.

308. Assumindo serviços e ministérios na comunidade, os cristãos descobrem mais profundamente a importância do ministério dos Pastores. Tornam-se missionários, porque o Evangelho e sua realização constituem para todos os cristãos a razão de viver.

309. 4.1.5. Todavia, para chegar a este ponto, não se pode marcar tempo. No primeiro passo, já está contido o último. Em todos os passos, o Senhor caminha com sua comunidade e a precede. O último passo será a consumação, no fim dos tempos, quando a união chegar, pela força e presença de Deus, a ser plena comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No Reino definitivo de Deus, a realidade será transformada em novos céus e nova terra. A vida eclesial será o Paraíso, e já não será necessária a explicação da fé. Sabemos que, quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal qual ele é (1Jo 3,2)¹⁸².

310. A Catequese se faz ao longo de toda esta caminhada da comunidade. Nela se aprofunda a experiência do Deus vivo que caminha com seu povo e o conduz à salvação.

4.2. Que fazer quando ainda não existe comunidade?

311. Até aqui vimos um exemplo de como pode desenvolver-se o processo catequético, através da interação entre a caminhada de uma comunidade concreta e a mensagem evangélica. Mas, o que fazer quando ainda não existe comunidade assim?

312. Muitas vezes encontramos pessoas, praticamente sem ligação com uma comunidade eclesial de base nem com a paróquia local. São pessoas batizadas, mas de fé ainda não esclarecida. Para eles também impõe-se um trabalho missionário da comunidade local. Para isso se há que utilizar uma gama quase infinita de meios, a começar pela pregação explícita, como é óbvio, mas também passando pela arte, pelos contatos e interesses no campo das ciências e das inquietações filosóficas, e até ao recurso legítimo aos sentimentos do coração do homem (cf. EN 51)¹⁸³.

313. Aparecem também, e convém provocá-las ocasiões especiais em que o povo já se reúne em vista de um objetivo comum. Será a construção ou reforma de uma igreja, o auxílio a uma Igreja irmã. Serão problemas da comunidade local: água, esgoto, luz,

calçamento, expulsão de posseiros, remoção de favelas, situação de empregadas domésticas, lutas sindicais...

314. Tudo servirá para começar uma caminhada de comunidade, mesmo que inicialmente só se possa falar de um grupo de cristãos. Contudo, já será possível integrar, às vezes até sistematicamente, sólidos elementos da Mensagem Cristã.

315. Outras vezes teremos algum tipo de grupo mais característico de Igreja. O povo que se reúne para a missa dominical vai constituindo, aos poucos, uma espécie de comunidade. Assim também, o grupo que se prepara para o batismo, a crisma e o casamento, para a Campanha da Fraternidade, o Mês da Bíblia, a Novena de Natal, a Semana Santa, como ainda os grupos especializados de Movimentos leigos. O importante é que se aproveitem todas as ocasiões para iniciar uma caminhada catequética em comunidade.

316. O ideal comunitário poderá assim tornar-se cada vez mais presente, ao menos como perspectiva e esforço. De fato, a comunidade é condição indispensável para uma Catequese permanente.

CONCLUSÃO

317. Ao concluirmos estas Orientações para a Catequese Renovada, procuramos explicitar os rumos históricos da Catequese, seus princípios, exigências, seus temas, sua perspectiva comunitária.

318. Reafirmamos que a Catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da Fé. Sua finalidade é a maturidade da Fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar na vida eterna feliz.

319. Para vivermos esse processo e alcançarmos essa finalidade em nossas Igrejas, invocamos o Espírito Santo, primeiro agente de toda a Evangelização. Pensando na multidão dos pobres e simples que têm verdadeira sede de Deus, recordamos agradecidos o papel da Nossa Senhora sob o título de Aparecida, a grande Catequista que sustenta a fé e a esperança do povo brasileiro.

Nota:1

1Cor 11,17-29: "Dito isso, não posso elogiar vocês, porque as suas assembléias, em vez de ajudá-los a progredir, os prejudicam. Antes de tudo, ouço dizer que, quando estão reunidos em assembléia, há divisões entre vocês. E, em parte, eu acredito nisso. É preciso mesmo que haja divisões entre vocês, a fim de que se veja quem dentre vocês resiste a essa prova. De fato, quando se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor, porque cada um se apressa em comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. Será que vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a Igreja de Deus e querem envergonhar aqueles que nada têm? O que vou dizer para vocês? Devo elogiá-los? Não! Nesse ponto não os elogio.

De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês: Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: 'Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim.' Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice, dizendo: 'Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que vocês beberem dele, façam isso em memória de mim.' Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha.

Por isso, todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Portanto, cada um examine a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice, pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação".

Nota:2

Ef 1,3-14: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: Ele nos abençoou com toda bênção espiritual, no céu, em Cristo. Ele nos escolheu em Cristo antes de criar o mundo para que sejamos santos e sem defeito diante dele, no amor.

Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo, conforme a benevolência de sua vontade, para o louvor da sua glória e da graça que ele derramou abundantemente sobre nós por meio de seu Filho querido. Por meio do sangue de Cristo é que fomos libertos e nele nossas faltas foram perdoadas, conforme a riqueza da sua graça. Deus derramou sobre nós essa graça, abrindo-nos para toda sabedoria e inteligência. Ele nos fez conhecer o mistério da sua vontade, a livre decisão que havia tomado outrora de levar a história à sua plenitude, reunindo o universo inteiro, tanto as coisas celestes como as terrestres, sob uma só Cabeça, Cristo. Em Cristo recebemos nossa parte na herança,

conforme o projeto daquele que tudo conduz segundo a sua vontade: fomos predestinados a ser o louvor da sua glória, nós, que já antes esperávamos em Cristo. Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o Evangelho que os salva. Em Cristo, ainda, vocês acreditaram, e foram marcados com o selo do Espírito prometido, o Espírito Santo, que é a garantia da nossa herança, enquanto esperamos a completa libertação do povo que Deus adquiriu para o louvor da sua glória.

Rm 1,8: “Antes de tudo, dou graças ao meu Deus por meio de Jesus Cristo por causa de vocês, pois a fama da fé que vocês têm se espalhou pelo mundo inteiro”.

Rm 16,27: “A Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo, seja dada a glória para sempre. Amém!”.

1Cor 1,2-3: “Dirigimo-nos àqueles que foram santificados em Jesus Cristo e chamados a ser santos, juntamente com todos os que invocam em todo lugar o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. Graça e paz a vocês da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”.

Nota:3

cf. **CT, n.12:** “A Igreja, por sua vez, continua esta missão de magistério dos Apóstolos e dos seus primeiros colaboradores. Fazendo-se ela própria, dia a dia, discípula do Senhor, por um justo motivo é chamada Mãe e Mestra. Desde São Clemente de Roma até Orígenes, a época pós-apostólica viu aparecer obras notáveis. Assistiu-se depois a este fato impressionante: Bispos e Pastores, dentre os mais prestigiosos, sobretudo nos séculos III e IV, consideraram como uma parte importante do seu ministério episcopal proferir instruções ou escrever tratados catequéticos. É então a época de um Cirilo de Jerusalém e de um João Crisóstomo, de um Ambrósio e de um Agostinho; nesse período, de fato, viu-se florescer, devidas à pena de numerosos Padres da Igreja, obras que ainda hoje continuam a ser modelos para nós.

No entanto, como seria possível estar aqui a evocar, ainda que muito brevemente, a catequese que esteve na base da difusão e da caminhada da Igreja ao longo das diversas épocas da história, em todos os continentes sociais e culturais mais variados? Certamente que as dificuldades não faltam. Contudo, a Palavra do Senhor prosseguiu o seu curso através dos séculos, difundindo-se e foi honrada, segundo as palavras do Apóstolo São Paulo”.

Nota:4

cf. **CT, n.13:** “O Ministério da catequese foi haurir energias sempre renovadas nos Concílios. O Concílio de Trento constituiu neste aspecto um exemplo a realçar: nas suas constituições e decreto, de fato, deu uma prioridade à catequese; ele está na origem do Catecismo Romano, que tem também o nome de Tridentino e que constitui uma obra de primeiro plano como resumo da doutrina cristã e da teologia tradicional, para uso do sacerdote; o mesmo Concílio suscitou na Igreja uma organização da catequese digna de nota; estimulou o clero para o cumprimento dos seus deveres de ensino catequético; e foi determinante, ainda, para publicação de catecismos, obras de santos Teólogos, tais como São Carlos Borromeu, São Roberto Belarmino, ou São Pedro Canisio, escritos que são verdadeiro modelos para aquele tempo. Oxalá que o Concílio Vaticano II possa suscitar em nossos dias uma animação e uma obra semelhantes.

As missões constituem também um terreno privilegiado para aí a catequese ser posta em prática. Assim, passado quase dois mil anos, o povo de Deus não cessou de ser educado na fé, segundo formas adaptadas à diversas condições dos fiéis e às múltiplas conjunturas eclesiais.

A catequese anda intimamente ligada com toda a vida da Igreja. Não é somente a extensão geográfica e o aumento numérico, mas também e mais ainda, o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência ao designio de Deus que dependem da mesma catequese. À luz daquelas experiências que acabam de ser evocadas, num olhar retrospectivo para a história da Igreja, numerosas lições entre muitas outras merecem ser postas em evidências”.

Nota:5

cf. **Puebla 978-986:** “O florescimento da ação catequética nos diversos países, mediante novas e ricas experiências, como por exemplo:

979. Um esforço sincero para integrar a vida com a fé, a história humana com a história da salvação, a situação humana com a doutrina revelada, a fim de que o homem consiga a sua verdadeira libertação.

980. Uma pedagogia catequética positiva, que parte da pessoa de Cristo para chegar a seus preceitos e conselhos.

981. Um amor mais acendrado à Sagrada Escritura, como fonte principal da catequese.

982. Uma educação baseada no sentido construtivo da pessoa e da comunidade, numa visão cristã.

983. Um redescobrimto da dimensão comunitária da catequese, de sorte que a comunidade eclesial está se tornando responsável pela catequese em todos os níveis: na família, na paróquia, nas Comunidades Eclesiais de Base, na comunidade escolar e na organização diocesana e nacional.

984. Uma tomada de consciência cada vez maior de que a catequese é um processo dinâmico, gradual e permanente de educação na fé.

985. Um aumento de institutos para a formação de catequistas, em muitas partes e em todos os níveis: diocesanos, nacionais e internacionais.

986. Uma proliferação de textos de catecismo. Isto, às vezes é positivo, outras é negativo, na medida em que são parciais ou não renovados”.

Nota:6

cf. **CDC, Cãn. 773:** “É dever próprio e grave, sobretudo dos pastores de almas, cuidar da catequese do povo cristão, para que a fé dos fiéis, pelo ensino da doutrina e pela experiência da vida cristã, se torne viva, explícita e atuante”.

Nota:7

DV, n.2: “Quis Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade (cf. Ef 1, 9): os homens têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo encarnado, no Espírito Santo (cf. Ef 2, 18; 2 Pd 1, 4).

Deus, invisível (Cl 1, 15; 1Tm 1, 17), revela-se por causa do seu muito amor, falando aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14s) e conversando com eles (cf. Br 3, 38), para convidá-los a estarem com ele no seu convívio.

A economia da revelação implica gestos e palavras intimamente ligados entre si. Os acontecimentos realizados por Deus na história da salvação manifestam e confirmam os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. As palavras, por sua vez, proclamam os acontecimentos e iluminam o mistério neles contido. A verdade profunda a respeito de Deus e da salvação humana brilha em Cristo, que é, ao mesmo tempo, mediador e plenitude da revelação”.

Nota:8

cf. **DV, n.2:** “Quis Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade (cf. Ef 1, 9): os homens têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo encarnado, no Espírito Santo (cf. Ef 2, 18; 2 Pd 1, 4).

Deus, invisível (Cl 1, 15; 1Tm 1, 17), revela-se por causa do seu muito amor, falando aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14s) e conversando com eles (cf. Br 3, 38), para convidá-los a estarem com ele no seu convívio.

A economia da revelação implica gestos e palavras intimamente ligados entre si. Os acontecimentos realizados por Deus na história da salvação manifestam e confirmam os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. As palavras, por sua vez, proclamam os acontecimentos e iluminam o mistério neles contido.

A verdade profunda a respeito de Deus e da salvação humana brilha em Cristo, que é, ao mesmo tempo, mediador e plenitude da revelação”.

Nota:9

cf. **DV, n.2 e 6:** “2. Quis Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade (cf. Ef 1, 9): os homens têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo encarnado, no Espírito Santo (cf. Ef 2, 18; 2 Pd 1, 4).

Deus, invisível (Cl 1, 15; 1Tm 1, 17), revela-se por causa do seu muito amor, falando aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14s) e conversando com eles (cf. Br 3, 38), para convidá-los a estarem com ele no seu convívio.

A economia da revelação implica gestos e palavras intimamente ligados entre si. Os acontecimentos realizados por Deus na história da salvação manifestam e confirmam os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. As palavras, por sua vez, proclamam os acontecimentos e iluminam o mistério neles contido.

A verdade profunda a respeito de Deus e da salvação humana brilha em Cristo, que é, ao mesmo tempo, mediador e plenitude da revelação”.

6. Pela revelação divina, Deus quis se manifestar e comunicar-se a si mesmo, e a seus decretos sobre a salvação dos seres humanos, ‘chamando-os para participar dos bens divinos, que ultrapassam inteiramente a inteligência humana’.

O Concílio confessa que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão, a partir das coisas criadas (cf. Rm 1, 20).

Deve-se, porém, atribuir à revelação divina a ‘possibilidade, na condição presente do gênero humano, de todos conhecermos facilmente, com certeza e sem erro, as realidades divinas acessíveis à razão humana”.

Nota:10

cf. **LG, n.9:** “Todo aquele que pratica a justiça é acolhido por Deus (cf. At 10, 35), em qualquer situação, tempo ou lugar. Deus quis entretanto santificar e salvar os homens não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que os unem, mas constituiu um povo para reconhecê-lo na verdade e servi-lo na santidade.

Escolheu então o povo judeu, fez com ele uma aliança e o foi instruindo gradativamente. Manifestou-se-lhe revelando sua vontade através da história e o santificando para si.

Tudo isso, porém, era preparação e prenúncio da nova aliança, perfeita, a ser realizada em Cristo, Revelação plena, que seria selada pelo próprio Verbo de Deus encarnado. Virão os dias, diz o Senhor, que farei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança... Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração. Serei o Deus deles e eles serão o meu povo... Porque todos, grandes e pequenos, me conhecerão (Jr 31, 31-34).

Foi Cristo quem instituiu essa nova aliança, testamento novo, firmado com seu sangue (cf. 1Cor 11, 25), reunindo judeus e pagãos na unidade de um só povo, não segundo a raça, mas segundo o Espírito: o povo de Deus. Os fiéis renascem em Cristo pela palavra de Deus vivo (cf. 1Pd 1, 23), que não está sujeita à corrupção como o está a geração humana. Renascem não da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cf. Jo 3, 5-6). Constituem, assim, uma raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido (...) que antes não era povo, mas se tornou povo de Deus (1Pd 2, 9-10).

Cristo é a cabeça desse povo messiânico. Foi entregue à morte pelos nossos pecados, mas ressuscitou, para nos tornar justos (cf. Rm 4, 25). Seu nome reina agora gloriosamente no céu, acima de todo nome. A condição desse povo messiânico é a da dignidade e da liberdade dos filhos de Deus, em cujo coração habita, como num templo, o Espírito Santo. Sua lei é o mandamento novo: amar assim como Cristo nos amou (cf. Jo 13, 34). Seu objetivo, o reino de Deus iniciado na terra pelo próprio Deus e destinado a crescer até o fim dos séculos. Deus então o consumará com a vinda de Cristo, nossa vida (cf. Cl 3, 4) e a libertação da criatura da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus (Rm 8, 21).

É verdade que o povo messiânico não reúne, de fato, todos os homens. Às vezes parece até não ser senão um grupo insignificante. Mesmo assim é princípio eficaz de unidade, esperança e salvação para todo o gênero humano. Cristo o estabeleceu na comunhão da vida, do amor e da verdade. Assumiu-o como instrumento de redenção universal e o estabeleceu como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16), enviando-o a todo o universo.

Caminhando no deserto, Israel merece, desde então, o nome de igreja de Deus (cf. Esd 13, 1; Nm 20, 4; Dt 23, 1). Da mesma forma, o novo Israel, que caminha na história, em direção à cidade futura que não passa (cf. Hb 13, 14), pode ser chamado Igreja de Cristo (cf. Mt 16, 18), pois foi adquirido com seu sangue (cf. At 20, 28) e Cristo o cumulou de seu Espírito, dotando-o de todos os recursos necessários ao convívio social visível. Deus constituiu como Igreja a reunião de todos os que reconhecem Jesus como autor da salvação, princípio de unidade e de paz. A Igreja é assim, para todos e para cada um dos homens em particular, o sacramento visível da unidade da salvação: estende-se a todas as latitudes e penetra toda a história humana, sem deixar de transcender a todos os tempos e limites.

A Igreja se alimenta da força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor e caminha assim através de muitas tentações e sofrimentos. Apesar da fraqueza da carne, não deixará de ser fiel a seu Senhor, como esposa digna. Renova-se constantemente sob a ação do Espírito Santo, até que chegue, através da cruz, ao dia sem ocaso da ressurreição”.

Nota:11

Dt 8,5: “Portanto, reconheça em seu coração que Javé seu Deus educava você como o homem educa o próprio filho”.

Nota:12

cf. **DV, n.15:** “A economia do Antigo Testamento visava, principalmente, à preparação, ao anúncio profético (cf. Lc 24,44; Jo 5,39; 1Pd 1,10) e à prefiguração (cf. 1Cor 10,11) da vinda de Cristo, redentor do universo, e do reino messiânico.

Os livros do Antigo Testamento manifestam a todos o conhecimento de Deus e do homem, e como Deus é justo e misericordioso para com os homens, mesmo nas condições em que se encontrava o gênero humano antes que Cristo realizasse a salvação. Demonstram a pedagogia divina, apesar dos aspectos imperfeitos e provisórios que contêm. Devem pois ser acolhidos pelos cristãos com devoção. Expressam um profundo sentido de Deus. Contêm, especialmente em suas orações, sublimes e admiráveis tesouros a respeito do conhecimento de Deus e da sabedoria, tão salutar para a vida humana. Acenam, enfim, veladamente, para o mistério de nossa salvação”.

Nota:13

cf. **Dt 4,10:** “No dia em que você estava diante de Javé seu Deus no Horeb, Javé me disse: ‘Reúna o povo junto a mim, para que eu os faça ouvir minhas palavras e aprendam a me temer enquanto viverem sobre a terra, e as ensinem a seus filhos’”.

Dt 11,19: “Vocês devem ensiná-las a seus filhos, falando delas sentado em casa e andando pelo caminho, deitado e de pé”.

Nota:14

Ex 3,1-15: “Moisés estava pastoreando o rebanho do seu sogro Jetro, sacerdote de Madiã. Levou as ovelhas além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Deus. O anjo de Javé apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas não se consumia. Então Moisés pensou: “Vou chegar mais perto e ver essa coisa estranha: por que será que a sarça não se consome?” Javé viu Moisés que se aproximava para olhar. E do meio da sarça Deus o chamou: “Moisés, Moisés!” Ele respondeu: “Aqui estou”. Deus disse: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado”. E continuou: “Eu sou o Deus de seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”. Então Moisés cobriu o rosto, pois tinha medo de olhar para Deus.

Javé disse: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, descí para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam. Por isso, vá. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel”.

Então Moisés disse a Deus: “Quem sou eu para ir até o Faraó e tirar os filhos de Israel lá do Egito?” Deus respondeu: “Eu estou com você, e este é o sinal de que eu o envio: quando você tirar o povo do Egito, vocês vão servir a Deus nesta montanha”.

Moisés replicou a Deus: “Quando eu me dirigir aos filhos de Israel, eu direi: ‘O Deus dos antepassados de vocês me enviou até vocês’; e se eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’ O que é que eu vou responder?” Deus disse a Moisés: “Eu sou aquele que sou”. E continuou: “Você falará assim aos filhos de Israel: ‘Eu Sou me enviou até vocês’”. Deus disse ainda a Moisés: “Você falará assim aos filhos de Israel: ‘Javé, o Deus dos antepassados de vocês, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, foi quem me enviou até vocês’. Esse é o meu nome para sempre, e assim eu serei lembrado de geração em geração”.

Nota:15

cf. **Is 40,25-28:** “Vocês, por acaso, podem me comparar com alguém que se pareça de verdade comigo? pergunta o Santo. Ergam os olhos para o céu e observem: quem criou tudo isso? Aquele que organiza e põe em marcha o exército das estrelas, chamando cada uma pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão firme é a sua força, que ninguém deixa de se apresentar.

Jacó, por que você anda falando, e você, Israel, por que anda dizendo: “Javé desconhece o meu caminho e o meu Deus ignora a minha causa”? Pois você não sabe? Acaso não ouviu falar? Javé é o Deus eterno; foi ele quem criou os confins do mundo. Ele não se cansa, nem se fatiga, e sua inteligência é insondável”.

Is 44,24: “Assim diz Javé, o seu redentor, que formou você desde o ventre de sua mãe: Eu sou Javé, que faço tudo: sozinho, eu estendi o céu e firmei a terra. Quem estava comigo?”.

Nota:16

Gn 6,19: “Tome um casal de cada ser vivo, isto é, macho e fêmea, e coloque-os na arca, para que conservem a vida juntamente com você”.

Gn 9,9: “‘Eu estabeleço a minha aliança com vocês e com seus descendentes’”.

Nota:17

Gn 17,2: “‘Vou fazer uma aliança entre mim e você, e o multiplicarei sem medida’”.

Nota:18

Ex 19,5: “Portanto, se me obedecerem e observarem a minha aliança, vocês serão minha propriedade especial entre todos os povos, porque a terra toda pertence a mim”.

Ex 24,7: “Pegou o livro da aliança e o leu para o povo. Eles disseram: ‘Faremos tudo o que Javé mandou e obedeceremos’”.

Nota:19

2Sm 23,5: “Minha casa está firme junto a Deus, pois sua aliança comigo é para sempre, em tudo ordenada e bem segura. Ele fará prosperar meus desejos de salvação”.

Nota:20

Dt 6,20-23: “Amanhã seu filho vai lhe perguntar: ‘O que significam esses testemunhos, estatutos e normas que Javé nosso Deus ordenou a vocês?’ Então você responderá a seu filho: ‘Nós éramos escravos do Faraó no Egito, mas Javé nos tirou do Egito com mão forte. Diante dos nossos olhos Javé realizou sinais e prodígios grandes e terríveis contra o Egito, contra o Faraó e toda a sua corte. Quanto a nós, porém, ele nos tirou de lá para nos introduzir aqui e nos dar a terra que havia prometido a nossos antepassados’.

Dt 26,5-9: “Então você, tomando a palavra, dirá diante de Javé seu Deus: ‘Meu pai era um arameu errante: ele desceu ao Egito e aí residiu com poucas pessoas. Depois tornou-se uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém, nos maltrataram e humilharam, impondo uma dura escravidão sobre nós. Clamamos então a Javé, Deus dos nossos antepassados, e Javé ouviu a nossa voz. Ele viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E Javé nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios. E nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra: uma terra onde corre leite e mel’.

Nota:21

cf. **DV, n.4:** “Depois de falar muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, Deus “nos falou agora pelo Filho” (Hb 1,1s). Enviou seu Filho, Verbo eterno, que ilumina todos os seres humanos, para morar entre nós e falar-nos da vida de Deus (cf. Jo 1,1-18).

Verbo encarnado, “homem enviado aos seres humanos”, Jesus Cristo “fala as palavras de Deus” (Jo 3,4) e realiza a obra da salvação, de que foi encarregado pelo Pai (Jo 5,36; 17,14). Quem o vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). Por sua presença, por suas palavras e ações, por seus sinais e milagres e, especialmente por sua morte, gloriosa ressurreição e missão do Espírito da verdade, Jesus Cristo completa a revelação e a confirma com testemunho divino: Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna.

A “economia” cristã, aliança nova e definitiva, jamais passará. Não se deve esperar nenhuma nova revelação pública antes da vinda gloriosa de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Tm 6,14; Tt 2,13)”.

Nota:22

Jo 1,14: “E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade”.

Nota:23

Jo 14,6: “Jesus respondeu: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim”.

Nota:24

cf. **DV, n.4:** “Depois de falar muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, Deus “nos falou agora pelo Filho” (Hb 1,1s). Enviou seu Filho, Verbo eterno, que ilumina todos os seres humanos, para morar entre nós e falar-nos da vida de Deus (cf. Jo 1,1-18).

Verbo encarnado, “homem enviado aos seres humanos”, Jesus Cristo “fala as palavras de Deus” (Jo 3,4) e realiza a obra da salvação, de que foi encarregado pelo Pai (Jo 5,36; 17,14). Quem o vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). Por sua presença, por suas palavras e ações, por seus sinais e milagres e, especialmente por sua morte, gloriosa ressurreição e missão do Espírito da verdade, Jesus Cristo completa a revelação e a confirma com testemunho divino: Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna.

A “ec,onomia” cristã, aliança nova e definitiva, jamais passará. Não se deve esperar nenhuma nova revelação pública antes da vinda gloriosa de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Tm 6,14; Tt 2,13)”.

Nota:25

Jo 15,15: “Eu já não chamo vocês de empregados, pois o empregado não sabe o que seu patrão faz; eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi de meu Pai”.

cf. **DV, n.7:** “Cheio de bondade, Deus estabeleceu que a revelação destinada a todos os povos se mantivesse na sua integridade através dos tempos e fosse transmitida a todas as gerações.

Por isso, o Cristo Senhor, em quem se completou toda a revelação de Deus altíssimo (cf. 2Cor 1, 20), comunicou aos apóstolos os dons divinos e os encarregou de pregar a todos o Evangelho prometido aos profetas, por ele cumprido e promulgado por sua própria boca, como a fonte da verdade salutar e a expressão da correta maneira de viver.

Essa disposição foi fielmente cumprida. Primeiro pelos apóstolos que haviam aprendido diretamente com as palavras, o convívio e a atuação de Cristo e pela ação do Espírito Santo o transmitiram pela pregação, pelo exemplo e pelas instituições que criaram. Depois, pelos apóstolos e homens apostólicos que, sob inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação: ‘Para conservar o Evangelho íntegro e vivo na Igreja, os apóstolos deixaram os bispos como seus sucessores, transmitindo-lhes o lugar que ocupavam no magistério’ (Irineu, *Adv. haer.*, III, 3, 1: *PG 7,848*; Harvey, 2, p.9).

Esta Tradição sagrada, juntamente com a Escritura dos dois Testamentos são o espelho em que a Igreja peregrina contempla Deus, de quem tudo recebeu, enquanto não chega a vê-lo face a face (cf. 1Jo 3, 2)”.

Nota:26

Mt 11,25: “Naquele tempo, Jesus disse: Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos”.

Nota:27

cf. **DV 8c:** “Por este caminho, a pregação apostólica, expressa de modo especial nos livros inspirados, se conservará sem quebra de continuidade até o fim dos tempos.

Transmitindo o que receberam, os apóstolos exortam os fiéis a guardar as tradições em que foram iniciados oralmente ou por escrito (cf. 2Ts 2,15) e a lutar pela fé que abraçaram para sempre (cf. Jd 3). Aos apóstolos foi, na realidade, transmitido tudo que contribui para que o povo de Deus leve uma vida santa e cresça na fé. Assim, a Igreja, na sua doutrina, na sua vida e no seu culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo que é e tudo em que crê.

A Tradição dos apóstolos, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolve-se na Igreja. Amplia-se a percepção das realidades e das palavras, quer pela contemplação e pelo estudo dos fiéis, que as guardam em seu coração (cf. Lc 2,19.51), quer pela compreensão que provém da experiência das coisas espirituais, quer ainda pela pregação daqueles que, sucedendo aos apóstolos, receberam o carisma de certificar a verdade. De fato a Igreja, através dos séculos, tende constantemente à plenitude da verdade divina, até que se realizem totalmente nela as palavras de Deus.

Os ensinamentos dos santos padres são testemunhas da presença desta Tradição vivificadora, cuja riqueza alimenta, na prática, a vida da Igreja orante e fiel.

A mesma Tradição dá a conhecer à Igreja o cânon das Escrituras Sagradas, faz com que sejam nela cada vez melhor compreendidas e sempre colocadas em prática. Dessa forma, Deus, que falou no passado, conversa hoje incessantemente com a esposa de seu Filho. O Espírito Santo mantém viva, na Igreja, a voz do Evangelho que, através dela, repercute em todo o mundo, encaminha os fiéis para a plena verdade, fazendo habitar neles a palavra de Cristo, com todas as suas riquezas (cf. Cl 3,16)".

Nota:28

Jo 16,13: "Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer".

Nota:29

cf. **Jo 14,26:** "Mas o Advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse".

Jo 15,26: "O Advogado, que eu mandarei para vocês de junto do Pai, é o Espírito da Verdade que procede do Pai. Quando ele vier, dará testemunho de mim".

Jo 16,13-14: "Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer. O Espírito da Verdade manifestará a minha glória, porque ele vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês".

At 2,17-36: "‘Nos últimos dias, diz o Senhor, eu derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas. Os filhos e filhas de vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonhos. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão. Farei prodígios no alto do céu, e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. O sol se transformará em trevas, e a lua em sangue, antes que chegue o dia do Senhor, dia grande e glorioso. E todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.’

Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem. E Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, e vocês, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte, porque não era possível que ela o dominasse. De fato, Davi assim falou a respeito de Jesus: ‘Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque ele está à minha direita, para que eu não vacile. Por isso, meu coração se alegra, minha língua exulta e minha carne repousa com esperança. Porque não me abandonarás na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção. Tu me ensinaste os caminhos da vida, e me encherás de alegria na tua presença.’

Irmãos, quanto ao patriarca Davi, permitam que eu lhes diga com franqueza: ele morreu, foi sepultado e seu túmulo está entre nós até hoje. Mas, ele era profeta, e sabia que Deus lhe havia jurado solenemente fazer com que um descendente seu lhe sucedesse no trono. Por isso, previu a ressurreição de Cristo e falou: ‘ele não foi abandonado na região dos mortos, e a sua carne não conheceu a corrupção.’

Deus ressuscitou a este Jesus. E nós todos somos testemunhas disso. Ele foi exaltado à direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito prometido e o derramou: é o que vocês estão vendo e ouvindo. De fato, Davi não subiu ao céu, mas falou: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, até que eu faça de seus inimigos um lugar para apoiar seus pés.’

Que todo o povo de Israel fique sabendo com certeza que Deus tornou Senhor e Cristo aquele Jesus que vocês crucificaram".

1Cor 2,1-16: "Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria, para anunciar-lhes o mistério de Deus. Entre vocês, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. Estive no meio de vocês cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação não tinham brilho nem artificios para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito, para que vocês acreditassem, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus.

Na realidade, é aos maduros na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo, nem pelas autoridades passageiras deste mundo. Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus, aquela que ele projetou desde o princípio do mundo para nos levar à sua glória. Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria, pois se a tivessem conhecido não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como diz a Escritura: ‘o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, foi isso que Deus preparou para aqueles que o amam.’ Deus, porém, o revelou a nós pelo Espírito.

Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. Quem conhece a fundo a vida íntima do homem é o espírito do homem que está dentro dele. Da mesma forma, só o Espírito de Deus conhece o que está em Deus. Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecermos os dons da graça de Deus.

Para falar desses dons, não usamos a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas a linguagem que o Espírito ensina, falando de realidades espirituais em termos espirituais. Fechado em si mesmo, o homem não aceita o que vem do Espírito de Deus. É uma loucura para ele, e não pode compreender, porque são coisas que devem ser avaliadas espiritualmente. Ao contrário, o homem espiritual julga a respeito de tudo, e por ninguém é julgado. Pois, quem conhece o pensamento do Senhor para lhe dar lições? Nós, porém, temos o pensamento de Cristo".

1Cor 12,3: "Por isso, eu declaro a vocês que ninguém, falando sob a ação do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: "Maldito Jesus!" E ninguém poderá dizer: "Jesus é o Senhor!" a não ser sob a ação do Espírito Santo".

Nota:30

DV, n.8a: "Por este caminho, a pregação apostólica, expressa de modo especial nos livros inspirados, se conservará sem quebra de continuidade até o fim dos tempos.

Transmitindo o que receberam, os apóstolos exortam os fiéis a guardar as tradições em que foram iniciados oralmente ou por escrito (cf. 2Ts 2,15) e a lutar pela fé que abraçaram para sempre (cf. Jd 3). Aos apóstolos foi, na realidade, transmitido tudo que contribuiu para que o povo de Deus leve uma vida santa e cresça na fé.

Assim, a Igreja, na sua doutrina, na sua vida e no seu culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo que é e tudo em que crê.

A Tradição dos apóstolos, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolve-se na Igreja. Amplia-se a percepção das realidades e das palavras, quer pela contemplação e pelo estudo dos fiéis, que as guardam em seu coração (cf. Lc 2,19.51), quer pela compreensão que provém da experiência das coisas espirituais, quer ainda pela pregação daqueles que, sucedendo aos apóstolos, receberam o carisma de certificar a verdade. De fato a Igreja, através dos séculos, tende constantemente à plenitude da verdade divina, até que se realizem totalmente nela as palavras de Deus.

Os ensinamentos dos santos padres são testemunhas da presença desta Tradição vivificadora, cuja riqueza alimenta, na prática, a vida da Igreja orante e fiel.

A mesma Tradição dá a conhecer à Igreja o cânon das Escrituras Sagradas, faz com que sejam nela cada vez melhor compreendidas e sempre colocadas em prática. Dessa forma, Deus, que falou no passado, conversa hoje incessantemente com a esposa de seu Filho. O Espírito Santo mantém viva, na Igreja, a voz do Evangelho que, através dela, repercute em todo o mundo, encaminha os fiéis para a plena verdade, fazendo habitar neles a palavra de Cristo, com todas as suas riquezas (cf. Cl 3,16)".

Nota:31

Jo 3,8: "O vento sopra onde quer, você ouve o barulho, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito".

Nota:32

cf. **DV, n.7-10:** "7. Cheio de bondade, Deus estabeleceu que a revelação destinada a todos os povos se mantivesse na sua integridade através dos tempos e fosse transmitida a todas as gerações.

Por isso, o Cristo Senhor, em quem se completou toda a revelação de Deus altíssimo (cf. 2Cor 1, 20), comunicou aos apóstolos os dons divinos e os encarregou de pregar a todos o Evangelho prometido aos profetas, por ele cumprido e promulgado por sua própria boca, como a fonte da verdade salutar e a expressão da correta maneira de viver.

Essa disposição foi fielmente cumprida. Primeiro pelos apóstolos que haviam aprendido diretamente com as palavras, o convívio e a atuação de Cristo e pela ação do Espírito Santo o transmitiram pela pregação, pelo exemplo e pelas instituições que criaram. Depois, pelos apóstolos e homens apostólicos que, sob inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação.

Para conservar o Evangelho íntegro e vivo na Igreja, os apóstolos deixaram os bispos como seus sucessores, transmitindo-lhes o lugar que ocupavam no magistério.

Esta Tradição sagrada, juntamente com a Escritura dos dois Testamentos são o espelho em que a Igreja peregrina contempla Deus, de quem tudo recebeu, enquanto não chega a vê-lo face a face (cf. 1Jo 3, 2).

8. Por este caminho, a pregação apostólica, expressa de modo especial nos livros inspirados, se conservará sem quebra de continuidade até o fim dos tempos.

Transmitindo o que receberam, os apóstolos exortam os fiéis a guardar as tradições em que foram iniciados oralmente ou por escrito (cf. 2Ts 2, 15) e a lutar pela fé que abraçaram para sempre (cf. Jd 1,3). Aos apóstolos foi, na realidade, transmitido tudo que contribui para que o povo de Deus leve uma vida santa e cresça na fé. Assim, a Igreja, na sua doutrina, na sua vida e no seu culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo que é e tudo em que crê.

A Tradição dos apóstolos, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolve-se na Igreja. Amplia-se a percepção das realidades e das palavras, quer pela contemplação e pelo estudo dos fiéis, que as guardam em seu coração (cf. Lc 2, 19.51), quer pela compreensão que provém da experiência das coisas espirituais, quer ainda pela pregação daqueles que, sucedendo aos apóstolos, receberam o carisma de certificar a verdade. De fato a Igreja, através dos séculos, tende constantemente à plenitude da verdade divina, até que se realizem totalmente nela as palavras de Deus.

Os ensinamentos dos santos padres são testemunhas da presença desta Tradição vivificadora, cuja riqueza alimenta, na prática, a vida da Igreja orante e fiel.

A mesma Tradição dá a conhecer à Igreja o cânon das Escrituras Sagradas, faz com que sejam nela cada vez melhor compreendidas e sempre colocadas em prática. Dessa forma, Deus, que falou no passado, conversa hoje incessantemente com a esposa de seu Filho. O Espírito Santo mantém viva, na Igreja, a voz do Evangelho que, através dela, repercute em todo o mundo, encaminha os fiéis para a plena verdade, fazendo habitar neles a palavra de Cristo, com todas as suas riquezas (cf. Cl 3, 16).

9. A Tradição e as Escrituras se articulam estreitamente e se comunicam entre si. Ambas têm a mesma origem divina, formam de certo modo uma unidade e tendem para o mesmo fim.

A Escritura é palavra de Deus, pois foi escrita sob inspiração do Espírito.

A Tradição é também palavra de Deus. Foi confiada aos apóstolos pelo Cristo Senhor e pelo Espírito Santo e transmitida na íntegra a seus sucessores, que a conservam fielmente em sua pregação, explicam-na e propagam. Assim, a certeza da Igreja a respeito do que foi revelado não depende exclusivamente da Escritura. Deve-se receber e venerar a duas com o mesmo amor e o mesmo respeito.

10. Tradição e Escritura constituem um único depósito sagrado da palavra de Deus, confiada à Igreja. Acolhendo-o, o povo santo, unido a seus pastores, persevera na doutrina dos apóstolos, na comunhão, na fração do pão e nas ininterruptas orações (cf. At 2, 42). Assim, na conservação da fé, na sua prática e no seu desenvolvimento, pastores e fiéis estão sempre sob a mesma inspiração.

Só ao magistério da Igreja, exercido em nome de Cristo, foi confiada a função de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita e transmitida. Não que o magistério se coloque acima da palavra de Deus, de que está, pelo contrário, a serviço. Por disposição divina e assistência do Espírito Santo, ensina unicamente o que foi transmitido, que procura ouvir com piedade, guardar santamente e expor com fidelidade. Vai assim buscar, no depósito da fé, tudo quanto propõe como divinamente revelado.

Tradição, Escritura e Magistério da Igreja, de acordo com a sabedoria divina, estão articulados e de tal forma associados que um não tem consistência sem o outro. Cada um deles contribui eficazmente para a salvação das almas, sob a ação do único Espírito Santo".

Nota:33

2Cor 3,3: “De fato, é evidente que vocês são uma carta de Cristo, da qual nós fomos o instrumento; carta escrita, não com tinta, mas nas tábuas de carne do coração de vocês”.

Nota:34

cf. **DV, n.8:** “Por este caminho, a pregação apostólica, expressa de modo especial nos livros inspirados, se conservará sem quebra de continuidade até o fim dos tempos.

Transmitindo o que receberam, os apóstolos exortam os fiéis a guardar as tradições em que foram iniciados oralmente ou por escrito (cf. 2Ts 2, 15) e a lutar pela fé que abraçaram para sempre (cf. Jd 3). Aos apóstolos foi, na realidade, transmitido tudo que contribui para que o povo de Deus leve uma vida santa e cresça na fé. Assim, a Igreja, na sua doutrina, na sua vida e no seu culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo que é e tudo em que crê.

A Tradição dos apóstolos, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolve-se na Igreja. Amplia-se a percepção das realidades e das palavras, quer pela contemplação e pelo estudo dos fiéis, que as guardam em seu coração (cf. Lc 2, 19.51), quer pela compreensão que provém da experiência das coisas espirituais, quer ainda pela pregação daqueles que, sucedendo aos apóstolos, receberam o carisma de certificar a verdade. De fato a Igreja, através dos séculos, tende constantemente à plenitude da verdade divina, até que se realizem totalmente nela as palavras de Deus.

Os ensinamentos dos santos padres são testemunhas da presença desta Tradição vivificadora, cuja riqueza alimenta, na prática, a vida da Igreja orante e fiel.

A mesma Tradição dá a conhecer à Igreja o cânon das Escrituras Sagradas, faz com que sejam nela cada vez melhor compreendidas e sempre colocadas em prática. Dessa forma, Deus, que falou no passado, conversa hoje incessantemente com a esposa de seu Filho. O Espírito Santo mantém viva, na Igreja, a voz do Evangelho que, através dela, repercute em todo o mundo, encaminha os fiéis para a plena verdade, fazendo habitar neles a palavra de Cristo, com todas as suas riquezas (cf. Cl 3, 16)”.

Nota:35

DV, n.8a: “Por este caminho, a pregação apostólica, expressa de modo especial nos livros inspirados, se conservará sem quebra de continuidade até o fim dos tempos.

Transmitindo o que receberam, os apóstolos exortam os fiéis a guardar as tradições em que foram iniciados oralmente ou por escrito (cf. 2Ts 2,15) e a lutar pela fé que abraçaram para sempre (cf. Jd 3). Aos apóstolos foi, na realidade, transmitido tudo que contribui para que o povo de Deus leve uma vida santa e cresça na fé. Assim, a Igreja, na sua doutrina, na sua vida e no seu culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo que é e tudo em que crê.

A Tradição dos apóstolos, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolve-se na Igreja. Amplia-se a percepção das realidades e das palavras, quer pela contemplação e pelo estudo dos fiéis, que as guardam em seu coração (cf. Lc 2,19.51), quer pela compreensão que provém da experiência das coisas espirituais, quer ainda pela pregação daqueles que, sucedendo aos apóstolos, receberam o carisma de certificar a verdade. De fato a Igreja, através dos séculos, tende constantemente à plenitude da verdade divina, até que se realizem totalmente nela as palavras de Deus.

Os ensinamentos dos santos padres são testemunhas da presença desta Tradição vivificadora, cuja riqueza alimenta, na prática, a vida da Igreja orante e fiel.

A mesma Tradição dá a conhecer à Igreja o cânon das Escrituras Sagradas, faz com que sejam nela cada vez melhor compreendidas e sempre colocadas em prática. Dessa forma, Deus, que falou no passado, conversa hoje incessantemente com a esposa de seu Filho. O Espírito Santo mantém viva, na Igreja, a voz do Evangelho que, através dela, repercute em todo o mundo, encaminha os fiéis para a plena verdade, fazendo habitar neles a palavra de Cristo, com todas as suas riquezas (cf. Cl 3,16)”.

Nota:36

DV, n.9: “A Tradição e as Escrituras se articulam estreitamente e se comunicam entre si. Ambas têm a mesma origem divina, formam de certo modo uma unidade e tendem para o mesmo fim.

A Escritura é palavra de Deus, pois foi escrita sob inspiração do Espírito.

A Tradição é também palavra de Deus. Foi confiada aos apóstolos pelo Cristo Senhor e pelo Espírito Santo e transmitida na íntegra a seus sucessores, que a conservam fielmente em sua pregação, explicam-na e propagam. Assim, a certeza da Igreja a respeito do que foi revelado não depende exclusivamente da Escritura. Deve-se receber e venerar a duas com o mesmo amor e o mesmo respeito”.

Nota:37

DV, n.21: “A Igreja sempre honrou as Escrituras como corpo do Senhor, especialmente na santa liturgia, em cuja mesa não deve faltar nem a palavra de Deus, nem o corpo do Senhor, para serem dados aos fiéis.

A Igreja sempre considerou e considera as Escrituras, juntamente com a sagrada Tradição, sua suprema regra de fé. Inspiradas por Deus e definitivamente escritas, nos comunicam de maneira imutável a palavra do próprio Deus e nos fazem ouvir a voz do Espírito Santo, através dos escritos proféticos e apostólicos.

Toda a pregação eclesial, como a própria religião cristã, deve-se alimentar e ser orientada pela Escritura. Nos livros sagrados, o Pai que está no céu vem amorosamente falar a seus filhos. É tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que ela sustenta e dá vigor à Igreja, corrobora a fé de seus filhos, alimenta a alma, jorra como fonte pura e perene da vida espiritual.

Aplica-se à Escritura o que se lê: A palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4, 12) tem o poder de edificar e de dar a vocês a herança entre todos os santificados (At 20, 32; cf. 1Ts 2, 13)”.

Nota:38

cf. **DV, n.10:** “Tradição e Escritura constituem um único depósito sagrado da palavra de Deus, confiada à Igreja. Acolhendo-o, o povo santo, unido a seus pastores, persevera na doutrina dos apóstolos, na comunhão, na fração do pão e nas ininterruptas orações (cf. At 2, 42). Assim, na conservação da fé, na sua prática e no seu desenvolvimento, pastores e fiéis estão sempre sob a mesma inspiração.

Só ao magistério da Igreja, exercido em nome de Cristo, foi confiada a função de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita e transmitida. Não que o magistério se coloque acima da palavra de Deus, de que está, pelo contrário, a serviço. Por disposição divina e assistência do Espírito Santo, ensina unicamente o que foi transmitido, que procura ouvir com piedade, guardar santamente e expor com fidelidade. Vai assim buscar, no depósito da fé, tudo quanto propõe como divinamente revelado.

Tradição, Escritura e Magistério da Igreja, de acordo com a sabedoria divina, estão articulados e de tal forma associados que um não tem consistência sem o outro. Cada um deles contribui eficazmente para a salvação das almas, sob a ação do único Espírito Santo”.

Nota:39

cf. **Mt 28,19-20**: “Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo”.

Nota:40

cf. **Puebla 327**: “O amor de Deus que nos dignifica radicalmente se faz necessariamente comunhão de amor com os outros homens e participação fraterna; para nós, hoje em dia, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, esforço de libertação para quem mais precisa. De fato, ‘ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o irmão a quem vê’ (1Jo 4,20). Todavia a comunhão e a participação verdadeiras só podem existir nesta vida projetadas no plano bem concreto das realidades temporais, de tal modo que o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se vão realizando em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia. O Evangelho nos deve ensinar, em face das realidades em que vivemos imersos, que não se pode atualmente na AL amar de verdade o irmão nem portanto a Deus sem que o homem se comprometa em nível pessoal e, em muitos casos, até em nível estrutural com o serviço e promoção dos grupos humanos e dos estratos sociais mais pobres e humilhados, arcando com todas as conseqüências que se seguem no plano destas realidades temporais”.

Nota:41

Medellín, Cat. 4: “Excluindo assim toda dicotomia ou dualismo no cristão, a catequese prepara o desenvolvimento progressivo do Povo de Deus para a sua realização escatológica, que tem agora sua expressão na liturgia”.

DCG 8: “Não faltam fiéis, de formação cristã mais elevada, que experimentam dificuldades em face da linguagem da fé, que julgam excessivamente vinculada a fórmulas antiquadas e obsoletas ou demasiadamente ligada à cultura ocidental. Desejam um novo modo de expressão para as verdades religiosas, que se adapte à situação humana de hoje e permita que a fé lance a sua luz sobre as realidades que afligem os homens de hoje e que o Evangelho possa ser traduzido para as diferentes culturas. Certamente é dever da Igreja considerar com a máxima atenção este desejo dos homens.

O que no Decreto ‘Ad Gentes’ foi indicado para as Igrejas recentemente fundadas, aplica-se também a todos quantos se dedicam ao ministério da palavra. ‘...Recebem dos costumes e das tradições dos seus povos, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do Criador, ilustrar a graça do Salvador, e ordenar como convém, a vida cristã’ (n. 22; cf.: n. 21; Paulo VI, Alloc. de 6 de agosto de 1969).

Por isso, ‘apresentando aos homens a mensagem evangélica de maneira renovada, o ministério da palavra deve manifestar a unidade do plano divino da salvação. Evitando confusões e identificações simplistas, deve sempre mostrar a profunda e íntima coerência que existe entre o plano salvífico de Deus, realizado em Cristo Senhor e as aspirações dos homens, entre a história da salvação e a história humana, entre a Igreja, povo de Deus e as comunidades humanas, entre a ação reveladora de Deus e a experiência humana, entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos’ (Com. 5-s/com. da 2 Conf. Geral do Episcopado Latino-Americano, 1968)”.

Nota:42

Puebla, n.977: “A catequese ‘que consiste na educação ordenada e progressiva da fé’ (Mensagem do Sinodo de Catequese, no. 1), deve ser atividade prioritária na América Latina, se quisermos conseguir uma renovação profunda da vida cristã e, com esta, uma nova civilização que seja participação e comunhão de pessoas na Igreja e na sociedade”.

Nota:43

CT, n.18: “A catequese não pode nunca ser dissociada do conjunto das atividades pastorais e missionárias da Igreja. Ela tem, não obstante, uma especificidade acerca da qual a IV Assembléia Geral do Sinodo dos Bispos muitas vezes se interrogou, quer durante os trabalhos preparatórios, quer durante o desenrolar das sessões. A questão interessa também à opinião pública, na Igreja e fora da Igreja.

Não é aqui o lugar para dar uma definição rigorosa e formal de catequese, suficientemente ilustrada no “Diretório Geral da Catequese”. Compete aos especialistas procurarem enriquecer cada vez mais o seu conceito e as suas articulações.

No entanto, perante as incertezas no campo prático, recordemos simplesmente alguns pontos essenciais, já solidamente estabelecidos, aliás, nos documentos da Igreja, para uma compreensão exata do que é a catequese e sem os quais se correria o risco de não captar todo o seu significado e alcance.

Globalmente, pode-se partir aqui da noção de que a catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã. Por esta razão, a catequese, sem se confundir formalmente com eles, anda ligada com um certo número de elementos da missão pastoral da Igreja, que têm um aspecto catequético, que preparam a catequese ou que a desenvolvem, como sejam: o primeiro anúncio do Evangelho ou pregação missionária pelo “kerigma” para suscitar a fé; a apologética ou a busca das razões de crer; a experiência da vida cristã; a celebração dos Sacramentos; a integração na comunidade eclesial; e o testemunho apostólico e missionário.

Antes de mais nada convém recordar que entre a catequese e a evangelização não existe separação nem oposição, como também não há identificação pura e simples, mas existem sim relações íntimas de integração e de complementaridade recíproca.

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de dezembro de 1975, sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo, frisava bem que a evangelização – cuja finalidade é levar a Boa Nova a toda a humanidade, a fim de que esta viva – é uma realidade rica, complexa e dinâmica, constituída por elementos ou, se se preferir, de momentos, essenciais e diferentes entre si, que é preciso saber abranger com uma visão de

conjunto, na unidade de um único movimento. A catequese é um desses momentos – e quanto ele há de ser tido em conta! – de todo o processar-se da evangelização”.

Nota:44

Medellín, Cat. 6: “Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à conquista da terra prometida, assim também nós, novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se dá o “verdadeiro desenvolvimento, que é, para cada um e para todos, a passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humanas. Menos humanas: as carências materiais dos que são privados do mínimo vital e as carências morais dos que são mutilados pelo egoísmo. Menos humanas: as estruturas opressoras que provenham dos abusos da posse ou do poder, das explorações dos trabalhadores ou da injustiça das transações. Mais humanas: a passagem da miséria para a posse do necessário, a vitória sobre as calamidades sociais, a ampliação dos conhecimentos, a aquisição da cultura. Mais humanas também: o aumento na consideração da dignidade dos outros, a orientação para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade de paz. Mais humanas ainda: o reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus, que deles é a fonte e o fim. Mais humanas, finalmente, e em especial, a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade dos homens e a unidade na caridade de Cristo, que nos chama a todos a participar como filhos na vida de Deus vivo, Pai de todos os homens”

Nota:45

CT, n.52: “O primeiro problema de ordem geral que se apresenta diz respeito ao risco e à tentação de misturar indevidamente com o ensino catequético perspectivas ideológicas, claras ou disfarçadas, sobretudo de natureza político-social, ou então opções políticas pessoais. Quando tais perspectivas prevalecem sobre a mensagem central a ser transmitida, até ao ponto de a obscurecerem e fazerem com que ela se torne secundária, ou mesmo até a utilizarem para os próprios fins, a catequese passa a ficar desnaturada profundamente até as suas raízes. O Sinodo insistiu e muito a propósito na necessidade de a catequese se manter acima das tendências unilaterais divergentes de evitar dicotomias mesmo no campo das interpretações teológicas que são dadas a questões semelhantes. É pela Revelação que a catequese procurará reger-se; e a Revelação tal como a transmite o Magistério universal da Igreja, sob a sua forma solene ou ordinária. Esta Revelação é a de um Deus Criador e Redentor, cujo Filho, vindo ao meio dos homens revestido da carne humana, entra não somente na história pessoal de cada homem, mas na própria história humana, da qual ele se torna o centro. Tal Revelação, por conseguinte, é a revelação da mudança radical do homem e do universo, de tudo aquilo que constitui o tecido da existência humana, sob a influência da Boa-Nova de Jesus Cristo. Uma catequese concebida assim ultrapassa todo moralismo formalista, se bem que inclua uma verdadeira moral cristã; e ultrapassa principalmente todo messianismo temporal, social ou político. Tal catequese procura atingir o que há de mais profundo no homem”.

Nota:46

CT, n.53: “E passo agora a tocar um outro problema. Como já tive ocasião de dizer recentemente aos membros da Comissão Bíblica, “o termo ‘aculturação’, ou inculturação, apesar de ser um neologismo, exprime muito bem uma das componentes do grande mistério da Encarnação”. Nós podemos dizer da catequese, como da evangelização em geral, que ela é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas. Para isso, a catequese tem de procurar conhecer essas culturas e as suas componentes essenciais; ela deve apreender as suas expressões mais significativas; e deve também saber respeitar os seus valores e riquezas próprias. É deste modo que ela poderá propor a tais culturas o conhecimento do mistério escondido e ajudá-las a que façam surgir da sua própria tradição viva expressões originais de vida, de celebração e de pensamento cristãos. É preciso recordar, entretanto, duas coisas:

- por um lado, a Mensagem evangélica não é isolável pura e simplesmente da cultura em que ela primeiramente se inseriu (o mundo bíblico e mais concretamente o meio cultural onde viveu Jesus de Nazaré), nem mesmo, sem perdas graves, das culturas em que ela já se exprimiu ao longo dos séculos; ela não surge de maneira espontânea de nenhum humo cultural; depois transmite-se sempre através de um diálogo apostólico que se achará inevitavelmente inserido num certo diálogo de culturas;

- por outro lado, a força do Evangelho por toda parte é transformadora e regeneradora. Quando ela penetra numa cultura determinada, quem se maravilhará de que ela aí aperfeiçoe muitos elementos? Deixaria de haver catequese se o Evangelho tivesse que alterar-se no contacto com as culturas.

Se sucedesse esquecer estas coisas, chegar-se-ia simplesmente àquilo que São Paulo chama, com uma expressão muito forte, “desvirtuar a Cruz de Cristo”.

Algo bem diferente é a diligência que parte, com prudência e com discernimento, de elementos – religiosos ou de outro gênero – que fazem parte do patrimônio cultural de um grupo humano, com o intento de ajudar as pessoas a compreenderem melhor a integridade do mistério cristão. Os catequistas autênticos sabem bem que a catequese deve “encarnar-se” nas diferentes culturas e nos diferentes meios: basta pensar nos povos tão diversos, nos jovens do nosso tempo e nas circunstâncias tão variadas em que se encontram os homens de hoje; estes, apesar de tudo, não aceitam que a catequese se empobreça, por abdicção ou por atenuação da luz da sua mensagem e por adaptações, mesmo de linguagem, que porventura comprometessem o “bom depósito” da fé, ou ainda por concessões em matéria de fé ou de moral; eles estão persuadidos de que a verdadeira catequese deve acabar por enriquecer essas culturas, ajudando-as a superar os aspectos deficientes ou até mesmo inumanos que nelas existam e comunicando aos valores lídimos das mesmas a plenitude de Cristo”.

Nota:47

CT, n.55: “O último dos problemas metodológicos que convém pelo menos pôr em evidência – ele foi por mais de uma vez debatido no decorrer do Sinodo – é o problema da memorização. Os inícios da catequese cristã, que coincidiram com uma civilização prevalentemente oral, recorreram em larga escala à memorização. E assim a catequese, em seguida, conheceu uma longa tradição de aprendizagem dos princípios e das verdades usando prevalentemente a memória. Todos sabemos bem que tal método pode apresentar alguns inconvenientes: não é o menor, dentre estes, o fato de ele se prestar a uma assimilação insuficiente, por vezes quase nula, reduzindo-se então todo o saber a fórmulas que se repetem sem nunca se terem aprofundado. Estes inconvenientes, juntamente com as características diversas da nossa civilização, levaram aqui e além à

supressão quase completa – alguns dizem mesmo, o que não é para seguir, definitiva – da memorização na catequese. Contudo, na ocasião da IV Assembléia Geral do Sínodo, fizeram-se ouvir vozes muito autorizadas em favor de um reequilibrar criteriosamente na catequese a parte da reflexão e da espontaneidade, do diálogo e do silêncio, dos trabalhos escritos e da memória. De resto, há algumas culturas que continuam a dar grande importância à memorização.

Assim, num momento em que no ensino profano de alguns países se ouvem queixas cada vez mais numerosas, quanto às lamentáveis conseqüências do menosprezo desta faculdade humana que é a memória, porque não haveríamos nós de procurar revalorizá-la de maneira inteligente e até mesmo original na catequese, tanto mais que a celebração ou “memória” dos grandes eventos da história da Salvação exige que deles se possua um conhecimento preciso? Uma certa memorização, pois, das palavras de Jesus, de passagens bíblicas importantes, dos dez mandamentos, das fórmulas de profissão de fé, dos textos litúrgicos e das orações essenciais e de noções-chaves da doutrina..., longe de ser contrária à dignidade dos jovens cristãos, ou de constituir para eles um obstáculo para o diálogo pessoal com o Senhor, e uma verdadeira necessidade, como recordaram com vigor os Padres sinodais. É preciso ser realista. As flores da fé e da piedade cristã, se assim se pode dizer, não crescem nos espaços ermos de uma catequese sem memória. O essencial é que os textos memorizados sejam ao mesmo tempo interiorizados, compreendidos pouco a pouco na sua profundidade, a fim de se tornarem fonte de vida cristã pessoal e comunitária.

A pluralidade dos métodos na catequese contemporânea pode ser sinal de vitalidade e de talento inventivo. Em qualquer hipótese, importa que o método escolhido se atenha no fim de contas a uma lei fundamental para toda a vida da Igreja: a lei da fidelidade a Deus e da fidelidade ao homem, numa única atitude de amor”.

Nota:48

DV, n.8: “Por este caminho, a pregação apostólica, expressa de modo especial nos livros inspirados, se conservará sem quebra de continuidade até o fim dos tempos.

Transmitindo o que receberam, os apóstolos exortam os fiéis a guardar as tradições em que foram iniciados oralmente ou por escrito (cf. 2Ts 2,15) e a lutar pela fé que abraçaram para sempre (cf. Jd 3). Aos apóstolos foi, na realidade, transmitido tudo que contribui para que o povo de Deus leve uma vida santa e cresça na fé. Assim, a Igreja, na sua doutrina, na sua vida e no seu culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo que é e tudo em que crê.

A Tradição dos apóstolos, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolve-se na Igreja. Amplia-se a percepção das realidades e das palavras, quer pela contemplação e pelo estudo dos fiéis, que as guardam em seu coração (cf. Lc 2,19.51), quer pela compreensão que provém da experiência das coisas espirituais, quer ainda pela pregação daqueles que, sucedendo aos apóstolos, receberam o carisma de certificar a verdade. De fato a Igreja, através dos séculos, tende constantemente à plenitude da verdade divina, até que se realizem totalmente nela as palavras de Deus.

Os ensinamentos dos santos padres são testemunhas da presença desta Tradição vivificadora, cuja riqueza alimenta, na prática, a vida da Igreja orante e fiel.

A mesma Tradição dá a conhecer à Igreja o cânon das Escrituras Sagradas, faz com que sejam nela cada vez melhor compreendidas e sempre colocadas em prática. Dessa forma, Deus, que falou no passado, conversa hoje incessantemente com a esposa de seu Filho. O Espírito Santo mantém viva, na Igreja, a voz do Evangelho que, através dela, repercute em todo o mundo, encaminha os fiéis para a plena verdade, fazendo habitar neles a palavra de Cristo, com todas as suas riquezas (cf. Cl 3,16)”.

Nota:49

cf. **CT n. 26-34:** “Sendo a catequese um momento ou um aspecto da evangelização, o seu conteúdo não poderia ser outro senão o da mesma evangelização tomada globalmente: a mesma mensagem a Boa Nova da Salvação uma vez, cem vezes ouvida e acolhida com o coração, na catequese é aprofundada sem cessar, mediante a reflexão e o estudo sistemático; e igualmente, mediante uma cada vez mais comprometedor tom de consciência das suas repercussões na vida pessoal de cada um; e mediante ainda, uma sua inserção num todo orgânico e harmonioso, que é a existência cristã na sociedade e no mundo.

27. A catequese há de haurir sempre o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura, porque a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus, confiado à Igreja, como o recordou o Concílio Vaticano II, desejando que o ministério da palavra, que compreende a pregação pastoral, a catequese, e toda espécie de instrução cristã... com proveito se alimente e santamente se revigore com a mesma palavra da Escritura.

Falar da Tradição e da Escritura como fonte da catequese é já acentuar que esta tem de ser impregnada e penetrada pelo pensamento, pelo espírito e pelas atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados; e é também recordar que a catequese será tanto mais rica e eficaz, quanto mais ela ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja e quanto mais ela se inspirar na reflexão e na vida duas vezes milenária da mesma Igreja. O ensino, a liturgia e a vida da Igreja brotam desta fonte e a ela conduzem, sob a guia dos Pastores e principalmente do Magistério doutrinal que o Senhor Ihe confiou.

28. Uma expressão privilegiada da herança viva, que os mesmos Pastores recebem o encargo de guardar, encontra-se no Credo, ou, mais concretamente, nos Símbolos que, em momentos cruciais, coligiram em afortunadas sínteses a fé da Igreja. No decurso de séculos, um elemento importante da catequese era precisamente a *traditio Symboli* (ou transmissão do resumo dos pontos principais da fé), seguida da transmissão (*traditio*) da Oração dominical. Em nossos dias, este rito expressivo foi reintroduzido na cerimônia da iniciação dos catecúmenos. E não seria o caso de se procurar descobrir uma utilização adaptada e mais vasta para o mesmo gesto, a fim de ele marcar a fase importante entre todas as demais, em que um novo discípulo de Jesus Cristo acolhe com plena lucidez e coragem o conteúdo daquilo que ele, daí por diante, terá de aprofundar com seriedade?

O meu predecessor Paulo VI houve por bem coligir, no Credo do Povo de Deus, proclamado por ocasião do XIX Centenário do Martírio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, os elementos essenciais da fé católica, sobretudo aqueles que apresentavam uma maior dificuldade ou que corriam o risco de ser desconhecidos. É um ponto de referência seguro para o conteúdo da catequese.

29. O mesmo Sumo Pontífice recordou, no terceiro capítulo da sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o conteúdo essencial, a substância viva da evangelização. É necessário, para a própria catequese, ter presentes cada um desses elementos bem como a síntese viva na qual eles se acham integrados.

Limitar-me-ei aqui a alguns simples apontamentos. A cada um de nós é fácil ver, por exemplo, quanto é importante fazer compreender às crianças e aos adolescentes e àqueles que progridem na fé o que de Deus se pode conhecer; poder, em certo sentido, dizer-lhes: Aquele que vós adorais sem conhecer, eu vo-lo anuncio; expor-lhes em poucas palavras o mistério do Verbo de Deus feito homem que realizou a salvação do homem pela sua Páscoa, ou seja, mediante sua morte e sua ressurreição, e também pela sua pregação, pelos sinais que ele realizou e pelos sacramentos de sua presença permanente no meio de nós. Os Padres do Sínodo demonstraram-se bem inspirados quando solicitaram que se evite de reduzir Cristo à sua humanidade e a sua mensagem a uma dimensão simplesmente terrena, mas que ele seja reconhecido como o Filho de Deus e o Mediador que nos proporciona livre acesso ao Pai, no Espírito.

Importa tornar patente aos olhos da inteligência, assim como aos olhos do coração, sob a luz da fé, este sacramento da presença de Cristo que é o Mistério da Igreja, assembléia de homens pecadores, mas ao mesmo tempo santificados e que constituem a família de Deus, reunida pelo Senhor sob a guia daqueles que o Espírito Santo... estabeleceu vigilantes para pastorearem a Igreja de Deus.

É igualmente importante explicar que a história dos homens, com suas marcas de graça e de pecado, de grandeza e de miséria, é assumida por Deus em seu Filho Jesus Cristo e consegue apresentar já uma certa prefiguração do mundo que há de vir.

Finalmente, importa apresentar sem rodeios as exigências, que consistem em renúncias, mas também em alegrias, daquilo que o Apóstolo São Paulo gostava de chamar vida nova, nova criatura, ser ou existir em Cristo, vida eterna em Jesus Cristo, e que não é outra coisa senão a vida no mundo, mas uma vida vivida segundo as bem-aventuranças e uma vida destinada a prolongar-se e a ser transfigurada para além da morte.

De tudo isto resulta a importância, na catequese, das exigências morais e pessoais em correspondência com o Evangelho, e das atitudes cristãs frente à vida e frente ao mundo, quer sejam heróicas quer sejam muito simples: nós costumamos chamar-lhes virtudes cristãs ou virtudes evangélicas. Daqui também o cuidado que se há de ter na catequese em não omitir, mas sim esclarecer como convém, no constante esforço de educação da fé, realidades como a ação do homem para sua libertação integral, o empenho na busca de uma sociedade mais solidária e mais fraternal e as lutas pela justiça e pela construção da paz.

Não é de se considerar que esta dimensão da catequese seja absolutamente nova. Já desde a época patrística, Santo Ambrósio e São João Crisóstomo por exemplo, para não citar outros, haviam posto em evidência as consequências sociais das exigências evangélicas e, em tempos mais próximos, o Catecismo de São Pio X citava explicitamente entre os pecados que Bradam diante de Deus por punição o fato de oprimir os pobres, assim como o de privar os trabalhadores do seu justo salário. E especialmente depois da Encíclica *Rerum Novarum*, a preocupação social acha-se ativamente presente no ensino catequético dos Papas e dos Bispos. Numerosos Padres do Sínodo solicitaram, com legítima insistência, que o rico patrimônio do ensinamento social da Igreja tivesse seu lugar, com as formas apropriadas, na formação catequética comum dos fiéis.

30. A propósito do conteúdo da catequese, ainda, há três pontos importantes, que em nossos dias merecem particular atenção.

O primeiro diz respeito à integridade desse conteúdo. Para ser perfeita a oblação da sua fé, aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm o direito de receber a palavra da fé não mutilada, falsificada ou diminuída, mas sim plena e integral, com todo seu rigor e com todo seu vigor. Atraiçoar em qualquer ponto a integridade da mensagem é esvaziar perigosamente a própria catequese e comprometer os frutos que Cristo e a comunidade eclesial têm o direito a esperar dela. Não é certamente por acaso que o mandado final de Jesus no Evangelho de São Mateus tem a marca de uma certa totalidade: Todo o poder me foi dado... Ensinaí todas as gentes... ensinando-as a observar tudo o que vos mandei... Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo. É por isso que, quando uma pessoa, ao pressentir a superioridade do conhecimento de Jesus Cristo encontrado pela fé, tem em si mesma, talvez inconsciamente, o desejo de o alcançar mais e melhor por um anúncio e uma instrução segundo a verdade que existe em Jesus, nenhum pretexto pode ser válido para lhe recusar parte alguma desse conhecimento. O que seria de uma catequese que não desse todo o seu devido lugar à criação do homem e ao pecado deste, ao desígnio de redenção do nosso Deus e à longa e amorosa preparação e realização do mesmo desígnio, à Encarnação do Filho de Deus, a Maria a Imaculada, a Mãe de Deus, sempre Virgem, elevada ao Céu em corpo e alma e ao seu papel no mistério da Salvação, ao mistério de iniquidade que continua a operar em nossas vidas e à potência de Deus que nos liberta dele, à necessidade da penitência e da ascese, aos gestos sacramentais e litúrgicos, à realidade da presença eucarística de Cristo, à participação na vida divina já aqui sobre a terra e para além da morte etc.? Assim, nenhum verdadeiro catequista poderia legitimamente fazer, por seu próprio arbítrio, uma seleção no depósito da fé, entre aquilo que ele considerasse importante e aquilo que julgasse sem importância, para ensinar o importante e rejeitar o restante.

31. Daqui deriva, ainda, esta segunda observação: é possível que a presente situação da catequese ou razões de método ou de pedagogia aconselhem a comunicação das riquezas do conteúdo da catequese de uma maneira determinada em vez de outra. De resto, a integridade não dispensa do equilíbrio, nem do carácter orgânico e hierarquizado, graças aos quais se poderá dar às verdades a ensinar, às normas a transmitir e aos caminhos da vida cristã a indicar, a importância que respectivamente lhes compete. É possível também que uma determinada linguagem se demonstre preferível para transmitir esse conteúdo a certa pessoa ou a tal grupo de pessoas. Uma escolha será válida então na medida em que, longe de ser ditada por teorias ou por preconceitos mais ou menos subjetivos e marcados por uma determinada ideologia, for inspirada pela humilde preocupação de coligir um conteúdo que deve permanecer intacto. O método e a linguagem utilizados devem conservar-se verdadeiramente como instrumentos para comunicar a totalidade e não apenas uma parte das palavras de vida eterna ou dos caminhos da vida.

32. O grande movimento, certamente inspirado pelo Espírito de Jesus, que de há alguns anos para cá, impele a Igreja Católica a procurar juntamente com outras Igrejas ou confissões cristãs a recomposição da perfeita unidade desejada pelo Senhor, leva-me a dizer uma palavra sobre o carácter ecumênico da catequese. Esse movimento assumiu todo o seu relevo no Concílio Vaticano II e, a partir do Concílio, revestiu-se na Igreja de

uma nova amplidão, concretizada numa série impressionante de fatos e iniciativas que já são do conhecimento de todos.

A catequese, de fato, não pode ficar alheia a esta dimensão ecumênica, uma vez que todos os fiéis, cada um segundo suas próprias capacidades e sua situação na Igreja, são chamados a participar no movimento para a unidade.

A catequese terá uma dimensão ecumênica, pois, se ela, sem renunciar a ensinar que a plenitude das verdades reveladas e dos meios de salvação instituídos por Cristo permanece na Igreja, fizer tal ensino com sincero respeito, em palavras e em obras, para com as comunidades eclesiais que não estão em perfeita comunhão com esta mesma Igreja.

Neste contexto, é sobremaneira importante fazer uma apresentação correta e leal das outras Igrejas e comunidades eclesiais, das quais o Espírito de Cristo não recusa servir-se como de meios de salvação; e entre os elementos e os bens, tomados em conjunto, com que a Igreja se edifica e é vivificada, alguns e até muitos e muito importantes podem existir fora dos limites visíveis da Igreja Católica. Entre outras coisas, uma tal apresentação ajudará os católicos, por um lado, a aprofundarem a sua própria fé e, por outro lado, a melhor conhecerem e estimarem os outros irmãos cristãos, facilitando assim a procura em comum do caminho para a plena unidade na verdade total. Ela há de ajudar também os não-católicos a melhor conhecerem e apreciarem a Igreja Católica e a sua convicção de ser o meio geral de salvação.

A catequese terá ainda uma dimensão ecumênica, se ela souber suscitar e alimentar um verdadeiro desejo de unidade; e mais ainda, se ela inspirar esforços sérios incluindo o esforço para se purificar com humildade e fervor do Espírito, a fim de tornar mais desimpedidos os caminhos - não em vista de um irenismo fácil, baseado em omissões ou em concessões no plano doutrinal, mas sim em vista da unidade perfeita, quando o Senhor a quiser e pelas vias que ele quiser.

A catequese será ecumênica, enfim, se ela se esforçar para preparar as crianças e os jovens, bem como os adultos católicos, a fim de viverem em contato com não-católicos, afirmando a própria identidade católica com respeito pela fé dos outros.

33. Nas situações de pluralidade religiosa, os Bispos poderão julgar oportunas ou mesmo necessárias certas experiências de colaboração no domínio da catequese entre católicos e outros cristãos, como complemento de catequese normal, que, de toda a maneira, os católicos devem receber. Tais experiências encontram o seu fundamento nos elementos que são comuns a todos os cristãos. A comunhão de fé entre os católicos e os outros cristãos, no entanto, não é completa e perfeita; existem mesmo, em alguns casos, profundas divergências. Por conseqüência, esta colaboração ecumênica é por sua própria natureza limitada: ela não poderá nunca significar uma redução a um mínimo comum. Ademais, a catequese não consiste somente em ensinar a doutrina, mas também em iniciar a toda a vida cristã, levando para tanto a participar plenamente nos Sacramentos da Igreja. Daqui a necessidade, naquelas partes onde exista uma experiência de colaboração ecumênica no domínio da catequese, de vigiar para que a formação dos católicos fique bem assegurada na Igreja Católica em matéria de doutrina e de vida cristã.

Houve um certo número de Bispos que fizeram notar, no decorrer do Sínodo, o caso - cada vez mais freqüente, diziam eles - em que as autoridades civis ou outras circunstâncias impõem nas escolas de alguns países um ensino da religião cristã (com manuais próprios, horas de aulas etc.) comum a católicos e a não-católicos. Não será muito necessário, mas é bom que se diga: em tais casos não se trata de uma verdadeira catequese. Contudo, tal ensino tem também uma importância ecumênica quando apresenta com lealdade a doutrina cristã. No caso de as circunstâncias imporem esse ensino, importa que seja assegurada além dele, e ainda com maior cuidado, uma catequese especificamente católica.

34. Torna-se necessário acrescentar aqui uma outra observação, que se situa nesta mesma linha, embora com uma perspectiva diferente. Sucede que escolas do Estado põem à disposição dos alunos livros em que são apresentadas, por motivações culturais - históricas, morais ou literárias - as diversas religiões, incluindo a religião católica. Uma apresentação objetiva dos fatos históricos, das várias religiões e das diversas confissões cristãs poderá contribuir mesmo para uma melhor compreensão recíproca. Estar-se-á então atento para fazer todo o possível a fim de que a apresentação seja verdadeiramente objetiva, em relação a sistemas ideológicos ou políticos, bem como a preconceitos pretensamente científicos, que lhe deformassem o verdadeiro sentido. Em qualquer hipótese, esses manuais não poderiam evidentemente ser considerados como obras catequéticas: para isto falta-lhes o testemunho daqueles que crêem no expor a fé a outros que crêem, e uma compreensão dos mistérios cristãos e da especificidade católica colhidas do interior da fé".

cf. **DCG 45.**

Nota:50

cf. **DV, n.21:** "A Igreja sempre honrou as Escrituras como corpo do Senhor, especialmente na santa liturgia, em cuja mesa não deve faltar nem a palavra de Deus, nem o corpo do Senhor, para serem dados aos fiéis.

A Igreja sempre considerou e considera as Escrituras, juntamente com a sagrada Tradição, sua suprema regra de fé. Inspiradas por Deus e definitivamente escritas, nos comunicam de maneira imutável a palavra do próprio Deus e nos fazem ouvir a voz do Espírito Santo, através dos escritos proféticos e apostólicos.

Toda a pregação eclesial, como a própria religião cristã, deve-se alimentar e ser orientada pela Escritura. Nos livros sagrados, o Pai que está no céu vem amorosamente falar a seus filhos. É tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que ela sustenta e dá vigor à Igreja, corrobora a fé de seus filhos, alimenta a alma, jorra como fonte pura e perene da vida espiritual.

Aplica-se à Escritura o que se lê: "A palavra de Deus é viva e eficaz" (Hb 4,12) "tem o poder de edificar e de dar a vocês a herança entre todos os santificados" (At 20,32; cf. 1Ts 2,13)".

DV 24: "O fundamento inabalável da teologia é, juntamente com a Tradição, a palavra de Deus escrita. Ela tira sua força e constante rejuvenescimento desse fundamento.

Toda verdade do mistério de Cristo deve ser perscrutada à luz da fé. As Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus. Como é inspirada, essa palavra é verdadeira e seu estudo é a alma da teologia.

A palavra da Escritura santifica e alimenta igualmente todo ministério da palavra: a pregação pastoral, a catequese e a instrução cristã, na qual a homilia litúrgica desempenha um papel de grande importância".

DV, n.25: "Todos os clérigos, a começar pelos sacerdotes de Cristo, diáconos e catequistas, empenhados no ministério da palavra, convivam com as Escrituras, sendo assíduos na leitura e aplicados no estudo, para que

não se tornem “como pregadores alheios à palavra de Deus, que não se dedicam a ouvi-la interiormente”. A palavra de Deus, em particular na liturgia, é precisamente o manancial de tudo que precisa ser comunicado ao povo.

O concílio exorta igualmente todos os fiéis, especialmente os religiosos, a lerem com freqüência as Escrituras, para aprenderem a “eminente ciência de Jesus Cristo” (Fl 3,8). “Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo”. Procurem ir diretamente ao texto, especialmente na liturgia, composta com a palavra de Deus, seja pela piedosa leitura, seja através de outros meios que se difundem cada vez mais em nossos dias, com a aprovação dos pastores da Igreja e graças aos seus cuidados. Lembrem-se de que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada da oração, para que se estabeleça um colóquio entre Deus e o homem, pois “falamos quando oramos e a ele ouvimos quando lemos as suas palavras”.

Compete aos bispos, “depositários da doutrina apostólica” orientar os fiéis que lhe são confiados no uso correto dos livros divinos, especialmente do Novo Testamento, a começar pelos Evangelhos. Estabeleçam traduções do texto sagrado com as explicações necessárias e suficientes, para que os filhos da Igreja utilizem as Sagradas Escrituras com segurança e sejam imbuídos do seu espírito.

As edições das Sagradas Escrituras, com as respectivas notas, sejam feitas de tal modo que possam ser usadas igualmente pelos não-cristãos e se adaptem às suas condições. Poderão ser assim universalmente difundidas tanto pelos pastores como por todos os fiéis”.

SC, n.24: “A Escritura desempenha papel de primordial importância na celebração litúrgica. Fornece as leituras e é explicada na homilia. Cantam-se os salmos, cuja inspiração e sentimento se prolongam nos hinos e orações litúrgicas, conferindo significação às mais diferentes ações. Quando se procura, pois, reformar a liturgia, fazê-la evoluir e adaptá-la, é preciso cuidar para que se conserve, suave e vivo, o gosto pela Sagrada Escritura, que caracteriza a tradição dos ritos, tanto orientais como ocidentais”.

PO, n.4: “Antes de tudo, o que reúne o povo de Deus é a palavra que sai da boca do sacerdote. Como ninguém se salva sem fé, os padres, como cooperadores dos bispos, têm o dever precípua de levar a todos o Evangelho de Deus, no cumprimento do mandamento do Senhor: *vão ao mundo inteiro e preguem o Evangelho a toda criatura*, constituindo e fazendo crescer o povo de Deus.

Graças à palavra da salvação, a fé é despertada no coração dos que não crêem e alimentada no coração dos fiéis, nascendo e crescendo, assim, a comunidade dos fiéis, de acordo com o que diz o apóstolo: *A fé vem do ouvir, e o que se ouve é a palavra de Cristo* (Rm 10, 17). Os sacerdotes devem comunicar a todos a verdade do Evangelho para que todos possam estar com o Senhor. Levem a Deus, quer vivendo honestamente entre o povo, quer pregando o mistério de Cristo aos que não o reconhecem, quer ensinando a doutrina da Igreja ou catequizando os fiéis. Discutam, as questões atuais à luz de Cristo, baseados não na sua sabedoria, mas na palavra de Deus, procurando ensinar a todos, convidando-os à conversão e à maior santidade.

A pregação é especialmente difícil nos dias de hoje. Para falar de fato às pessoas, evitem generalidades e abstrações e apliquem a verdade perene do Evangelho às circunstâncias sempre mutáveis da vida. O ministério da palavra varia de acordo com a necessidade dos ouvintes e os dons dos pregadores.

Nas regiões ou ambientes não cristãos, o anúncio do Evangelho deve atrair os seres humanos à fé e aos sacramentos da salvação; na comunidade, em relação aos que são menos instruídos, como praticam, crêem. A pregação é uma exigência dos próprios sacramentos, que são sacramentos da fé, nascidos e alimentados pela palavra. Isso vale, especialmente, para a liturgia da palavra, na missa, em que estão inseparavelmente unidos o anúncio da morte e da ressurreição de Jesus, a resposta do povo, a oblação com que Cristo confirmou a nova aliança no seu sangue e a comunhão, de desejo ou sacramental, dos fiéis, nessa mesma oblação”.

Nota:51

DV, n.24: “O fundamento inabalável da teologia é, juntamente com a Tradição, a palavra de Deus escrita. Ela tira sua força e constante rejuvenescimento desse fundamento.

Toda verdade do mistério de Cristo deve ser perscrutada à luz da fé. As Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus. Como é inspirada, essa palavra é verdadeira e seu estudo é a alma da teologia.

A palavra da Escritura santifica e alimenta igualmente todo ministério da palavra: a pregação pastoral, a catequese e a instrução cristã, na qual a homilia litúrgica desempenha um papel de grande importância”.

Nota:52

CT, n.27: “A catequese há de haurir sempre o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura, porque “a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus, confiado à Igreja”, como o recordou o Concílio Vaticano II, desejando que “o ministério da palavra, que compreende a pregação pastoral, a catequese, e toda espécie de instrução cristã... com proveito se alimente e santamente se revigore com a mesma palavra da Escritura”.

Falar da Tradição e da Escritura como fonte da catequese é já acentuar que esta tem de ser impregnada e penetrada pelo pensamento, pelo espírito e pelas atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados; e é também recordar que a catequese será tanto mais rica e eficaz, quanto mais ela ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja e quanto mais ela se inspirar na reflexão e na vida duas vezes milenária da mesma Igreja.

O ensino, a liturgia e a vida da Igreja brotam desta fonte e a ela conduzem, sob a guia dos Pastores e principalmente do Magistério doutrinal que o Senhor lhe confiou”.

cf. **DV, n.12:** “Tendo Deus nos falado por intermédio de homens e à maneira humana, nas Escrituras, seu intérprete, para saber o que Deus nos quis comunicar, deve pesquisar com atenção o sentido visado diretamente pelo autor sagrado e o que Deus entendia manifestar por tais palavras. Para saber o que o autor sagrado queria dizer, considerem-se, entre outras coisas, os gêneros literários.

A verdade se propõe e se exprime diferentemente nos diversos textos históricos, proféticos, poéticos ou de qualquer outro gênero. É indispensável que o intérprete procure saber, levando em consideração as circunstâncias de tempo e de cultura em que escrevia o autor sagrado, qual dos gêneros literários quis usar ou usou para se exprimir, dentre os que eram correntes em sua época. Para entender corretamente o que o autor sagrado quis dizer, deve-se considerar, além disso, o modo habitual de sentir, falar e narrar dos seus contemporâneos, assim como a maneira de se relacionar dos seres humanos, seus contemporâneos.

Finalmente, como a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada no mesmo Espírito com que foi escrita, para entender corretamente o sentido dos textos sagrados não se pode desprezar o conteúdo e a unidade de toda a Escritura, nem deixar de levar em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé.

Os exegetas devem trabalhar segundo essas regras para melhor compreender e expor o sentido da Sagrada Escritura, contribuindo assim, pelo estudo, para o amadurecimento do pensamento da Igreja.

Tudo, porém, que se refere ao modo de interpretar as Escrituras depende em última análise do julgamento da Igreja, que por disposição divina, desempenha o ministério de conservá-las e interpretá-las”.

Nota:53

cf. **DV, n.10b**: “Só ao magistério da Igreja, exercido em nome de Cristo, foi confiada a função de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita e transmitida. Não que o magistério se coloque acima da palavra de Deus, de que está, pelo contrário, a serviço. Por disposição divina e assistência do Espírito Santo, ensina unicamente o que foi transmitido, que procura ouvir com piedade, guardar santamente e expor com fidelidade. Vai assim buscar, no depósito da fé, tudo quanto propõe como divinamente revelado.

Tradição, Escritura e Magistério da Igreja, de acordo com a sabedoria divina, estão articulados e de tal forma associados que um não tem consistência sem o outro. Cada um deles contribui eficazmente para a salvação das almas, sob a ação do único Espírito Santo”.

Nota:54

cf. **DCG 25**: “Toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau” (SC, 7). Quanto mais adulta for a comunidade cristã na sua fé, tanto mais viverá em espírito e verdade (cf. Jo 4,23) o culto das celebrações litúrgicas, principalmente da eucaristia.

Por isso, a catequese deve promover uma participação ativa, consciente, autêntica na liturgia da Igreja, não só explicando a significação dos ritos, mas também educando o espírito dos fiéis para a oração, para a ação de graças, para a penitência, para a confiança na oração, para o sentido comunitário, para uma compreensão adequada dos símbolos, pois tudo isso é necessário para haver uma verdadeira vida litúrgica.

‘Todavia, a vida espiritual não se limita unicamente à participação da sagrada Liturgia. O cristão, chamado para a oração comunitária, deve também entrar no seu quarto para rezar a sós ao Pai (cf. Mt 6,6); e até, segundo ensina o apóstolo, (cf. 1Ts 5,17) deve rezar sem cessar’ (SC 12). Assim, a catequese deve educar os fiéis também para a meditação da palavra de Deus e para a oração particular”.

CT, n.23: “A catequese está intrinsecamente ligada com toda a ação litúrgica e sacramental, porque é um sacramento e sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude para a transformação dos homens”.

Nota:55

cf. **CT, n.28**: “Uma expressão privilegiada da herança viva, que os mesmos Pastores recebem o encargo de guardar, encontra-se no Credo, ou, mais concretamente, nos Símbolos que, em momentos cruciais, coligiram em afortunadas sínteses a fé da Igreja. No decurso de séculos, um elemento importante da catequese era precisamente a *traditio Symboli* (ou transmissão do resumo dos pontos principais da fé), seguida da transmissão (*traditio*) da Oração dominical. Em nossos dias, este rito expressivo foi reintroduzido na cerimônia da iniciação dos catecúmenos. E não seria o caso de se procurar descobrir uma utilização adaptada e mais vasta para o mesmo gesto, a fim de ele marcar a fase importante entre todas as demais, em que um novo discípulo de Jesus Cristo acolhe com plena lucidez e coragem o conteúdo daquilo que ele, daí por diante, terá de aprofundar com seriedade?”

O meu predecessor Paulo VI houve por bem coligir, no Credo do Povo de Deus, proclamado por ocasião do XIX Centenário do Martírio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, os elementos essenciais da fé católica, sobretudo aqueles que apresentavam uma maior dificuldade ou que corriam o risco de ser desconhecidos. É um ponto de referência seguro para o conteúdo da catequese”.

Nota:56

CT, n.28: “Uma expressão privilegiada da herança viva, que os mesmos Pastores recebem o encargo de guardar, encontra-se no Credo, ou, mais concretamente, nos Símbolos que, em momentos cruciais, coligiram em afortunadas sínteses a fé da Igreja. No decurso de séculos, um elemento importante da catequese era precisamente a *traditio Symboli* (ou transmissão do resumo dos pontos principais da fé), seguida da transmissão (*traditio*) da Oração dominical. Em nossos dias, este rito expressivo foi reintroduzido na cerimônia da iniciação dos catecúmenos. E não seria o caso de se procurar descobrir uma utilização adaptada e mais vasta para o mesmo gesto, a fim de ele marcar a fase importante entre todas as demais, em que um novo discípulo de Jesus Cristo acolhe com plena lucidez e coragem o conteúdo daquilo que ele, daí por diante, terá de aprofundar com seriedade?”

O meu predecessor Paulo VI houve por bem coligir, no Credo do Povo de Deus, proclamado por ocasião do XIX Centenário do Martírio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, os elementos essenciais da fé católica, sobretudo aqueles que apresentavam uma maior dificuldade ou que corriam o risco de ser desconhecidos. É um ponto de referência seguro para o conteúdo da catequese”.

Nota:57

CT, n.55: “O último dos problemas metodológicos que convém pelo menos pôr em evidência ele foi por mais de uma vez debatido no decorrer do Sínodo é o problema da memorização. Os inícios da catequese cristã, que coincidiram com uma civilização prevalentemente oral, recorreram em larga escala à memorização. E assim a catequese, em seguida, conheceu uma longa tradição de aprendizagem dos princípios e das verdades usando prevalentemente a memória. Todos sabemos bem que tal método pode apresentar alguns inconvenientes: não é o menor, dentre estes, o fato de ele se prestar a uma assimilação insuficiente, por vezes quase nula, reduzindo-se então todo o saber a fórmulas que se repetem sem nunca se terem aprofundado. Estes inconvenientes, juntamente com as características diversas da nossa civilização, levaram aqui e além à supressão quase completa alguns dizem mesmo, o que não é para seguir, definitiva da memorização na catequese. Contudo, na ocasião da IV Assembléia Geral do Sínodo, fizeram-se ouvir vozes muito autorizadas em favor de um reequilibrar criteriosamente na catequese a parte da reflexão e da espontaneidade, do diálogo e do silêncio, dos trabalhos escritos e da memória. De resto, há algumas culturas que continuam a dar grande importância à memorização.

Assim, num momento em que no ensino profano de alguns países se ouvem queixas cada vez mais numerosas, quanto às lamentáveis conseqüências do menosprezo desta faculdade humana que é a memória, porque não haveríamos nós de procurar revalorizá-la de maneira inteligente e até mesmo original na catequese, tanto mais que a celebração ou memória dos grandes eventos da história da Salvação exige que deles se possua um conhecimento preciso? Uma certa memorização, pois, das palavras de Jesus, de passagens bíblicas importantes, dos dez mandamentos, das fórmulas de profissão de fé, dos textos litúrgicos e das orações essenciais e de noções-chaves da doutrina..., longe de ser contrária à dignidade dos jovens cristãos, ou de constituir para eles um obstáculo para o diálogo pessoal com o Senhor, e uma verdadeira necessidade, como recordaram com vigor os Padres sinodais. É preciso ser realista. As flores da fé e da piedade cristã, se assim se pode dizer, não crescem nos espaços ermos de uma catequese sem memória. O essencial é que os textos memorizados sejam ao mesmo tempo interiorizados, compreendidos pouco a pouco na sua profundidade, a fim de se tornarem fonte de vida cristã pessoal e comunitária.

A pluralidade dos métodos na catequese contemporânea pode ser sinal de vitalidade e de talento inventivo. Em qualquer hipótese, importa que o método escolhido se atenha no fim de contas a uma lei fundamental para toda a vida da Igreja: a lei da fidelidade a Deus e da fidelidade ao homem, numa única atitude de amor”.

Nota:58

cf. **LG, n.12:** “O povo santo de Deus participa da função profética de Cristo. Dá o testemunho vivo de Cristo, especialmente pela vida de fé e de amor, e oferece a Deus a hóstia de louvor como fruto dos lábios que exaltam o seu nome (cf. Hb 13, 15). O conjunto dos fiéis unidos pelo Espírito Santo (cf. 1Jo 2, 20.27) não pode errar na fé. Esta sua propriedade peculiar se manifesta pelo senso sobrenatural da fé, comum a todo o povo, desde os bispos até o último fiel leigo, demonstrado no acolhimento universal a tudo o que diz respeito à fé e aos costumes. O senso da fé é despertado e sustentado pelo Espírito de verdade. Graças a este senso, o povo de Deus, seguindo fielmente o magistério sagrado, não obedece a uma palavra humana, mas à palavra de Deus (cf. 1Ts 2, 13) transmitida aos fiéis de uma vez por todas (Jd 3). A ela adere firmemente, entende-a em profundidade e a aplica melhor à própria vida.

Mas não é só pelos sacramentos e pelos ministérios que o Espírito Santo santifica, dirige e fortalece o povo de Deus. Distribuindo os seus dons a cada um, conforme quer (1Cor 12, 11), o Espírito Santo distribui graças especiais aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e ao maior desenvolvimento da Igreja, de acordo com o que está escrito: Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito, para utilidade de todos (1Cor 12, 7). Todos esses carismas, dos mais extraordinários aos mais simples e mais difundidos devem ser acolhidos com ação de graças e satisfação, pois correspondem às necessidades da Igreja e lhe são úteis. Não se deve porém cobiçar temerariamente os dons extraordinários nem esperar deles, com presunção, frutos significativos nos trabalhos apostólicos. A apreciação sobre os dons e seu exercício ordenado no seio da Igreja pertence aos que a presidem, que têm especial mandato de não abafar o Espírito, mas tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5, 12.19-21)”.

Nota:59

CT, n.54: “Um outro problema de método diz respeito à valorização, pelo ensino catequético, dos elementos válidos da piedade popular. Eu penso, a tal propósito, naquelas devoções que são praticadas em algumas regiões pelo povo fiel com um fervor e com uma pureza de intenção comovedores, se bem que a fé que está na sua base deva ser purificada, ou até mesmo retificada, sob muitos aspectos. Penso igualmente em certas orações fáceis de compreender, que tantas pessoas simples gostam de repetir. E penso ainda em certos atos de piedade praticados com um desejo sincero de fazer penitência e de agradar ao senhor. Subjacentes à maior parte de tais orações ou de tais atitudes, ao lado de elementos que deveriam ser deixados de lado, há aí também outros que, se bem utilizados, poderiam servir perfeitamente para fazer progredir no sentido do conhecimento do mistério de Cristo ou da sua mensagem: o amor e a misericórdia de Deus, a Encarnação de Cristo, a sua Cruz redentora e a sua Ressurreição, a ação do Espírito Santo em cada um dos cristãos e na Igreja, o mistério do além-túmulo, as virtudes evangélicas a praticar, a presença do cristão no mundo etc. Sendo assim, por que razão haveríamos de estar recorrendo a elementos não cristãos ou até mesmo anti-cristãos e deixar de nos apoiar em elementos que, muito embora precisem ser revistos e corrigidos, têm alguma coisa de cristão na sua raiz?”.

Nota:60

CT, n.29: “O mesmo Sumo Pontífice recordou, no terceiro capítulo da sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o conteúdo essencial, a substância viva da evangelização. É necessário, para a própria catequese, ter presentes cada um desses elementos bem como a síntese viva na qual eles se acham integrados.

Limitar-me-ei aqui a alguns simples apontamentos. A cada um de nós é fácil ver, por exemplo, quanto é importante fazer compreender às crianças e aos adolescentes e àqueles que progredem na fé o que de Deus se pode conhecer; poder, em certo sentido, dizer-lhes: Aquele que vós adorais sem conhecer, eu vo-lo anuncio; expor-lhes em poucas palavras o mistério do Verbo de Deus feito homem que realizou a salvação do homem pela sua Páscoa, ou seja, mediante sua morte e sua ressurreição, e também pela sua pregação, pelos sinais que ele realizou e pelos sacramentos de sua presença permanente no meio de nós. Os Padres do Sinodo demonstraram-se bem inspirados quando solicitaram que se evite de reduzir Cristo à sua humanidade e a sua mensagem a uma dimensão simplesmente terrena, mas que ele seja reconhecido como o Filho de Deus e o Mediador que nos proporciona livre acesso ao Pai, no Espírito.

Importa tornar patente aos olhos da inteligência, assim como aos olhos do coração, sob a luz da fé, este sacramento da presença de Cristo que é o Mistério da Igreja, assembléia de homens pecadores, mas ao mesmo tempo santificados e que constituem a família de Deus, reunida pelo Senhor sob a guia daqueles que o Espírito Santo... estabeleceu vigilantes para pastorearem a Igreja de Deus.

É igualmente importante explicar que a história dos homens, com suas marcas de graça e de pecado, de grandeza e de miséria, é assumida por Deus em seu Filho Jesus Cristo e consegue apresentar já uma certa prefiguração do mundo que há de vir.

Finalmente, importa apresentar sem rodeios as exigências, que consistem em renúncias, mas também em alegrias, daquilo que o Apóstolo São Paulo gostava de chamar vida nova, nova criatura, ser ou existir em Cristo, vida eterna em Jesus Cristo, e que não é outra coisa senão a vida no mundo, mas uma vida vivida segundo as bem-aventuranças e uma vida destinada a prolongar-se e a ser transfigurada para além da morte.

De tudo isto resulta a importância, na catequese, das exigências morais e pessoais em correspondência com o Evangelho, e das atitudes cristãs frente à vida e frente ao mundo, quer sejam heróicas quer sejam muito simples: nós costumamos chamar-lhes virtudes cristãs ou virtudes evangélicas. Daqui também o cuidado que se há de ter na catequese em não omitir, mas sim esclarecer como convém, no constante esforço de educação da fé, realidades como a ação do homem para sua libertação integral, o empenho na busca de uma sociedade mais solidária e mais fraternal e as lutas pela justiça e pela construção da paz.

Não é de se considerar que esta dimensão da catequese seja absolutamente nova. Já desde a época patristica, Santo Ambrósio e São João Crisóstomo por exemplo, para não citar outros, haviam posto em evidência as conseqüências sociais das exigências evangélicas e, em tempos mais próximos, o Catecismo de São Pio X citava explicitamente entre os pecados que bradam diante de Deus por punição o fato de oprimir os pobres, assim como o de privar os trabalhadores do seu justo salário. E especialmente depois da Encíclica *Rerum Novarum*, a preocupação social acha-se ativamente presente no ensino catequético dos Papas e dos Bispos. Numerosos Padres do Sínodo solicitaram, com legítima insistência, que o rico patrimônio do ensinamento social da Igreja tivesse seu lugar, com as formas apropriadas, na formação catequética comum dos fiéis”.

cf. **EN, 30-38**: “São conhecidos os termos em que falaram de tudo isto, no recente Sínodo, numerosos bispos de todas as partes da terra, sobretudo os do chamado ‘Terceiro Mundo’, com uma acentuação pastoral em que repercutia a voz de milhões de filhos da Igreja que formam esses povos. Povos comprometidos, como bem sabemos, com toda a sua energia no esforço e na luta por superar tudo aquilo que os condena a ficarem à margem da vida: carestias, doenças crônicas e endêmicas, analfabetismo, pauperismo, injustiças nas relações internacionais e especialmente nos intercâmbios comerciais, situações de neo-colonialismo econômico e cultural, por vezes tão cruel como o velho colonialismo político. A Igreja, repetiram-no os bispos, tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação nos seus começos, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela chegue a ser total. Isso não é alheio à evangelização.

31. Entre evangelização e promoção humana – desenvolvimento, libertação – existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? Nós próprios tivemos o cuidado de salientar isto mesmo, ao recordar que é impossível aceitar ‘que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, pelo que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade’.

Pois bem: aquelas mesmas vozes que, com zelo, inteligência e coragem, ventilaram este tema candente, no decorrer do referido Sínodo, com grande alegria nossa forneceram os princípios iluminadores para bem se captar o alcance e o sentido profundo da libertação, conforme ela foi anunciada e realizada por Jesus de Nazaré e conforme a Igreja a apregoa.

32. Não devemos esconder, entretanto, que numerosos cristãos, generosos e sensíveis perante os problemas dramáticos que se apresentam quanto a este ponto da libertação, ao quererem atuar o empenho da Igreja no esforço de libertação, têm freqüentemente a tentação de reduzir a sua missão às dimensões de um projeto simplesmente temporal; os seus objetivos a uma visão antropocêntrica; a salvação, de que ela é mensageira e sacramento, a um bem-estar material; a sua atividade - esquecendo todas as preocupações espirituais e religiosas - a iniciativas de ordem política ou social. No entanto, se fosse assim, a Igreja perderia o seu significado próprio. A sua mensagem de libertação já não teria originalidade alguma e ficaria prestes a ser monopolizada e manipulada por sistemas ideológicos e por partidos políticos. Ela já não teria autoridade para anunciar a libertação, como sendo da parte de Deus. Foi por tudo isso que nós quisemos acentuar bem na mesma alocação, quando da abertura da terceira Assembléia Geral do Sínodo, ‘a necessidade de ser reafirmada claramente a finalidade especificamente religiosa da evangelização. Esta última perderia a sua razão de ser se apartasse do eixo religioso que a rege: o reino de Deus, antes de toda e qualquer outra coisa, no seu sentido plenamente teológico’.

33. Acerca da libertação que a evangelização anuncia e se esforça por atuar, é necessário dizer antes o seguinte:

- ela não pode ser limitada à simples e restrita dimensão econômica, política, social e cultural; mas deve ter em vista o homem todo, integralmente, com todas as suas dimensões, incluindo a sua abertura para o absoluto, mesmo o absoluto de Deus;

- ela anda portanto coligada a uma determinada concepção do homem, a uma antropologia que ela jamais pode sacrificar às exigências de uma estratégia qualquer, ou de uma práxis ou, ainda, de uma eficácia a curto prazo.

34. Assim, ao pregar a libertação e ao associar-se àqueles que operam e sofrem com o sentido de a favorecer, a Igreja não admite circunscrever a sua missão apenas ao campo religioso, como se desinteressasse dos problemas temporais do homem; mas reafirmando sempre o primado da sua vocação espiritual, ela recusa-se a substituir o anúncio do reino pela proclamação das libertações puramente humanas e afirma mesmo que a sua contribuição para a libertação ficaria incompleta se ela negligenciasse anunciar a salvação em Jesus Cristo.

35. A Igreja relaciona, mas nunca identifica a libertação humana com a salvação em Jesus Cristo, porque ela sabe por revelação, por experiência histórica e por reflexão de fé que nem todas as noções de libertação são forçosamente coerentes e compatíveis com uma visão evangélica do homem, das coisas e dos acontecimentos; e sabe que não basta instaurar a libertação, criar o bem-estar e impulsionar o desenvolvimento, para se poder dizer que o reino de Deus chegou.

Mais ainda: a Igreja tem a firme convicção de que toda a libertação temporal, toda a libertação política - mesmo que ela porventura se esforçasse por encontrar numa ou noutra página do Antigo ou do Novo Testamento a própria justificação, mesmo que ela reclamasse para os seus postulados ideológicos e para as suas normas de ação a autoridade dos dados e das conclusões teológicas e mesmo que ela pretendesse ser a teologia para os dias de hoje - encerra em si mesma o gérmen da sua própria negação e desvia-se do ideal que

se propõe, por isso mesmo que as suas motivações profundas não são as da justiça na caridade, e porque o impulso que a arrasta não tem dimensão verdadeiramente espiritual e a sua última finalidade não é a salvação e a beatitude em Deus.

36. A Igreja tem certamente como algo importante e urgente que se construam estruturas mais humanas, mais justas, mais respeitadoras dos direitos da pessoa, menos opressivas e menos escravizadoras; mas ela continua consciente de que ainda as melhores estruturas, ou os sistemas melhor idealizados depressa se tornam desumanos, se as tendências inumanas do coração do homem não se acharem purificadas, se não houver uma conversão do coração e do modo de encarar as coisas naqueles que vivem em tais estruturas ou que as comandam.

37. A Igreja não pode aceitar a violência, sobretudo a força das armas – de que se perde o domínio, uma vez desencadeada – e a morte de pessoas sem discriminação, como caminho para a libertação; ela sabe, efetivamente, que a violência provoca sempre a violência e gera irresistivelmente novas formas de opressão e de escravização, não raro bem mais pesadas do que aquelas que ela pretendia eliminar. Dizíamos quando da nossa viagem à Colômbia: ‘Exorta-mo-vos a não pôr a vossa confiança na violência, nem na revolução; tal atitude é contrária ao espírito cristão e pode também retardar, ao invés de favorecer, a elevação social pela qual legitimamente aspirais’. E ainda: ‘Nós devemos reafirmar que a violência não é nem cristã nem evangélica e que as mudanças bruscas ou violentas das estruturas seriam falazes e ineficazes em si mesmas e, por certo, não conformes à dignidade dos povos’.

38. Dito isto, nós nos alegramos de que a Igreja tome uma consciência cada dia mais viva do modo próprio, genuinamente evangélico, que ela tem para colaborar na libertação dos homens. E o que faz ela, então? Ela procura suscitar cada vez mais nos ânimos de numerosos cristãos a generosidade para se dedicarem à libertação dos outros. Ela dá a estes cristãos "libertadores" uma inspiração de fé e uma motivação de amor fraterno, uma doutrina social a que o verdadeiro cristão não pode deixar de estar atento, mas que deve; tomar como base da própria prudência e da própria experiência, a fim de a traduzir concretamente em categorias de ação, de participação e de compromisso. Tudo isso, sem se confundir com atitudes táticas nem com o serviço de um sistema político, deve caracterizar a coragem do cristão comprometido. A Igreja esforça-se por inserir sempre a luta cristã em favor da libertação do desígnio global da salvação, que ela própria anuncia.

O que acabamos de recordar aqui emerge por mais de uma vez dos debates do Sínodo. Nós próprio, aliás, também quisemos dedicar a este mesmo tema algumas palavras de esclarecimento na alocução que dirigimos aos Padres sinodais no final da Assembléia.

Todas estas considerações deveriam contribuir, ao menos é de esperar que assim suceda, para evitar a ambigüidade de que se reveste freqüentemente a palavra 'libertação', nas ideologias, nos sistemas ou nos grupos políticos. A libertação que a evangelização proclama e prepara é aquela mesma que o próprio Jesus Cristo anunciou e proporcionou aos homens pelo seu sacrifício”.

Medellín, Cat. 6: “De acordo com esta teologia da revelação, a catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, para oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso, deve ser fiel à transmissão, não só da Mensagem bíblica em seu conteúdo intelectual, mas também à sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje.

As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese. E devem ser interpretadas seriamente, dentro de seu contexto atual, à luz das experiências vivenciais do povo de Israel, de Cristo, e da comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente”.

Nota:61

CT, n.5-9: “A IV Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos insistiu muitas vezes no cristocentrismo de toda a catequese autêntica. Nós podemos fixar aqui os dois significados da palavra, os quais nem se opõem nem se excluem, mas antes se exigem e se completam um ao outro.

Deseja-se acentuar, antes de mais nada, que no centro da catequese nós encontramos essencialmente uma Pessoa: é a Pessoa de Jesus de Nazaré, Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade, que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive conosco para sempre. É este mesmo Jesus que é o Caminho, a Verdade e a Vida; e a vida cristã consiste em seguir a Cristo, ‘sequela Christi’.

O objeto essencial e primordial da catequese, pois, para empregar uma expressão que São Paulo gosta de usar e que é freqüente também na teologia contemporânea, é o Mistério de Cristo. Catequizar é levar alguém, de certa maneira, a perscrutar este Mistério em todas as suas dimensões: expor à luz, diante de todos, qual seja a disposição divina, o Mistério... Compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade... conhecer a caridade de Cristo, que ultrapassa qualquer conhecimento... (e entrar em) toda a Plenitude de Deus. Quer dizer: é procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. É procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados, porquanto eles ocultam e revelam ao mesmo tempo o seu Mistério. Neste sentido, a finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade.

6. O cristocentrismo na catequese, entretanto, significa também que, mediante ela, se deseja transmitir, não já cada um sua própria doutrina ou então a de um mestre qualquer, mas os ensinamentos de Jesus Cristo, a Verdade que ele comunica, ou, mais precisamente, a Verdade que ele é. Tem que se dizer, portanto, que na catequese é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado e todo o resto sempre em relação com ele; e que somente Cristo ensina; qualquer outro que ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar pela sua boca. A preocupação constante de todo catequista, seja qual for o nível das suas responsabilidades na Igreja, deve ser a de fazer passar, através do seu ensino e do seu modo de comportar-se, a doutrina e a vida de Jesus Cristo. Assim ele há de procurar que não se detenha em si mesmo, nas suas opiniões e atitudes pessoais, a atenção e a adesão da inteligência e do coração daqueles que ele catequiza; e sobretudo, ele não há de procurar inculcar as suas opiniões e as suas opções pessoais, como se elas exprimissem a doutrina e as lições de vida de Jesus Cristo. Todos os catequistas deveriam poder aplicar a si próprios a misteriosa palavra de Jesus: A minha doutrina não é tão minha como d'Aquele que me enviou. É

isso que faz São Paulo, ao tratar de um assunto de grande importância: Eu aprendi do Senhor isto, que por minha vez vos transmiti. Que freqüente e assíduo contato com a Palavra de Deus transmitida pelo Magistério da Igreja, que familiariedade profunda com Cristo e com o Pai, que espírito de oração e que despreendimento de si mesmo deve ter um catequista, para poder dizer: A minha doutrina não é minha!

7. Depois, esta doutrina não é um corpo de verdades abstratas: ela é a comunicação do Mistério vivo de Deus. A qualidade d'Aquele que ensina no Evangelho e a natureza de seus ensinamentos ultrapassam de todas as maneiras as dos mestres em Israel, em virtude daquela ligação única que existe entre aquilo que ele diz, aquilo que ele faz e aquilo que ele é. Contudo, permanece o fato de os Evangelhos nos relatarem claramente momentos em que Jesus ensina. Jesus foi fazendo e ensinando: nestes dois verbos que introduzem o livro dos Atos dos Apóstolos, São Lucas une e distingue ao mesmo tempo os dois pólos da missão de Cristo.

Jesus ensinou. É esse o testemunho que ele dá de si mesmo: Eu estava todos os dias sentado no Templo a ensinar. É essa também a observação que fazem cheios de admiração os Evangelistas, surpreendidos por o verem ensinar sempre e em qualquer lugar, e fazê-lo duma maneira e com uma autoridade desconhecidas até então: De novo acorreu a ele muita gente e, como de costume, pôs-se outra vez a ensiná-la; E maravilhavam-se por causa de sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade. O mesmo atestam seus adversários, para daí tirarem um motivo de acusação e de condenação: Ele subleva o povo, ensinando por toda a Judéia, a começar da Galiléia até aqui.

8. Aquele que ensina deste modo merece por uma razão que é única o nome de Mestre. Quantas vezes, ao longo do Novo Testamento, e especialmente nos Evangelhos, é atribuído a Cristo esse título de Mestre! Aí se refere claramente que os Doze, os outros discípulos e as multidões de ouvintes lhe chamam Mestre, com uma entoação ao mesmo tempo de admiração, de confiança e de ternura. E até mesmo os fariseus e os saduceus, os doutores da Lei e os judeus em geral não lhe recusam essa designação: Mestre, queríamos ver-te fazer um prodígio; Mestre, que devo fazer para obter a vida eterna?. Mas é sobretudo o próprio Jesus, em momentos particularmente solenes e muito significativos, que se denomina Mestre: Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem, visto que o sou; e proclama a singularidade e o caráter único da sua condição de Mestre: ... um só é o vosso Mestre, Cristo. Assim se compreende que, no decorrer de dois mil anos, em todas as línguas da terra, homens de todas as condições, raças e nações lhe tenham dado este título, com veneração, repetindo à sua maneira a exclamação de Nicodemos: Sabemos que vieste como Mestre da parte de Deus.

Esta imagem de Cristo a ensinar, ao mesmo tempo majestosa e familiar, impressionante e tranqüilizadora, imagem desenhada pela pena dos Evangelistas e com freqüência evocada depois pela iconografia desde os primeiros séculos da era paleocristã, tão atraente ela se apresentava, me é grato também a mim evocá-la no início destas considerações sobre a catequese no mundo contemporâneo.

9. Ao fazer esta evocação, eu não esqueço que a majestade de Cristo que ensina, a coerência e a força persuasiva únicas do seu ensino não se conseguem explicar senão porque suas palavras, suas parábolas e seus raciocínios não são nunca separáveis de sua vida e de seu próprio ser. Neste sentido, toda a vida de Cristo foi um contínuo ensinar: seus silêncios, seus milagres, seus gestos, sua oração, seu amor pelo homem, sua predileção pelos pequeninos e pelos pobres, a aceitação do sacrifício total na cruz pela redenção do mundo e sua ressurreição são o atuar-se de sua palavra e o realizar-se de sua revelação. De modo que para os cristãos o Crucifixo é uma das imagens mais sublimes e mais populares de Jesus que ensina.

Oxalá todas estas considerações, que se situam na esteira das grandes tradições da Igreja, consolidem em nós o fervor para com Cristo, o Mestre que revela Deus aos homens e revela o homem a si mesmo; o Mestre que salva, santifica e guia, que está vivo e que fala, desperta, comove, corrige, julga, perdoa e marcha todos os dias conosco pelos caminhos da história; o Mestre que vem e que há de vir na glória.

É somente numa profunda comunhão com ele que os catequistas encontrarão luz e força para uma desejável renovação autêntica da catequese".

Nota:62

GS, n.10: "a Igreja crê igualmente que a chave, o centro e o fim de toda a história humana estão no seu Senhor e Mestre. Afirma ainda que em meio as mudanças todas, há algo de imutável, cujo fundamento último é Cristo, detem, hoje e por todos os séculos".

Nota:63

cf. **EN, n.22:** "Entretanto isto permanecerá sempre insuficiente, pois ainda o mais belo testemunho virá a demonstrar-se, com o andar do tempo, impotente, se ele não vier a ser esclarecido, justificado, explicitado por um anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus".

Nota:64

cf. **DCG 38:** "O conteúdo da mensagem da salvação consta de partes intimamente ligadas entre si, embora sua revelação tenha sido feita gradativamente por Deus nos tempos antigos pelos profetas finalmente através do Filho (cf. Hb 1,1). Sendo a finalidade da catequese, como foi dito anteriormente, levar, tanto os fiéis individualmente, como as comunidades, à maturidade da fé, deve preocupar-se em apresentar fielmente o tesouro integral da mensagem cristã. Nisso se deve seguir o exemplo da pedagogia divina, levando-se, porém, em conta a plenitude da revelação que nos foi divinamente comunicada, para que o povo de Deus possa dela alimentar-se e viver.

Assim a catequese parte de uma apresentação mais simples da estrutura integral da mensagem cristã (recorrendo também a fórmulas resumidas ou gerais) e propõe-se de modo adequado às várias condições culturais e espirituais dos catequizandos. Mas não pode limitar-se a esta exposição inicial; deve igualmente preocupar-se em apresentar o conteúdo de maneira cada vez mais ampla e mais explícita, de tal modo que os fiéis individualmente e a comunidade cristã cheguem a um conhecimento cada vez mais profundo e vital da mensagem cristã e saibam julgar, à luz da revelação, as situações ou práticas concretas da vida humana.

Esta difícil tarefa da catequese deve ser realizada sob a direção do Magistério da Igreja, a quem compete salvaguardar a verdade da mensagem divina e cuidar que o ministério da palavra se sirva de expressões e formulações adequadas e leve prudentemente em consideração as contribuições que a pesquisa teológica e as ciências humanas podem oferecer".

Nota:65

CT, n.30: "A propósito do conteúdo da catequese, ainda, há três pontos importantes, que em nossos dias merecem particular atenção.

O primeiro diz respeito à integridade desse conteúdo. Para ser perfeita a oblação da sua fé, aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm o direito de receber a “palavra da fé” não mutilada, falsificada ou diminuída, mas sim plena e integral, com todo seu rigor e com todo seu vigor. Atraiçoar em qualquer ponto a integridade da mensagem é esvaziar perigosamente a própria catequese e comprometer os frutos que Cristo e a comunidade eclesial têm o direito a esperar dela. Não é certamente por acaso que o mandado final de Jesus no Evangelho de São Mateus tem a marca de uma certa totalidade: “Todo o poder me foi dado... Ensinais todas as gentes... ensinando-as a observar tudo o que vos mandei... Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo”. É por isso que, quando uma pessoa, ao pressentir “a superioridade do conhecimento de Jesus Cristo” encontrado pela fé, tem em si mesma, talvez inconscia-mente, o desejo de o alcançar mais e melhor por “um anúncio e uma instrução segundo a verdade que existe em Jesus”, nenhum pretexto pode ser válido para lhe recusar parte alguma desse conhecimento. O que seria de uma catequese que não desse todo o seu devido lugar à criação do homem e ao pecado deste, ao desígnio de redenção do nosso Deus e à longa e amorosa preparação e realização do mesmo desígnio, à Encarnação do Filho de Deus, a Maria – a Imaculada, a Mãe de Deus, sempre Virgem, elevada ao Céu em corpo e alma – e ao seu papel no mistério da Salvação, ao mistério de iniquidade que continua a operar em nossas vidas e à potência de Deus que nos liberta dele, à necessidade da penitência e da ascese, aos gestos sacramentais e litúrgicos, à realidade da presença eucarística de Cristo, à participação na vida divina já aqui sobre a terra e para além da morte etc.? Assim, nenhum verdadeiro catequista poderia legitimamente fazer, por seu próprio arbítrio, uma seleção no depósito da fé, entre aquilo que ele considerasse importante e aquilo que julgasse sem importância, para ensinar o “importante” e rejeitar o restante”.

Nota:66

DCG, n.43: “Na mensagem da salvação há uma hierarquia das verdades (cf. UR, 11), que a Igreja sempre reconheceu, ao compor os símbolos ou compêndios das verdades da fé. Tal hierarquia não implica que algumas verdades pertençam menos a fé que outras. Significa apenas que algumas verdades se baseiam em outras que são mais importantes e por elas são iluminadas”.

Nota:67

CT, n.31: “Daqui deriva, ainda, esta segunda observação: é possível que a presente situação da catequese ou razões de método ou de pedagogia aconselhem a comunicação das riquezas do conteúdo da catequese de uma maneira determinada em vez de outra. De resto, a integridade não dispensa do equilíbrio, nem do caráter orgânico e hierarquizado, graças aos quais se poderá dar às verdades a ensinar, às normas a transmitir e aos caminhos da vida cristã a indicar, a importância que respectivamente lhes compete. É possível também que uma determinada linguagem se demonstre preferível para transmitir esse conteúdo a certa pessoa ou a tal grupo de pessoas. Uma escolha será válida então na medida em que, longe de ser ditada por teorias ou por preconceitos mais ou menos subjetivos e marcados por uma determinada ideologia, for inspirada pela humilde preocupação de coligir um conteúdo que deve permanecer intacto. O método e a linguagem utilizados devem conservar-se verdadeiramente como instrumentos para comunicar a totalidade e não apenas uma parte das “palavras de vida eterna” ou dos “caminhos da vida””.

Nota:68

GS, n.62: “Essas dificuldades não prejudicam necessariamente a vida da fé, pelo contrário, podem até despertar para uma compreensão mais perfeita e mais profunda da própria fé. O desenvolvimento das ciências, os estudos mais recentes de história e de filosofia e as novas invenções suscitam questões que transformam a vida e colocam novos problemas para a teologia. Sem abdicar das exigências e dos métodos próprios de sua disciplina, os teólogos enfrentam o desafio de buscar modos de expressão que comuniquem a doutrina de forma melhor adaptada aos nossos tempos. Uma coisa é o depósito da fé, a verdade, outra a maneira como vem expresso, dentro da fidelidade ao mesmo sentido e ao mesmo conteúdo. Na pastoral, além dos princípios teológicos, são de grande utilidade as descobertas científicas, em particular da psicologia e da sociologia, que muito contribuem para a maturidade e pureza da fé”.

Nota:69

Medellín, Cat. 6: “Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à conquista da terra prometida, assim também nós, novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se dá o “verdadeiro desenvolvimento, que é, para cada um e para todos, a passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humanas. Menos humanas: as carências materiais dos que são privados do mínimo vital e as carências morais dos que são mutilados pelo egoísmo. Menos humanas: as estruturas opressoras que provêm dos abusos da posse ou do poder, das explorações dos trabalhadores ou da injustiça das transações. Mais humanas: a passagem da miséria para a posse do necessário, a vitória sobre as calamidades sociais, a ampliação dos conhecimentos, a aquisição da cultura. Mais humanas também: o aumento na consideração da dignidade dos outros, a orientação para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade de paz. Mais humanas ainda: o reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus, que deles é a fonte e o fim. Mais humanas, finalmente, e em especial, a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade dos homens e a unidade na caridade de Cristo, que nos chama a todos a participar como filhos na vida de Deus vivo, Pai de todos os homens”

cf. **CT, n.29:** “O mesmo Sumo Pontífice recordou, no terceiro capítulo da sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, “o conteúdo essencial, a substância viva” da evangelização. É necessário, para a própria catequese, ter presentes cada um desses elementos bem como a síntese viva na qual eles se acham inter-relacionados. Limitar-me-ei aqui a alguns simples apontamentos. A cada um de nós é fácil ver, por exemplo, quanto é importante fazer compreender às crianças e aos adolescentes e àqueles que progredem na fé “o que de Deus se pode conhecer”; poder, em certo sentido, dizer-lhes: “Aquele que vós adorais sem conhecer, eu vo-lo anuncio”; expor-lhes em poucas palavras o mistério do Verbo de Deus feito homem que realizou a salvação do homem pela sua Páscoa, ou seja, mediante sua morte e sua ressurreição, e também pela sua pregação, pelos sinais que ele realizou e pelos sacramentos de sua presença permanente no meio de nós. Os Padres do Sinodo demonstraram-se bem inspirados quando solicitaram que se evite de reduzir Cristo à sua humanidade e a sua mensagem a uma dimensão simplesmente terrena, mas que ele seja reconhecido como o Filho de Deus e o Mediador que nos proporciona livre acesso ao Pai, no Espírito.

Importa tornar patente aos olhos da inteligência, assim como aos olhos do coração, sob a luz da fé, este sacramento da presença de Cristo que é o Mistério da Igreja, assembléia de homens pecadores, mas ao mesmo tempo santificados e que constituem a família de Deus, reunida pelo Senhor sob a guia daqueles que “o Espírito Santo... estabeleceu vigilantes para pastorearem a Igreja de Deus”. É igualmente importante explicar que a história dos homens, com suas marcas de graça e de pecado, de grandeza e de miséria, é assumida por Deus em seu Filho Jesus Cristo e “consegue apresentar já uma certa prefiguração do mundo que há de vir”.

Finalmente, importa apresentar sem rodeios as exigências, que consistem em renúncias, mas também em alegrias, daquilo que o Apóstolo São Paulo gostava de chamar “vida nova”, “nova criatura”, ser ou existir em Cristo, “vida eterna em Jesus Cristo”, e que não é outra coisa senão a vida no mundo, mas uma vida vivida segundo as bem-aventuranças e uma vida destinada a prolongar-se e a ser transfigurada para além da morte.

De tudo isto resulta a importância, na catequese, das exigências morais e pessoais em correspondência com o Evangelho, e das atitudes cristãs frente à vida e frente ao mundo, quer sejam heróicas quer sejam muito simples: nós costumamos chamar-lhes virtudes cristãs ou virtudes evangélicas. Daqui também o cuidado que se há de ter na catequese em não omitir, mas sim esclarecer como convém, no constante esforço de educação da fé, realidades como a ação do homem para sua libertação integral, o empenho na busca de uma sociedade mais solidária e mais fraternal e as lutas pela justiça e pela construção da paz.

Não é de se considerar que esta dimensão da catequese seja absolutamente nova. Já desde a época patrística, Santo Ambrósio e São João Crisóstomo por exemplo, para não citar outros, haviam posto em evidência as consequências sociais das exigências evangélicas e, em tempos mais próximos, o Catecismo de São Pio X citava explicitamente entre os pecados que bradam diante de Deus por punição o fato de oprimir os pobres, assim como o de privar os trabalhadores do seu justo salário. E especialmente depois da Encíclica *Rerum Novarum*, a preocupação social acha-se ativamente presente no ensino catequético dos Papas e dos Bispos. Numerosos Padres do Sínodo solicitaram, com legítima insistência, que o rico patrimônio do ensinamento social da Igreja tivesse seu lugar, com as formas apropriadas, na formação catequética comum dos fiéis”.

Nota:70

CT, n.31: “Daqui deriva, ainda, esta segunda observação: é possível que a presente situação da catequese ou razões de método ou de pedagogia aconselhem a comunicação das riquezas do conteúdo da catequese de uma maneira determinada em vez de outra. De resto, a integridade não dispensa do equilíbrio, nem do caráter orgânico e hierarquizado, graças aos quais se poderá dar às verdades a ensinar, às normas a transmitir e aos caminhos da vida cristã a indicar, a importância que respectivamente lhes compete. É possível também que uma determinada linguagem se demonstre preferível para transmitir esse conteúdo a certa pessoa ou a tal grupo de pessoas. Uma escolha será válida então na medida em que, longe de ser ditada por teorias ou por preconceitos mais ou menos subjetivos e marcados por uma determinada ideologia, for inspirada pela humilde preocupação de coligar um conteúdo que deve permanecer intacto. O método e a linguagem utilizados devem conservar-se verdadeiramente como instrumentos para comunicar a totalidade e não apenas uma parte das “palavras de vida eterna” ou dos “caminhos da vida”.

Nota:71

CT, n.51: “A idade e o desenvolvimento intelectual dos cristãos, bem como o seu grau de maturidade eclesial e espiritual e muitas outras circunstâncias pessoais exigem que a catequese adote métodos muito diversos, para poder alcançar a própria finalidade específica: a educação para a fé. Uma tal variedade é também exigida, num plano mais geral, pelo meio sócio-cultural em que a Igreja desenvolve a sua atividade catequética.

A variedade nos métodos é um sinal de vida e uma riqueza. Foi assim que a consideraram os Padres da IV Assembléia Geral do Sínodo, ao chamarem a atenção para as condições indispensáveis, a fim de que tal variedade seja útil e não prejudicial à unidade do ensino da única fé”.

cf. **DCG, n.72:** “O método indutivo oferece grandes vantagens. Consiste na apresentação de fatos (tais são os acontecimentos bíblicos, os atos litúrgicos, a vida da Igreja e a vida cotidiana), na sua consideração e análise, com a finalidade de se descobrir a significação que tem no mistério cristão. Este método está em conformidade com a economia da revelação e corresponde a uma das características fundamentais do espírito que chega às realidades inteligíveis partindo das coisas visíveis; além disso, é também conforme às características do conhecimento da fé que é um conhecimento através de sinais.

O método indutivo não exclui, mas até, pelo contrário, exige também o método dedutivo, que consiste em explicar e descrever os fatos partindo das suas causas. Entretanto, a síntese dedutiva geralmente só mostra o seu pleno valor quando for precedida por um processo indutivo”.

Nota:72

EN, n.29: “Mas a evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens. É por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada: sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana e sobre a vida familiar, sem a qual o desabrochamento pessoal quase não é possível, sobre a vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem sobremaneira vigorosa nos nossos dias, ainda, sobre a libertação”.

cf. **Medellín, Cat. 6:** “De acordo com esta teologia da revelação, a catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, para oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso, deve ser fiel à transmissão, não só da Mensagem bíblica em seu conteúdo intelectual, mas também à sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje.

As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese. E devem ser interpretadas seriamente, dentro de seu contexto atual, à luz das experiências vivenciais do povo de Israel, de Cristo, e da comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente”.

Nota:73

cf. **MM, n.239:** “Afirma, do mesmo modo, o Sumo Pontífice Pio XII, que a nossa época se distingue pelo contraste flagrante entre o imenso progresso científico e técnico, e um espantoso regresso no campo dos valores humanos, pois, “sua monstruosa obra-prima consiste em transformar o homem num gigante do mundo

físico, à custa do seu espírito reduzido a pigmeu, no mundo sobrenatural e eterno” Uma vez mais se verifica, hoje, em proporções tão vastas, o que dos pagãos afirmava o Salmista, ao dizer que os homens esquecem, muitas vezes, na ação, a própria natureza, e admiram as obras que fazem, a ponto de verem nelas um ídolo: Seus ídolos são prata e ouro, obra das mãos dos homens”. Reconhecimento e respeito pela hierarquia dos valores”.

AA, n.29: “Os leigos, como tais, participam da missão apostólica da Igreja. Sua formação apostólica, portanto, decorre do caráter leigo e secular de sua vida, que confere à sua dimensão espiritual características próprias.

A formação para o apostolado requer uma formação humana integral, adaptada à capacidade e às circunstâncias em que vive cada um. O leigo deve conhecer bem o mundo em que vive e agir como membro autêntico da sociedade e da cultura a que pertence.

O leigo deve começar por assimilar qual é a missão de Cristo e da Igreja, viver na luz do mistério da criação e da redenção, movido pelo Espírito de Deus, que anima o povo de Deus e que conduz interiormente todos os seres humanos ao amor de Deus Pai e, nesse mesmo amor, ao amor do mundo e de todos os seres humanos. Deve-se considerar esse aprendizado como o fundamento de todo apostolado válido.

Além da formação espiritual, é necessária uma sólida formação doutrinária, teológica mesmo, ética e filosófica, segundo a diversidade das idades, condições e capacidade de cada um. Não se pode de maneira alguma negligenciar a importância da cultura geral, em articulação com a formação técnica e prática.

Para entreter com os demais boas relações humanas é preciso cultivar os valores humanos, a começar pela arte de conviver fraternalmente, dialogar e cooperar com os outros.

A formação ao apostolado não se limita a seu aspecto teórico. Desde o início de sua formação, de maneira gradual e prudente, o leigo deve ir aprendendo a ver a realidade com os olhos da fé, a julgar e a agir, de tal sorte que vá se aperfeiçoando na ação de cada dia, juntamente com os outros, comece assim a se dedicar ao exigente serviço da Igreja. Acompanhe a formação o progressivo amadurecimento da pessoa, a evolução das questões em si mesmas, o desenvolvimento dos conhecimentos e a capacidade crescente de agir corretamente. Apesar de suas exigências e urgências, deve ter sempre presente a unidade e a integridade da pessoa, a ser escrupulosamente resguardada e até mesmo favorecida pela busca de um equilíbrio sempre maior.

Dessa forma o leigo se insere ativa e profundamente na própria realidade da ordem temporal, assume suas responsabilidade na gestão das coisas desse mundo, ao mesmo tempo que, como membro vivo e testemunha da Igreja, torna-a presente e atuante no meio do mundo”.

Nota:74

cf. **Medellín, Cat. 4:** “Ao apresentar sua mensagem renovada, a catequese deve manifestar a unidade do plano de Deus.

Sem cair em confusões ou em identificações simplistas, deve-se expressar sempre a unidade profunda que existe entre o plano divino de salvação, realizado em Cristo, e as aspirações do homem; entre a história da salvação e a história humana; entre a Igreja, Povo de Deus, e as comunidades temporais; entre a ação reveladora de Deus e a experiência do homem; entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos.

Excluindo assim toda dicotomia ou dualismo no cristão, a catequese prepara o desenvolvimento progressivo do Povo de Deus para a sua realização escatológica, que tem agora sua expressão na liturgia”.

DCG, n.8: “Não faltam fiéis, de formação cristã mais elevada, que experimentam dificuldades em face da linguagem da fé, que julgam excessivamente vinculada a fórmulas antiquadas e obsoletas ou demasiadamente ligada à cultura ocidental. Desejam um novo modo de expressão para as verdades religiosas, que se adapte à situação humana de hoje e permita que a fé lance a sua luz sobre as realidades que afligem os homens de hoje e que o Evangelho possa ser traduzido para as diferentes culturas. Certamente é dever da Igreja considerar com a máxima atenção este desejo dos homens.

O que no Decreto Ad Gentes foi indicado para as igrejas recentemente fundadas, aplica-se também a todos quantos se dedicam ao ministério da palavra. “Recebem dos costumes e das tradições dos seus povos, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do Criador, ilustrar a graça do Salvador, e ordenar como convém, a vida cristã” (n. 22; cf.: n. 21; Paulo VI, Alloc. de 6 de agosto de 1969).

Por isso, “apresentando aos homens a mensagem evangélica de maneira renovada, o ministério da palavra deve manifestar a unidade do plano divino da salvação. Evitando confusões e identificações simplistas, deve sempre mostrar a profunda e íntima coerência que existe entre o plano salvífico de Deus, realizado em Cristo Senhor e as aspirações dos homens, entre a história da salvação e a história humana, entre a Igreja, povo de Deus e as comunidades humanas, entre a ação reveladora de Deus e a experiência humana, entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos”(Com. 5-s/com. da 2 Conf. Geral do Episcopado Latino-Americano, 1968)”.

Nota:75

Puebla 979: “Um esforço sincero para integrar a vida com a fé, a história humana com a história da salvação, a situação humana com a doutrina revelada, a fim de que o homem consiga a sua verdadeira libertação”.

Nota:76

Puebla 988: “Não raro, cai-se em dualismos e falsas oposições, como entre catequese sacramental e catequese vivencial; catequese da situação e catequese doutrinária. Por não situar-se numa posição de justo equilíbrio, alguns têm caído no formulismo e outros no vivencial sem apresentação de doutrina; há os que passaram do memorismo à total ausência de memorização”.

Nota:77

CT, n.22: “É inútil tentar jogar com a ortopraxe contra a ortodoxia: o Cristianismo é inseparavelmente uma coisa e outra. As convicções firmes e refletidas levam à ação corajosa e correta; o esforço por educar os fiéis para viverem nos dias de hoje como discípulos de Cristo reclama e facilita uma descoberta aprofundada do Mistério de Cristo na história da Salvação.

É inútil igualmente apregoar o abandono de um estudo sério e sistemático da mensagem de Cristo, sob o pretexto de uma preferência metodológica dada à experiência vital. Ninguém pode alcançar a verdade integral mediante uma simples experiência privada, quer dizer, sem uma explicação adequada da mensagem de Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6).

Também não se há de opor uma catequese a partir da vida a uma catequese tradicional, doutrinal e sistemática. A catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de si mesmo ao homem, em Jesus Cristo; revelação esta conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada, por uma traditio (tradição) viva e ativa, de uma geração para a outra. E tal revelação não está isolada da vida, nem justaposta a ela de maneira artificial. Mas diz respeito ao sentido último da existência, que ela esclarece totalmente, para a inspirar e para dela ajuizar criticamente, à luz do Evangelho.

É por isso que nós podemos aplicar aos catequistas aquilo que o Concílio Vaticano II dizia especialmente aos sacerdotes: educadores do homem e da vida do homem na fé”.

Nota:78

CT, n.22: “É inútil tentar jogar com a ortopraxe contra a ortodoxia: o Cristianismo é inseparavelmente uma coisa e outra. As convicções firmes e refletidas levam à ação corajosa e correta; o esforço por educar os fiéis para viverem nos dias de hoje como discípulos de Cristo reclama e facilita uma descoberta aprofundada do Mistério de Cristo na história da Salvação.

É inútil igualmente apregoar o abandono de um estudo sério e sistemático da mensagem de Cristo, sob o pretexto de uma preferência metodológica dada à experiência vital. Ninguém pode alcançar a verdade integral mediante uma simples experiência privada, quer dizer, sem uma explicação adequada da mensagem de Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6).

Também não se há de opor uma catequese a partir da vida a uma catequese tradicional, doutrinal e sistemática. A catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de si mesmo ao homem, em Jesus Cristo; revelação esta conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada, por uma traditio (tradição) viva e ativa, de uma geração para a outra. E tal revelação não está isolada da vida, nem justaposta a ela de maneira artificial. Mas diz respeito ao sentido último da existência, que ela esclarece totalmente, para a inspirar e para dela ajuizar criticamente, à luz do Evangelho.

É por isso que nós podemos aplicar aos catequistas aquilo que o Concílio Vaticano II dizia especialmente aos sacerdotes: educadores do homem e da vida do homem na fé”.

Nota:79

Sínodo dos Bispos de 1977, Mensagem ao Povo de Deus, 13.

Nota:80

cf. **CT, IV parte: “26.** Sendo a catequese um momento ou um aspecto da evangelização, o seu conteúdo não poderia ser outro senão o da mesma evangelização tomada globalmente: a mesma mensagem – a Boa Nova da Salvação – uma vez, cem vezes ouvida e acolhida com o coração, na catequese é aprofundada sem cessar, mediante a reflexão e o estudo sistemático; e igualmente, mediante uma cada vez mais comprometedora tomada de consciência das suas repercussões na vida pessoal de cada um; e mediante ainda, uma sua inserção num todo orgânico e harmonioso, que é a existência cristã na sociedade e no mundo.

27. A catequese há de haurir sempre o seu conteúdo na fonte viva da Palavra de Deus, transmitida na Tradição e na Escritura, porque “a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito inviolável da Palavra de Deus, confiado à Igreja”, como o recordou o Concílio Vaticano II, desejando que “o ministério da palavra, que compreende a pregação pastoral, a catequese, e toda espécie de instrução cristã... com proveito se alimente e santamente se revigore com a mesma palavra da Escritura”.

Falar da Tradição e da Escritura como fonte da catequese é já acentuar que esta tem de ser impregnada e penetrada pelo pensamento, pelo espírito e pelas atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados; e é também recordar que a catequese será tanto mais rica e eficaz, quanto mais ela ler os textos com a inteligência e o coração da Igreja e quanto mais ela se inspirar na reflexão e na vida duas vezes milenária da mesma Igreja.

O ensino, a liturgia e a vida da Igreja brotam desta fonte e a ela conduzem, sob a guia dos Pastores e principalmente do Magistério doutrinal que o Senhor Ihe confiou.

28. Uma expressão privilegiada da herança viva, que os mesmos Pastores recebem o encargo de guardar, encontra-se no Credo, ou, mais concretamente, nos Símbolos que, em momentos cruciais, coligiram em afortunadas sínteses a fé da Igreja. No decurso de séculos, um elemento importante da catequese era precisamente a “*traditio Symboli*” (ou transmissão do resumo dos pontos principais da fé), seguida da transmissão (“*traditio*”) da Oração dominical. Em nossos dias, este rito expressivo foi reintroduzido na cerimônia da iniciação dos catecúmenos. E não seria o caso de se procurar descobrir uma utilização adaptada e mais vasta para o mesmo gesto, a fim de ele marcar a fase importante entre todas as demais, em que um novo discípulo de Jesus Cristo acolhe com plena lucidez e coragem o conteúdo daquilo que ele, daí por diante, terá de aprofundar com seriedade?

O meu predecessor Paulo VI houve por bem coligir, no “Credo do Povo de Deus”, proclamado por ocasião do XIX Centenário do Martírio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, os elementos essenciais da fé católica, sobretudo aqueles que apresentavam uma maior dificuldade ou que corriam o risco de ser desconhecidos. É um ponto de referência seguro para o conteúdo da catequese.

29. O mesmo Sumo Pontífice recordou, no terceiro capítulo da sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, “o conteúdo essencial, a substância viva” da evangelização. É necessário, para a própria catequese, ter presentes cada um desses elementos bem como a síntese viva na qual eles se acham inte-grados.

Limitar-me-ei aqui a alguns simples apontamentos. A cada um de nós é fácil ver, por exemplo, quanto é importante fazer compreender às crianças e aos adolescentes e àqueles que progredem na fé “o que de Deus se pode conhecer”; poder, em certo sentido, dizer-lhes: “Aquele que vós adorais sem conhecer, eu vo-lo anuncio”; expor-lhes em poucas palavras o mistério do Verbo de Deus feito homem que realizou a salvação do homem pela sua Páscoa, ou seja, mediante sua morte e sua ressurreição, e também pela sua pregação, pelos sinais que ele realizou e pelos sacramentos de sua presença permanente no meio de nós. Os Padres do Sínodo demonstraram-se bem inspirados quando solicitaram que se evite de reduzir Cristo à sua humanidade e a sua mensagem a uma dimensão simplesmente terrena, mas que ele seja reconhecido como o Filho de Deus e o Mediador que nos proporciona livre acesso ao Pai, no Espírito.

Importa tornar patente aos olhos da inteligência, assim como aos olhos do coração, sob a luz da fé, este sacramento da presença de Cristo que é o Mistério da Igreja, assembléia de homens pecadores, mas ao mesmo tempo santificados e que constituem a família de Deus, reunida pelo Senhor sob a guia daqueles que “o Espírito Santo... estabeleceu vigilantes para pastorearem a Igreja de Deus”.

É igualmente importante explicar que a história dos homens, com suas marcas de graça e de pecado, de grandeza e de miséria, é assumida por Deus em seu Filho Jesus Cristo e “consegue apresentar já uma certa prefiguração do mundo que há de vir”.

Finalmente, importa apresentar sem rodeios as exigências, que consistem em renúncias, mas também em alegrias, daquilo que o Apóstolo São Paulo gostava de chamar “vida nova”, “nova criatura”, ser ou existir em Cristo, “vida eterna em Jesus Cristo”, e que não é outra coisa senão a vida no mundo, mas uma vida vivida segundo as bem-aventuranças e uma vida destinada a prolongar-se e a ser transfigurada para além da morte.

De tudo isto resulta a importância, na catequese, das exigências morais e pessoais em correspondência com o Evangelho, e das atitudes cristãs frente à vida e frente ao mundo, quer sejam heróicas quer sejam muito simples: nós costumamos chamar-lhes virtudes cristãs ou virtudes evangélicas. Daqui também o cuidado que se há de ter na catequese em não omitir, mas sim esclarecer como convém, no constante esforço de educação da fé, realidades como a ação do homem para sua libertação integral, o empenho na busca de uma sociedade mais solidária e mais fraternal e as lutas pela justiça e pela construção da paz.

Não é de se considerar que esta dimensão da catequese seja absolutamente nova. Já desde a época patrística, Santo Ambrósio e São João Crisóstomo por exemplo, para não citar outros, haviam posto em evidência as conseqüências sociais das exigências evangélicas e, em tempos mais próximos, o Catecismo de São Pio X citava explicitamente entre os pecados que bradam diante de Deus por punição o fato de oprimir os pobres, assim como o de privar os trabalhadores do seu justo salário. E especialmente depois da Encíclica *Rerum Novarum*, a preocupação social acha-se ativamente presente no ensino catequético dos Papas e dos Bispos. Numerosos Padres do Sinodo solicitaram, com legítima insistência, que o rico patrimônio do ensinamento social da Igreja tivesse seu lugar, com as formas apropriadas, na formação catequética comum dos fiéis.

Integridade do conteúdo

30. A propósito do conteúdo da catequese, ainda, há três pontos importantes, que em nossos dias merecem particular atenção.

O primeiro diz respeito à integridade desse conteúdo. Para ser perfeita a oblação da sua fé, aqueles que se tornam discípulos de Cristo têm o direito de receber a “palavra da fé” não mutilada, falsificada ou diminuída, mas sim plena e integral, com todo seu rigor e com todo seu vigor. Atraiçoar em qualquer ponto a integridade da mensagem é esvaziar perigosamente a própria catequese e comprometer os frutos que Cristo e a comunidade eclesial têm o direito a esperar dela. Não é certamente por acaso que o mandado final de Jesus no Evangelho de São Mateus tem a marca de uma certa totalidade: “Todo o poder me foi dado... Ensinai todas as gentes... ensinando-as a observar tudo o que vos mandei... Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo”. É por isso que, quando uma pessoa, ao pressentir “a superioridade do conhecimento de Jesus Cristo” encontrado pela fé, tem em si mesma, talvez inconsciente, o desejo de o alcançar mais e melhor por “um anúncio e uma instrução segundo a verdade que existe em Jesus”, nenhum pretexto pode ser válido para lhe recusar parte alguma desse conhecimento. O que seria de uma catequese que não desse todo o seu devido lugar à criação do homem e ao pecado deste, ao desígnio de redenção do nosso Deus e à longa e amorosa preparação e realização do mesmo desígnio, à Encarnação do Filho de Deus, a Maria – a Imaculada, a Mãe de Deus, sempre Virgem, elevada ao Céu em corpo e alma – e ao seu papel no mistério da Salvação, ao mistério de iniquidade que continua a operar em nossas vidas e à potência de Deus que nos liberta dele, à necessidade da penitência e da ascese, aos gestos sacramentais e litúrgicos, à realidade da presença eucarística de Cristo, à participação na vida divina já aqui sobre a terra e para além da morte etc.? Assim, nenhum verdadeiro catequista poderia legitimamente fazer, por seu próprio arbítrio, uma seleção no depósito da fé, entre aquilo que ele considerasse importante e aquilo que julgasse sem importância, para ensinar o “importante” e rejeitar o restante.

31. Daqui deriva, ainda, esta segunda observação: é possível que a presente situação da catequese ou razões de método ou de pedagogia aconselhem a comunicação das riquezas do conteúdo da catequese de uma maneira determinada em vez de outra. De resto, a integridade não dispensa do equilíbrio, nem do caráter orgânico e hierarquizado, graças aos quais se poderá dar às verdades a ensinar, às normas a transmitir e aos caminhos da vida cristã a indicar, a importância que respectivamente lhes compete. É possível também que uma determinada linguagem se demonstre preferível para transmitir esse conteúdo a certa pessoa ou a tal grupo de pessoas. Uma escolha será válida então na medida em que, longe de ser ditada por teorias ou por preconceitos mais ou menos subjetivos e marcados por uma determinada ideologia, for inspirada pela humilde preocupação de coligar um conteúdo que deve permanecer intacto. O método e a linguagem utilizados devem conservar-se verdadeiramente como instrumentos para comunicar a totalidade e não apenas uma parte das “palavras de vida eterna” ou dos “caminhos da vida”.

32. O grande movimento, certamente inspirado pelo Espírito de Jesus, que de há alguns anos para cá, impele a Igreja Católica a procurar juntamente com outras Igrejas ou confissões cristãs a recomposição da perfeita unidade desejada pelo Senhor, leva-me a dizer uma palavra sobre o caráter ecumênico da catequese. Esse movimento assumiu todo o seu relevo no Concílio Vaticano II e, a partir do Concílio, revestiu-se na Igreja de uma nova amplitude, concretizada numa série impressionante de fatos e iniciativas que já são do conhecimento de todos.

A catequese, de fato, não pode ficar alheia a esta dimensão ecumênica, uma vez que todos os fiéis, cada um segundo suas próprias capacidades e sua situação na Igreja, são chamados a participar no movimento para a unidade.

A catequese terá uma dimensão ecumênica, pois, se ela, sem renunciar a ensinar que a plenitude das verdades reveladas e dos meios de salvação instituídos por Cristo permanece na Igreja, fizer tal ensino com sincero respeito, em palavras e em obras, para com as comunidades eclesiais que não estão em perfeita comunhão com esta mesma Igreja.

Neste contexto, é sobremaneira importante fazer uma apresentação correta e leal das outras Igrejas e comunidades eclesiais, das quais o Espírito de Cristo não recusa servir-se como de meios de salvação; e “entre

os elementos e os bens, tomados em conjunto, com que a Igreja se edifica e é vivificada, alguns e até muitos e muito importantes podem existir fora dos limites visíveis da Igreja Católica". Entre outras coisas, uma tal apresentação ajudará os católicos, por um lado, a aprofundarem a sua própria fé e, por outro lado, a melhor conhecerem e estimarem os outros irmãos cristãos, facilitando assim a procura em comum do caminho para a plena unidade na verdade total. Ela há de ajudar também os não-católicos a melhor conhecerem e apreciarem a Igreja Católica e a sua convicção de ser o "meio geral de salvação".

A catequese terá ainda uma dimensão ecumênica, se ela souber suscitar e alimentar um verdadeiro desejo de unidade; e mais ainda, se ela inspirar esforços sérios – incluindo o esforço para se purificar com humildade e fervor do Espírito, a fim de tornar mais desimpedidos os caminhos – não em vista de um irenismo fácil, baseado em omissões ou em concessões no plano doutrinário, mas sim em vista da unidade perfeita, quando o Senhor a quiser e pelas vias que ele quiser.

A catequese será ecumênica, enfim, se ela se esforçar para preparar as crianças e os jovens, bem como os adultos católicos, a fim de viverem em contato com não-católicos, afirmando a própria identidade católica com respeito pela fé dos outros.

33. Nas situações de pluralidade religiosa, os Bispos poderão julgar oportunas ou mesmo necessárias certas experiências de colaboração no domínio da catequese entre católicos e outros cristãos, como complemento de catequese normal, que, de toda a maneira, os católicos devem receber. Tais experiências encontram o seu fundamento nos elementos que são comuns a todos os cristãos. A comunhão de fé entre os católicos e os outros cristãos, no entanto, não é completa e perfeita; existem mesmo, em alguns casos, profundas divergências. Por consequência, esta colaboração ecumênica é por sua própria natureza limitada: ela não poderá nunca significar uma "redução" a um mínimo comum. Ademais, a catequese não consiste somente em ensinar a doutrina, mas também em iniciar a toda a vida cristã, levando para tanto a participar plenamente nos Sacramentos da Igreja. Daqui a necessidade, naquelas partes onde exista uma experiência de colaboração ecumênica no domínio da catequese, de vigiar para que a formação dos católicos fique bem assegurada na Igreja Católica em matéria de doutrina e de vida cristã.

Houve um certo número de Bispos que fizeram notar, no decorrer do Sínodo, o caso – cada vez mais freqüente, diziam eles – em que as autoridades civis ou outras circunstâncias impõem nas escolas de alguns países um ensino da religião cristã (com manuais próprios, horas de aulas etc.) comum a católicos e a não-católicos. Não será muito necessário, mas é bom que se diga: em tais casos não se trata de uma verdadeira catequese. Contudo, tal ensino tem também uma importância ecumênica quando apresenta com lealdade a doutrina cristã. No caso de as circunstâncias imporem esse ensino, importa que seja assegurada além dele, e ainda com maior cuidado, uma catequese especificamente católica.

34. Torna-se necessário acrescentar aqui uma outra observação, que se situa nesta mesma linha, embora com uma perspectiva diferente. Sucede que escolas do Estado põem à disposição dos alunos livros em que são apresentadas, por motivações culturais – históricas, morais ou literárias – as diversas religiões, incluindo a religião católica. Uma apresentação objetiva dos fatos históricos, das várias religiões e das diversas confissões cristãs poderá contribuir mesmo para uma melhor compreensão recíproca. Estar-se-á então atento para fazer todo o possível a fim de que a apresentação seja verdadeiramente objetiva, em relação a sistemas ideológicos ou políticos, bem como a preconceitos pretensamente científicos, que lhe deformassem o verdadeiro sentido. Em qualquer hipótese, esses manuais não poderiam evidentemente ser considerados como obras catequéticas: para isto falta-lhes o testemunho daqueles que crêem no expor a fé a outros que crêem, e uma compreensão dos mistérios cristãos e da especificidade católica colhidas do interior da fé".

Nota:81

GE, n.2: "Todos os cristãos, tornados novas criaturas pela regeneração da água e do Espírito Santo são chamados filhos de Deus, como realmente o são. Têm, pois, direito, à educação cristã. Além de visar à maturidade das pessoas, a educação cristã tem por principal objetivo fazer com que os batizados sejam progressivamente iniciados no conhecimento do mistério da salvação e se tornem cada dia mais conscientes do dom da fé que receberam.

Aprendam, pois, a adorar Deus Pai em espírito e verdade (cf. Jo 4, 23), principalmente na liturgia, e a levar uma vida conforme ao novo homem, segundo a justiça e a santidade da verdade (cf. Ef 4, 22-24), de maneira a caminhar para o homem perfeito, na plenitude de Cristo (cf. Ef 4, 13) e a contribuir para o crescimento do corpo místico. Além disso, conscientes da esperança que reside em sua vocação (cf. 1Pd 3, 15), da qual são chamados a dar testemunho, colaborem na cristianização do mundo, cujos valores humanos plenamente remidos em Cristo constituem preciosa contribuição ao bem de toda a sociedade. O Concílio lembra aos pastores o gravíssimo dever de tudo organizar de maneira a que os fiéis possam ter sua educação cristã, especialmente os jovens, que são a esperança da Igreja".

Nota:82

cf. **CT, n.68:** "A ação catequética da família tem um caráter particular e, em certo sentido, insubstituível, evidenciado justificadamente pela Igreja, de modo especial pelo Concílio Vaticano II. Esta educação para a fé feita pelos pais que deve começar desde a mais tenra idade das crianças já se realiza quando os membros de uma determinada família se ajudam uns aos outros a crescer na fé, graças ao próprio testemunho de vida cristã, muitas vezes silencioso, mas perseverante, no desenrolar-se de uma vida de todos os dias vivida segundo o Evangelho. Ele tornar-se-á mais marcante quando, ao ritmo dos acontecimentos familiares como por exemplo a recepção dos sacramentos, a celebração de grandes festas litúrgicas, o nascimento de um filho, um luto se tiver o cuidado de explicitar em família o conteúdo cristão ou religioso de tais acontecimentos. Importa, porém, ir ainda mais longe: os pais cristãos devem esforçar-se em prosseguir e em retomar no ambiente familiar a formação mais metódica que é recebida em outras partes. O fato de determinadas verdades sobre os principais problemas da fé e da vida cristã serem assim retomadas num quadro familiar, impregnado de amor e de respeito, facultará muitas vezes que elas marquem as crianças de maneira decisiva e para a vida toda. E os próprios pais se beneficiarão do esforço que isso lhes impõe, porque nesse diálogo catequético cada um recebe e dá alguma coisa.

A catequese familiar, portanto, precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese. Por outro lado, naquelas partes onde uma legislação anti-religiosa pretende impedir a educação para a fé, e onde uma incredulidade difundida ou um secularismo avassalador tornam praticamente impossível um verdadeiro

crescimento religioso, então a família, Igreja doméstica, acaba por ser o único meio onde as crianças e os jovens poderão receber uma autêntica catequese. Sendo assim, para os pais cristãos nunca serão demais os esforços que fizerem, a fim de se prepararem para este ministério de catequistas dos seus próprios filhos e para o exercerem com um zelo infatigável. E nesta linha é preciso igualmente encorajar as pessoas ou as instituições que, mediante contatos individuais, encontros ou reuniões e recorrendo a toda espécie de meios pedagógicos, ajudam esses pais a cumprirem a sua missão: eles prestam à catequese um serviço inestimável”.

Nota:83

cf. **CT, n.69**: “Ao lado da família e em ligação com ela, também a escola proporciona à catequese possibilidades que não devem ser desaproveitadas. Naqueles países, cada vez mais raros infelizmente, onde é possível ministrar dentro do enquadramento escolar uma educação da fé, é para a Igreja um dever procurar fazê-lo o melhor possível. Isto refere-se, evidentemente, em primeiro lugar às escolas católicas: mereceriam elas ainda esse nome, se, apesar de brilharem por um nível elevado de ensino no que se refere às matérias profanas, houvesse qualquer motivo justificado para lhes censurar uma negligência ou um desvio na educação propriamente religiosa? E que não se diga nunca que esta deve ser sempre dada implicitamente ou de maneira indireta! O caráter próprio e a razão profunda de ser das escolas católicas, aquilo por que os pais católicos as deveriam preferir é precisamente a qualidade do ensino religioso integrado na educação dos alunos.

Se é verdade que as instituições católicas devem respeitar a liberdade de consciência, isto é, devem evitar influenciá-la do exterior, mediante pressões físicas ou morais, especialmente no que diz respeito aos atos religiosos dos adolescentes, elas têm não obstante o grave dever de propor uma formação religiosa, adaptada às situações freqüentemente muito diversas dos alunos; e também o dever de lhes fazer compreender que o apelo de Deus a servi-lo em espírito e verdade, segundo os mandamentos do mesmo Deus e os preceitos da Igreja, sem constranger o homem, não deixa de o obrigar em consciência.

Mas eu penso também nas escolas não-confessionais e nas escolas públicas. E quero exprimir votos ardentes para que, em correspondência a um direito bem claro da pessoa humana e das famílias e no respeito pela liberdade religiosa de cada um, se torne possível a todos os alunos católicos progredirem na sua formação espiritual, com a contribuição de um ensino religioso que depende da Igreja, mas que, conforme os países, pode ser proporcionado pela escola ou no quadro da escola, ou ainda no quadro de um acordo com os poderes públicos sobre a programação e horários escolares, no caso de a catequese ser dada somente na paróquia ou em outro centro pastoral.

Com efeito, mesmo naquelas partes onde existam dificuldades objetivas, por exemplo, quando os alunos são de religiões diversas, é necessário combinar os horários escolares de modo a permitir aos católicos aprofundarem a sua fé e a sua experiência religiosa, com a ajuda de educadores qualificados, sacerdotes ou leigos.

Muitos outros elementos vitais, para além da escola, contribuem certamente para influenciar a mentalidade dos jovens: divertimentos, meio social, meio de trabalho etc. E aqueles que se encontram em fase escolar são forçosamente marcados por isso, como são também iniciados em valores culturais ou morais no clima da instituição de ensino e ainda se defrontam com as idéias recebidas na escola; assim, importa que a catequese tenha muito em conta esta escolarização, a fim de abranger realmente os outros elementos do saber e da educação, para que o Evangelho impregne a mentalidade dos alunos no ambiente da sua formação e para que a harmonização da sua cultura se faça à luz da fé. Neste sentido, desejo estimular os sacerdotes, os professores de religião e assistentes espirituais, religiosos ou leigos, que se aplicam em dar apoio à fé de tais alunos. É esta mais uma ocasião para reafirmar a minha firme convicção de que o respeito manifestado pela fé dos jovens, que vá até ao ponto de facilitar a educação, arraigamento, a consolidação e a livre profissão e prática da mesma fé, só poderá honrar certamente qualquer Governo, seja qual for o sistema sobre que se baseie ou a ideologia que o inspire”.

cf. **Discurso de João Paulo II aos Sacerdotes de Roma, 5/3/1981, 3; Documento SCEC**, o leigo católico testemunha da fé na escola, 56.

Nota:84

João Paulo II, Discurso de 5.3.1981, 3.

Nota:85

cf. **Puebla 1090**: “Sem descurar a necessária e urgente presença dos meios de comunicação de massa, urge intensificar o uso dos meios de comunicação de grupo (MCG) que, além de serem menos custosos e de mais fácil utilização, oferecem a possibilidade de diálogo e são mais aptos para uma evangelização de pessoa para pessoa que suscite adesão e compromissos verdadeiramente pessoais”.

Nota:86

cf. **Puebla 1088**: “Educar o público receptor para que tenha uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias que nos bombardeiam continuamente, com o fim de neutralizar os efeitos negativos da manipulação e massificação”.

Nota:87

CT, n.63: “E dirijo-me em primeiro lugar ao meus Irmãos Bispos: o Concílio Vaticano II já vos recordou explicitamente as vossas tarefas no campo da catequese, como também os Padres da IV Assembléia Geral do Sínodo do acentuaram com vigor.

Na verdade, quanto a este ponto, vós, caríssimos Irmãos, tendes uma missão particular nas vossas Igrejas; vós sois aí os primeiros responsáveis pela catequese, os catequetas por excelência. Depois, a vós juntamente com o Papa, no espírito da colegialidade episcopal, incumbe a responsabilidade pela catequese na Igreja inteira. Permiti, pois, que eu vos fale com o coração aberto.

Eu sei que tendes de arrostar com um ministério episcopal cada dia mais complexo e sobrecarregado. Mil e um compromissos vos solicitam, desde a formação de novos sacerdotes à presença ativa no meio das comunidades dos fiéis, e desde a celebração vivida e digna do culto e dos sacramentos ao cuidado da promoção humana e da defesa dos direitos do homem. Pois bem: que a preocupação de promover uma catequese ativa e eficaz não ceda nada frente a qualquer outra preocupação seja ela qual for. Uma tal solicitude vos levará a transmitirdes vós próprios a doutrina da vida aos vossos fiéis. Mas o mesmo cuidado deve levar-vos a assumir nas vossas Dioceses, em correspondência com os planos da Conferência Episcopal de que vós fazeis parte, a superior direção da catequese, rodeando-vos de colaboradores competentes e merecedores de confiança. O vosso papel principal deve ser o de suscitar e alimentar nas vossas Igrejas uma verdadeira paixão pela catequese; uma

paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, os meios e os instrumentos e também os recursos financeiros necessários. Podeis ter a certeza disto: se a catequese for bem feita nas vossas Igrejas locais, tudo o mais será feito com maior facilidade. Por outro lado – e não seria necessário que eu vo-lo dissesse – se o vosso zelo tiver de vos impor algumas vezes a tarefa ingrata de denunciar desvios, corrigir erros, ele deve proporcionar-vos muito mais freqüentemente a alegria e a consolação de ver as vossas Igrejas florescentes, porque a catequese aí é dada como o quer o Senhor”.

cf. **DGAE 1974-78**, p.59: “Sempre mais se impõe hoje a necessidade de uma ‘educação permanente da fé’ que acompanhe o homem por toda a vida e se integre em seu crescimento global.

É na direção dos adultos que a evangelização deverá orientar seus melhores agentes. Longe de ser um prejuízo da educação de crianças e adolescentes, esta abertura para os adultos é, certamente, uma perspectiva de esperança para todo o povo de Deus.

A evangelização precisa atingir o adulto em todos os estratos sócio-profissionais e em todos os níveis de vivência cristã em que se possam reencontrar.

Supera-se também hoje o individualismo e mais se firma a convicção de que a maturação da fé acontece em nível de pessoas e em nível de grupos que compõem a comunidade eclesial, de modo que esta possa tornar-se uma comunidade adulta, não de indivíduos mas de pessoas”.

Puebla 998: “A catequese deve levar a um processo de conversão e crescimento permanente e progressivo na fé”.

Sínodo de 1977, proposição 15: “

Nota:88

Dt 6,20-25: “Amanhã seu filho vai lhe perguntar: ‘O que significam esses testemunhos, estatutos e normas que Javé nosso Deus ordenou a vocês?’ Então você responderá a seu filho: ‘Nós éramos escravos do Faraó no Egito, mas Javé nos tirou do Egito com mão forte. Diante dos nossos olhos Javé realizou sinais e prodígios grandes e terríveis contra o Egito, contra o Faraó e toda a sua corte. Quanto a nós, porém, ele nos tirou de lá para nos introduzir aqui e nos dar a terra que havia prometido a nossos antepassados. Javé, então, nos ordenou cumprir todos esses estatutos, temendo a Javé nosso Deus, para que sempre tudo nos corra bem e para nos dar a vida, como hoje se vê. Esta será a nossa justiça: cuidarmos de colocar em prática todos esses mandamentos diante de Javé nosso Deus, conforme ele nos ordenou”.

cf. **Dt 29,21-27**: “A geração futura, os filhos que virão depois de vocês e o estrangeiro vindo de uma terra distante, verão as pragas desta terra e as doenças com que Javé a castigará: enxofre e sal, terra queimada onde não se semeia e nada brota nem cresce, catástrofe como a de Sodoma e Gomorra, Adama e Seboim, que Javé destruiu em sua ira e furor. Todas as nações perguntarão: ‘Por que Javé agiu assim com esta terra? O que significa o ardor de tão grande ira?’ E responderão: ‘É porque eles abandonaram a aliança que Javé, Deus de seus antepassados, tinha feito com eles, quando os tirou do Egito. Eles foram servir a outros deuses e os adoraram, deuses que eles não conheciam e que Javé não lhes tinha dado. Então a ira de Javé se inflamou contra esta terra, fazendo cair sobre ela todas as maldições escritas neste livro. Javé os arrancou da própria terra, com ira, furor e grande indignação, e os atirou em outra terra, como hoje se pode ver”.

Nota:89

cf. **Puebla 865**: “Período privilegiado, embora não seja o único, para a opção vocacional é a fase juvenil. Por isso, toda pastoral juvenil deve ser ao mesmo tempo pastoral vocacional. ‘É mister reativar uma intensa ação pastoral que, partindo da vocação cristã em geral, numa pastoral juvenil entusiasta, de à Igreja os servidores de que precisa’ (João Paulo II, Discurso Inaugural, IV, b AAS, LXXI, p. 204)”.

Nota:90

cf. **CT, n.59**: “Um problema em continuidade com o precedente é o da linguagem. Todos sabem quanto esta questão é candente nos dias de hoje. E não será algo de paradoxal também verificar que os estudos contemporâneos, nos campos da comunicação, da semântica e da ciência dos símbolos, por exemplo, dão uma notável importância à linguagem, mas que a mesma linguagem, por outro lado, é utilizada abusivamente nos nossos dias a serviço da mistificação ideológica, da massificação do pensamento e da redução do homem ao estado de objeto?

Tudo isto tem influências notáveis no campo da catequese. Para esta é um dever imperioso, de fato, encontrar a linguagem adaptada às crianças, aos jovens do nosso tempo em geral e ainda a muitas outras categorias de pessoas: linguagem para os estudantes, para os intelectuais e para os homens de ciência; linguagem para os analfabetos e para as pessoas de cultura elementar; linguagem para os deficientes etc. Santo Agostinho já se havia deparado com este problema e tentou encontrar solução na época, com sua obra famosa, *De catechizandis rudibus*. Na catequese, como na teologia, o problema da linguagem, sem dúvida alguma, é primordial. Entretanto não será supérfluo recordar aqui o seguinte: a catequese não poderia admitir nenhuma linguagem que, sob qualquer pretexto que fosse, mesmo pretensamente científico, tivesse como resultado desvirtuar o conteúdo do *Credo*. E não convém, em nenhuma hipótese, uma linguagem que engane ou que seduza. A lei suprema, pelo contrário, é esta: que os grandes progressos da ciência da linguagem devam ser postos a serviço da catequese, a fim de que esta esteja verdadeiramente em condições de dizer ou de comunicar às crianças, aos adolescentes, aos jovens e aos adultos de hoje todo o conteúdo doutrinal de sempre, sem deformações”.

Nota:91

cf. **CDC**, cân 773-777: “**773**. É dever próprio e grave, sobretudo dos pastores de almas, cuidar da catequese do povo cristão, para que a fé dos fiéis, pelo ensino da doutrina e pela experiência da vida cristã, se torne viva, explícita e atuante.

774. § 1. A solicitude pela catequese, sob a direção da legítima autoridade eclesiástica, é responsabilidade de todos os membros da Igreja, cada um segundo as suas funções.

774. § 2. Antes de quaisquer outros, os pais têm obrigação de formar, pela palavra e pelo exemplo, seus filhos na fé e na prática da vida cristã; semelhante obrigação têm aqueles que fazem as vezes dos pais, bem como os padrinhos.

775. § 1. Observadas as prescrições dadas pela Sé Apostólica, compete ao Bispo diocesano estabelecer normas sobre a catequese e providenciar que estejam disponíveis adequados instrumentos de catequese, publicando também um catecismo, se isso parecer oportuno, e ainda favorecer e coordenar as iniciativas catequéticas.

775. § 2. Compete à Conferência dos Bispos, se parecer útil, cuidar que se editem catecismos para o seu território, com prévia aprovação da Sé Apostólica.

775. § 3. Pode-se criar, junto à Conferência dos Bispos, um departamento de catequese, cuja função principal seja auxiliar cada diocese em matéria catequética.

776. Em virtude de seu ofício, o pároco tem obrigação de cuidar da formação catequética de adultos, jovens e crianças; para isto, sirva-se da colaboração dos clérigos ligados à sua paróquia, dos membros de institutos de vida consagrada ou de sociedades de vida apostólica, levando em conta a índole de cada instituto; sirva-se também da colaboração dos leigos, sobretudo catequistas; todos esses, a não ser que estejam legitimamente impedidos, não deixem de prestar de boa vontade seu trabalho. Promova e favoreça a tarefa dos pais na catequese familiar, mencionada no cân. 774, § 2.

777. Levando em conta as normas estabelecidas pelo Bispo diocesano, o pároco cuide de modo especial:

1° - que se dê catequese adequada para a celebração dos sacramentos;

2° - que as crianças, pela formação catequética ministrada durante tempo conveniente, sejam devidamente preparadas para a primeira recepção dos sacramentos da penitência e da santíssima Eucaristia e para o sacramento da confirmação;

3° - que elas, recebida a primeira comunhão, tenham formação catequética mais extensa e mais profunda;

4° - que se dê formação catequética também aos deficientes mentais e físicos, segundo o permita a condição deles;

5° - que a fé dos jovens e adultos seja fortalecida, esclarecida e aperfeiçoada mediante formas e iniciativas diversas".

Nota:92

DCG, n.35: "Finalmente, a catequese exige, tanto dos catequistas, como de toda a comunidade eclesial, o testemunho da fé, unido a um autêntico exemplo de vida cristã e à disponibilidade para o sacrifício. Com efeito, o encontro do homem com Cristo não se realiza só por meio do ministério sagrado, mas também através de cada um dos fiéis e de suas comunidades. Consequentemente, tem estes a obrigação de dar testemunho. A falta deste testemunho é um obstáculo à aceitação da palavra por parte dos ouvintes.

A catequese deve apoiar-se sobre o testemunho da comunidade eclesial. Sua eficácia é maior quando fala de realidades que de fato existem e são visíveis na vida da comunidade. O catequista é, de certo modo, o intérprete da Igreja junto aos catequizandos. Ele lê e ensina a ler os sinais da fé, entre os quais o principal é a própria Igreja (cf. Concílio Vat. I, Const. Dei Filius, Dz.-Sch. 3014).

Por aqui se vê o quanto é necessário que, segundo o Espírito da Igreja e sob a direção dos seus pastores, a comunidade eclesial afaste ou corrija tudo o que deturpa a face da Igreja e constitui um obstáculo que dificulta aos homens abraçarem a fé.

Compete, portanto, ao catequista não só ministrar diretamente a catequese, mas ainda ajudar a comunidade eclesial a renovar-se, para que esta possa dar um testemunho autenticamente cristão.

Assim, a ação catequética insere-se naquela ação pastoral geral, na qual se encontram ordenadamente dispostas e unidas entre si todas as realidades da vida".

Nota:93

Puebla 1114: "Em qualquer evangelização ressoa a palavra de Cristo, que é por sua vez a Palavra do Pai. Esta palavra procura a resposta da fé. Entretanto, a mesma palavra, proclamada pela Igreja, pretende outrossim entrar num fecundo intercâmbio com as manifestações religiosas e culturais que caracterizam o nosso hodierno mundo pluralista. Isto é o diálogo, que sempre tem um caráter de testemunho, dentro do máximo respeito à pessoa e à identidade do interlocutor. O diálogo tem suas exigências de lealdade e integridade da parte de ambos os interlocutores. Não se opõe à universalidade da proclamação do Evangelho, e sim completa-a por outra via e salva sempre a obrigação que incumbe à Igreja de partilhar o Evangelho com todos. Oportuno é recordar aqui que foi precisamente no âmbito da missão que nasceu, no século passado pela graça do Espírito Santo, a preocupação ecumênica; não se pode pregar um Cristo dividido".

Nota:94

cf. **Puebla 308-315:** "Não se pode desconhecer na AL a erupção da alma religiosa primitiva à qual se prende uma visão da pessoa como prisioneira das formas mágicas de ver o mundo e de atuar sobre ele. O homem não é dono de si, mas vítima de forças ocultas. Nesta visão determinista, não encontra outra atitude senão colaborar com essas forças ou aniquilar-se diante delas. Acresce ainda, às vezes, a crença na reencarnação por parte dos adeptos de várias formas de espiritismo e de religiões orientais. Não poucos cristãos, ignorando a autonomia própria da natureza e da história, continuam crendo que tudo o que acontece é determinado e imposto por Deus.

309. Uma variante desta visão determinista, porém mais de tipo fatalista e social, se apoia na idéia errônea de que os homens não são fundamentalmente iguais. Tal diferença articula nas relações humanas muitas discriminações e marginalizações incompatíveis com a dignidade do homem. Mais do que na teoria, essa falta de respeito à pessoa se manifesta em expressões e atitudes daqueles que se julgam superiores aos outros. Po isso, com frequência, domina uma situação de desigualdade em que vivem operários, camponeses índios, empregadas domésticas e tantos outros setores.

310. Restrita até agora a certos setores da sociedade latino-americana, ganha cada vez mais importância a idéia de que a pessoa humana se reduz, em última instancia, a seu psiquismo. Na visão psicologista do homem, segundo sua expressão ma radical, a pessoa se apresenta como vítima do instinto fundamental erótico ou com um simples mecanismo de resposta a estímulos, carente de liberdade. Fechada para Deus e para os homens uma vez que a religião, como a cultura e a própria história seriam apenas sublimações do instinto sensual, a negação da própria responsabilidade conduz não poucas vezes ao pansexualismo e justifica o machismo latino-americano.

311. Sob o signo do econômico, podem-se assinalar na América Latina três visões do homem que, embora distintas, têm raiz comum. Das três talvez a menos consciente e, apesar de tudo, a mais generalizada seja a visão consumista. A pessoa humana está como que lançada na engrenagem da máquina da produção industrial; é vista apenas como instrumento de produção e objeto de consumo. Tudo se fabrica e se vende em nome dos valores do ter, do poder e do prazer, como se fossem sinônimos da felicidade humana. Impede-se

assim o acesso aos valores espirituais e promove-se, em razão do lucro, uma aparente e mui onerosa "participação" no bem comum.

312. A serviço da sociedade de consumo, mas projetando-se para além da mesma, o liberalismo econômico, de práxis materialista, apresenta-nos uma visão individualista do ser humano. Segundo esta visão, a dignidade da pessoa está na eficácia econômica e na liberdade individual. Encerrada em si própria e com frequência aferrada ao conceito religioso de salvação individual, cega-se para as exigências da justiça social e coloca-se a serviço do imperialismo internacional do dinheiro, a que se associam muitos governos esquecidos de suas obrigações em relação ao bem comum.

313. Oposto ao liberalismo econômico de forma clássica e em luta permanente contra as suas conseqüências injustas, o marxismo clássico substitui a visão individualista do homem por uma visão coletivista, quase messiânica, do mesmo. A meta existencial do ser humano coloca-se no desenvolvimento das forças materiais de produção. A pessoa não é originariamente sua consciência; é antes constituída por sua existência social. Despojada do arbítrio interno que lhe pode assinalar o caminho da realização pessoal, recebe suas normas de comportamento unicamente daqueles que são responsáveis pela mudança das estruturas sócio-político-econômicas. Desconhece, portanto, os direitos humanos, especialmente o direito à liberdade religiosa, que está na base de todas as liberdades (112). Desta forma, a dimensão religiosa, cuja origem estaria nos conflitos da infra-estrutura econômica, se orienta para uma fraternidade messiânica sem relação com Deus. Materialista e ateu, o humanismo marxista reduz o ser humano, em última instância, às estruturas externas.

314. Menos conhecida, mas atuante na organização de não poucos governos da AL, a visão que poderíamos denominar estatista do homem tem sua base na teoria da Segurança Nacional. Submete o indivíduo ao serviço ilimitado da suposta guerra total contra os conflitos culturais, sociais, políticos e econômicos e através deles, contra a ameaça do comunismo. Ante este perigo permanente, real ou possível, se limitam, como em toda situação de emergência, as liberdades individuais; e a vontade do Estado se confunde com a vontade da Nação. O desenvolvimento econômico e o potencial bélico sobrepõem-se às necessidades das massas abandonadas. Embora necessária a toda a organização política, a Segurança Nacional, vista sob este ângulo, apresenta-se como um absoluto acima das pessoas. Em seu nome institucionaliza-se a insegurança dos indivíduos.

315. A organização técnico-científica de certos países está gerando uma visão cientificista do homem, cuja vocação é a conquista do universo. Nesta visão só se reconhece como verdade o que pode ser demonstrado pela ciência. O próprio homem é reduzido à sua definição científica. Em nome da ciência justifica-se tudo, até o que constitui uma afronta à dignidade humana. Simultaneamente se submetem as comunidades nacionais às decisões de um novo poder, a tecnocracia. Uma espécie de engenharia social pode controlar os espaços de liberdade dos indivíduos e instituições com o risco de reduzi-los a meros elementos de cálculo.

444. Entendemos por religião do povo, religiosidade popular ou piedade popular o conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam. Trata-se da forma ou da existência cultural que a religião adota em um povo determinado. A religião do povo latino-americano, em sua forma cultural mais característica, é expressão da fé católica. É um catolicismo popular.

445. Com deficiências e apesar do pecado sempre presente, a fé da Igreja marcou a alma da América Latina, caracterizando-lhe a identidade histórica essencial e constituindo-se na matriz cultural do Continente, da qual nasceram os novos povos.

446. O Evangelho encarnado em nossos povos congrega-os numa originalidade histórica cultural que chamamos América Latina. Essa identidade está simbolizada muito luminosamente no rosto mestiço da Virgem de Guadalupe que surge no início da evangelização.

447. Esta religião do povo é vivida de preferência pelos "pobres e simples", mas abrange todos os setores sociais e, às vezes, é um dos poucos vínculos que reúne os homens em nossas nações politicamente tão divididas. Por outro lado, deve sustentar-se que tal unidade contém diversidades múltiplas segundo os grupos sociais, étnicos e, mesmo, as gerações.

448. A religiosidade do povo, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência. A sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criadoramente O divino e o humano, Cristo e Maria, Espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto. Esta sabedoria é um humanismo cristão que afirma radicalmente a dignidade de toda pessoa como Filho de Deus, estabelece uma fraternidade fundamental, ensina a encontrar a natureza e a compreender o trabalho e proporciona as razões para a alegria e o humor, mesmo em meio de uma vida muito dura. Essa sabedoria é também para o povo um princípio de discernimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja ao Evangelho e quando ele é esvaziado e asfíxiado com outros interesses! (João Paulo II, Discurso Inaugural, III, 6 AAS, LXXI, p. 203).

449. Uma vez que esta realidade cultural abrange setores sociais muito extensos, a religião do povo tem a capacidade de congregar multidões. Por isso, no âmbito da piedade popular, a Igreja cumpre com seu imperativo de universalidade. Efetivamente, "sabendo que a mensagem não está reservada a um pequeno grupo de iniciados, de privilegiados ou eleitos, mas se destina a todos" (EN 57), a Igreja consegue essa amplidão de convocação das multidões nos santuários e nas festas religiosas. Aí a mensagem evangélica tem oportunidade, nem sempre aproveitada pastoralmente, de chegar "ao coração das massas" (Ibid.).

450. A religiosidade popular não só é objeto de evangelização, mas também, enquanto contém encarnada a palavra de Deus, é uma forma ativa com que o povo se evangeliza continuamente a si próprio.

451. Esta piedade popular católica, na América Latina não chegou a impregnar adequadamente ou mesmo não conseguiu evangelizar certos grupos culturais autóctones ou de origem africana que por sua vez possuem riquíssimos valores e guardam "semente do Verbo à espera da Palavra viva".

452. A religiosidade popular, embora marque a cultura da América Latina não se expressou suficientemente na organização de nossas sociedades e Estados. Por isso deixa um espaço para o que S. S. João Paulo II tornou a designar como "estruturas de pecado" (Homilia Zapopán, 3 AAS, LXXI, p. 230). Destarte a distância entre ricos e pobres, a situação de ameaça que vivem os mais fracos, as injustiças, as postergações e sujeições indignas que sofrem contradizem radicalmente os valores de dignidade pessoal e de irmandade solidária, que o povo latino-americano traz em seu coração como imperativos recebidos do Evangelho. Por isso a religiosidade do povo latino-americano se converte muitas vezes num clamor por uma verdadeira libertação. É uma exigência

ainda não satisfeita. O povo por sua vez, movido por esta religiosidade, cria ou utiliza dentro de si, em sua convivência mais estreita, alguns espaços para exercer a fraternidade, por exemplo: o bairro, a aldeia, o sindicato, o esporte. Entretanto, não desespere, aguarda com confiança e com astúcia os momentos oportunos para progredir em sua libertação tão almejada.

453. Por falta de atenção dos agentes de pastoral e por outros fatores complexos, a religião do povo mostra em certos casos sinais de desgaste e deformação: aparecem substitutos aberrantes e sincretismos regressivos. Além disso, pairam em algumas partes sobre ela sérias e estranhas ameaças que se apresentam exacerbando a fantasia com tons apocalípticos.

454. Como elementos da piedade popular podemos assinalar: a presença trinitária que se percebe em devoções e em iconografias, o sentido da Providência de Deus Pai; Cristo celebrado em seu mistério de encarnação (Natal, Menino Jesus), em sua crucifixão, na eucaristia e na devoção ao Sagrado Coração; amor a Maria: ela e "seus mistérios pertencem à identidade própria desses povos e caracterizam sua piedade popular" (João Paulo II, Homília Zapopán, 2, AAS, LXXI, p. 228) venerada como Mãe Imaculada de Deus e dos homens, como Rainha de nossos diversos países e do Continente inteiro; os santos, como protetores; os defuntos; a consciência de dignidade pessoal e de fraternidade solidária; a consciência de pecado e de necessidade de expiação; a capacidade de expressar a fé numa linguagem total que supera os racionalismos (canto, imagens, gestos, cor, dança); a fé situada no tempo (festas) e em lugares (santuários e templos); a sensibilidade para a peregrinação como símbolo da existência humana e cristã; o respeito filial aos pastores como representantes de Deus; a capacidade de celebrar a fé em forma expressiva e comunitária; a integração profunda dos sacramentos e sacramentais na vida pessoal e social; o afeto particular pela pessoa do Santo Padre; a capacidade de sofrimento e heroísmo para suportar as provas e confessar a fé; o valor da oração; a aceitação dos outros.

455. A religião popular latino-americana, há tempo, sofre por causa do divórcio entre a elite e o povo. Isso significa que lhe faltam educação, catequese e dinamismo, devido à carência de uma adequada pastoral.

456. Os aspectos negativos são de origens várias. De tipo ancestral: superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, fetichismo e ritualismo. Por deformação da catequese: arcaísmo estático, falta de informação e ignorância, reinterpretação sincretista, reducionismo da fé a um mero contrato na relação com Deus. Ameaças: secularismo difundido pelos meios de comunicação social, consumismo, seitas, religiões orientais e agnósticas, manipulações ideológicas, econômicas, sociais e políticas, messianismos políticos secularizados, perda de suas raízes e proletarização urbana, em conseqüência das transformações culturais. Podemos afirmar que muitos desses fenômenos são verdadeiros obstáculos para a evangelização."

914: "Mas apresenta também aspectos negativos: falta de senso de pertença à Igreja; desvinculação entre fé e vida; o fato de não conduzir à recepção dos sacramentos; exagerada valorização do culto dos santos com detrimento do conhecimento de Jesus Cristo e de seu mistério; idéia deformada a respeito de Deus; conceito utilitário de certas formas de piedade; propensão, em alguns lugares, para o sincretismo religioso; infiltração do espiritismo e, em certos casos, de práticas religiosas do Oriente.

342: Há cinco séculos que estamos evangelizando a América Latina. Hoje vivemos um momento grande e difícil desta evangelização. É verdade que a fé de nossos povos se exprime com evidência. No entanto constatamos que nem sempre ela chega à sua maturidade, e está ameaçada pela pressão secularista, pelos abalos provocados pelas mudanças culturais, pelas ambigüidades teológicas existentes em nosso meio e pelo influxo de seitas proselitistas e de sincretismos que vêm de fora. Nossa evangelização está marcada por algumas preocupações particulares e por acentos mais fortes".

Nota:95

Jo 8,32: "conhecereão a verdade, e a verdade libertará vocês".

Nota:96

Ex 3,7-8: "Javé disse: Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus".

Nota:97

cf. **Puebla 1-2; 160-161:** "Situar nossa evangelização em continuidade com a que foi realizada nos últimos cinco séculos cujos fundamentos ainda perduram, depois de ter dado origem a um radical substrato católico na AL. Este substrato se revigorou ainda mais depois do Concílio Vaticano II e da II Conferência geral do Episcopado celebrada em Medellín, com a consciência, cada vez mais clara e mais profunda, que tem a Igreja de sua missão fundamental: a evangelização.

2. Examinar, com visão de pastores, alguns aspectos do atual contexto sociocultural em que a Igreja realiza sua missão e, outrossim, a realidade pastoral que hoje se apresenta à evangelização, com suas projeções para o futuro.

160. A voz coletiva dos episcopados tem despertado interesse crescente na opinião pública, embora encontrando freqüentes reservas em determinados setores dominantes que têm pouca sensibilidade social, e isto é sinal de que a Igreja está ocupando seu lugar de Mãe e Mestra de todos.

161. De qualquer forma, a Igreja deve estar disposta a assumir com coragem e alegria as conseqüências de sua missão, que o mundo nunca aceitará sem resistência".

RH, n.1: "O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história. Para ele se dirigem o meu pensamento e o meu coração nesta hora solene da história, que a Igreja e a inteira família da humanidade contemporânea estão vivendo. Efetivamente, este tempo, no qual, depois do predileto Predecessor, João Paulo I, por seu misterioso desígnio, Deus me confiou o serviço universal ligado com a Cátedra de São Pedro em Roma, está muito próximo já do ano 2 mil. É difícil dizer, neste momento, o que aquele ano virá a marcar no quadrante da história humana, e como é que ele virá a ser para cada um dos povos, nações, países e continentes, muito embora se tente, desde agora, prever alguns eventos. Para a Igreja, para o Povo de Deus que se estendeu ainda que de maneira desigual até aos mais longínquos confins da terra, esse ano virá a ser o ano de um grande Jubileu. Estamos já, portanto, aproximando-nos de tal data que respeitando embora todas as correções devidas à exatidão cronológica nos recordará e renovará em nós, de maneira particular, a consciência da verdade-chave da fé, expressa por São João nos inícios do seu Evangelho: "O Verbo fez-se carne

e veio habitar entre nós"; e em outra passagem: Deus, de fato, amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

Estamos também nós, de alguma maneira, no tempo de um novo advento, que é tempo de expectativa. "Deus, depois de ter falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitos modos, pelos Profetas, falou-nos neste últimos tempos pelo Filho...", por meio do Filho-Verbo, que se fez homem e nasceu da Virgem Maria. Com este ato redentor, a história do homem atingiu, no desígnio de amor de Deus, o seu vértice. Deus entrou na história da humanidade e, enquanto homem, tornou-se sujeito a ela, um dos milhares de milhões e, ao mesmo tempo, Único! Deus, através da encarnação, deu à vida humana aquela dimensão, que tencionava dar ao homem já desde o seu primeiro início e deu-lha de maneira definitiva daquele modo a ele somente peculiar, segundo o seu eterno amor e a sua misericórdia, com toda a divina liberdade e, ao mesmo tempo, com aquela munificência, que, perante o pecado original e toda a história dos pecados da humanidade e perante os erros da inteligência, da vontade e do coração humano, nos dá ensejo de repetir com assombro as palavras da sagrada liturgia: "Ó feliz culpa, que tal e tão grande Redentor mereceu ter".

Nota:98

cf. **DV, n.2-6**: "Quis Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade (cf. Ef 1, 9): os homens têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo encarnado, no Espírito Santo (cf. Ef 2, 18; 2 Pd 1, 4).

Deus, invisível (Cl 1, 15; 1Tm 1, 17), revela-se por causa do seu muito amor, falando aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14s) e conversando com eles (cf. Br 3, 38), para convidá-los a estarem com ele no seu convívio.

A economia da revelação implica gestos e palavras intimamente ligados entre si. Os acontecimentos realizados por Deus na história da salvação manifestam e confirmam os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. As palavras, por sua vez, proclamam os acontecimentos e iluminam o mistério neles contido. A verdade profunda a respeito de Deus e da salvação humana brilha em Cristo, que é, ao mesmo tempo, mediador e plenitude da revelação.

3. Criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cf. Jo 1, 3), Deus dá aos homens testemunho perene de si mesmo, nas próprias coisas criadas (cf. Rm 1, 19s).

No intuito de abrir caminho à salvação, manifestou-se ainda, desde o início, a nossos primeiros pais.

Depois que caíram, suscitou-lhes a esperança, prometendo a redenção (cf. Gn 3, 15). Não deixou em momento algum de cuidar do gênero humano, para que todos os que praticam pacientemente o bem (cf. Rm 2, 6s) possam alcançar a salvação.

Chamou Abraão a seu tempo, para constituir, a partir dele, um grande povo (cf. Gn 12, 2s), a quem, depois, pelos patriarcas, por Moisés e pelos profetas, ensinou a reconhecê-lo como único Deus vivo e verdadeiro, pai providente e justo juiz, e a esperar o salvador prometido, preparando assim, através dos séculos, o caminho do Evangelho.

4. Depois de falar muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, Deus nos falou agora pelo Filho (Hb 1, 1s). Enviou seu Filho, Verbo eterno, que ilumina todos os seres humanos, para morar entre nós e falar-nos da vida de Deus (cf. Jo 1, 1-18).

Verbo encarnado, homem enviado aos seres humanos, Jesus Cristo fala as palavra de Deus (Jo 3, 4) e realiza a obra da salvação, de que foi encarregado pelo Pai (Jo 5, 36; 17, 14). Quem o vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Por sua presença, por suas palavras e ações, por seus sinais e milagres e, especialmente por sua morte, gloriosa ressurreição e missão do Espírito da verdade, Jesus Cristo completa a revelação e a confirma com testemunho divino: Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna.

A economia cristã, aliança nova e definitiva, jamais passará. Não se deve esperar nenhuma nova revelação pública antes da vinda gloriosa de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Tm 6, 14; Tt 2, 13).

5. A Deus, que se revela, deve-se prestar a *obediência da fé* (cf. Rm 16, 26; Rm 1, 5; 2Cor 10, 5s), pela qual o ser humano se entrega livre e inteiramente a Deus, com total submissão da inteligência e da vontade a Deus, que se revela, voluntariamente acolhendo a revelação por ele comunicada.

Essa prestação de fé não se faz sem o auxílio anterior da graça de Deus e o suporte interior do Espírito Santo, que leva o coração à conversão para Deus, abre os olhos da mente e dá a todos o gosto de acolher a verdade e acreditar nela. O Espírito Santo, com os seus dons, vai aperfeiçoando a fé, para que entenda a revelação de modo cada vez mais profundo.

6. Pela revelação divina, Deus quis se manifestar e comunicar-se a si mesmo, e a seus decretos sobre a salvação dos seres humanos, chamando-os para participar dos bens divinos, que ultrapassam inteiramente a inteligência humana.

O Concílio confessa que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão, a partir das coisas criadas (cf. Rm 1, 20).

Deve-se, porém, atribuir à revelação divina a possibilidade, na condição presente do gênero humano, de todos conhecermos facilmente, com certeza e sem erro, as realidades divinas acessíveis à razão humana".

Puebla 372: "A Palavra de Deus contida na Bíblia e na tradição viva da Igreja, particularmente expressa nos símbolos ou profissões de fé e dogmas da Igreja. A Sagrada Escritura deve ser a alma da evangelização. Mas não adquire só por si a clareza perfeita. Deve ser lida e interpretada dentro da fé viva da Igreja. Nossos símbolos ou profissões de fé resumem a Sagrada Escritura e explicitam substâncias de mensagem pondo em relevo a 'hierarquia das verdades'.

Puebla 1001: Tomar como fonte principal a Sagrada Escritura, lida no contexto da vida, à luz da Tradição e do Magistério da Igreja, transmitindo, além disso, o símbolo da fé; portanto, dará importância ao apostolado bíblico, difundindo a Palavra de Deus, formando grupos bíblicos, etc".

Nota:99

cf. **1Cor 8,6**: "Contudo para nós existe um só Deus: o Pai. Dele tudo procede, e para ele é que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos".

Cl 1,15-17: "Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura; porque nele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, as visíveis como as invisíveis: tronos, soberanias,

principados e autoridades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste”.

Jo 1,1-3: “No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. No começo ela estava voltada para Deus. Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela”.

Hb 1,1-4: “Nos tempos antigos, muitas vezes e de muitos modos Deus falou aos antepassados por meio dos profetas. No período final em que estamos, falou a nós por meio do Filho. Deus o constituiu herdeiro de todas as coisas e, por meio dele, também criou os mundos. O Filho é a irradiação da sua glória e nele Deus se expressou tal como é em si mesmo. O Filho, por sua palavra poderosa, é aquele que mantém o universo. Depois de realizar a purificação dos pecados, sentou-se à direita da Majestade de Deus nas alturas. Ele está acima dos anjos, da mesma forma que herdou um nome muito superior ao deles.”

LG, n.2,3,7,48: “Por livre desígnio de sabedoria e bondade, o Pai eterno criou o mundo e chamou mulheres e homens a participarem da vida divina. Embora tenham pecado em Adão, Deus não os abandonou, proporcionando a todos o apoio indispensável à salvação, em vista do Cristo redentor, imagem do Deus invisível e primogênito de toda criatura (Cl 1, 15). De fato, desde sempre o Pai previu e predestinou todos os escolhidos a se tornarem conformes a imagem de seu Filho, primogênito entre muitos irmãos (Rm 8, 29).

Ao mesmo tempo, estabeleceu que todos os fiéis a Cristo se reunissem na santa Igreja. Diz-se, por isso, que a Igreja foi esboçada desde as origens do mundo, preparada de modo admirável pela aliança antiga, que está na base da história de Israel, constituída nesses últimos tempos, manifestada pelo dom do Espírito Santo, mas que só estará terminada no fim dos séculos.

É o que ensinam os santos padres quando dizem que todos os justos, do primeiro ao último, desde Abel ou mesmo desde Adão, estarão reunidos formando a Igreja, junto ao Pai.

3. Veio o Filho, enviado pelo Pai que, através dele, nos escolheu desde antes da criação e nos predestinou à adoção filial, pois havia decidido nele ordenar tudo a si (cf. Ef 1, 4-5, 10). Cristo cumpriu a vontade do Pai, inaugurou na terra o reino dos céus, revelou-nos o seu mistério pessoal e realizou a redenção pela obediência.

A Igreja, reino de Cristo, desde já misteriosamente presente no mundo, cresce pela força de Deus. Sua origem e desenvolvimento são simbolizados pelo sangue e pela água que jorraram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19, 34), como foi predito pela palavra do Senhor a respeito de sua morte na cruz: Levantado da terra, atrairei a mim todas as coisas (Jo 12, 32).

Todas as vezes que se celebra no altar o sacrifício da cruz, em que se imola Cristo, nossa Páscoa (1Cor 5, 7), realiza-se a obra da redenção. Representa-se ao mesmo tempo, e se realiza, pelo sacramento do pão eucarístico, a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10, 17). Todos os homens, aliás, são chamados a esta união com Cristo, que é a luz do mundo, de quem procedemos, por quem vivemos e para quem tendemos.

7. Ao se unir com a natureza humana e ao superar a morte, com sua própria morte e ressurreição, o Filho de Deus resgatou a humanidade e a transformou numa nova criatura (cf. Gl 6, 15; 2Cor 5, 17). Ao comunicar assim seu Espírito a seus irmãos, provenientes de todos os povos, constituiu, misticamente, um corpo para si.

Nesse corpo a vida de Cristo, que sofreu e foi glorificado, comunica-se aos fiéis, pelos sacramentos, de maneira não perceptível, mas real.

Pelo batismo nos tornamos semelhantes a Cristo: ‘De fato, fomos todos batizados num único Espírito, para constituir um só corpo’ (1Cor 12, 13). O rito batismal representa e realiza nossa comunhão na morte e na ressurreição de Cristo: Fomos sepultados com ele pelo batismo, na morte; se pois fomos enxertados em sua morte, participaremos também de sua ressurreição (Rm 6, 4-5).

Ao participarmos do pão eucarístico, que é realmente Corpo do Senhor, entramos todos em comunhão com ele, e entre nós. Há um só pão, embora muitos, somos um só corpo, todos os que participamos do mesmo pão (1Cor 10, 17). Tornamo-nos membros deste corpo (cf. 1Cor 12, 27) e membros uns dos outros (Rm 12, 5).

Assim como são muitos os membros do corpo humano, mas o corpo é um só, também os fiéis (cf. 1Cor 12, 12). Na edificação do corpo de Cristo há igualmente diversidade de membros e de funções. O Espírito é sempre o mesmo, que distribui os seus dons segundo sua generosidade, as necessidades do ministério e a utilidade da Igreja (cf. 1Cor 12, 1-11).

Dentre esses dons, está, em primeiro lugar, a graça dos apóstolos, a cuja autoridade o próprio Espírito submeteu todos os outros carismas (cf. 1Cor 14).

Esse mesmo Espírito, com seu vigor, entretém e anima o amor, princípio de unidade do corpo e garantia da articulação interna dos membros. Assim, quando um sofre, todos sofrem; quando um é gratificado, todos se alegram com ele (cf. 1Cor 12, 26).

A cabeça do corpo é Cristo. Imagem do Deus invisível, nele foram criadas todas as coisas. Existe antes de tudo e tudo nele subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja. É o princípio. O primogênito dentre os que morreram, que detém o primado sobre todos (cf. Cl 1, 15-18). Domina as coisas do céu e da terra, com a grandeza do seu poder. Com a supereminente perfeição de sua atuação, cumula todo o corpo com a plenitude de seus bens (cf. Ef 1, 18-23).

Todos os membros devem assemelhar-se a ele, até que Cristo neles se forme (cf. Gl 4, 19). Por isso, revivemos os mistérios de sua vida, assemelhando-nos a ele, morrendo com ele e ressuscitando, até chegarmos a reinar com ele (cf. Fl 3, 21; 2Tm 2, 11; Ef 2, 6; Cl 2, 12 etc.). Sendo ainda peregrinos na terra, seguimos as sua pegadas na tribulação e na perseguição, associamo-nos a seus sofrimentos como o corpo à cabeça, participando da paixão para participar também de sua glorificação (cf. Rm 8, 17).

A partir de Cristo, dele recebendo o alimento e a coesão, através de todos os laços e articulações, o corpo inteiro cresce para Deus (Cl 2, 19). O próprio Cristo distribui ininterruptamente os dons do ministério a seu corpo, a Igreja, graças aos quais prestamos serviço uns aos outros, para crescer em direção a ele, nossa cabeça, praticando a verdade, no amor (cf. Ef 4, 11-16).

Para nos renovarmos constantemente nele (cf. Ef 4, 23), deu-nos o seu Espírito, o mesmo e único Espírito que anima a cabeça e os membros, dá vida, unifica e move o corpo inteiro, a ponto de os santos padres chegarem a compará-lo à alma, princípio da vida que dá consistência ao corpo.

Cristo amou sua Igreja como sua esposa, tornando-se modelo do esposo virtuoso que ama sua esposa como a seu próprio corpo (cf. Ef 5, 25-28). A Igreja, por sua vez, é submissa à sua cabeça (ib. 23-24). Como a

plenitude da divindade habita em Cristo, corporalmente (Cl 2, 9), ele dota a Igreja, seu corpo e complemento (cf. Ef 1, 22-23), com seus dons divinos, a fim de que progrida e alcance a plenitude de Deus (cf. Ef 3, 19).

48. Em Cristo Jesus somos todos chamados a pertencer à Igreja e, pela graça de Deus, a alcançar a santidade. Mas a Igreja só chegará à perfeição na glória celeste, juntamente com o gênero humano, com o qual está intimamente unida e através do qual alcança o seu fim, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas (cf. At 3, 21) e o mundo chegar à plenitude em Cristo (cf. Ef 1, 10; Cl 1, 20; 2Pd 3, 10-13).

Levantado da terra, Cristo atraiu tudo a si (cf. Jo 12,32). Ressuscitando dos mortos (cf. Rm 6,9), derramou nos discípulos seu Espírito vivificador, fazendo de seu corpo, a Igreja, sacramento universal da salvação. Sentado à direita do Pai, opera continuamente no mundo, conduzindo os homens à Igreja para mantê-los unidos mais intimamente a si mesmo, alimentá-los com seu próprio corpo e sangue e torná-los participantes de sua vida gloriosa.

A renovação prometida que esperamos já começou em Cristo. Continua na missão do Espírito Santo e, por seu intermédio, na Igreja em que apreendemos, na fé, o sentido de nossa vida temporal, nos fixamos na esperança dos bens futuros, construímos a obra que nos foi confiada pelo Pai neste mundo, alcançando nosso fim e realizando nossa salvação (Fl 2, 12).

O fim dos tempos já chegou (cf. 1Cor 10, 11). A renovação de todas as coisas foi definitivamente realizada e até, de certa maneira, antecipada neste mundo. A Igreja é realmente santa, embora de modo ainda imperfeito. Enquanto não se manifestam os novos céus e a nova terra, em que prevalecerá a justiça (cf. 2Pd 3, 13), a Igreja peregrina conserva o perfil desse mundo, passageiro, nos seus sacramentos e instituições. Vive em meio às criaturas que por enquanto gemem e sofrem as dores do parto, na expectativa da revelação dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 19-22).

Unidos a Cristo, na Igreja, e marcados pelo Espírito Santo, “que é penhor de nossa herança” (Ef 1, 14), chamados filhos de Deus, como de fato o somos (cf. 1Jo 3, 1), ainda não aparecemos com o Cristo na glória (cf. Cl 3, 4). Só então seremos semelhantes a Deus, pois, o veremos como é (cf. 1Jo 3, 2). “Enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de casa, longe do Senhor” (2Cor 5, 6). Gememos intimamente, embora possuindo as primícias do Espírito (cf. Rm 8, 23), no desejo de estar com Cristo (Fl 1, 23). Deixemo-nos pressionar pelo mesmo amor, para vivermos cada vez mais em função daquele que morreu por nós e ressuscitou (cf. 2Cor 5, 15).

Procuremos agradecer o Senhor em tudo (cf. 2Cor 5, 9), vestindo a armadura de Deus, para que possamos superar as insídias do diabo e resistir nos momentos difíceis (cf. Ef 6,11-13). Como não se sabe o dia nem a hora, é preciso vigiar, de acordo com o conselho do Senhor, para que ao fim de nossa única vida terrestre (cf. Hb 9,27), mereçamos entrar com ele e com todos os bem-aventurados para as núpcias (cf. Mt 25, 31-46) e não sejamos mandados para o fogo eterno (cf. Mt 25, 31), como servos maus e preguiçosos (cf. Mt 25, 26), nem relegados às trevas exteriores, onde “haverá choro e ranger de dentes” (cf. Mt 22, 13; 25, 30).

Antes de reinarmos com o Cristo glorioso “devemos todos comparecer diante do seu tribunal, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal” (2Cor 5, 10). No fim do mundo, “aqueles que fizeram o bem vão ressuscitar para a vida; os que praticaram o mal, vão ressuscitar para a condenação” (Jo 5, 29; Cf Mt 25, 46).

Julgando “que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura, que será revelada em nós” (Rm 8, 18; cf. 2Tm 2, 11-12), fortificados pela fé, ficamos na expectativa “da bendita esperança, isto é, da manifestação da glória de Jesus Cristo, nosso grande Deus e salvador” (Tt 2, 13) “que vai transformar nosso corpo terreno e torná-lo semelhante ao seu corpo glorioso” (Fl 3, 21) e que virá para “ser glorificado na pessoa de seus santos e para ser admirado em todos aqueles que acreditaram (2Ts 1, 10)”.

GS, n.22: “O mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado. O primeiro homem, Adão, era imagem do futuro, o Cristo Senhor.

Ao revelar o mistério do Pai e de seu amor, Jesus Cristo, o último Adão, manifesta plenamente aos seres humanos o que é o ser humano e a sublimidade da vocação humana. Não admira pois que todas as verdades a que anteriormente aludíamos tenham sua fonte em Cristo e, nele, alcancem sua máxima expressão.

Ele é *imagem do Deus invisível* (Cl 1, 15), homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a integridade violada pelo pecado. Nele, a natureza humana foi assumida sem ser afetada e, por isso mesmo, tornou-se ainda mais digna e preciosa. Pela sua encarnação, o Filho de Deus, de certo modo, uniu-se a todos os seres humanos. Trabalhou com mãos humanas, pensou e agiu como qualquer ser humano, amando com um coração humano. Nascido da virgem Maria, foi realmente um dos nossos em tudo, exceto no pecado.

Cordeiro inocente, tendo derramado livremente o seu sangue, nos mereceu a vida. Nele, Deus se reconciliou conosco e nos livrou da escravidão do demônio e do pecado, para que cada um de nós pudesse dizer com o apóstolo: o Filho de Deus *me amou e se entregou por mim* (Gl 2, 20). Sofrendo por nós, não apenas deu exemplo, para que lhe sigamos os passos, mas estabeleceu o caminho através do qual a vida e a morte ganham um sentido novo e se tornam vias de santificação.

O cristão, conforme a imagem do Filho, primogênito entre muitos irmãos, recebeu as *primícias do Espírito* (Rm 8, 23), tornando-se capaz de cumprir a nova lei do amor. Pelo Espírito, que é *penhor da herança* (Ef 1, 14), o homem interior se renova completamente, até a *redenção do corpo* (Rm 8, 23): *Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou Cristo dos mortos dará a vida também para os corpos mortais de vocês, por meio do seu Espírito que habita em vocês* (Rm 8, 11).

O cristão precisa sem dúvida e tem o dever de lutar contra o mal através de todas as dificuldades, aceitando, inclusive, a morte. Associado porém ao mistério pascal e configurando-se ao Cristo na morte, caminha animado pela esperança da ressurreição.

Isto não vale somente para os fiéis, mas para todos os homens de boa vontade, em cujo coração atua a graça, de maneira invisível. Como Cristo morreu por todos, todos são chamados a participar da mesma vida divina. Deve-se pois admitir que o Espírito Santo oferece absolutamente a todos os seres humanos a possibilidade de se associar ao mistério pascal, de maneira conhecida somente por Deus.

Eis o grande e admirável mistério do ser humano. Os fiéis o reconhecem através da revelação cristã. Por Cristo e em Cristo brilha uma luz no fim do túnel de dor e de morte, que nos sufocaria, não fosse o Evangelho. Cristo ressuscitou. Destruíu a morte com sua morte e a todos deu a vida, para que, como filhos no Filho, clamemos no Espírito: Abba! Pai!”.

DCG, n.51: "O mundo criado do nada é um mundo em que de fato se realiza a salvação e a redenção por meio de Jesus Cristo.

Já no Antigo Testamento a verdade da ação criadora de Deus não é apresentada como um princípio filosófico abstrato. Entra no Espírito dos israelitas através da noção da unidade de Deus, como mensagem do poder e da vitória de Javé, como argumento que demonstra que o Senhor permanece sempre com o seu povo (cf. IS 40,27-28; 51, 9-13). A onipotência de Deus criador também se manifesta de modo eminente na ressurreição de Cristo, à qual se revela a "suprema grandeza do seu poder" (Ef 1,19).

Por isso, a verdade da criação não deve ser apresentada simplesmente como uma verdade em si, isolada das demais, mas como algo que de fato está ordenado para a salvação realizada por Jesus Cristo. A criação das coisas visíveis e invisíveis, do mundo e dos anjos, é o começo da história da salvação (cf. DV, 3). A criação do homem (cf. Pio XII, Enc. Humani Generis, AAS, 1950, p. 575; GS 12,14) deve ser considerada como o primeiro dom e o primeiro chamado para a glorificação em Cristo (cf. Rm 8,29-30). Ao ouvir a explanação da doutrina sobre a criação, o cristão, além de considerar o primeiro ato pelo qual Deus "criou o céu e a terra" (Gn 1,1), deve também pensar em todas as iniciativas salvíficas de Deus. Estas estão sempre presentes na história do homem e do mundo, sendo de modo particular evidentes na história de Israel, e conduzem ao supremo acontecimento da ressurreição de Cristo, e enfim, cumprir-se-ão plenamente no fim do mundo, quando aparecerão os novos céus e a nova terra (cf. 2 Pd 3,13)".

DV, n.3: "Criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cf. Jo 1, 3), Deus dá aos homens testemunho perene de si mesmo, nas próprias coisas criadas (cf. Rm 1, 19s).

No intuito de abrir caminho à salvação, manifestou-se ainda, desde o início, a nossos primeiros pais.

Depois que caíram, suscitou-lhes a esperança, prometendo a redenção (cf. Gn 3, 15). Não deixou em momento algum de cuidar do gênero humano, para que todos os que praticam pacientemente o bem (cf. Rm 2, 6s) possam alcançar a salvação.

Chamou Abraão a seu tempo, para constituir, a partir dele, um grande povo (cf. Gn 12, 2s), a quem, depois, pelos patriarcas, por Moisés e pelos profetas, ensinou a reconhecê-lo como único Deus vivo e verdadeiro, pai providente e justo juiz, e a esperar o salvador prometido, preparando assim, através dos séculos, o caminho do Evangelho".

Nota:100

1Jo 4,8: "Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor".

Nota:101

Ap 21,1: "Vi, então, um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe".

2Pd 3,13: "O que nós esperamos, conforme a promessa dele, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça".

Nota:102

Rm 8,18-27: "Penso que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós. A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu –, a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus.

Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora. E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. Na esperança, nós já fomos salvos. Ver o que se espera já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê? Mas, se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.

Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus".

Nota:103

Ef 1,19: "e compreendam o grandioso poder com que ele age em favor de nós que acreditamos, conforme a sua força poderosa e eficaz".

Nota:104

cf. **2Pd 3,13:** "O que nós esperamos, conforme a promessa dele, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça".

Nota:105

Gn 3,8-13: "Em seguida, eles ouviram Javé Deus passeando no jardim à brisa do dia. Então o homem e a mulher se esconderam da presença de Javé Deus, entre as árvores do jardim. Javé Deus chamou o homem: Onde está você? O homem respondeu: Ouvi teus passos no jardim: tive medo, porque estou nu, e me escondi. Javé Deus continuou: E quem lhe disse que você estava nu? Por acaso você comeu da árvore da qual eu lhe tinha proibido comer? O homem respondeu: A mulher que me deste por companheira deu-me o fruto, e eu comi. Javé Deus disse para a mulher: O que foi que você fez? A mulher respondeu: A serpente me enganou, e eu comi".

Nota:106

Gn 2,23: "Então o homem exclamou: Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!".

Nota:107

Gn 1,31: "E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: foi o sexto dia".

Nota:108

cf. **Puebla 182-186; 328: "182.** A Sagrada Escritura nos ensina que não somos nós, os homens, os que amamos primeiro. Foi Deus que primeiro nos amou. Ele planejou e criou o mundo em Jesus Cristo, sua própria imagem criada. Ao fazer o mundo, Deus criou os homens para que participássemos desta comunidade divina de amor: o Pai com seu Filho Unigênito no Espírito Santo.

183. Este desígnio divino, que, para o bem dos homens e para a glória da imensidade de seu amor, o Pai concebeu no Filho antes da criação do mundo (Ef 1,9), ele no-lo revelou, de acordo com o projeto misterioso

que tivera de levar até à plenitude a história dos homens, realizando por meio de Jesus Cristo a unidade do universo, tanto terrestre quanto celeste.

184. O homem, eternamente idealizado e eternamente eleito em Jesus Cristo, devia realizar-se como imagem criada de Deus, refletindo em si mesmo e na convivência com seus irmãos, o mistério divino da comunhão, através de uma atuação que chegasse a transformar o mundo. Assim, devia ter na terra o lar de sua felicidade e não um campo de batalha, em que reinasse a violência, o ódio, a exploração e a escravidão.

185. O homem, porém, já desde o início rejeitou o amor de seu Deus. Não teve interesse pela comunhão com ele. Quis construir, prescindindo de Deus, um reino neste mundo. Em vez de adorar ao Deus verdadeiro adorou os ídolos, as obras de suas mãos, as realidades deste mundo; adorou-se a si próprio. Por isso o homem se dilacerou interiormente. Penetraram no mundo o mal, a morte e a violência, o ódio e o medo. Estava destruída a convivência fraterna.

186. Rompido assim pelo pecado o eixo primordial que submete o homem ao domínio amoroso do Pai, irromperam todas as escravidões. A realidade latino-americana faz-nos experimentar amargamente, até aos extremos limites, esta força do pecado que é a contradição flagrante do plano de Deus.

328: Mas a uma atitude pessoal de pecado, à ruptura com Deus que degrada o homem, corresponde sempre, no plano das relações interpessoais, a atitude de egoísmo, de orgulho, de ambição e inveja que geram injustiça, dominação e violência em todos os níveis; corresponde à luta entre indivíduos, grupos, classes sociais e povos bem como a corrupção, o hedonismo, a exacerbação sexual e a superficialidade nas relações mútuas. Conseqüentemente se estabelecem situações de pecado que, em nível mundial, escravizam a tantos homens e condicionam adversamente a liberdade de todos".

DCG, n.62: "Contudo, as condições históricas e ambientais não devem ser consideradas como o principal obstáculo à liberdade do homem. O maior obstáculo que o homem encontra ao aderir à obra da salvação é o pecado.

"Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora dele. "Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram (Rm 5,12). 'A natureza humana assim decaída, despojada da graça que antes a ornava, ferida nas suas próprias forças naturais, e sujeita ao domínio da morte, é transmitida a todos os homens, e assim todo homem nasce no pecado' (Paulo VI, Professio Fidei, n. 16, AAS, 1968, p. 439). E assim os pecados, em número incontável, tornaram-se uma dolorosa experiência dos homens, sendo causa de muitos sofrimentos e misérias. Tampouco se deve deixar de lado a doutrina sobre a natureza e os efeitos do pecado pessoal, pelo qual o homem, agindo ciente e deliberadamente, viola a lei moral e em matéria grave também ofende gravemente a Deus.

A história da salvação é também a história da libertação do pecado. Todas as intervenções de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, têm também a finalidade de dirigir os homens na luta contra as forças do pecado. A missão que na história da salvação foi confiada a Cristo relaciona-se com a destruição do pecado, e a sua realização se cumpre através do mistério da cruz. As profundas reflexões de São Paulo (cf. Rm 5) sobre a realidade do pecado e a conseqüente "obra de justiça" de Cristo contam entre os capítulos principais da fé cristã, que não podem ser silenciados na catequese.

Todavia, a salvação trazida por Cristo é muito mais que a redenção do pecado. Por meio dela realiza-se o plano de Deus de comunicar-se em Jesus, com uma plenitude que supera todo entendimento do homem. Trata-se de um plano que não cessa por causa dos pecados dos homens, mas confere uma graça superabundante em relação ao pecado causado pela morte (cf. Rm 5,15-17). Este plano de amor, pelo qual os homens são chamados a participar da própria vida divina pelo Espírito Santo, é sempre eficaz e refere-se a todos os tempos. O homem, ainda que pecador, permanece sempre na única ordem que Deus quis, isto é, a ordem que Deus se comunica benevolmente conosco em Jesus Cristo e por isso, movido pela graça, pode alcançar a salvação através da penitência".

GS, n.13: "Deus fez o ser humano bom, mas ele se deixou persuadir pelo maligno, desde o início de sua história. Abusou da liberdade e contrariou a Deus, ao procurar fora de Deus o seu bem. Embora conhecendo a Deus, não o glorificou como Deus. Seu coração leviano perdeu o rumo, e o fez preferir a criatura ao criador. Sabemo-lo por revelação divina, que aqui coincide, porém, perfeitamente com os dados de nossa experiência.

O coração humano é leviano. Dá-se conta de sua inclinação para o mal e de seu envolvimento numa verdadeira trama de más tendências, que certamente não podem provir do Criador, que é bom. Recusa-se muitas vezes a reconhecer a Deus, seu princípio, deixa de buscar o fim para o qual está destinado e viola os laços que o prendem a si mesmo, aos outros e a toda a criação.

O ser humano está dividido. Sua vida, pessoal e coletiva, se apresenta como uma luta, que chega a ser dramática, entre o bem e o mal, a luz e as trevas. Sente-se fraco, incapaz de rechaçar sozinho as investidas do mal, e fica com a impressão de estar preso, impedido de fazer o que quer.

Mas o próprio Senhor veio para o libertar e fortalecer, renovando-o interiormente e expulsando o príncipe desse mundo (Jo 12, 31), que o mantinha sob a escravidão do pecado. O pecado diminui as possibilidades do ser humano e o impede de sua plena realização.

A vocação sublime e a profunda miséria que os seres humanos experimentam e adquirem assim, à luz da revelação, como que uma plenitude de sentido".

Nota:109

cf. **CI 1,15-20:** "Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura; porque nele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, as visíveis como as invisíveis: tronos, soberanias, principados e autoridades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste. Ele é também a Cabeça do corpo, que é a Igreja. Ele é o Princípio, o primeiro daqueles que ressuscitam dos mortos, para em tudo ter a primazia. Porque Deus, a Plenitude total, quis nele habitar, para, por meio dele, reconciliar consigo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz".

Nota:110

cf. **Puebla 181, 187:** "Solidários com os sofrimentos e as aspirações do nosso povo, sentimos a urgência de lhe dar o que é nosso especificamente: o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus. Sentimos que esta é a

"Força de Deus" (Rm 1, 16), capaz de transformar nossa realidade pessoal e social e de encaminhá-la para a liberdade e a fraternidade, para a manifestação plena do Reino de Deus.

187. No entanto Deus pai não abandonou o homem ao poder do seu pecado. Uma e outra vez reinicia com ele o diálogo. Convida homens concretos para uma aliança, a fim de construírem o mundo partindo da fé e da comunhão com ele, aceitando ser os seus colaboradores no seu desígnio de salvação. A história de Abraão e a eleição do povo de Israel, a história de Moisés libertação do povo da escravidão do Egito e a aliança do Sinai a história de Davi e de seu reinado, o cativo de Babilônia e o retorno à Terra Prometida mostram-nos a mão poderosa de Deus Pai, que anuncia, promete e começa a realizar a libertação do pecado e de suas conseqüências em favor de todos os homens".

DCG, n.62: "Contudo, as condições históricas e ambientais não devem ser consideradas como o principal obstáculo à liberdade do homem. O maior obstáculo que o homem encontra ao aderir à obra da salvação é o pecado.

"Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo Maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora dele. GS 13 "Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram (Rm 5,12). A natureza humana assim decaída, despojada da graça que antes a ornava, ferida nas suas próprias forças naturais, e sujeita ao domínio da morte, é transmitida a todos os homens, e assim todo homem nasce no pecado" (Paulo VI, Professio Fidei, n. 16, AAS, 1968, p. 439). E assim os pecados, em número incontável, tornaram-se uma dolorosa experiência dos homens, sendo causa de muitos sofrimentos e misérias. Tampouco se deve deixar de lado a doutrina sobre a natureza e os efeitos do pecado pessoal, pelo qual o homem, agindo ciente e deliberadamente, viola a lei moral e em matéria grave também ofende gravemente a Deus.

A história da salvação é também a história da libertação do pecado. Todas as intervenções de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, têm também a finalidade de dirigir os homens na luta contra as forças do pecado. A missão que na história da salvação foi confiada a Cristo relaciona-se com a destruição do pecado, e a sua realização se cumpre através do mistério da cruz. As profundas reflexões de São Paulo (cf. Rm 5) sobre a realidade do pecado e a conseqüente "obra de justiça" de Cristo contam entre os capítulos principais da fé cristã, que não podem ser silenciados na catequese.

Todavia, a salvação trazida por Cristo é muito mais que a redenção do pecado. Por meio dela realiza-se o plano de Deus de comunicar-se em Jesus, com uma plenitude que supera todo entendimento do homem. Trata-se de um plano que não cessa por causa dos pecados dos homens, mas confere uma graça superabundante em relação ao pecado causado pela morte (cf. Rm 5,15-17). Este plano de amor, pelo qual os homens são chamados a participar da própria vida divina pelo Espírito Santo, é sempre eficaz e refere-se a todos os tempos. O homem, ainda que pecador, permanece sempre na única ordem que Deus quis, isto é, a ordem que Deus se comunica benevolmente conosco em Jesus Cristo e por isso, movido pela graça, pode alcançar a salvação através da penitência".

AA, n.5: "Tendo por objetivo a salvação de seres humanos, a obra de redenção de Cristo implica a instauração de uma ordem temporal justa, em sua totalidade. A missão da Igreja não se limita ao anúncio de Cristo e à administração dos meios da graça, mas requer a penetração e o aperfeiçoamento de todas as realidades temporais, pelo espírito do Evangelho. Encarregados dessa missão da Igreja, os leigos exercem seu apostolado na Igreja e no mundo, tanto na esfera espiritual quanto na material. Estas, embora distintas, estão de tal modo articuladas no conselho de Deus que o próprio Deus tem por objetivo resgatar o mundo inteiro em Cristo, constituindo como que uma nova criação, que começa desde agora na terra e chegará a seu termo no último dia. O leigo, que é ao mesmo tempo fiel e cidadão, deve se conduzir nessa dupla esfera com a mesma consciência cristã que o deve caracterizar em toda a vida".

GS, n.29, 41: "Reconheça-se cada vez melhor a igualdade fundamental entre todos os humanos: todos são dotados de alma espiritual, foram criados por Deus, têm idêntica origem e mesma natureza, foram salvos por Cristo e são destinados a participar da mesma vocação divina.

Nem todos se equivalem quanto a capacidade física, intelectual e moral, mas contraria o propósito divino e deve ser rejeitada e superada, toda discriminação por causa do sexo, da raça, da cor, da condição social, da língua e da religião, que afeta os direitos fundamentais da pessoa, tanto pessoais como sociais.

É verdadeiramente lamentável que esses direitos fundamentais da pessoa não sejam ainda reconhecidos e protegidos em toda parte. Nega-se à mulher o direito de escolher seu marido e de adotar livremente o estado de vida que queira, ou o direito de receber a mesma educação que o homem e de conquistar um mesmo nível cultural.

Além disso, apesar da justa diversidade que possa existir entre os seres humanos quanto à maneira de viver, a dignidade pessoal, que é a mesma em cada um, exige que as condições de vida de todos sejam cada vez mais humanas e eqüitativas.

As grandes desigualdades econômicas e sociais entre as pessoas ou os povos da mesma e única família humana são vergonhosas e contrárias à justiça social, à eqüidade, à dignidade da pessoa, à paz social e internacional.

As instituições humanas, privadas ou públicas, devem procurar estar a serviço da dignidade e do fim a que são chamados todos os seres humanos, lutando firmemente contra toda dominação social ou política, em favor do respeito aos direitos humanos fundamentais, sob qualquer regime. Devem, além disso, progressivamente, ajustar-se às exigências espirituais, que são as mais importantes, mesmo que o caminho nessa direção seja longo.

41. Hoje em dia todos procuram desenvolver plenamente sua pessoa, estabelecer e afirmar claramente seus direitos. Encarregada de manifestar o mistério de Deus, último fim do ser humano, a Igreja o ajuda a esclarecer o sentido da própria existência, e lhe revela sua mais íntima verdade.

De fato, a Igreja sabe que somente Deus, a quem serve, satisfaz aos mais profundos desejos do coração humano, que as coisas da terra jamais hão de saciar.

Sabe também que, sob ação do Espírito de Deus, o ser humano não será jamais completamente indiferente ao problema religioso, como o demonstra não apenas a experiência dos séculos passados, mas inúmeros testemunhos contemporâneos. Sempre se desejou saber, ainda que de maneira confusa, qual o sentido da

vida, da atividade no mundo e da morte. A própria presença da Igreja coloca tais problemas. Só Deus, que fez o ser humano à sua imagem e o resgatou do pecado dá resposta plenamente satisfatória a essas questões, pelo seu Filho feito homem. Quem segue a Cristo, homem perfeito, torna-se cada vez mais humano.

A fé permite que a Igreja coloque a dignidade da natureza humana acima de toda discussão entre os que tendem por um lado a exaltar o corpo, e, por outro, a desprezá-lo. Nenhuma lei preserva tão bem a dignidade e a liberdade humanas como o Evangelho de Cristo, confiado à Igreja. O Evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus, rejeitando toda servidão decorrente, em última análise, do pecado, leva ao respeito sagrado da consciência e da liberdade, induz a colocar a serviço de Deus e em favor dos outros todos os talentos humanos, recomendando a todos, acima de tudo, o amor. É esta, a lei fundamental da economia cristã.

Deus é, ao mesmo tempo, criador e salvador, Senhor da história humana e da história da salvação. A autonomia da criatura, especialmente dos seres humanos, e sua dignidade, não só são preservadas, como restituídas e confirmadas, na esfera própria das coisas divinas.

Baseada, pois, no Evangelho que lhe foi confiado, a Igreja proclama os direitos humanos. Reconhece e dá todo valor ao empenho com que eles são hoje promovidos, em todas as partes do mundo. Mas esse movimento precisa estar imbuído do espírito do Evangelho, para não cair numa espécie de falsa autonomia. Há sempre a tentação de considerar que os direitos pessoais só se preservariam sem a lei divina, o que constituiria perigoso desconhecimento da verdadeira dignidade humana".

Nota:111

GI 4,4: "Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei".

Nota:112

cf. **Puebla 188, 189, 175:** "E chegou "a plenitude dos tempos" (GI 4, 4). Deus Pai enviou ao mundo seu Filho Jesus Cristo, Senhor nosso, Deus verdadeiro "nascido do Pai de todos os séculos" e homem verdadeiro nascido da Virgem Maria por obra do Espírito Santo. Em Cristo e por Cristo une-se aos homens Deus Pai. O Filho de Deus assume o humano e o criado e restabelece a comunhão entre seu Pai e os homens. O homem conquista uma dignidade altíssima e Deus irrompe na história do homem, isto é, no peregrinar humano rumo à liberdade e à fraternidade, que aparecem agora como caminho que leva à plenitude do encontro com ele.

189. A Igreja da AL quer anunciar, portanto, a verdadeira face de Cristo, porque nele resplandecem a glória e a bondade do Pai que tudo prevê e a força do Espírito Santo que anuncia a libertação verdadeira e integral de todos e de cada um dos homens do nosso povo.

175. É dever nosso anunciar claramente, sem deixar dúvidas ou equívocos, o mistério da Encarnação: tanto a divindade de Jesus Cristo, tal como professada a fé da Igreja, quanto a realidade e a força de sua dimensão humana e histórica".

DCG, n.53: "Este grande mistério de Cristo, Cabeça e Senhor de todas as coisas, "manifestou-se na carne" (I Tm 3,16) aos homens. O homem Cristo Jesus, que habitou entre os homens, trabalhando com suas mãos como homem, pensando com mente humana, agindo com vontade humana, amando com coração humano, é verdadeiramente o Verbo e o Filho de Deus que, pela Encarnação, de certa maneira se uniu a cada homem .

A catequese deve pregar Jesus na sua existência concreta e na sua mensagem. Deve de tal modo facilitar aos homens o acesso à sua admirável perfeição humana, que possam sem dificuldade reconhecer o mistério da sua divindade. Com efeito, Cristo Jesus, embora unido ao Pai por uma vida de oração contínua e singular, viveu sempre em estreita comunhão com os homens. Com sua bondade abraçava a todos, justos e pecadores, pobres e ricos, compatriotas e estrangeiros. Se teve predileção por alguns, essa foi para os doentes, os pobres, os humildes. Mostrou pela pessoa humana um respeito e um interesse que jamais alguém antes dele havia manifestado.

É dever da catequese defender e fortalecer constantemente a fé na divindade de Jesus Cristo, para que Ele não seja aceito apenas por causa da sua admirável vida humana, mas, em virtude das suas palavras e sinais, seja reconhecido pelos homens como Filho unigênito de Deus (cf. Jo 1,18), "Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado, consubstancial ao Pai". A interpretação correta do mistério da Encarnação progrediu na tradição cristã. Refletindo assiduamente sobre a fé, os Santos Padres e os concílios procuraram determinar mais precisamente os conceitos, expor com maior profundidade a característica própria do mistério de Cristo, e as suas misteriosas relações com o Pai celeste e com os homens. A isso se acrescenta o testemunho da vida cristã, dado pela Igreja através dos séculos, acerca desta verdade: a comunhão de Deus com os homens, alcançada em Cristo, tornou-se fonte de felicidade e de inesgotável esperança. Em Cristo está presente toda a plenitude da divindade. Por meio dele manifesta-se o amor de Deus para com os homens.

Santo Inácio escrevia aos efésios: "Um só é o médico, corporal e espiritual, gerado e ingênito, Deus em carne, vida verdadeira na morte, nascido de Maria e de Deus, antes impassível e depois passível, Jesus Cristo nosso Senhor".

GS, n.22: "O mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado. O primeiro homem, Adão, era imagem do futuro, o Cristo Senhor.

Ao revelar o mistério do Pai e de seu amor, Jesus Cristo, o último Adão, manifesta plenamente aos seres humanos o que é o ser humano e a sublimidade da vocação humana. Não admira pois que todas as verdades a que anteriormente aludíamos tenham sua fonte em Cristo e, nele, alcancem sua máxima expressão.

Ele é *imagem do Deus invisível* (Cl 1, 15), homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a integridade violada pelo pecado. Nele, a natureza humana foi assumida sem ser afetada e, por isso mesmo, tornou-se ainda mais digna e preciosa. Pela sua encarnação, o Filho de Deus, de certo modo, uniu-se a todos os seres humanos. Trabalhou com mãos humanas, pensou e agiu como qualquer ser humano, amando com um coração humano. Nascido da virgem Maria, foi realmente um dos nossos em tudo, exceto no pecado..

Cordeiro inocente, tendo derramado livremente o seu sangue, nos mereceu a vida. Nele, Deus se reconciliou conosco e nos livrou da escravidão do demônio e do pecado, para que cada um de nós pudesse dizer com o apóstolo: o Filho de Deus *me amou e se entregou por mim* (Gl 2, 20). Sofrendo por nós, não apenas deu exemplo, para que lhe sigamos os passos, mas estabeleceu o caminho através do qual a vida e a morte ganham um sentido novo e se tornam vias de santificação.

O cristão, conforme a imagem do Filho, primogênito entre muitos irmãos, recebeu as *primícias do Espírito* (Rm 8, 23), tornando-se capaz de cumprir a nova lei do amor. Pelo Espírito, que é *penhor da herança* (Ef 1, 14), o homem interior se renova completamente, até a *redenção do corpo* (Rm 8, 23): *Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou Cristo dos mortos dará a vida também para os corpos mortais de vocês, por meio do seu Espírito que habita em vocês* (Rm 8, 11).

O cristão precisa sem dúvida e tem o dever de lutar contra o mal através de todas as dificuldades, aceitando, inclusive, a morte. Associado porém ao mistério pascal e configurando-se ao Cristo na morte, caminha animado pela esperança da ressurreição.

Isto não vale somente para os fiéis, mas para todos os homens de boa vontade, em cujo coração atua a graça, de maneira invisível. Como Cristo morreu por todos, todos são chamados a participar da mesma vida divina. Deve-se pois admitir que o Espírito Santo oferece absolutamente a todos os seres humanos a possibilidade de se associar ao mistério pascal, de maneira conhecida somente por Deus.

Eis o grande e admirável mistério do ser humano. Os fiéis o reconhecem através da revelação cristã. Por Cristo e em Cristo brilha uma luz no fim do túnel de dor e de morte, que nos sufocaria, não fosse o Evangelho. Cristo ressuscitou. Destruíu a morte com sua morte e a todos deu a vida, cf. Liturgia pascal bizantina. para que, como filhos no Filho, clamemos no Espírito: Abba! Pai!"

RH, n.8: "Redentor do mundo! Nele se revelou de um modo novo, de maneira admirável, aquela verdade fundamental referente à criação que o livro do Gênesis atesta quando repete mais de uma vez: Deus viu que as coisas eram boas. O bem tem a sua origem na Sabedoria e no Amor. Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem – aquele mundo que, entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade – readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da Sabedoria e do Amor. Com efeito, "Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito". Assim como no homem-Adão este vínculo foi quebrado, assim no Homem-Cristo foi de novo reatado. Não nos convencem, porventura, a nós homens do século vinte, as palavras do Apóstolo das gentes, pronunciadas com uma arrebatadora eloquência, acerca da "criação inteira (que) geme e sofre as dores do parto, até ao presente", e "espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus", acerca da criação que "foi submetida à caducidade"? O imenso progresso nunca antes conhecido, que se verificou particularmente no decorrer do nosso século, no campo do domínio sobre o mundo por parte do homem, não revela acaso ele próprio e, além disso, em grau nunca antes conhecido, aquela multiforme submissão "à caducidade"? Basta lembrar aqui certos fenômenos, por exemplo, a ameaça da poluição do ambiente natural nos locais de rápida industrialização, ou então os conflitos armados que rebentam e se repetem continuamente, ou ainda as perspectivas de autodestruição mediante o uso das armas atômicas, das armas com hidrogênio e com os nêutrons e outras semelhantes e a falta de respeito pela vida dos não-nascidos. O mundo da época nova, o mundo dos vãos cósmicos, o mundo das conquistas científicas e técnicas, nunca alcançadas antes, não será ao mesmo tempo o mundo que "geme e sofre" e "espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus"?

O Concílio Vaticano II, na sua penetrante análise do "mundo contemporâneo", chegava àquele ponto que é o mais importante do mundo visível, o homem, descendo – como Cristo – até ao profundo das consciências humanas, tocando mesmo o mistério interior do homem, que na linguagem bíblica (e também não-bíblica) se exprime com a palavra "coração". Cristo, Redentor do mundo, é aquele que penetrou, de maneira singular e que não se pode repetir, no mistério do homem e entrou no seu "coração". Justamente, portanto, o mesmo Concílio Vaticano II ensina: "Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, de fato, o primeiro homem, era figura do futuro (Rm 5,14), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu Amor, revela também plenamente o homem ao mesmo homem e descobre-lhe a sua vocação sublime". E depois, ainda: "Imagem de Deus invisível (Cl 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que nele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída, por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos de homem, pensou com mente de homem, agiu com vontade de homem e amou com coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado". Ele, o Redentor do homem".

RH, n.13: "Quando, através da experiência da família humana, em contínuo aumento a ritmo acelerado, penetramos no mistério de Jesus Cristo, compreendemos com maior clareza que, na base de todos aqueles caminhos ao longo dos quais – de acordo com a sabedoria do Sumo Pontífice Paulo VI – a Igreja dos nossos tempos deve prosseguir, existe uma única via: é aquela experimentada de há séculos, e é, ao mesmo tempo, a via do futuro. Cristo Senhor indicou este caminho sobretudo, quando – como ensina o Concílio – "pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, se uniu de certo modo a cada homem". A Igreja reconhece, portanto, como sua tarefa fundamental, fazer com que tal união se possa realizar e renovar continuamente. A Igreja deseja servir esta única finalidade: que cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida com a potência daquela verdade sobre o homem e sobre o mundo contida no mistério da encarnação e da redenção, e com a potência do amor que de tal verdade irradia. Sobre o pano de fundo dos sempre crescentes processos na história, que em nossa época parecem frutificar de modo particular no âmbito de vários sistemas, de concepções ideológicas do mundo e de regimes, Cristo torna-se, de certo modo, novamente presente, apesar de todas as suas aparentes ausências, apesar de todas as limitações da presença e da atividade institucional da Igreja. E Jesus Cristo torna-se presente com a potência daquela verdade e daquele amor que nele se exprimiram como plenitude única e que não se pode repetir, se bem que a sua vida na terra tenha sido breve e ainda mais breve a sua atividade pública.

Jesus Cristo é o caminho principal da Igreja. Ele mesmo é o nosso caminho para "a casa do Pai" e é também o caminho para cada homem. Por esta via que leva de Cristo ao homem por esta via na qual Cristo se une a cada homem a Igreja não pode ser entravada por ninguém. Isso é exigência do bem temporal e do bem eterno do mesmo homem. Por respeito a Cristo e em razão daquele mistério que a vida da mesma Igreja constitui esta não pode permanecer insensível a tudo aquilo que serve o verdadeiro bem do homem assim como não pode permanecer indiferente àquilo que o ameaça. O Concílio Vaticano II em diversas passagens dos seus documentos deixou bem expressa esta fundamental solicitude da Igreja a fim de que "a vida no mundo seja mais conforme com a dignidade sublime de homem", em todos os seus aspectos, e por tornar essa vida "cada

vez mais humana". Esta é a solicitude do próprio Cristo, o Bom Pastor de todos os homens. Em nome de tal solicitude, conforme lemos na Constituição pastoral do Concílio, "a Igreja que, em razão da sua missão e competência, de modo algum se confunde com a comunidade política nem está ligada a qualquer sistema político determinado, é ao mesmo tempo o sinal e a salvaguarda do caráter transcendente da pessoa humana". Aqui, portanto, trata-se do homem em toda a sua verdade, com a sua plena dimensão. Não se trata do homem "abstrato", mas sim real: do homem "concreto", "histórico". Trata-se de "cada" homem, porque todos e cada um foram compreendidos no mistério da redenção, e com todos e cada um Cristo se uniu, para sempre, através deste mistério. Todo homem vem ao mundo concebido no seio materno e nasce da própria mãe, e é precisamente por motivo do mistério da redenção que ele é confiado à solicitude da Igreja. Tal solicitude diz respeito ao homem todo, inteiro, e está centrada sobre ele de modo absolutamente particular. O objeto destes cuidados da Igreja é o homem na sua única e singular realidade humana, na qual permanece intacta a imagem e semelhança com o próprio Deus. O Concílio indica isto precisamente quando, ao falar de tal semelhança, lembra que o homem é "a única criatura sobre a terra, querida por Deus por si mesma " o homem tal como foi "querido" por Deus, como por ele foi eternamente "escolhido", chamado e destinado à graça e à glória, este homem assim é exatamente "todo e qualquer" homem, o homem "o mais concreto", "o mais real"; este homem depois é o homem em toda a plenitude do mistério de que se tornou participante em Jesus Cristo, mistério de que se tornou participante cada um dos 4 bilhões de homens que vivem sobre o nosso planeta, desde o momento em que é concebido sob o coração da própria mãe".

Nota:113

Mc 1,15: "O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia".

Nota:114

cf. **Puebla 176, 190:** "Devemos apresentar Jesus de Nazaré compartilhando a vida, as esperanças e as angústias do seu povo e mostrar que ele é o Cristo, crido, proclamado e celebrado pela Igreja.

190. Jesus de Nazaré nasceu e viveu pobre no meio do seu povo de Israel, compadeceu-se das multidões e fez o bem a todos. Este povo, acabrunhado pelo pecado e pela dor, esperava a libertação que ele lhes prometeu. No meio dele Jesus anuncia: "Completo-se o tempo; chegou o Reino de Deus. Converti-vos e crede no Evangelho" (Mc 1, 15). Ungido pelo Espírito Santo para anunciar o Evangelho aos povos, para proclamar a liberdade dos cativos, a recuperação da vista dos cegos e a libertação dos oprimidos. Jesus nos entrega e confia, com as Bem-aventuranças e o Sermão da Montanha, a grande proclamação da Nova Lei do Reino de Deus".

Nota:115

Is 53: "Quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé? Ele cresceu como broto na presença de Javé, como raiz em terra seca. Ele não tinha aparência nem beleza para atrair o nosso olhar, nem simpatia para que pudéssemos apreciá-lo. Desprezado e rejeitado pelos homens, homem do sofrimento e experimentado na dor; como indivíduo de quem a gente esconde o rosto, ele era desprezado e nem tomamos conhecimento dele. Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas. E nós achávamos que ele era um homem castigado, um homem ferido por Deus e humilhado. Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós. Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os crimes de todos nós. Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores".

Nota:116

cf. **Puebla 191-192:** "Às palavras Jesus juntou os fatos: ações prodigiosas e atitudes surpreendentes que mostram que o Reino anunciado já se tornou presente, que ele é o sinal eficiente da nova presença do Pai na história, o portador do poder transformante de Deus, que sua presença desmascara o maligno, que o amor de Deus redime e mostra o alvorecer de um homem novo num mundo novo.

192. Entretanto, as forças do mal rejeitam este serviço de amor: é a incredulidade do povo e de seus parentes, são as autoridades políticas e religiosas de seu tempo e a incompreensão de seus próprios discípulos. Acentuam-se então em Jesus os traços dolorosos do "Servo de Javé", de que se fala no livro do profeta Isaías (Is 53). Com amor e obediência total ao Pai, expressão humana de seu eterno caráter de Filho, empreende seu caminho de doação abnegada, repelindo a tentação do poder político e todo recurso à violência. Agrupa em torno de si uns poucos homens tirados de diversas categorias sociais e políticas de seu tempo. Embora confusos e às vezes infieis, move-os o amor e o poder que dele irradiam: são constituídos fundamento de sua Igreja, atraídos pelo Pai e iniciam o caminho do seguimento de Jesus. Este caminho não é auto-afirmação arrogante do saber ou do poder do homem nem o ódio ou a violência, mas a doação desinteressada e sacrificada do amor. Amor que privilegiaria os pequenos, os fracos, os pobres. Amor que congrega e integra a todos em uma fraternidade que é capaz de abrir a rota de uma nova história".

Nota:117

cf. **Puebla 193, 1221, 1159:** "Assim Jesus, de modo original, próprio, incomparável, exige um seguimento radical que abrange o homem todo e todos os homens, que envolve todo o mundo e o cosmo todo. Esta radicalidade faz que a conversão seja um processo nunca encerrado, tanto em nível pessoal quanto em nível social. Porque, se o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgota nem se identifica com elas.

1221. Temos consciência de que a transformação das estruturas é uma expressão externa da conversão interior. Sabemos que esta conversão começa por nós mesmos. Sem o testemunho duma Igreja convertida, vós seriam nossas palavras de pastores.

1159. Comprometidos com os pobres, condenamos como anti-evangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso Continente”.

Nota:118

cf. **Puebla 194:** “Cumprindo o mandato recebido de seu Pai, Jesus entregou-se livremente à morte na cruz, meta do caminho de sua existência. O portador da liberdade e do gozo do Reino de Deus quis ser a vítima decisiva da injustiça e do mal deste mundo. A dor da criação é assumida pelo Crucificado que oferece sua vida em sacrifício por todos: Sumo Sacerdote que pode compartilhar as nossas fraquezas, Vítima Pascal que nos redime de nossos pecados, Filho obediente que encarna, perante a justiça salvadora de seu Pai, o clamor de libertação e de redenção de todos os homens”.

Nota:119

cf. **Puebla 195-196:** “Por isso o Pai ressuscita a seu Filho de entre os mortos. Eleva-o gloriosamente à sua destra. Cumula-o com a força vivificante do seu Espírito. Estabelece-o como Cabeça de seu Corpo que é a Igreja. Constitui-o Senhor do mundo e da história. Sua ressurreição é sinal e penhor da ressurreição a que todos estamos chamados e da transformação final do universo. Por ele e nele quis o Pai recriar o que havia antes criado.

196. Jesus Cristo, exaltado, não se apartou de nós. Vive no meio de sua Igreja, especialmente na Sagrada Eucaristia e na proclamação de sua palavra. Está presente no meio dos que se reúnem em seu nome e na pessoa dos pastores que envia; e quis identificar-se, num gesto de ternura particular, com os mais fracos e os mais pobres”.

Nota:120

cf. **Puebla 197:** “No centro da história humana fica assim implantado o Reino de Deus, resplandecente na face de Jesus ressuscitado. A justiça de Deus triunfou da injustiça dos homens. Com Adão principiou a história velha. Com Jesus Cristo, o novo Adão, principia a história nova. Esta recebe o impulso indefectível que levará todos os homens, transformados em filhos de Deus pela eficácia do Espírito, a um domínio do mundo cada dia mais perfeito, a uma comunhão entre os irmãos cada dia melhor realizada, à plenitude da comunhão e participação que constituem a própria vida de Deus. Assim proclamamos a Boa Nova da pessoa de Jesus Cristo aos homens da América Latina, chamados a serem homens novos pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho, para sustentarem seu esforço e revigorarem sua esperança”.

Nota:121

cf. **Jo 16,12-15:** “Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer. O Espírito da Verdade manifestará a minha glória, porque ele vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês. Tudo o que pertence ao Pai, é meu também. Por isso é que eu disse: o Espírito vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês”.

Nota:122

Hb 13,8: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo”.

Nota:123

cf. **Puebla 202; 198:** “O Espírito Santo é chamado por Jesus de “Espírito de verdade” e é encarregado de nos conduzi à verdade total. Dentro de nós dá testemunho de que somos filhos de Deus e de que Jesus ressuscitou e é “o mesmo ontem, hoje e através do séculos” (Hb 13,8). Por isso é que ele é o principal evangelizador, que anima a todos os evangelizadores e os assiste para que transmitam a verdade total, sem erros nem limitações.

198: Cristo ressuscitado e exaltado à direita do Pai infunde seu Espírito Santo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes e depois sobre todos os que foram chamados”.

Nota:124

cf. **Puebla 203:** “O Espírito Santo é “doador de vida”. É água viva que jorra da fonte, Cristo, que ressuscita aos que morreram pelo pecado e que nos faz odiar o pecado, sobretudo em um momento de tanta corrupção e desorientação como o atual.

199: A aliança nova que ele estabeleceu com seu Pai interioriza-se pelo Espírito Santo, que nos dá a da graça e da liberdade que ele próprio escreveu em nossos corações. Por isso a renovação dos homens e conseqüentemente a da sociedade vai depender, em primeiro lugar, da ação do Espírito de Deus. As leis e estruturas deverão ser animadas pelo Espírito que vivifica os homens e faz com que o Evangelho se encarne na história”.

Nota:125

cf. **AG, n.4:** “Para realizá-lo, Cristo enviou, da parte do Pai, o Espírito Santo, que exerce sua ação salutar na intimidade de cada um e promove o crescimento específico da Igreja. Não resta dúvida que o Espírito já atuava no mundo antes da glorificação de Cristo. No dia de Pentecostes, porém, veio para ficar para sempre, tornou pública a manifestação da Igreja diante da multidão, iniciou a difusão do Evangelho no meio dos povos e antecipou, numa grande manifestação, por assim dizer, a união dos povos na universalidade da fé por intermédio da Igreja da Nova Aliança, que fala, compreende e engloba todas as línguas, superando a dispersão de Babel.

Em Pentecostes, começaram os “*Atos dos Apóstolos*”, como, na concepção de Cristo pela Virgem Maria, atuara o Espírito Santo e no início do ministério de Jesus, enquanto orava, descera também sobre ele o mesmo Espírito Santo. Jesus, antes de dar livremente sua vida pela salvação do mundo, estabeleceu o ministério apostólico e prometeu enviar o Espírito Santo, de sorte que associados para sempre na obra da salvação, produzissem ambos seus resultados. O Espírito Santo sustenta a Igreja de todos os tempos “na comunhão, na continuidade do mesmo ministério, com os diversos dons hierárquicos e carismas”, conferindo como que uma alma às instituições eclesiais e derramando no coração dos fiéis o estímulo missionário do próprio Jesus. Às vezes precede de maneira visível a ação missionária, e outras, a acompanha e dirige”.

Nota:126

cf. **Puebla 205-208**: "Jesus Cristo, Salvador dos homens, difunde seu Espírito sobre todos, sem acepção de pessoas. Quem, ao evangelizar, exclui de seu amor ainda que seja uma única pessoa, não possui o Espírito de Cristo. Por isso a ação apostólica tem de compreender a todos os homens, destinados a se tornarem filhos de Deus.

206. O Espírito Santo unifica na comunhão e no ministério e provê sua Igreja com diversos dons hierárquicos e carismáticos através dos tempos, vivificando, como se fosse sua alma, as instituições eclesíásticas" (AG 4). Portanto, longe de serem um obstáculo para a evangelização, a hierarquia e as instituições são instrumentos do Espírito e da graça.

207. Os carismas nunca estiveram ausentes da Igreja. Paulo VI expressou sua complacência para com a renovação espiritual que aparece nos meios e lugares mais diversos e que leva à oração de alegria, à união íntima com Deus, à fidelidade ao Senhor e a uma profunda comunhão de almas. Do mesmo modo procederam várias Conferências Episcopais Contudo esta renovação exige dos pastores bom senso, orientação e discernimento, para que se evitem exageros e desvios perigosos.

208. A ação do Espírito Santo chega também àqueles que não conhecem a Cristo, pois "o Senhor quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2,4)".

LG, n.4: "Depois que o Filho terminou a obra que o Pai lhe confiara (cf. Jo 17, 4), o Espírito Santo foi enviado, no dia de Pentecostes, como fonte perene de santificação da Igreja, dando assim, aos que crêem em Cristo, acesso ao Pai (cf. Ef 2, 18). É o Espírito da vida, fonte que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4, 14; 7, 38-39), pois por ele o Pai dá vida aos homens mortos pelo pecado e, em Cristo, ressuscitará seus corpos mortais (cf. Rm 8, 10-11).

O Espírito habita na Igreja e no coração dos fiéis como num templo (cf. 1Cor 3, 16; 6, 19), em que ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gl 4, 6; Rm 8, 15-16 e 26). Leva a Igreja à verdade plena (cf. Jo 16, 13) e a unifica na comunhão e no ministério. Com os diversos dons hierárquicos e carismáticos, a instrui, dirige e enriquece com seus frutos (cf. Ef 4, 11-12; 1Cor 12, 4; Gl 5, 22). Rejuvenesce a Igreja com a força do Evangelho, renova-a continuamente e a conduz à união consumada com seu esposo. Por isso o Espírito e a esposa dizem ao Senhor Jesus: Vem (cf. Ap 22, 17). A Igreja é pois o povo unido pela unidade mesma do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

AG, n.4: "Para realizar esta obra, Cristo enviou, da parte do Pai, o Espírito Santo, que exerce sua ação salutar na intimidade de cada um e promove o crescimento específico da Igreja. Não resta dúvida que o Espírito já atuava no mundo antes da glorificação de Cristo. No dia de Pentecostes, porém, veio para ficar para sempre, tornou pública a manifestação da Igreja diante da multidão, iniciou a difusão do Evangelho no meio dos povos e antecipou, numa grande manifestação, por assim dizer, a união dos povos na universalidade da fé por intermédio da Igreja da Nova Aliança, que fala, compreende e engloba todas as línguas, superando a dispersão de Babel.

Em Pentecostes, começaram os *Atos dos Apóstolos*, como, na concepção de Cristo pela Virgem Maria, atuara o Espírito Santo e no início do ministério de Jesus, enquanto orava, descera também sobre ele o mesmo Espírito Santo. Jesus, antes de dar livremente sua vida pela salvação do mundo, estabeleceu o ministério apostólico e prometeu enviar o Espírito Santo, de sorte que associados para sempre na obra da salvação, produzissem ambos seus resultados. O Espírito Santo sustenta a Igreja de todos os tempos "na comunhão na continuidade do mesmo ministério, com os diversos dons hierárquicos e carismas", conferindo como que uma alma às instituições eclesiais e derramando no coração dos fiéis o estímulo missionário do próprio Jesus. Às vezes precede de maneira visível a ação missionária, e outras, a acompanha e dirige".

Nota:127

cf. **Puebla 214-215, 273**: "Por Cristo, com ele e nele, passamos a participar da comunhão de Deus. Não há outro caminho que leve até ao Pai. Vivendo em Cristo, chegamos a ser seu corpo místico, seu povo, povo de irmãos, unidos pelo amor que derrama em nossos corações o Espírito. Esta é a comunhão à qual chama o Pai por Cristo e por seu Espírito. Para ela se orienta toda a história da salvação e nela se consuma o desígnio amoroso do Pai que nos criou.

215. A comunhão que se há de construir entre os homens abrange-lhes todo o ser desde as raízes do amor, e há de se manifestar em toda a sua vida, até na sua dimensão econômica, social e política. Produzida pelo Pai, o Filho e o Espírito é a comunicação de sua própria comunhão trinitária.

273: Cada comunidade eclesial deveria esforçar-se por constituir para o Continente um exemplo de modelo de convivência onde consigam unir-se a liberdade e a solidariedade, onde a autoridade se exerça cor o espírito do Bom Pastor, onde se viva uma atitude diferente diante da riqueza, onde se ensaiem formas de organização e estruturas de participação, capazes de abrir caminho para um tipo mais humano de sociedade, e, sobretudo, onde inequivocamente se manifeste que, sem uma radical comunhão com Deus em Jesus Cristo, qualquer outra forma de comunhão puramente humana acaba se tornando incapaz de sustentar-se e termina fatalmente voltando-se contra o próprio homem".

Nota:128

Mt 16,18: "Por isso eu lhe digo: você é Pedro, e sobre essa pedra construirei a minha Igreja, e o poder da morte nunca poderá vencê-la".

Nota:129

cf. **LG, n.14:** "O Concílio se dirige primeiramente aos fiéis católicos. A Sagrada Escritura, articulada com a Tradição, ensina que a Igreja peregrina é necessária à salvação. Com efeito, Cristo é o mediador único da salvação. Ele está presente no mundo, em seu corpo, que é a Igreja. Foi ele mesmo que insistiu na necessidade da fé e do batismo (cf. Mc 16, 16; Jo 3, 5) estabelecendo assim a necessidade da Igreja, de que o batismo é a porta. No entanto, se desconhecermos a necessidade da Igreja fundada por Deus, por intermédio de Jesus, mesmo os homens que se recusam a acolhê-la ou a permanecer nela podem se salvar.

Pertencem plenamente à sociedade eclesial aqueles que vivem segundo o Espírito de Cristo, acolhem todas as disposições da Igreja e todos os meios de salvação por ela instituídos, sob a direção do soberano pontífice e dos bispos, unidos pelos laços da profissão de fé, dos sacramentos, das normas eclesíásticas e da comunhão. Não se salvam, porém, aqueles que, embora pertencendo à Igreja, não perseveram no amor. Estão no seio da Igreja apenas pelo corpo, não pelo coração. Lembrem-se entretanto, todos os membros da Igreja, que a ela

pertencem não por méritos próprios, mas pela graça de Cristo. Se não lhes correspondem pelos pensamentos, palavras e ações, também não se salvarão e serão até julgados com maior rigor.

Os catecúmenos que, graças ao Espírito Santo, desejam profundamente entrar na Igreja, já estão ligados a ela por esse mesmo desejo. A Igreja já os trata como mãe, dedicando-lhes todo amor e atenção”.

Puebla 220-225: “Cristo que sobe até o Pai e se oculta aos olhos da humanidade continua evangelizando visivelmente através da Igreja, sacramento de comunhão dos homens no único Povo de Deus, peregrino na história. A este povo Cristo envia seu Espírito, “que impele cada um a anunciar o Evangelho e que no fundo da consciência faz aceitar e compreender a palavra de salvação” (EN 75).

221. A presença viva de Cristo na história, na cultura e em toda a realidade da AL é manifesta. Tal presença, no sentir de nosso povo, está unida inseparavelmente à presença da Igreja, porque através dela é que o Evangelho de Cristo ressoou em nossas terras. Esta experiência contém, no seu íntimo, uma profunda intuição de fé acerca da natureza profunda da Igreja.

222. A Igreja é inseparável de Cristo, porque ele mesmo a fundou por um ato expresso de sua vontade, sobre os doze, cuja cabeça é Pedro, constituindo-a sacramento universal e necessário de salvação. A Igreja não é um “resultado” posterior nem uma simples conseqüência “desencadeada” pela ação evangelizadora de Jesus. Com certeza nasce desta ação, mas de modo direto, pois é o próprio Senhor que convoca seus discípulos e lhes comunica o poder de seu Espírito, dotando a comunidade nascente de todos os meios e elementos essenciais que o povo católico professa como de instituição divina.

223. Além disto, Jesus aponta sua Igreja como caminho normativo. Não fica, pois, à discrição do homem o aceitá-la ou não, sem conseqüências: “quem vos ouve a mim ouve; quem vos rejeita é a mim que rejeita” (Lc 10,16). Foi o que o Senhor disse aos seus apóstolos. Por isto mesmo aceitar a Cristo exige aceitar a sua Igreja. Esta é parte do Evangelho, do legado de Jesus e objeto de nossa fé, de nosso amor, de nossa lealdade. É isto que manifestamos ao rezar: “Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica”.

224. Mas a Igreja é também depositária e transmissora do Evangelho. Prolonga na terra, fiel à lei da encarnação visível, a presença e a ação evangelizadora de Cristo. Com ele, vive a Igreja para evangelizar. Esta é sua felicidade e vocação peculiar: proclamar aos homens a pessoa e a mensagem de Jesus.

225. Esta Igreja é uma só: a que foi edificada sobre Pedro e que o próprio Senhor denomina “minha Igreja” (Mt 16,18). Só na Igreja católica é que ocorre a plenitude dos meios de salvação, legados por Jesus aos homens, mediante os apóstolos. Temos, por isso, o dever de proclamar a excelência de nossa vocação à Igreja Católica. Esta vocação é ao mesmo tempo imensa graça e responsabilidade”.

Nota:130

cf. **LG, n.5:** “O mistério da santa Igreja se manifesta, pois desde sua própria fundação. O Senhor Jesus deu início a sua Igreja pregando a boa nova, isto é, a vinda do reino de Deus, prometido há séculos pelas Escrituras. Os tempos se cumpriram, o reino de Deus está iminente (Mc 1, 15; cf. Mt 4, 17).

Esse reino se torna visível aos olhos humanos por intermédio da palavra, dos atos e da presença de Cristo.

A palavra do Senhor se compara à semente lançada ao campo (Mc 4, 14). Os que a ouvem com fé e aderem ao pequeno rebanho de Cristo (Lc 12, 32), recebem o reino. Daí por diante a semente germina e cresce, até o momento da colheita (cf. Mc 4, 26-29).

Os milagres de Cristo também comprovam que o reino de Deus chegou à terra: Se pela mão de Deus expulso os demônios, é que o reino de Deus chegou até vocês (Lc 11, 20).

Mas, acima de tudo, o reino se manifesta na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem, que veio para servir e dar sua vida para a redenção de muitos (Mc 10, 45).

Depois de morrer na cruz, por todos os seres humanos, Jesus ressuscitou, aparecendo como Senhor, Cristo e sacerdote para sempre (cf. At 2, 36; Hb 5, 6; 7, 17-21). Derramou então nos seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai (cf. At 2, 33).

A Igreja foi assim enriquecida pelos dons do seu fundador. Procurando observar fielmente seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebe a missão de anunciar e de promover o reino de Cristo e de Deus junto a todos os povos. Constitui pois, a Igreja, o germe e o início do reino na terra. Enquanto vai crescendo, aspira de todo coração pela consumação do reino e deseja, com todas as suas forças, unir-se a seu rei na glória”.

Puebla 226-231: “A mensagem de Jesus tem como centro a proclamação do Reino, que nele mesmo se torna presente e chega até nós. Este Reino, sem ser uma realidade separável da Igreja (LG 8a), transcende seus limites visíveis. Porque se realiza de certo modo onde quer que Deus esteja reinando mediante sua graça, seu amor, vencendo o pecado e ajudando os homens a crescer até conseguir grande comunhão que lhes é oferecida em Cristo. Esta ação de Deus acontece também no coração dos homens que vivem fora do âmbito perceptível da Igreja. E isto não significa de modo nenhum que a pertença à Igreja seja diferente.

227. Por isso é que a Igreja recebeu por missão anunciar e instaurar o Reino em todos os povos. Ela é o sinal do Reino. Nela se manifesta de modo visível o que Deus está realizando silenciosamente, no mundo inteiro. É o lugar onde se concentra ao máximo a ação do Pai, que, na força do Espírito de amor, busca solícito os homens para parti ar com eles em gesto de ternura inexprimível a sua própria vida trinitária. A Igreja é também o instrumento que introduz o Reino entre os homens, para conduzi-los à sua meta definitiva.

228. “Ela constitui já na terra o germe e o princípio desse Reino” (LG 5). Este germe deve rescer na história sob o influxo do Espírito até o dia “em todos Deus seja tudo” (1Cor 15,28). Até então a Igreja permanecerá perceptível sob muitos aspectos, necessitada de permanente auto-evangelização, de maior conversão e purificação.

229. Não obstante o Reino já se encontra nela. A presença da Igreja em nosso Continente é uma Boa Nova, porque ela, se bem que apenas em germe, cumula plenamente as esperanças e os anseios mais profundos dos nossos povos.

230. Nisto é que está o “mistério” da Igreja: uma realidade humana feita de homens pobres e limitados, mas penetrada pela presença insondável e pela força do Deus trino que nela resplandece, apela e salva.

231. Mas a Igreja de hoje ainda não é aquilo que está chamada a ser. É importante ter isto em conta para se evitar uma falsa visão triunfalista. Mas, por outro lado, não se deve enfatizar demais o que lhe falta pois nela já está presente e atuante, de modo eficaz, neste mundo, a força que operará o Reino definitivo”.

Nota:131

LG, n.13b: “Todas as pessoas são chamadas a formar o povo de Deus, que não conhece limites nem de tempo nem de espaço. Abrangendo todos os homens de todos os recantos do universo e de todos os tempos, mantém sua unidade. Como povo único, cumpre o desígnio de Deus, que criou uma única natureza humana e decidiu reunir na unidade todos os seus filhos dispersos (cf. Jo 11,52). Foi esta a missão do Filho, estabelecido por Deus herdeiro de todas as coisas (cf. Hb 1,2), mestre, rei e sacerdote de todos os homens, cabeça dos filhos de Deus, constituídos como povo novo e universal. Neste mesmo sentido, Deus enviou o Espírito de seu Filho, senhor e vivificador, que é princípio de reunião e unidade de toda a Igreja, bem como de todos os fiéis, na doutrina dos apóstolos, na união fraterna, na eucaristia e em todas as orações (cf. At 2,42).

O povo de Deus está em todas as nações da terra. Em todas elas vivem cidadãos do reino celestial, distinto dos reinos terrestres. Os fiéis dispersos pelo mundo entram em comunicação uns com os outros pelo Espírito Santo. “Quem está em Roma sabe que os que estão nas Índias são seus irmãos”. O reino de Cristo não é deste mundo (cf. Jo 18,36). Por isso a Igreja ou o povo de Deus, que constitui, não reivindica nenhum bem temporal das nações em que está, mas, pelo contrário, estimula e assume tudo que há de bom nas riquezas, bens e costumes de cada povo. Ao assumir, purifica, fortalece e eleva, lembrando-se estar do lado do Rei, a que todos os povos foram dados como herança (cf. Sl 2,8) e a cuja cidade, trazem todos, dons e presentes (cf. Sl 71 [72],10; Is 60,4-7; Ap 21,24). Esse caráter de universalidade do povo de Deus é um dom do Senhor, que a Igreja católica procura sempre salvaguardar, abrindo-se a toda a humanidade e a todos os seus bens, encabeçada por Cristo, na unidade do seu Espírito.

Em virtude desta catolicidade, cada uma das partes traz seus dons às outras e a toda a Igreja, somam-se umas às outras e ao todo, numa recíproca comunhão, fruto da mesma inspiração comum. Assim, o povo de Deus não só provém de povos diversos, como se compõe de enorme variedade. Entre seus membros há diversidade de funções. Alguns exercem o ministério sagrado em benefício de seus irmãos. Dentre esses, há os que levam uma vida de acordo com sua ordenação e muitos outros que, professando a vida religiosa, buscam a santidade de maneira mais estrita, servindo de exemplo e estímulo para seus irmãos.

Além disso, dentro da comunhão eclesial, há igrejas particulares, que vivem segundo suas próprias tradições, sem nenhuma diminuição do primado da cátedra de Pedro, que preside a todos, procura proteger a legítima diversidade e fazer com que as particularidades, em vez de prejudicar, contribuam para a unidade. Por isso formam-se entre as partes da Igreja inúmeros laços de comunhão íntima, tanto no que toca aos bens espirituais, como no que concerne à colaboração apostólica e até aos auxílios temporais. O povo de Deus é chamado a entrar em comunhão, bem como as próprias Igrejas, segundo a palavra do apóstolo: “Cada um viva de acordo com a graça recebida e coloquem-se todos a serviço uns dos outros, como bons administradores das muitas formas de graça que Deus lhes concedeu” (1Pd 4,10).

Todos os seres humanos são chamados à unidade católica do povo de Deus, prenúncio da paz universal. Pertencem ou pertencerão a esta unidade os fiéis católicos, todos os que crêem em Cristo e, até mesmo, todos os homens, pois são chamados à salvação, pela graça de Deus”.

Nota:132

cf. **LG, n.9-17:** “Todo aquele que pratica a justiça é acolhido por Deus (cf. At 10, 35), em qualquer situação, tempo ou lugar. Deus quis entretanto santificar e salvar os homens não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que os unem, mas constituiu um povo para reconhecê-lo na verdade e servi-lo na santidade.

Escolheu então o povo judeu, fez com ele uma aliança e o foi instruindo gradativamente. Manifestou-se-lhe revelando sua vontade através da história e o santificando para si.

Tudo isso, porém, era preparação e prenúncio da nova aliança, perfeita, a ser realizada em Cristo, Revelação plena, que seria selada pelo próprio Verbo de Deus encarnado. Virão os dias, diz o Senhor, que farei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança... Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração. Serei o Deus deles e eles serão o meu povo... Porque todos, grandes e pequenos, me conhecerão (Jr 31, 31-34).

Foi Cristo quem instituiu essa nova aliança, testamento novo, firmado com seu sangue (cf. 1Cor 11, 25), reunindo judeus e pagãos na unidade de um só povo, não segundo a raça, mas segundo o Espírito: o povo de Deus. Os fiéis renascem em Cristo pela palavra de Deus vivo (cf. 1Pd 1, 23), que não está sujeita à corrupção como o está a geração humana. Renascem não da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cf. Jo 3, 5-6). Constituem, assim, uma raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido (...) que antes não era povo, mas se tornou povo de Deus (1Pd 2, 9-10).

Cristo é a cabeça desse povo messiânico. Foi entregue à morte pelos nossos pecados, mas ressuscitou, para nos tornar justos (cf. Rm 4, 25). Seu nome reina agora gloriosamente no céu, acima de todo nome. A condição desse povo messiânico é a da dignidade e da liberdade dos filhos de Deus, em cujo coração habita, como num templo, o Espírito Santo. Sua lei é o mandamento novo: amar assim como Cristo nos amou (cf. Jo 13, 34). Seu objetivo, o reino de Deus iniciado na terra pelo próprio Deus e destinado a crescer até o fim dos séculos. Deus então o consumará com a vinda de Cristo, nossa vida (cf. Cl 3, 4) e a libertação da criatura da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus (Rm 8, 21).

É verdade que o povo messiânico não reúne, de fato, todos os homens. Às vezes parece até não ser senão um grupo insignificante. Mesmo assim é princípio eficaz de unidade, esperança e salvação para todo o gênero humano. Cristo o estabeleceu na comunhão da vida, do amor e da verdade. Assumiu-o como instrumento de redenção universal e o estabeleceu como luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5, 13-16), enviando-o a todo o universo.

Caminhando no deserto, Israel merece, desde então, o nome de Igreja de Deus (cf. Esd 3, 1; Nm 20, 4). Da mesma forma, o novo Israel, que caminha na história, em direção à cidade futura que não passa (cf. Hb 13, 14), pode ser chamado igreja de Cristo (cf. Mt 16, 18), pois foi adquirido com seu sangue (cf. At 20, 28) e Cristo o cumulou de seu Espírito, dotando-o de todos os recursos necessários ao convívio social visível. Deus constituiu como igreja a reunião de todos os que reconhecem Jesus como autor da salvação, princípio de unidade e de paz. A Igreja é assim, para todos e para cada um dos homens em particular, o sacramento visível da unidade da salvação: estende-se a todas as latitudes e penetra toda a história humana, sem deixar de transcender a todos os tempos e limites.

A Igreja se alimenta da força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor e caminha assim através de muitas tentações e sofrimentos. Apesar da fraqueza da carne, não deixará de ser fiel a seu Senhor, como esposa digna. Renova-se constantemente sob a ação do Espírito Santo, até que chegue, através da cruz, ao dia sem oca da ressurreição.

10. O Cristo Senhor, constituído pontífice dentre os homens (cf. Hb 5, 1-5) fez do novo povo um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai (Ap 1, 6; cf. 5, 9-10). Os batizados são consagrados pela regeneração e pela unção do Espírito Santo. 10. Todas as ações dos cristãos são como hóstias oferecidas: proclamam a força daquele que nos libertou das trevas para vivermos na sua luz admirável (cf. 1Pd 2, 4-10). Sendo assim, todos os discípulos de Cristo se oferecem como hóstia viva, santa e agradável a Deus (cf. At 2, 42-47), testemunham Cristo em toda parte e a todos que procuram dão a razão de sua esperança na vida eterna (cf. 1Pd 3, 15).

Há uma diferença de essência e não apenas de grau entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico. Contudo, ambos participam a seu modo do mesmo sacerdócio de Cristo e mantêm, por isso, estreita relação entre si. O sacerdócio ministerial, em virtude do poder sagrado que o caracteriza, visa à formação e governo do povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico em nome de Cristo e o oferece, em nome do povo. Os fiéis por sua vez, em virtude de seu sacerdócio régio, tomam parte na oblação eucarística. Exercem contudo seu sacerdócio na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho da vida santa, na abnegação e na prática da caridade.

11. A índole sagrada e a constituição orgânica da comunidade sacerdotal se efetivam nos sacramentos e na prática cristã. Incorporados à Igreja pelo batismo, os fiéis recebem o caráter que os qualifica para o culto. Por outro lado, renascidos como filhos de Deus, devem professar a fé que receberam de Deus, por intermédio da Igreja.

O sacramento da confirmação os vincula ainda mais intimamente à Igreja e lhes confere de modo especial a força do Espírito Santo. Daí a obrigação maior de difundir e defender a fé, pela palavra e pelas obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo. Participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, os fiéis oferecem a Deus a vítima divina e se oferecem com ela. Juntamente com os ministros, cada um a seu modo, têm todos um papel específico a desempenhar na ação litúrgica, tanto na oblação como na comunhão. Alimentando-se todos com o corpo de Cristo, demonstram de maneira concreta a unidade do povo de Deus, proclamada e realizada pelo sacramento da eucaristia.

Os fiéis que procuram o sacramento da penitência obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa que lhe fizeram. Ao mesmo tempo, se reconciliam-se com a Igreja, que ofenderam ao pecar e que contribui para sua conversão pelo amor, pelo exemplo e pelas orações.

Pela sagrada unção dos enfermos e pela oração dos sacerdotes, a Igreja inteira recomenda os doentes ao Senhor, para seu alívio e salvação (cf. Tg 5, 14). Exorta-os a se unirem livremente à paixão e à morte de Cristo (cf. Rm 8, 17; Cl 1, 24; 2Tm 2, 11-12; 1Pd 4, 13), dando assim sua contribuição para o bem do povo de Deus.

Os fiéis marcados pelo sacramento da ordem são igualmente constituídos, em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus.

Finalmente os fiéis se dão o sacramento do matrimônio, manifestação e participação da unidade e do amor fecundo entre Cristo e sua Igreja (cf. Ef 5, 32). Ajudam-se mutuamente a se santificar na vida conjugal, no acolhimento e na educação dos filhos. Contam, por isso, com um dom específico e um lugar próprio ao seu estado de vida, no povo de Deus. A família procede dessa união. Nela nascem os novos membros da sociedade humana que, batizados, se tornarão filhos de Deus pela graça do Espírito Santo e perpetuarão o povo de Deus através dos séculos. A família é uma espécie de igreja doméstica. Os pais são os primeiros anunciadores da fé e devem cuidar da vocação própria de cada um dos filhos, especialmente da vocação sagrada.

Todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, de acordo com o caminho que lhes é próprio, são chamados pelo Senhor à perfeição da santidade, que é a própria perfeição de Deus e, por isso, dispõem de tais e de tantos meios.

12. O povo santo de Deus participa da função profética de Cristo. Dá o testemunho vivo de Cristo, especialmente pela vida de fé e de amor, e oferece a Deus a hóstia de louvor como fruto dos lábios que exaltam o seu nome (cf. Hb 13, 15). O conjunto dos fiéis ungidos pelos Espírito Santo (cf. 1Jo 2, 20.27) não pode errar na fé. Esta sua propriedade peculiar se manifesta pelo senso sobrenatural da fé, comum a todo o povo, desde os bispos até o último fiel leigo, demonstrado no acolhimento universal a tudo o que diz respeito à fé e aos costumes. O senso da fé é despertado e sustentado pelo Espírito de verdade. Graças a este senso, o povo de Deus, seguindo fielmente o magistério sagrado, não obedece a uma palavra humana, mas à palavra de Deus (cf. 1Ts 2, 13) transmitida aos fiéis de uma vez por todas (Jd 3). A ela adere firmemente, entende-a em profundidade e a aplica melhor à própria vida.

Mas não é só pelos sacramentos e pelos ministérios que o Espírito Santo santifica, dirige e fortalece o povo de Deus. Distribuindo os seus dons a cada um, conforme quer (1Cor 12, 11), o Espírito Santo distribui graças especiais aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e ao maior desenvolvimento da Igreja, de acordo com o que está escrito: Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito, para utilidade de todos (1Cor 12, 7). Todos esses carismas, dos mais extraordinários aos mais simples e mais difundidos devem ser acolhidos com ação de graças e satisfação, pois correspondem às necessidades da Igreja e lhe são úteis. Não se deve porém cobiçar temerariamente os dons extraordinários nem esperar deles, com presunção, frutos significativos nos trabalhos apostólicos. A apreciação sobre os dons e seu exercício ordenado no seio da Igreja pertence aos que a presidem, que têm especial mandato de não abafar o Espírito, mas tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5, 12.19-21).

13. Todas as pessoas são chamadas a formar o povo de Deus, que não conhece limites nem de tempo nem de espaço. Abrangendo todos os homens de todos os recantos do universo e de todos os tempos, mantém sua unidade. Como povo único, cumpre o designio de Deus, que criou uma única natureza humana e decidiu reunir na unidade todos os seus filhos dispersos (cf. Jo 11, 52). Foi esta a missão do Filho, estabelecido por Deus herdeiro de todas as coisas (cf. Hb 1, 2), mestre, rei e sacerdote de todos os homens, cabeça dos filhos de Deus, constituídos como povo novo e universal. Neste mesmo sentido, Deus enviou o Espírito de seu Filho, senhor e vivificador, que é princípio de reunião e unidade de toda a Igreja, bem como de todos os fiéis, na doutrina dos apóstolos, na união fraterna, na eucaristia e em todas as orações (cf. At 2, 42).

O povo de Deus está pois em todas as nações da terra. Em todas elas vivem cidadãos do reino celestial, distinto dos reinos terrestres. Os fiéis dispersos pelo mundo entram em comunicação uns com os outros pelo Espírito Santo. Quem está em Roma sabe que os que estão nas Índias são seus irmãos. O reino de Cristo não é deste mundo (cf. Jo 18, 36). Por isso a Igreja ou o povo de Deus, que o constitui, não reivindica nenhum bem temporal das nações em que está, mas, pelo contrário, estimula e assume tudo que há de bom nas riquezas, bens e costumes de cada povo. Ao assumir, purifica, fortalece e eleva, lembrando-se estar do lado do Rei, a que todos os povos foram dados como herança (cf. Sl 2, 8) e a cuja cidade, trazem todos, dons e presentes (cf. Sl 71 [72], 10; Is 60, 4-7; Ap 21, 24). Esse caráter de universalidade do povo de Deus é um dom do Senhor, que a Igreja católica procura sempre salvaguardar, abrindo-se a toda a humanidade e a todos os seus bens, encabeçada por Cristo, na unidade do seu Espírito.

Em virtude desta catolicidade, cada uma das partes traz seus dons às outras e a toda a Igreja, somam-se umas às outras e ao todo, numa recíproca comunhão, fruto da mesma inspiração comum. Assim, o povo de Deus não só provém de povos diversos, como se compõe de enorme variedade. Entre seus membros há diversidade de funções.

Alguns exercem o ministério sagrado em benefício de seus irmãos. Dentre esses, há os que levam uma vida de acordo com sua ordenação e muitos outros que, professando a vida religiosa, buscam a santidade de maneira mais estrita, servindo de exemplo e estímulo para seus irmãos. Além disso, dentro da comunhão eclesial, há igrejas particulares, que vivem segundo suas próprias tradições, sem nenhuma diminuição do primado da cátedra de Pedro, que preside a todos, procura proteger a legítima diversidade e fazer com que as particularidades, em vez de prejudicar, contribuam para a unidade. Por isso formam-se entre as partes da Igreja inúmeros laços de comunhão íntima, tanto no que toca aos bens espirituais, como no que concerne à colaboração apostólica e até aos auxílios temporais. O povo de Deus é chamado a entrar em comunhão, bem como as próprias igrejas, segundo a palavra do apóstolo: Cada um viva de acordo com a graça recebida e coloquem-se todos a serviço uns dos outros, como bons administradores das muitas formas de graça que Deus lhes concedeu (1Pd 4, 10).

Todos os seres humanos são chamados à unidade católica do povo de Deus, prenúncio da paz universal. Pertencem ou pertencerão a esta unidade os fiéis católicos, todos os que crêem em Cristo e, até mesmo, todos os homens, pois são chamados à salvação, pela graça de Deus.

14. O Concílio se dirige primeiramente aos fiéis católicos. A Sagrada Escritura, articulada com a Tradição, ensina que a Igreja peregrina é necessária à salvação. Com efeito, Cristo é o mediador único da salvação. Ele está presente no mundo, em seu corpo, que é a Igreja. Foi ele mesmo que insistiu na necessidade da fé e do batismo (cf. Mc 16, 16; Jo 3, 5) estabelecendo assim a necessidade da Igreja, de que o batismo é a porta. No entanto, se desconhcerem a necessidade da Igreja fundada por Deus, por intermédio de Jesus, mesmo os homens que se recusam a acolhê-la ou a permanecer nela podem se salvar.

Pertencem plenamente à sociedade eclesial aqueles que vivem segundo o Espírito de Cristo, acolhem todas as disposições da Igreja e todos os meios de salvação por ela instituídos, sob a direção do soberano pontífice e dos bispos, unidos pelos laços da profissão de fé, dos sacramentos, das normas eclesásticas e da comunhão. Não se salvam, porém, aqueles que, embora pertencendo à Igreja, não perseveram no amor. Estão no seio da Igreja apenas pelo corpo, não pelo coração. Lembrem-se entretanto, todos os membros da Igreja, que a ela pertencem não por méritos próprios, mas pela graça de Cristo. Se não lhe correspondem pelos pensamentos, palavras e ações, também não se salvarão e serão até julgados com maior rigor. Os catecúmenos que, graças ao Espírito Santo, desejam profundamente entrar na Igreja, já estão ligados a ela por esse mesmo desejo. A Igreja já os trata como mãe, dedicando-lhes todo amor e atenção.

15. A Igreja se reconhece unida a todos os batizados, que se denominam cristãos, mesmo quando não professam a integridade da fé ou não se mantêm em comunhão com o sucessor de Pedro. São muitos os que, em suas igrejas ou comunidades eclesiais, veneram a Sagrada Escritura como norma de fé e de vida, demonstram um zelo religioso autêntico, crêem com amor em Deus Pai onipotente e em Cristo, Filho de Deus salvador, são marcados pelo batismo, que os une a Cristo, acolhem e reconhecem até mesmo outros sacramentos. Alguns contam com verdadeiros bispos, celebram a eucaristia e mantêm especial devoção para com a virgem mãe de Deus. A tudo isso acrescenta-se a participação nas orações e demais benefícios espirituais, a presença atuante e santificadora da graça e de outros dons espirituais, até mesmo, em alguns casos, o testemunho do martírio. Em todos os discípulos de Cristo, o Espírito suscita o desejo e as boas ações, para que um dia alcancem a união, nos termos em que Cristo a estabeleceu. A Igreja não cessa de orar, esperar e agir para obter essa união, exortando seus filhos a se purificar e renovar espiritualmente, para que a luz de Cristo brilhe cada vez mais na face da Igreja.

16. Os que ainda não receberam o Evangelho mantêm, com o povo de Deus, um relacionamento diversificado. Primeiro o povo a que foram dados os testamentos e as promessas, a cuja raça pertenceu Cristo, por nascimento (cf. Rm 9, 4-5). Povo escolhido com amor, definitivamente, pois os dons e vocação divinos nunca voltam atrás (cf. Rm 11, 28-29). A salvação alcança também aqueles que reconhecem o criador, antes de tudo os muçulmanos, que se filiam à fé de Abraão e conosco adoram a Deus, único e misericordioso, juiz de todos os homens no último dia. Mas Deus também não está longe daqueles que o buscam como a um desconhecido, através de suas sombras e imagens, pois a todos dá vida, inspiração e tudo o mais (cf. At 17, 25-28) e, como salvador, os quer salvar a todos, (cf. 1Tm 2, 4). Todos os que buscam a Deus sinceramente, procuram cumprir a sua vontade, conhecida através da consciência, e agem sob o influxo íntimo da graça, podem obter a salvação. A providência divina não priva dos auxílios necessários à salvação aqueles que, sem culpa expressa, ainda não alcançaram o conhecimento de Deus e procuram seguir o caminho do bem, não sem assistência da graça divina. A Igreja interpreta como preparação evangélica tudo que neles há de bom e de verdadeiro, dom daquele que ilumina todos as pessoas a fim de que tenham vida. Os seres humanos são muitas vezes enganados pelo Maligno. Com raciocínios vazios trocam a verdade de Deus pela mentira e servem à criatura em lugar do criador (cf. Rm 1, 21.25). Vivendo e morrendo sem Deus, expõem-se ao eterno desespero. Por isso a Igreja, para a glória de Deus e salvação desses homens e mulheres, empenha-se nas missões, de acordo com o preceito do Senhor: Pregai o Evangelho a todas as criaturas. (Mc 16, 15)

17. Assim como foi enviado pelo Pai, o Filho enviou os apóstolos (cf. Jo 20, 21) dizendo: Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e

ensinando-os a observar tudo que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo (Mt 28, 19-20). A Igreja recebeu esse mandato de anunciar a verdade da salvação até os confins da terra, desde o tempo dos apóstolos (cf. At 1, 8). Neste sentido faz suas as palavras de Paulo: Ai de mim se não evangelizar! (1Cor 9, 16). Por isso não cessa de enviar pregadores, até que se constituam as novas igrejas, capazes de continuar a obra da evangelização. O Espírito Santo a impele a cooperar no cumprimento do designio de Deus, que constituiu Cristo princípio de salvação para todo o mundo. Pela pregação do Evangelho, a Igreja procura despertar nos ouvintes a fé e levá-los a proclamá-la, prepara-os para o batismo e os livra da escravidão do erro, incorpora-os a Cristo, para que nele cresçam até sua plenitude. Trabalha para descobrir tudo que há de bom na mente e no coração das pessoas, em seus ritos e em sua cultura. Não visa destruir, mas procura tudo sanar, elevar e aperfeiçoar para a glória de Deus, confusão dos demônios e felicidade dos homens. Todos os discípulos de Cristo têm obrigação de propagar a fé. Embora todos possam batizar, só os sacerdotes podem celebrar o sacrifício eucarístico para a edificação do corpo, realizando a profecia: Desde o Oriente até o Ocidente, é grande o meu nome entre as nações. Em todo lugar se sacrifica e se oferece uma oferta pura em seu nome (Ml 1, 11). A Igreja ora e trabalha para que a plenitude do universo passe a ser povo de Deus, corpo do Senhor, templo do Espírito Santo e para que toda honra e toda glória sejam dadas ao criador de todas as coisas em Cristo, cabeça do universo”.

Puebla 232-237: “Nosso povo gosta de peregrinações. Nelas o cristão simples celebra a felicidade de se sentir imerso no meio de uma multidão de irmãos, que caminham juntos para Deus que os espera. Este gesto constitui um sinal e um sacramental esplêndido da grande visão da Igreja, oferecida pelo concílio Vaticano II: a família de Deus concebida como Povo de Deus, peregrina ao longo da história, caminhando para o seu Senhor.

233. O Concílio realizou-se num momento difícil para nossos povos da AL. Foram anos de problemas, de busca ansiosa da própria identidade, anos marcados por um despertar das massas populares, por tentativas de integração da nossa América, anos precedidos pela fundação do CELAM (1955). Este preparou o ambiente do povo católico para abrir-se com certa facilidade a uma Igreja que também se apresenta como “povo” e povo universal, povo que penetra os outros povos, para ajudá-los a irmanar-se e a crescer rumo a uma grande comunhão, como essa que a AL começava a vislumbrar. Medellín divulga esta nova visão tão antiga quanto a própria história bíblica.

234. Hoje, dez anos depois, a Igreja da AL encontra-se em Puebla em condições ainda melhores para reafirmar, cheia de alegria e de felicidade, sua realidade de Povo de Deus. Neste período após Medellín, nossos povos vivem momentos importantes de encontro consigo mesmos, reencontram o valor de sua história, das culturas indígenas e da religiosidade popular. No meio deste processo descobre-se a presença desse outro povo que acompanha com sua história os nossos povos naturais. Começa-se a apreciar a contribuição dele como fator unificante de nossa cultura que ele tão ricamente fecunda com a seiva do Evangelho. Foi uma fecundação recíproca, já que a Igreja consegue encarnar-se em nossos valores originais e desenvolver, assim, novas expressões da riqueza do Espírito.

235. A visão da Igreja, enquanto Povo de Deus, aparece além disto como necessária para completar o processo de transição que foi acentuado em Medellín: transição de um estilo individualista de se viver a fé para a grande consciência comunitária para a qual o Concílio nos abriu a todos.

236. O Povo de Deus é um povo universal. E a família de Deus na terra, povo santo, povo que peregrina na história, povo enviado.

237. A Igreja é um povo universal destinado a ser “luz das nações (Is 49,6; Lc 2,32). Não é constituído nem por raça nem por língua nem por qualquer particularidade humana. Nasce de Deus, pela fé em Jesus Cristo. Por isso não entra em litígio com nenhum outro povo e pode encarnar-se em todos eles, a fim de introduzir em suas histórias o Reino de Deus. Assim “fomenta e assume e, ao assumir, purifica, fortalece e eleva todas as capacidades, riquezas e costumes dos povos no que têm de bom” (LG 13b)”.

Nota:133

cf. **Jo 17,11-19:** “Eu já não estou no mundo. Eles permanecem no mundo, enquanto eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, o nome que tu me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um. Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome, o nome que tu me deste. Eu os protegi e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Agora eu vou para junto de ti. Entretanto, continuo a dizer essas coisas neste mundo, para que eles possuam toda a minha alegria. Eu dei a eles a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não pertencem ao mundo, como eu não pertencço ao mundo. Não te peço para tirá-los do mundo, mas para guardá-los do Maligno. Eles não pertencem ao mundo, como eu não pertencço ao mundo. Consagra-os com a verdade: a verdade é a tua palavra. Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os envio ao mundo. Em favor deles eu me consagro, a fim de que também eles sejam consagrados com a verdade”.

Nota:134

Mc 3,14: “Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com ele e para enviá-los a pregar”.

Nota:135

cf. **Puebla 1178:** “A Igreja vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja. E a Igreja faz isto não por tática mas por vocação, já que é ‘chamada à constante renovação de si mesma, isto é, a um incessante rejuvenescimento’ (João Paulo II, Alocução Juventude, 2 - AAS, LXXI, p. 218). O serviço prestado com humildade à juventude deve fazer com que mude na Igreja qualquer atitude de desconfiança ou incoerência para com os jovens”.

Nota:136

cf. **LG, n.26, 23:** “O bispo possui a plenitude do sacramento da ordem. É chamado administrador da graça do sacerdócio supremo especialmente quando oferece ou cuida que seja oferecida a eucaristia, que alimenta e faz crescer continuamente a Igreja. São Igreja de Cristo todas as comunidades legítimas de fiéis, espalhadas por toda a parte, em torno de seus respectivos pastores. No Novo Testamento, merecem o nome de igrejas. Lá onde estão, são, em plenitude, o novo povo chamado por Deus, no Espírito Santo (cf. 1Ts 1, 5). Os fiéis se reúnem em igrejas pela pregação do Evangelho de Cristo e celebram o mistério da ceia do Senhor de maneira que a fraternidade de todos se concretize pela comida e pela bebida do corpo do Senhor. No altar de cada comunidade, reunida pelo santo ministério do bispo, oferece-se o símbolo da caridade e da unidade do corpo místico, sem as quais não pode haver salvação. Tendo consigo a Igreja una, santa, católica e apostólica, Cristo

está presente em todas essas comunidades, por pequenas e pobres que sejam, mesmo quando vivem no isolamento, pois a participação no corpo e no sangue de Cristo nos transforma naquilo que tomamos.

Toda celebração legítima da eucaristia é dirigida pelo bispo, a quem foi confiado o culto da religião cristã, que deve ser prestado a Deus, administrado conforme os preceitos do Senhor e as leis da Igreja, segundo as determinações do bispo, em sua diocese.

Os bispos difundem a plenitude da santidade de Cristo de maneira variada e abundante, quando oram e trabalham para o povo. Comunicam aos fiéis a força de Deus, que salva, pelo ministério da palavra (cf. Rm 1, 16). Santificam os fiéis pelos sacramentos, cuja distribuição regular e frutuosa devem dispor segundo sua autoridade. Devem estabelecer as normas para o batismo, que dá participação no sacerdócio régio de Cristo. São os ministros ordinários da confirmação, os dispensadores das ordens sagradas e os moderadores da disciplina penitencial. Devem exortar e instruir o povo para que participe com fé e respeito da liturgia, especialmente do sagrado sacrifício da missa. Devem finalmente dar exemplo de vida aos que são por ele presididos, afastando-se de todo mal, convertendo-se ao bem, graças ao auxílio do Senhor, para que alcancem a vida eterna, juntamente com seu rebanho.

23. A união colegial se manifesta igualmente nas relações recíprocas dos diversos bispos entre si e com a Igreja universal. O pontífice romano, sucessor de Pedro, é princípio e fundamento visível da unidade, tanto dos bispos como do conjunto dos fiéis. Cada um dos bispos, por sua vez, é princípio e fundamento da unidade, em suas respectivas Igrejas particulares com as quais e por meio das quais, à imagem da Igreja universal, se forma a única Igreja Católica. Por isso, cada bispo representa a sua Igreja e, em união com o papa, a Igreja universal, unida pelo vínculo da paz, do amor e da unidade.

À frente de sua Igreja particular, o bispo exerce o governo pastoral sobre a porção do povo de Deus que lhe foi confiada, mas não sobre as outras Igrejas ou sobre a Igreja universal. Como membros do colégio episcopal e legítimos sucessores dos apóstolos, os bispos devem se preocupar com toda a Igreja, por disposição e preceito do próprio Cristo. Apesar de não exercerem, sob esse aspecto, nenhum ato de jurisdição, contribuem imensamente para o bem da Igreja universal. Todos os bispos devem promover e defender a unidade da fé e da disciplina comum a toda a Igreja e ensinar aos fiéis o amor do corpo místico de Cristo, especialmente dos membros mais pobres, dos doentes e dos que sofrem perseguição por causa da justiça (cf. Mt 5,10). Devem apoiar todas as iniciativas da Igreja, especialmente no que se refere ao aumento da fé, para que a luz da verdade plena brilhe para todos os homens. Quando dirigem bem a própria Igreja, como porção da Igreja universal, cooperam eficazmente para o bem de todo o corpo místico, que é, precisamente, o conjunto de todas as Igrejas.

Cristo confiou aos pastores, em conjunto, a função de anunciar o Evangelho ao mundo inteiro, como lembrou o papa Celestino aos padres do Concílio de Éfeso. Na medida, pois, em que o exercício de sua função específica lhe permite, o bispo deve se associar aos outros e ao sucessor de Pedro, especialmente encarregado da enorme responsabilidade de propagar a religião cristã. Os bispos devem, por isso, se empenhar com todas as forças em favor das missões, contribuindo com operários para a messe e com toda espécie de auxílios espirituais e materiais, quer por si mesmos, quer suscitando a cooperação generosa dos fiéis. Devem também, inspirados por uma caridade sem limites, prestar alegremente auxílio fraterno às outras Igrejas, especialmente às mais próximas e às mais pobres.

A divina providência quis que, desde o tempo dos apóstolos e de seus sucessores, várias Igrejas, em determinadas regiões, se associassem entre si, ao longo da história, formando grupos organicamente estruturados, tanto do ponto de vista disciplinar, como no que concerne às práticas litúrgicas e ao patrimônio teológico e espiritual, respeitadas sempre a unidade da fé e a constituição da Igreja universal.

Alguns desses conglomerados, especialmente as antigas Igrejas patriarcais, como verdadeiras mães na fé, geraram filhas com as quais mantêm até hoje um vínculo estreito de caridade, quer na vida sacramental, quer no respeito mútuo dos direitos e dos deveres recíprocos. A variedade dessas Igrejas locais, unidas entre si, é prova evidente da catolicidade da Igreja indivisa. Nos nossos dias, as conferências episcopais podem desempenhar esse papel diversificado e fecundo, exprimindo, de maneira concreta, o sentimento de colegialidade".

AG, n.20: "Representante a título pleno da Igreja universal, saiba a Igreja particular que foi enviada aos não-fiéis que habitam o território em que está implantada deve, pois, individual e comunitariamente dar testemunho e ser sinal de Cristo junto a eles.

Além disso é preciso que o ministério da palavra alcance a todos, para que lhes chegue o anúncio do Evangelho. Antes de mais nada, o bispo é pregador, que deve trazer para Cristo novos discípulos. A fim de cumprir devidamente esse ministério precípuo, conheça o melhor possível as condições em que vive seu rebanho, assim como as opiniões que nele circulam a respeito de Deus, leve em conta as mudanças por que está passando a sociedade, especialmente no que concerne à urbanização, às migrações e à difusão da indiferença religiosa.

Os sacerdotes oriundos dessas igrejas particulares devem se dedicar com afinco à obra da evangelização, colaborando com os missionários que vêm de fora, na unidade de um mesmo presbitério sob a autoridade do bispo. Essa colaboração não se limita ao pastoreio dos fiéis e à celebração do culto, mas se estende à pregação do Evangelho aos que estão fora da comunidade cristã. Alegrem-se os sacerdotes quando têm ocasião de se oferecer ao bispo para serem enviados como missionários nas regiões mais distantes e menos favorecidas da diocese ou mesmo na fundação de novas dioceses.

Espera-se que religiosos e religiosas, e mesmo leigos, tenham o mesmo zelo, especialmente para com os mais pobres.

Num mundo em constante mudança, que passa, como o nosso, por transformações profundas, as conferências episcopais devem promover, em datas fixas, cursos de renovação bíblica, teológica, espiritual e pastoral, que coloquem o clero a par do pensamento teológico em evolução e dos novos métodos pastorais.

Observe-se, de modo geral, o que prescreve o decreto conciliar sobre o ministério e a vida dos presbíteros.

O trabalho missionário na sua especificidade exige ministros capazes de ser desde cedo preparados tendo em conta as condições particulares de suas próprias igrejas. Hoje em dia verifica-se um desenvolvimento dos grandes grupos que reúnem um número crescente de pessoas. É indispensável que as conferências episcopais procurem estabelecer um diálogo com eles. Quando certos grupos humanos encontram dificuldade em abraçar

a fé católica dada a forma como existe a Igreja em sua região, devem ser tomadas providências especiais para que a Igreja se adapte à forma de ser do grupo humano em questão, em que se prevê a constituição de jurisdições pessoais especiais para grupos humanos diversos, enquanto não for possível reunir todos os cristãos numa única comunidade. Se a sé apostólica dispõe de missionários capazes de estabelecer esse contato, os bispos os devem convidar e alegremente recebê-los em suas dioceses, dando efetivo apoio às suas iniciativas.

Para despertar o zelo missionário é conveniente que as novas Igrejas se disponham quanto antes a participar da ação missionária da Igreja universal, enviando também elas missionários que anunciem o Evangelho em todo o mundo, apesar da penúria do clero. A plena comunhão com a Igreja universal requer que as igrejas particulares participem ativamente da missão da Igreja junto aos povos”.

Puebla 645; 261-262; 239; 640; 629: “Na Igreja particular, constituída à imagem da Igreja universal, encontra-se e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo que é una, santa, católica e apostólica. Ela é uma parte do povo de Deus, definida por um contexto sociocultural mais amplo, onde se encarna. Sua primazia no conjunto das comunidades eclesiais deve-se ao fato de ser presidida pelo bispo, dotado de forma plena e sacramental do triplice ministério de Cristo, cabeça do corpo místico, profeta, sacerdote e pastor. O bispo é, em cada Igreja particular, principio e fundamento de unidade da mesma.

261. Esta visão da Igreja, enquanto povo histórico e socialmente estruturado, é um marco ao qual obrigatoriamente deve referir-se também a reflexão teológica a respeito das CEBs de nosso Continente, pois introduz elementos que permitem complementar o acento que as referidas comunidades colocam no dinamismo vital das bases e na fé que é compartilhada com mais espontaneidade em comunidades pequenas. A Igreja como povo histórico institucional representa a estrutura mais ampla, universal e definida, dentro da qual se devem inscrever vitalmente as CEBs, para não correrem o risco de degenerar em anarquia organizativa, por um lado, ou em elitismo fechado e sectário, por outro.

262. Alguns dos aspectos do problema da ‘Igreja popular’ ou dos ‘magistérios paralelos’ se insinuam nesta linha: a seita tende sempre ao auto-abastecimento quer jurídico quer doutrinal; integradas na totalidade do Povo de Deus, as CEBs evitarão com certeza estes escolhos e corresponderão às esperanças que a Igreja da AL nelas deposita.

239. Esta visão da Igreja toca profundamente o homem da AL que tem em alta estima os valores da família e que procura com ânsia, em face da frieza crescente do mundo moderno, a maneira de salvá-los. Nota-se uma reação em muitos países tanto no despontar da pastoral familiar quanto na multiplicação das CEBs, onde se torna possível – a nível de experiência humana – uma intensa vivência da realidade da Igreja como família de Deus. 640. Nas pequenas comunidades, mormente nas mais bem constituídas, cresce a experiência de novas relações interpessoais na fé, o aprofundamento da palavra de Deus, a participação na eucaristia, a comunhão com os pastores da Igreja particular e um maior compromisso com a justiça na realidade social dos ambientes em que se vive.

Pergunta-se quando é que uma pequena comunidade pode ser considerada verdadeira comunidade eclesial de base na América Latina?

629. Está comprovado que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade, à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local. Destacamos com alegria, como fato eclesial relevante e caracteristicamente nosso e como ‘esperança da Igreja’ (EN 58), a multiplicação das pequenas comunidades. Esta expressão eclesial nota-se mais na periferia das grandes cidades e no campo. Constituem elas ambiente propício para o surgimento de novos serviços leigos. Nelas se tem difundido muito a catequese familiar e a educação dos adultos na fé, de forma mais adequada ao povo simples”.

OE, n.1, 2: “As instituições, ritos litúrgicos, tradições eclesiais e de vida cristã das Igrejas orientais são de grande valor para a Igreja católica. Ilustres por sua antiguidade, refletem a tradição apostólica, por intermédio dos padres da Igreja e constituem, pois, parte do patrimônio indiviso revelado por Deus à Igreja universal. O concílio, cuidando das Igrejas orientais, testemunhas vivas dessa tradição, deseja que floresçam e cumpram, com novo ardor apostólico, o papel que lhes cabe. Por isso, além de tudo que diz respeito à Igreja universal, decidiu estabelecer alguns pontos, deixando outros ao cuidado quer dos sínodos orientais, quer da própria sé apostólica.

2. A santa Igreja católica, corpo místico de Cristo, é formada por fiéis que professam a mesma fé, celebram os mesmos sacramentos e estão unidos, no Espírito Santo, sob um mesmo governo. Este governo, por sua vez, comporta diversas ordens hierárquicas, unidas umas às outras. São as Igrejas particulares ou os ritos. Entre todos vigora uma admirável comunhão, de sorte que a diversidade, na Igreja, não só não lhe prejudica a unidade como até ajuda a torná-la manifesta. A Igreja católica tem o propósito firme de salvaguardar e manter a integridade de cada uma das Igrejas particulares, dos ritos e tradições diversos, como visa igualmente adaptar a sua vida às necessidades variadas de todos os tempos e lugares”.

Nota:137

cf. **LG, n.18-23:** “Para conduzir o povo de Deus e, sob todos os aspectos, fazê-lo crescer, o Cristo Senhor instituiu em sua Igreja diversos ministérios, que concorrem para o bem de todo o corpo. Os ministros dispõem do poder sagrado para servir seus irmãos, a fim de que todos os que pertencem ao povo de Deus participem da verdadeira dignidade cristã e alcancem a salvação, caminhando para o mesmo objetivo, em harmonia e liberdade.

Em continuidade com o Vaticano I, o concílio declara e ensina que Jesus Cristo, pastor eterno, edificou sua Igreja enviando os apóstolos como ele mesmo fora enviado pelo Pai (cf. Jo 20,21). Determinou igualmente que os bispos, sucessores dos apóstolos, fossem pastores na Igreja, até o fim dos séculos. Além disso, para assegurar a unidade do episcopado, estabeleceu que Pedro presidisse aos apóstolos, constituindo-o, para sempre, principio e fundamento visível da unidade de fé e comunhão. O concílio reafirma junto a todos os fiéis e declara, como doutrina em que se deve crer firmemente, a instituição, a perpetuidade, a importância e a razão do primado do pontífice romano e de seu magistério infalível. Nessa mesma linha, professa e declara diante de todos, a doutrina segundo a qual os bispos são sucessores dos apóstolos, que dirigem a casa do Deus vivo, juntamente com o sucessor de Pedro, vigário de Cristo e cabeça visível de toda a Igreja.

19. O Senhor Jesus, depois de orar ao Pai, chamou a si os doze, que ele mesmo escolhera para estar com ele e serem enviados a pregar o reino de Deus (cf. Mc 3,13-19; Mt 10,1-42). Instituiu-os como apóstolos (cf. Lc 6,13) formando um grupo estável, cuja presidência ele mesmo confiou a Pedro (cf. Jo 21,15-17). Enviou-os como participantes do seu poder, primeiro aos filhos de Israel e, depois, a todos os povos (cf. Rm 1,16), para tornarem esses povos seus discípulos, santificá-los e governá-los (cf. Mt 28,16-20; Mc 6,15; Lc 24,45-48; Jo 20,21-23). Propagariam a Igreja, governá-la-iam, servindo-a, com a assistência do Senhor, durante todo o tempo, até a consumação dos séculos (cf. Mt 28,20). No dia de Pentecostes, os apóstolos foram plenamente confirmados nessa missão (cf. At 2,1-36), conforme a promessa do Senhor: “O Espírito Santo descenderá sobre vocês e dele receberão força para serem minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os extremos da terra” (At 1,8). Pregando em toda parte o Evangelho (cf. Mc 16,20), acolhido pelos ouvintes graças ao Espírito Santo, os apóstolos reúnem a Igreja universal, que o Senhor baseou neles e edificou sobre Pedro, o primeiro dentre eles, tendo sempre Cristo como principal alicerce (cf. Ap 21,14; Mt 16,18; Ef 2,20).

20. A missão divina confiada por Cristo aos apóstolos se estende até o fim dos séculos (cf. Mt 28,20), pois o Evangelho que devem transmitir alimenta continuamente a vida da Igreja. Os apóstolos cuidaram por isso de instituir seus sucessores nessa sociedade hierarquicamente organizada, que é a Igreja.

Para que a missão a eles confiada continuasse depois de sua morte, não só recorreram a auxiliares seus para o ministério, como também pediram a seus cooperadores imediatos, numa espécie de testamento, que desempenhassem a função por eles exercida e levassem a bom termo o trabalho começado. Confiaram-lhes assim o rebanho inteiro sobre o qual o Espírito Santo os havia colocado como pastores da Igreja de Deus (At 20,28). Dessa forma, escolheram e ordenaram homens que, quando morressem, passassem a outros igualmente provados o seu ministério. Entre os diversos ministérios exercidos desde os primeiros tempos da Igreja, segundo a tradição e por sucessão ininterrupta, ocupa o primeiro lugar a função episcopal, herdada dos apóstolos. Como diz santo Irineu, a tradição apostólica se manifesta e se conserva em todo o mundo através dos bispos e de seus sucessores, instituídos pelos apóstolos.

Os bispos assumem pois o serviço da comunidade com o auxílio dos presbíteros e dos diáconos. Presidem o rebanho em lugar de Deus, como pastores, mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado e ministros que governam. A função que o Senhor confiou a Pedro, primeiro dos apóstolos, para ser transmitida a seus sucessores, permanece igualmente para sempre e sem interrupção, como a própria função dos apóstolos de conduzir a Igreja. Por isso o Concílio ensina que os bispos, por instituição divina, sucedem aos apóstolos, como pastores da Igreja. Quem os ouve, ouve a Cristo e quem os despreza, despreza a Cristo e àquele que o enviou (cf. Lc 10,16).

21. O Senhor Jesus é o pontífice supremo. Como tal, está presente no meio dos fiéis por intermédio dos bispos, assistidos pelos presbíteros. O Senhor Jesus está sentado à direita do Pai, mas nem por isso se distancia do colégio dos bispos por cujo ministério, principalmente, faz chegar a todos os povos a palavra de Deus e administra aos seus os sacramentos da fé. Por intermédio do exercício da função paterna dos bispos (cf. 1Cor 4,15), Cristo incorpora novos membros a seu corpo, pela regeneração celestial. Por intermédio de sua sabedoria e prudência, dirige e orienta o povo do Novo Testamento na peregrinação para a felicidade eterna. Os pastores escolhidos para cuidar do rebanho do Senhor são ministros de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus (cf. 1Cor 4,1). A eles foram confiados o testemunho do Evangelho da graça de Deus (cf. Rm 15,16) e o serviço do Espírito e da justiça, na glória (cf. 2Cor 3,8-9).

Os apóstolos receberam do próprio Cristo especial comunicação do Espírito Santo (cf. At 1,8; 2,4; Jo 20,22-23) para o exercício de funções muito importantes. Eles próprios, por sua vez, comunicaram esse dom espiritual a seus coadjuvantes, pela imposição das mãos (cf. 1Tm 4,14; 2Tm 1,6-7). Até hoje esse mesmo dom é transmitido pela consagração episcopal. O Concílio ensina que a consagração episcopal confere a plenitude do sacramento da ordem, expressão máxima do ministério sagrado e sumo sacerdócio, de acordo com o costume litúrgico da Igreja e com a palavra dos santos padres. A consagração episcopal confere as funções de santificar, ensinar e governar, que, porém, só têm valor e só podem ser exercidas em comunhão com a cabeça e com os demais membros do colégio episcopal. É o sentido da imposição das mãos e das palavras da consagração que conferem a graça do Espírito Santo e imprimem o caráter sagrado de acordo com a tradição expressa nos ritos litúrgicos, tanto no Oriente como no Ocidente. Os bispos desempenham o papel do próprio Cristo e agem em seu nome, de maneira eminente e significativa. Compete-lhes agregar os novos eleitos ao corpo episcopal, pelo sacramento da ordem.

22. S. Pedro e os demais apóstolos, por determinação do Senhor, formavam um único colégio apostólico. Por razão semelhante, o pontífice romano, sucessor de Pedro, e os bispos, sucessores dos apóstolos, estão unidos entre si. Há uma regra antiquíssima segundo a qual os bispos do mundo inteiro se comunicavam uns com os outros e com o bispo de Roma, estabelecendo entre si um laço de unidade e de paz reuniam-se em concílios para decidir em comum a respeito das coisas mais importantes e resolver de acordo com o parecer da maioria. Manifestava-se assim com clareza a índole e a estrutura colegial da ordem episcopal, como provam os concílios ecumênicos celebrados através dos séculos. O antigo uso de chamar vários bispos para participar da elevação de um novo eleito ao sumo sacerdócio, já indicava a seu modo essa mesma índole e estrutura colegiais. O novo membro da ordem episcopal é constituído em virtude da consagração sacramental e da comunhão hierárquica com a cabeça e com os membros do respectivo colégio.

Este colégio, o corpo dos bispos, não tem nenhuma autoridade senão em conjunto com o pontífice romano, sucessor de Pedro e cabeça do colégio, que mantém integralmente a autoridade do primado sobre todos os pastores e fiéis. Em virtude de sua função de vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja, o pontífice romano tem o poder supremo e universal, que pode exercer sempre, livremente. A ordem episcopal, sucessora do colégio apostólico no magistério e no governo pastorais, por intermédio da qual o corpo apostólico mantém sua continuidade, é sujeito do poder supremo e pleno sobre toda a Igreja, em conjunto com sua cabeça, o romano pontífice, e jamais sem ele. Esse poder só é portanto efetivamente exercido em consenso com o pontífice romano. O Senhor estabeleceu unicamente Simão como pedra e portador das chaves na Igreja (cf. Mt 16,18s), constituindo-o pastor de todo o rebanho (cf. Jo 21,15ss) e conferindo-lhe a função de ligar e desligar (cf. Mt 16,19). Estas funções são atribuídas ao colégio apostólico somente quando unido à sua cabeça (cf. Mt 18,18; 28,16-20).

O colégio episcopal exprime a variedade e a universalidade do povo de Deus, enquanto reunido sob uma cabeça única. Os bispos que dele participam, desde que mantenham fielmente o primado e o principado da cabeça, exercem um poder próprio para o bem de seus fiéis e, até mesmo, de toda a Igreja, na força do Espírito Santo, que mantém vigorosa sua estrutura orgânica e seu recíproco entendimento. O poder supremo deste colégio sobre toda a Igreja se exerce de maneira solene nos concílios ecumênicos, que nunca se verificam sem o acordo ou, pelo menos, a aceitação do sucessor de Pedro. Convocar, presidir e confirmar tais concílios é prerrogativa do pontífice romano. Os bispos do mundo inteiro exercem o poder colegial, quando chamados pela cabeça do colégio ou quando esta, pelo menos, aprova, acolhe e confere caráter colegial a uma ação conjunta de bispos dispersos pelo mundo.

23. A união colegial se manifesta igualmente nas relações recíprocas dos diversos bispos entre si e com a Igreja universal. O pontífice romano, sucessor de Pedro, é princípio e fundamento visível da unidade, tanto dos bispos como do conjunto dos fiéis. Cada um dos bispos, por sua vez, é princípio e fundamento da unidade, em suas respectivas Igrejas particulares com as quais e por meio das quais, à imagem da Igreja universal, se forma a única Igreja Católica. Por isso, cada bispo representa a sua Igreja e, em união com o papa, a Igreja universal, unida pelo vínculo da paz, do amor e da unidade.

À frente de sua Igreja particular, o bispo exerce o governo pastoral sobre a porção do povo de Deus que lhe foi confiada, mas não sobre as outras Igrejas ou sobre a Igreja universal. Como membros do colégio episcopal e legítimos sucessores dos apóstolos, os bispos devem se preocupar com toda a Igreja, por disposição e preceito do próprio Cristo. Apesar de não exercerem, sob esse aspecto, nenhum ato de jurisdição, contribuem imensamente para o bem da Igreja universal. Todos os bispos devem promover e defender a unidade da fé e da disciplina comum a toda a Igreja e ensinar aos fiéis o amor do corpo místico de Cristo, especialmente dos membros mais pobres, dos doentes e dos que sofrem perseguição por causa da justiça (cf. Mt 5,10). Devem apoiar todas as iniciativas da Igreja, especialmente no que se refere ao aumento da fé, para que a luz da verdade plena brilhe para todos os homens. Quando dirigem bem a própria Igreja, como porção da Igreja universal, cooperam eficazmente para o bem de todo o corpo místico, que é, precisamente, o conjunto de todas as Igrejas.

Cristo confiou aos pastores, em conjunto, a função de anunciar o Evangelho ao mundo inteiro, como lembrou o papa Celestino aos padres do Concílio de Éfeso. Na medida, pois, em que o exercício de sua função específica lhe permite, o bispo deve se associar aos outros e ao sucessor de Pedro, especialmente encarregado da enorme responsabilidade de propagar a religião cristã. Os bispos devem, por isso, se empenhar com todas as forças em favor das missões, contribuindo com operários para a messe e com toda espécie de auxílios espirituais e materiais, quer por si mesmos, quer suscitando a cooperação generosa dos fiéis. Devem também, inspirados por uma caridade sem limites, prestar alegremente auxílio fraterno às outras Igrejas, especialmente às mais próximas e às mais pobres.

A divina providência quis que, desde o tempo dos apóstolos e de seus sucessores, várias Igrejas, em determinadas regiões, se associassem entre si, ao longo da história, formando grupos organicamente estruturados, tanto do ponto de vista disciplinar, como no que concerne às práticas litúrgicas e ao patrimônio teológico e espiritual, respeitadas sempre a unidade da fé e a constituição da Igreja universal.

Alguns desses conglomerados, especialmente as antigas Igrejas patriarcais, como verdadeiras mães na fé, geraram filhas com as quais mantêm até hoje um vínculo estreito de caridade, quer na vida sacramental, quer no respeito mútuo dos direitos e dos deveres recíprocos. A variedade dessas Igrejas locais, unidas entre si, é prova evidente da catolicidade da Igreja indivisa. Nos nossos dias, as conferências episcopais podem desempenhar esse papel diversificado e fecundo, exprimindo, de maneira concreta, o sentimento de colegialidade”.

Nota:138

cf. **LG, n.11,32, 39-40:** “A índole sagrada e a constituição orgânica da comunidade sacerdotal se efetivam nos sacramentos e na prática cristã. Incorporados à Igreja pelo batismo, os fiéis recebem o caráter que os qualifica para o culto. Por outro lado, renascidos como filhos de Deus, devem professar a fé que receberam de Deus, por intermédio da Igreja.

O sacramento da confirmação os vincula ainda mais intimamente à Igreja e lhes confere de modo especial a força do Espírito Santo. Daí a obrigação maior de difundir e defender a fé, pela palavra e pelas obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo.

Participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, os fiéis oferecem a Deus a vítima divina e se oferecem com ela. Juntamente com os ministros, cada um a seu modo, têm todos um papel específico a desempenhar na ação litúrgica, tanto na oblação como na comunhão. Alimentando-se todos com o corpo de Cristo, demonstram de maneira concreta a unidade do povo de Deus, proclamada e realizada pelo sacramento da eucaristia.

Os fiéis que procuram o sacramento da penitência obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa que lhe fizeram. Ao mesmo tempo, se reconciliam-se com a Igreja, que ofenderam ao pecar e que contribui para sua conversão pelo amor, pelo exemplo e pelas orações.

Pela sagrada unção dos enfermos e pela oração dos sacerdotes, a Igreja inteira recomenda os doentes ao Senhor, para seu alívio e salvação (cf. Tg 5, 14). Exorta-os a se unirem livremente à paixão e à morte de Cristo (cf. Rm 8, 17; Cl 1, 24; 2Tm 2, 11-12; 1Pd 4, 13), dando assim sua contribuição para o bem do povo de Deus.

Os fiéis marcados pelo sacramento da ordem são igualmente constituídos, em nome de Cristo, para conduzir a Igreja pela palavra e pela graça de Deus.

Finalmente os fiéis se dão o sacramento do matrimônio, manifestação e participação da unidade e do amor fecundo entre Cristo e sua Igreja (cf. Ef 5, 32). Ajudam-se mutuamente a se santificar na vida conjugal, no acolhimento e na educação dos filhos. Contam, por isso, com um dom específico e um lugar próprio ao seu estado de vida, no povo de Deus. A família procede dessa união. Nela nascem os novos membros da sociedade humana que, batizados, se tornarão filhos de Deus pela graça do Espírito Santo e perpetuarão o povo de Deus através dos séculos. A família é uma espécie de igreja doméstica. Os pais são os primeiros anunciadores da fé e devem cuidar da vocação própria de cada um dos filhos, especialmente da vocação sagrada.

Todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, de acordo com o caminho que lhes é próprio, são chamados pelo Senhor à perfeição da santidade, que é a própria perfeição de Deus e, por isso, dispõem de tais e de tantos meios.

32. A santa Igreja foi instituída por Deus com uma grande variedade de categorias e funções. Num só corpo há muitos membros e esses membros não têm todos a mesma função. O mesmo acontece conosco, embora sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, e, cada um por sua vez, é membro dos outros (Rm 12, 4).

O povo de Deus é uno: um só Senhor, uma fé, um só batismo (Ef 4, 5). A dignidade dos membros é a mesma, em virtude da regeneração em Cristo. A graça filial e a vocação à perfeição são também as mesmas. Uma a salvação, uma a esperança, uma e indivisível a caridade. Não há, portanto, em Cristo e não deve haver na Igreja nenhuma diferença de raça ou nação, de condição social ou de sexo, não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus (Gl 3, 28; cf. Cl 3, 11).

Na Igreja, embora nem todos sigam pelo mesmo caminho, são todos chamados à santidade e herdeiros da mesma fé, segundo a justiça de Deus (cf. 2Pd 1, 1). Todos são iguais em dignidade. A ação de todos os fiéis em vista da edificação do corpo de Cristo é comum a todos. No entanto, em benefício do conjunto, o próprio Cristo constitui alguns como doutores, pastores e dispensadores dos mistérios de Deus. A distinção estabelecida pelo Senhor entre os ministros sagrados e os outros membros do povo de Deus exige a união, pois vincula uns aos outros, pastores e fiéis. Os pastores devem se colocar a serviço uns dos outros e dos fiéis, à imitação do Senhor. Os fiéis, por sua vez, devem colaborar alegremente com os pastores e doutores. Na própria diversidade, todos dão testemunho da admirável unidade do corpo de Cristo. A variedade das graças, dos ministérios e das atividades congrega os filhos de Deus na unidade, pois é sempre o mesmo e único Espírito que tudo opera (1Cor 12, 11).

Cristo, Senhor de todas as coisas, veio para servir e não para ser servido (cf. Mt 20, 28). Os leigos o têm pois como irmão, graças à misericórdia divina. São também irmãos dos que estão encarregados do ministério sagrado. É pela autoridade de Cristo que apascentam a família de Deus, ensinando, santificando e dirigindo-a, para que seja cumprido por todos o novo mandamento da caridade. Agostinho o diz com rara felicidade: Assusta-me ser de vocês, consola-me estar com vocês. Sou de vocês como bispo, estou com vocês como cristão. Bispo é nome de função; cristão, o nome da graça. Um representa perigo, o outro, salvação.

39. O Concílio, ao expor o mistério da Igreja, crê na sua indefectível santidade. De fato, Cristo, Filho de Deus, celebrado como único santo, amou sua Igreja como esposa, entregou-se por ela para torná-la santa (cf. Ef 5, 25s), uniu-se a ela como a seu corpo e a santificou, com o dom do Espírito, para a glória de Deus. Todos pois, na Igreja, quer pertençam à hierarquia ou sejam por ela conduzidos, são chamados à santidade, conforme a palavra do apóstolo: A vontade de Deus é que sejam santos (1Ts 4, 3; cf. Ef 1, 4). A santidade da Igreja se manifesta de direito e de fato nos muitos e variados frutos da graça, que o Espírito faz brotar nos fiéis, quando tendem para a perfeição do amor em suas vidas. A santidade da Igreja se manifesta de maneira especial na prática dos conselhos chamados evangélicos, assumidos particular ou publicamente por muitos fiéis, sob a moção do Espírito, os quais dão ao mundo testemunho e exemplo de santidade.

40. O Senhor Jesus é mestre e exemplo de toda perfeição. Autor e realizador da santidade, ele mesmo manifestou suas exigências a todos e a cada um dos discípulos: Sejam perfeitos como é perfeito seu Pai, que está nos céus (Mt 5, 48). Enviou igualmente a todos o Espírito Santo, para movê-los interiormente ao amor de Deus de todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força (cf. Mc 12, 30) e para que se amem uns aos outros, como Cristo os amou (cf. Jo 13, 34; 15, 12). Os seguidores de Cristo são santificados por Deus, não por suas obras, mas de acordo com o propósito e a graça daquele que os chamou e justificou no Senhor Jesus, tornando-os, pelo batismo da fé, verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina. Devem, pois, manter e aperfeiçoar na vida a santidade que lhes é dada por Deus. O apóstolo Paulo lhes recomenda que vivam como convém aos santos (Ef 5, 3): como escolhidos de Deus, santos e amados, vistam-se de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência (Cl 3, 12), trazendo os santos frutos do Espírito (cf. Gl 5, 22; Rm 6, 22). Como, porém, todos estamos sujeitos a muitas falhas (cf. Tg 3, 2) e precisamos a todo momento da misericórdia divina, devemos pedir diariamente que nos perdoe as nossas ofensas (Mt 6, 12).

Fique bem claro que todos os fiéis, qualquer que seja sua posição na Igreja ou na sociedade, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. A santidade promove uma crescente humanização. Que todos pois se esforcem, na medida do dom de Cristo, para seguir seus passos, tornando-se conformes à sua imagem, obedecendo em tudo à vontade do Pai, consagrando-se de coração à glória de Deus e ao serviço do próximo. A história da Igreja mostra como a vida dos santos foi fecunda, manifestando abundantes frutos da santidade no povo de Deus".

Puebla 250-251, 266: "O Povo de Deus, em que habita o Espírito, é também um Povo Santo. Mediante o batismo, o próprio Espírito o tornou participante da vida divina o ungiu como povo messiânico e o revestiu da santidade da vida divina recebida. Esta santidade recorda ao Povo de Deus a dimensão vertical e constituinte da sua comunhão. É um povo que não apenas nasce de Deus, mas também se orienta para ele, como povo consagrado, para render-lhe culto e glória. O Povo de Deus aparece assim como o seu templo vivo, morada de sua presença entre os homens. Nele, nós cristãos somos pedras vivas.

251. Os cidadãos deste povo devem caminhar na terra mas como cidadãos do céu, com seu coração enraizado em Deus, através da oração e da contemplação. Esta atitude não significa fuga diante do terreno, mas sim condição para uma entrega fecunda aos homens. Porque quem não aprendeu a adorar a vontade do Pai no silêncio da oração, dificilmente conseguirá fazê-lo quando sua condição de irmão lhe pedir renúncia, dor ou humilhação.

266. Ser peregrino implica sempre uma cota inevitável de insegurança e de risco. Ela é acrescida pela consciência de nossa fraqueza e nosso pecado. É parte do morrer cotidiano em Cristo. A fé no-lo permite assumir com esperança pascal. Os últimos dez anos têm sido violentos em nosso Continente. Mas caminhamos na certeza de que o Senhor saberá transformar a dor, o sangue e a morte, que no caminho da história vão deixando os nossos povos e a nossa Igreja, em sementes de ressurreição para a América Latina. Reconfortanos o Espírito Santo e a Mãe fiel, sempre presentes no caminhar do Povo de Deus".

Nota: 139

LG, n.1: "O Concílio deseja ardentemente iluminar todos os homens com a claridade de Cristo, luz dos povos, que brilha na Igreja, para que o Evangelho seja anunciado a todas as criaturas (cf. Mc 16, 15).

A Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

Insistindo no tema dos concílios anteriores, ela quer manifestar, tanto aos fiéis como ao universo inteiro, com redobrado vigor, sua natureza e sua missão universal.

Nos dias de hoje, os homens estão profundamente ligados uns aos outros pelos laços sociais, pela interdependência técnica e pela cultura. Torna-se então mais urgente o dever que tem a Igreja de promover a unidade perfeita de todos, em Cristo".

Puebla 272; 564-565; 639-647: "A Igreja evangeliza, em primeiro lugar, mediante o testemunho global de sua vida. Assim, na fidelidade à sua condição de sacramento, trata de ser mais e mais um sinal transparente ou modelo vivo da comunhão de amor em Cristo que anuncia e se esforça por realizar. A pedagogia da encarnação nos ensina que os homens necessitam de modelos preclaros que os guiem. A América Latina necessita igualmente de tais modelos.

564. Cada batizado sente-se atraído pelo Espírito de Amor, que o impele a sair de si mesmo, a abrir-se para os irmãos e a viver em comunidade. Na união entre nós torna-se presente o Senhor Jesus Ressuscitado, que celebra sua Páscoa na América Latina.

565. Vejamos como se realiza de modo excelente o dom maravilhoso da vida nova em cada Igreja particular e também, numa escala crescente, na família, em pequenas comunidades e nas paróquias. A partir desses centros de evangelização, o Povo de Deus na História vai crescendo em graça e santidade, pelo dinamismo do Espírito e participação dos cristãos. Em seu seio surgem carismas e serviços. Como se diversificam entre si e se integram na vida eclesial os ministros hierárquicos, as mulheres e homens consagrados ao Senhor e, por fim, todos os membros do Povo de Deus, em sua missão evangelizadora.

639. O batizado, na Igreja doméstica que é sua família, é chamado à primeira experiência de comunhão na fé, no amor e no serviço ao próximo.

640. Nas pequenas comunidades, mormente nas mais bem constituídas, cresce a experiência de novas relações interpessoais na fé, o aprofundamento da palavra de Deus, a participação na eucaristia, a comunhão com os pastores da Igreja particular e um maior compromisso com a justiça na realidade social dos ambientes em que se vive.

Pergunta-se quando é que uma pequena comunidade pode ser considerada verdadeira comunidade eclesial de base na América Latina?

641. A comunidade eclesial de base, enquanto comunidade, integra famílias, adultos e jovens, numa íntima relação interpessoal na fé. Enquanto eclesial, é comunidade de fé, esperança e caridade; celebra a palavra de Deus e se nutre da eucaristia, ponto culminante de todos os sacramentos; realiza a palavra de Deus na vida, através da solidariedade e compromisso com o mandamento novo do Senhor e torna presente e atuante a missão eclesial e a comunhão visível com os legítimos pastores, por intermédio do ministério de coordenadores aprovados. É de base por ser constituída de poucos membros, em forma permanente e à guisa de célula da grande comunidade. 'Quando merecem o seu título de eclesialidade, elas podem reger, em solidariedade fraterna, sua própria existência espiritual e humana' (EN 58).

642. Os cristãos unidos em comunidade eclesial de base, fomentando sua adesão a Cristo, procuram uma vida mais evangélica no seio do povo, colaboram para questionar as raízes egoístas e de consumismo da sociedade e explicitam a vocação para a comunhão com Deus e com os irmãos, oferecendo um valioso ponto de partida para a construção duma nova sociedade, 'a civilização do amor'.

643. As comunidades eclesiais de base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo.

644. A paróquia realiza uma função de Igreja em certo sentido integral, já que acompanha as pessoas e famílias no decorrer de toda a sua existência, na educação e crescimento na fé. É centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos. Aqui, amplia-se mais o horizonte de comunhão e participação. A celebração da eucaristia e demais sacramentos torna presente de maneira mais clara a totalidade da Igreja. O seu vínculo com a comunidade diocesana é garantido pela união com o bispo, que confia a seu representante (normalmente o pároco) o cuidado pastoral da comunidade. A paróquia vem a ser para o cristão o lugar de encontro, de fraterna comunicação de pessoas e de bens, superando as limitações próprias às pequenas comunidades. Na paróquia se assume, de fato, uma série de serviços que não estão ao alcance das comunidades menores, sobretudo em nível missionário e na promoção da dignidade da pessoa humana, atingindo-se, assim, os migrantes mais ou menos estáveis, os marginalizados, os separados, os não crentes e, em geral, os mais necessitados.

645. Na Igreja particular, constituída à imagem da Igreja universal, encontra-se e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo que é una, santa, católica e apostólica. Ela é uma parte do povo de Deus, definida por um contexto sociocultural mais amplo, onde se encarna. Sua primazia no conjunto das comunidades eclesiais deve-se ao fato de ser presidida pelo bispo, dotado de forma plena e sacramental do tríplice ministério de Cristo, cabeça do corpo místico, profeta, sacerdote e pastor. O bispo é, em cada Igreja particular, principio e fundamento de unidade da mesma.

646. Por serem sucessores dos apóstolos, os bispos tornam presente a apostolicidade de toda a Igreja através de sua comunhão com o colégio episcopal e, de maneira especial, com o Romano Pontífice; garantem a fidelidade ao Evangelho; realizam comunhão com a Igreja universal e promovem a colaboração do seu presbitério e o crescimento do povo de Deus, confiado a seus cuidados.

647. Responsabilidade do bispo será discernir os carismas e incentivar os ministérios indispensáveis para que a diocese cresça até a maturidade, como comunidade evangelizada e evangelizadora, de tal sorte que seja luz e fermento da sociedade, sacramento da unidade e de libertação integral, apta para o intercâmbio com as demais Igrejas particulares, animada de Espírito missionário, que a faça irradiar a riqueza evangélica amalhada em seu interior".

Nota: 140

cf. **Puebla 281; 973**: "A realização histórica desse serviço evangelizador será sempre árdua e dramática, porque o pecado, força de ruptura, há de impedir constantemente o crescimento no amor e a comunhão tanto a partir do coração dos homens, como a partir das diversas estruturas por eles criadas, nas quais o pecado de seus autores imprimiu sua marca destruidora. Neste sentido, a situação de miséria, marginalidade, injustiça e corrupção que fere nosso Continente, exige do Povo de Deus e de cada cristão um autêntico heroísmo em seu compromisso evangelizador, a fim de poder superar semelhantes obstáculos. Diante de tal desafio, a Igreja sabe que é limitada e pequena, mas se sente animada pelo Espírito e protegida por Maria. Sua poderosa intercessão lhe permitirá superar as 'estruturas do pecado' na vida pessoal e social e lhe obterá a 'verdadeira libertação', que vem de Cristo Jesus (João Paulo II, Zapopán 11).

973: Esta é a nossa primeira opção pastoral: a própria comunidade cristã, seus leigos, seus pastores, seus ministros e seus religiosos devem converter-se cada vez mais ao Evangelho, para poderem evangelizar os outros".

Nota:141

CI 1,15: "Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura".

Nota:142

cf. **Puebla 920-923**: "O homem é um ser sacramental; no nível religioso exprime suas relações com Deus num conjunto de sinais e símbolos; Deus, igualmente, os utiliza quando se comunica com os homens. Toda a criação é de certa forma, sacramento de Deus, porque no-lo revela.

921. Cristo 'é imagem de Deus invisível' (CI 1,15). Como tal, é o sacramento primordial e radical do Pai: 'aquele que me viu, viu o Pai' (Jo 14,9).

922. A Igreja é, por sua vez, sacramento de Cristo para comunicar aos homens a vida nova. Os sete sacramentos da Igreja concretizam e atualizam esta realidade sacramental para as diversas situações da vida.

923. Por isso, não basta recebê-los de forma passiva, mas sim inserindo-nos vitalmente na comunhão eclesial. Pelos sacramentos Cristo continua, mediante a ação da Igreja, a encontrar-se com os homens e salvá-los".

SC, n.38: "Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se, na própria revisão dos livros litúrgicos, legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões, devendo-se prever essas variações na estrutura dos ritos e nas rubricas".

Nota:143

cf. **SC 5, 6, 7**: "Deus quer que todos os homens sejam salvos e alcancem o reconhecimento da verdade (1Tm 2, 4). *Falou outrora aos pais, pelos profetas, de muitos modos e maneiras* (Hb 1,1). Quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo encarnado, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres e curar os corações feridos, como *médico do corpo e da alma*, mediador entre Deus e os homens. Sua humanidade, unida à pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Em Cristo *realizou-se nossa perfeita reconciliação e nos foi dado acesso à plenitude do culto divino*.

Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que *morrendo destruiu a nossa morte e, ressuscitando, restaurou-nos a vida*, realizou a obra da redenção dos homens e, rendendo a Deus toda glória, como foi prenunciado nas maravilhas de que foi testemunha o povo do Antigo Testamento. Do lado de Cristo, morto na cruz, brotou o admirável mistério da Igreja.

6. Como foi enviado pelo Pai, também Cristo enviou os apóstolos no Espírito Santo, para pregar o Evangelho a toda criatura, anunciando que o Filho de Deus, por sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de satanás e da morte, fazendo-nos entrar no reino do Pai. Ao mesmo tempo que anunciavam, realizavam a obra da salvação pelo sacrifício e pelos sacramentos, através da liturgia. Pelo batismo, os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo, participando de sua morte, de sua sepultura e de sua ressurreição, recebem o espírito de adoção, como filhos, *no qual clamamos: Abba, Pai* (Rm 8, 15) e se tornam os verdadeiros adoradores que o Pai procura. Todas as vezes que participamos da ceia do Senhor, anunciamos a sua morte, até que venha. No próprio dia de Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, *os que receberam a palavra de Pedro, foram batizados e perseveravam na doutrina dos apóstolos, na partilha do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo estimados por todo o povo* (At 2, 41-47). Desde então, a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal, lendo o *que dele se fala em todas as escrituras* (Lc 24, 27), celebrando a eucaristia, *em que se representa seu triunfo e sua vitória sobre a morte*, dando igualmente graças a *Deus pelo dom inefável* (2Cor 9, 15) em Cristo Jesus, para louvor de sua glória (Ef 1, 12), na força do Espírito Santo.

7. Para realizar tal obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Presente ao sacrifício da missa, na pessoa do ministro, 'pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz', mas, especialmente presente sob as espécies eucarísticas. Presente, com sua força, nos sacramentos, pois, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza. Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Presente, enfim, na oração e no canto da Igreja, como prometeu 'estar no meio dos dois ou três que se reunissem em seu nome' (Mt 18, 20).

Cristo age sempre e tão intimamente unido à Igreja, sua esposa amada, que esta glorifica perfeitamente a Deus e santifica os homens, ao invocar seu Senhor e, por seu intermédio, prestar culto ao eterno Pai.

Com razão se considera a liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, em que se manifesta por sinais e se realiza a seu modo a santificação dos seres humanos, ao mesmo tempo que o corpo místico de Cristo presta culto público perfeito à sua cabeça.

Toda celebração litúrgica, pois, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a Igreja, é ação sagrada num sentido único, não igualado em eficácia nem grau por nenhuma outra ação da Igreja".

Puebla 917-918: "O Pai, por Cristo e no Espírito, santifica a Igreja e, por ela, o mundo; mundo e Igreja por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão glória ao Pai.

918. A liturgia, como ação de Cristo e da Igreja, é o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo; é o ápice e a fonte da vida eclesial. É um encontro com Deus e os irmãos; banquete e sacrifício realizado na Eucaristia; festa de comunhão eclesial, na qual o Senhor Jesus por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus e, por ele, toda a humanidade, cuja história é convertida em história salvífica, para reconciliar os homens entre si e com Deus. A liturgia é também força em nosso peregrinar, para que se leve a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus".

SC, n.10: “Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor.

A liturgia também leva os fiéis a serem unânimes na piedade, depois de participarem dos sacramentos pascais, para que na vida conservem o que receberam na fé. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja”.

Nota:144

cf. **SC 102-104:** “A Igreja tem por função comemorar a obra salvadora de seu divino esposo, em determinados dias, no decurso de cada ano. Toda semana, no domingo, justamente denominado dia do Senhor, celebra a ressurreição, como o faz uma vez por ano, juntamente com a paixão, na grande solenidade pascal.

Mas o mistério de Cristo se desdobra por todo o ciclo anual, desde sua encarnação e nascimento até a ascensão, pentecostes e a expectativa, cheia de esperança, da vinda do Senhor.

Relembrando assim os mistérios da redenção, a Igreja coloca os fiéis em contato com a riqueza das virtudes e méritos de seu Senhor, que se torna de certa maneira presente a todos os tempos, e lhes abre o acesso à plenitude da graça da salvação.

103. Celebrando o ciclo anual dos mistérios de Cristo, a Igreja venera, com amor peculiar, a bem-aventurada mãe de Deus, Maria, que está intimamente associada à obra salutar de seu Filho. Em Maria brilha, na sua expressão máxima, o fruto da redenção, e nela se contempla, como em imagem puríssima, tudo que se pode desejar e esperar.

104. No ciclo anual, a Igreja inseriu igualmente a memória dos mártires e de outros santos, que chegaram, por muitos caminhos, à perfeição, por graça de Deus, alcançaram a salvação eterna, e hoje cantam, no céu, louvor sem fim a Deus, intercedendo por nós.

Na festa natalícia dos santos, a Igreja proclama o mistério pascal, vivido por aqueles que sofreram e foram glorificados com Cristo, propõe aos fiéis o seu exemplo, de se deixar inteiramente levar ao Pai, por Cristo, e pede a Deus graças, em vista de seus méritos”.

Nota:145

cf. **SC, n.106:** “Por tradição apostólica, que remonta ao próprio dia da ressurreição do Senhor, a Igreja celebra o mistério pascal no oitavo dia da semana, que veio a ser convenientemente denominado domingo, isto é, dia do Senhor. Nesse dia, os fiéis devem se reunir para ouvir a palavra de Deus e participar da eucaristia, dando graças a Deus, *que nos fez renascer para uma esperança viva, ressuscitando Jesus Cristo dentre os mortos* (1Pd 1, 3). O domingo é o principal dia de festa. Como tal deve ser proposto com convicção aos fiéis, para que se torne um dia de alegria e de descanso. É o fundamento e o cerne do ano litúrgico. Nenhuma outra celebração, a não ser de primeiríssima importância, lhe deve passar à frente”.

Nota:146

cf. **CDC, Cân 1246 e 1247:** “1246 § 1. O domingo, dia em que por tradição apostólica se celebra o mistério pascal, deve ser guardado em toda a Igreja como o dia de festa por excelência. Devem ser guardados igualmente o dia do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Epifania, da Ascensão e do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, de Santa Maria, Mãe de Deus, da sua Imaculada Conceição e Assunção, de São José, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, e, por fim, de Todos os Santos.

§ 2. Todavia, a Conferência dos Bispos, com a prévia aprovação da Sé Apostólica, pode abolir alguns dias de festa de preceito ou transferi-los para o domingo.

1247: No domingo e nos outros dias de festa de preceito, os fiéis têm a obrigação de participar da missa; além disso, devem abster-se das atividades e negócios que impeçam o culto a ser prestado a Deus, a alegria própria do dia do Senhor e o devido descanso da mente e do Corpo”.

Nota:147

cf. **Gn 3,15:** “Eu porei inimizade entre você e a mulher, entre a descendência de você e os descendentes dela. Estes vão lhe esmagar a cabeça, e você ferirá o calcanhar deles”.

Nota:148

cf. **Lc 1,38:** “Maria disse: Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo a deixou”.

Nota:149

cf. **Lc 1,45:** “Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu”.

Nota:150

Jo 2,1-11: “No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galiléia, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos. Faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho! Jesus respondeu: Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou. A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: Façam o que ele mandar. Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: Enchem de água esses potes. Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: Agora tirem e levem ao mestre-sala. Então levaram ao mestre-sala. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo e disse: Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora. Foi assim, em Caná da Galiléia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele”.

Jo 19, 25-27: “A mãe de Jesus, a irmã da mãe dele, Maria de Cléofas, e Maria Madalena estavam junto à cruz. Jesus viu a mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava. Então disse à mãe: Mulher, eis aí o seu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí a sua mãe. E dessa hora em diante, o discípulo a recebeu em sua casa”.

Nota:151

cf. **MC, n.28:** “É necessário, pois, que os exercícios de piedade com que os fiéis exprimem a sua veneração para com a Mãe do Senhor, manifestem de modo mais claro o lugar que ela ocupa na Igreja: ‘depois de Cristo, o mais alto e o mais perto de nós’; um lugar que nos edifícios culturais do Rito bizantino tem sido expresso plasticamente de tal maneira que, na própria disposição das estruturas arquitetônicas e dos elementos iconográficos, na porta central da iconóstase, a representação da Anunciação a Maria, e na abside, e da

'Theotocos' gloriosa, resulta manifesto que, a partir do 'fiat' da humilde Serva do Senhor, a humanidade inicia o retorno a Deus e que na glória da Toda-santa vê a meta da sua caminhada. Assim o simbolismo com que o edifício da igreja exprime o lugar de Maria no mistério da Igreja encerra uma indicação fecunda e constitui um auspício para que, por toda a parte, as várias formas de veneração à bem-aventurada Virgem Maria se abram para perspectivas eclesiais.

A chamada à atenção para os conceitos fundamentais expostos pelo Concílio Vaticano II, sobre a natureza da Igreja, 'Família de Deus', 'Povo de Deus', 'Reino de Deus', 'Corpo Místico de Cristo' (LG 6, 7-8, 9-17), permitirá, na verdade, aos fiéis, reconhecerem mais prontamente qual a missão de Maria no mistério da mesma Igreja e qual o seu eminente lugar na Comunhão dos Santos. Além disto, far-lhes-á sentir mais intensamente a fraternidade que une entre si todos os fiéis: porque filhos da Virgem Maria, 'para cuja geração e educação (espiritual) ela coopera com amor de mãe' (LG 66), e porque filhos da Igreja, também, visto que 'do seu parto nascemos, com o seu leite somos alimentados, e pelo seu Espírito somos vivificados'. Ambas concorrem, na verdade, para gerar o Corpo Místico de Cristo; mas 'se bem que uma e outra Mãe de Cristo, nenhuma delas sem a outra dá à luz todo (o Corpo)'. Por fim, facultar-lhes-á perceber mais distintamente que a ação da Igreja no mundo é como que um prolongamento da solicitude de Maria: aquele amor operoso de que a Virgem Santíssima dá mostras, realmente, em Nazaré, em casa de Isabel, em Caná e sobre o Gólgota, todos estes, momentos 'salvíficos' de vasto alcance eclesial, encontra a sua continuidade na preocupação materna da Igreja para que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade (cf. 1Tm 2,4), nos seus cuidados para com os humildes, os pobres e os fracos, e na sua aplicação constante em favor da paz e da concórdia social, no seu prodigalizar-se, enfim, para que todos os homens tenham parte na Salvação que a morte de Cristo lhes mereceu.

Deste modo, o amor pela Igreja traduzir-se-á em amor para com Maria, e vice-versa, pois uma não pode subsistir sem a outra, como perspicazmente observava S. Cromácio de Aquiléia: 'Reuniu-se a Igreja na parte superior (do cenáculo), com Maria que foi a Mãe de Jesus e com os irmãos d'Ele. Não se pode, portanto, falar de Igreja senão quando estiver aí Maria, Mãe do Senhor, com os irmãos d'Ele'. A concluir, insistimos ainda na necessidade de que a veneração dirigida à bem-aventurada Virgem Maria torne explícito o seu intrínseco conteúdo eclesiológico: isto equivale a dizer, lançar mão de uma força capaz de renovar, salutarmente, formas e textos".

Puebla 282; 286-290; 292-294; 296-299: "Em nossos povos, o Evangelho tem sido anunciado, apresentando a Virgem Maria como sua realização mais alta. Desde os primórdios em sua aparição e invocação de Guadalupe Maria tornou-se o grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e de Cristo com quem ela nos convida a entrar em comunhão. Maria foi também a voz que deu impulso à união dos homens e dos povos. Como em Guadalupe, os outros santuários marianos do Continente são sinais do encontro da fé da Igreja com a história latino-americana.

286. A Igreja 'instruída pelo Espírito Santo venera' Maria 'como mãe muito amada, com afeto de piedade filial' (LG 13). Foi nessa fé que o Papa Paulo VI quis proclamar Maria 'Mãe da Igreja'.

287. Foi-nos revelada a fecundidade maravilhosa de Maria. Ela torna-se Mãe de Deus, Mãe do Cristo histórico, no Fiat da anunciação, quando o Espírito Santo a cobre com sua sombra. É Mãe da Igreja porque é Mãe de Cristo, Cabeça do Corpo Místico. Além disso, é nossa Mãe 'por ter cooperado com seu amor' (LG 53), no momento em que do coração transpassado de Cristo nascia a família dos redimidos; 'por isso é nossa Mãe na ordem da graça' (LG 61). É a vida de Cristo que irrompe vitoriosa em Pentecostes, onde Maria implorou para a Igreja o Espírito Santo Vivificador.

288. A Igreja, pela evangelização, gera novos filhos hoje. Esse processo que consiste em 'transformar a partir de dentro', em 'renovar a própria humanidade' (EN 18) é um verdadeiro renascimento. Neste parto, sempre renovado, Maria é nossa Mãe.

Ela, gloriosa no céu, atua na terra. Participando do domínio do Cristo ressuscitado, 'cuida com amor materno dos irmãos de seu filho, que ainda peregrinam' (LG 62); seu grande cuidado é este: que os cristãos 'tenham vida abundante e cheguem à maturidade da plenitude de Cristo'.

289. Maria não vela apenas pela Igreja. Tem um coração tão grande quanto o mundo e intercede ante o Senhor da história por todos os povos. Isto bem registra a fé popular que põe nas mãos de Maria, como rainha e mãe, o destino de nossas nações.

290. Enquanto peregrinamos, Maria será a mãe educadora da fé (LG 63). Ela cuida que o Evangelho nos penetre intimamente, plasme nossa vida de cada dia e produza em nós frutos de santidade. Ela precisa ser cada vez mais a pedagoga do Evangelho na América Latina.

292. Segundo o plano de Deus em Maria, 'tudo se refere a Cristo e tudo depende dele' (MC 25). Toda sua existência é uma plena comunhão com seu Filho. Ela deu seu sim a esse desígnio de amor. Aceitou-o livremente na anunciação e foi fiel à palavra dada até o martírio do Gólgota. Foi a fiel companheira do Senhor em todos os caminhos. A maternidade divina levou-a a uma entrega total. Foi uma doação generosa, cheia de lucidez e permanente, unida a uma história de amor a Cristo íntima e santa, uma história única que culmina na glória.

293. Maria, levada ao máximo na participação com Cristo, é íntima colaboradora de sua obra. Foi 'algo inteiramente distinto de uma mulher passivamente remissiva ou de religiosidade alienante' (MC 37) 'Ela não é apenas o fruto admirável da redenção; é também sua cooperadora ativa. Em Maria se manifesta preclaramente que Cristo não anula a criatividade dos que o seguem. Ela, associada a Cristo, desenvolve todas as suas capacidades e responsabilidades humanas, até chegar a ser a nova Eva juntamente com o novo Adão. Maria, por sua livre cooperação na nova aliança de Cristo, é junto a ele protagonista da história. Por esta comunhão e participação, a Virgem Imaculada vive agora imersa no mistério da Trindade, louvando a glória de Deus e intercedendo pelos homens.

294. Neste momento, em que nossa Igreja Latino-Americana quer dar um novo passo de fidelidade ao seu Senhor, olhamos para a figura viva de Maria. Ela nos ensina que a virgindade é uma entrega exclusiva a Jesus Cristo, em que a fé, a pobreza e a obediência ao Senhor se tornam fecundas pela ação do Espírito. Assim, também a Igreja quer ser mãe de todos os homens, não à custa de seu amor a Cristo, afastando-se dele ou postergando-o, mas precisamente pela sua comunhão íntima e total com ele. A virgindade materna de Maria conjuga, no mistério da Igreja, essas duas realidades: toda de Cristo e com ele, toda servidora dos homens.

Silêncio, contemplação e adoração que dão origem à mais generosa resposta à missão, à mais fecunda evangelização dos povos.

296 Maria 'é reconhecida como modelo extraordinário da Igreja na ordem da fé'. É aquela que crê, pois nela resplandece a fé como dom, abertura, resposta e fidelidade. É a discípula perfeita que se abre à palavra e se deixa penetrar por seu dinamismo. Quando não a compreende e fica surpresa, não a repele, ou põe de lado; medita-a e conserva-a. E quando a palavra lhe soa dura aos ouvidos, persiste confiantemente no diálogo de fé com Deus que lhe fala; assim na cena do encontro com Jesus no templo, assim em Caná, quando seu filho a princípio rejeita sua súplica. Fé que leva a subir ao Calvário e a associar-se à cruz, como a única árvore da vida. Pela sua fé é a Virgem fiel em quem se cumpre a bem-aventurança maior: 'feliz aquela que acreditou' (Lc 1,45).

297. O Magnificat é espelho da alma de Maria. Neste poema conquista o seu cume a espiritualidade dos pobres de Javé e o profetismo da Antiga Aliança. É o cântico que anuncia o novo Evangelho de Cristo. É o prelúdio do Sermão da Montanha. Ai Maria se nos manifesta vazia de si própria e depositando toda sua confiança na misericórdia do Pai. No Magnificat manifesta-se como modelo 'para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da alienação, como se diz hoje, mas que proclamam com ela que Deus 'exalta os humildes' e se for o caso 'derruba os poderosos de seus tronos'...' (João Paulo II, Homília Zapopán, 4 - AAS LXXI p. 230).

298. A Imaculada Conceição apresenta-nos em Maria o rosto do homem novo redimido por Cristo, no qual Deus recria ainda 'mais admiravelmente' (Coleta da Natividade de Jesus) o projeto do paraíso. Na Assunção se nos manifestam o sentido e o destino do corpo santificado pela graça. No corpo glorioso de Maria começa a criação material a ter parte no corpo ressuscitado de Cristo. Maria, arrebatada ao céu, é a integridade humana, corpo e alma, que agora reina intercedendo pelos homens, peregrinos na história. Essas verdades e mistérios iluminam o Continente onde a profanação do homem é uma constante e onde muitos se fecham num fatalismo passivo.

299. Maria é mulher. É 'a bendita entre todas as mulheres'. Nela dignifica Deus a mulher elevando-a a dimensões inimagináveis. Em Maria o Evangelho penetrou a feminilidade, redimiu-a e exaltou-a. Isto é de importância capital para nosso horizonte cultural, em que a mulher deve ser valorizada muito mais e em que suas tarefas sociais se estão definindo com mais clareza e amplitude. Maria é urna garantia para a grandeza da mulher, mostra a forma específica do ser mulher, com essa vocação de ser alma, dedicação que espiritualiza a carne e que encarna o espírito".

LG, n.65: "Embora a Igreja já tenha alcançado a perfeição na santíssima Virgem, que é sem mácula e sem ruga (cf. Ef 5, 27), os fiéis ainda se esforçam para vencer o pecado e crescer em santidade. Por isso olham para Maria, que brilha como exemplo de virtude para toda a comunidade dos eleitos. Pensando piedosamente em Maria e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, a Igreja penetra mais intimamente na veneration do grande mistério da encarnação, e vai se assemelhando cada vez mais a seu esposo. Maria está no coração da história da salvação. Realiza em si e, de certa maneira, reflete as grandes afirmações da fé. Ao ser objeto da pregação e do culto, encaminha os fiéis para seu Filho, para o seu sacrifício e para o amor do Pai. A Igreja, buscando a glória de Cristo, torna-se cada vez mais próxima de seu modelo, crescendo na fé, na esperança e na caridade, em busca do cumprimento da vontade divina. Por isso, também no apostolado, a Igreja olha para Maria, que gerou a Cristo, concebido pelo Espírito Santo para nascer e crescer no coração dos fiéis, por intermédio da Igreja. Na sua vida, Nossa Senhora foi, enfim, exemplo do amor fraterno, que deve animar os que cooperam com a Igreja, na missão apostólica, para a regeneração de todos os seres humanos".

Nota: 152

cf. **Puebla 182, 322:** "A Sagrada Escritura nos ensina que não somos nós, os homens, os que amamos primeiro. Foi Deus que primeiro nos amou. Ele planejou e criou o mundo em Jesus Cristo, sua própria imagem incrível. Ao fazer o mundo, Deus criou os homens para que participássemos desta comunidade divina de amor: o Pai com seu Filho Unigênito no Espírito Santo.

322. A liberdade implica sempre aquela capacidade que todos temos, em princípio, de dispor de nós mesmos, a fim de irmos construindo uma comunhão e uma participação que não se plasmassem em realidades definitivas, em três planos inseparáveis: a relação do homem com o mundo como senhor, com as pessoas como irmão e com Deus como filho".

RH, n.8: "Redentor do mundo! Nele se revelou de um modo novo, de maneira admirável, aquela verdade fundamental referente à criação que o livro do Gênesis atesta quando repete mais de uma vez: Deus viu que as coisas eram boas. O bem tem a sua origem na Sabedoria e no Amor. Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem aquele mundo que, entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da Sabedoria e do Amor. Com efeito, Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito. Assim como no homem-Adão este vínculo foi quebrado, assim no Homem-Cristo foi de novo reatado. Não nos convencem, porventura, a nós homens do século vinte, as palavras do Apóstolo das gentes, pronunciadas com uma arrebatadora eloquência, acerca da criação inteira (que) geme e sofre as dores do parto, até ao presente, e espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus, acerca da criação que foi submetida à caducidade? O imenso progresso nunca antes conhecido, que se verificou particularmente no decorrer do nosso século, no campo do domínio sobre o mundo por parte do homem, não revela acaso ele próprio e, além disso, em grau nunca antes conhecido, aquela multiforme submissão à caducidade? Basta lembrar aqui certos fenômenos, por exemplo, a ameaça da poluição do ambiente natural nos locais de rápida industrialização, ou então os conflitos armados que rebentam e se repetem continuamente, ou ainda as perspectivas de autodestruição mediante o uso das armas atômicas, das armas com hidrogênio e com os nêutrons e outras semelhantes e a falta de respeito pela vida dos não-nascidos. O mundo da época nova, o mundo dos vãos cósmicos, o mundo das conquistas científicas e técnicas, nunca alcançadas antes, não será ao mesmo tempo o mundo que geme e sofre e espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus?

O Concílio Vaticano II, na sua penetrante análise do mundo contemporâneo, chegava àquele ponto que é o mais importante do mundo visível, o homem, descendo como Cristo até ao profundo das consciências humanas, tocando mesmo o mistério interior do homem, que na linguagem bíblica (e também não-bíblica) se exprime com a palavra coração. Cristo, Redentor do mundo, é aquele que penetrou, de maneira singular e que não se pode repetir, no mistério do homem e entrou no seu coração. Justamente, portanto, o mesmo Concílio

Vaticano II ensina: Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, de fato, o primeiro homem, era figura do futuro (Rm 5,14), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu Amor, revela também plenamente o homem ao mesmo homem e descobre-lhe a sua vocação sublime. E depois, ainda: Imagem de Deus invisível (Cl 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que nele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída, por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos de homem, pensou com mente de homem, agiu com vontade de homem e amou com coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. Ele, o Redentor do homem”.

GS, n.22: “O mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado. O primeiro homem, Adão, era imagem do futuro, o Cristo Senhor.

Ao revelar o mistério do Pai e de seu amor, Jesus Cristo, o último Adão, manifesta plenamente aos seres humanos o que é o ser humano e a sublimidade da vocação humana. Não admira pois que todas as verdades a que anteriormente aludíamos tenham sua fonte em Cristo e, nele, alcancem sua máxima expressão.

Ele é *imagem do Deus invisível (Cl 1, 15)*, homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a integridade violada pelo pecado. Nele, a natureza humana foi assumida sem ser afetada e, por isso mesmo, tornou-se ainda mais digna e preciosa. Pela sua encarnação, o Filho de Deus, de certo modo, uniu-se a todos os seres humanos. Trabalhou com mãos humanas, pensou e agiu como qualquer ser humano amando com um coração humano. Nascido da virgem Maria, foi realmente um dos nossos em tudo, exceto no pecado.

Cordeiro inocente, tendo derramado livremente o seu sangue, nos mereceu a vida. Nele, Deus se reconciliou conosco e nos livrou da escravidão do demônio e do pecado, para que cada um de nós pudesse dizer com o apóstolo: o Filho de Deus *me amou e se entregou por mim (Gl 2, 20)*. Sofrendo por nós, não apenas deu exemplo, para que lhe sigamos os passos, mas estabeleceu o caminho através do qual a vida e a morte ganham um sentido novo e se tornam vias de santificação.

O cristão, conforme a imagem do Filho, primogênito entre muitos irmãos, recebeu as *primícias do Espírito (Rm 8, 23)*, tornando-se capaz de cumprir a nova lei do amor. Pelo Espírito, que é *penhor da herança (Ef 1, 14)*, o homem interior se renova completamente, até a *redenção do corpo (Rm 8, 23)*: *Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou Cristo dos mortos dará a vida também para os corpos mortais de vocês, por meio do seu Espírito que habita em vocês (Rm 8, 11)*.

O cristão precisa sem dúvida e tem o dever de lutar contra o mal através de todas as dificuldades, aceitando, inclusive, a morte. Associado porém ao mistério pascal e configurando-se ao Cristo na morte, caminha animado pela esperança da ressurreição.

Isto não vale somente para os fiéis, mas para todos os homens de boa vontade, em cujo coração atua a graça, de maneira invisível. Como Cristo morreu por todos, todos são chamados a participar da mesma vida divina. Deve-se pois admitir que o Espírito Santo oferece absolutamente a todos os seres humanos a possibilidade de se associar ao mistério pascal, de maneira conhecida somente por Deus.

Eis o grande e admirável mistério do ser humano. Os fiéis o reconhecem através da revelação cristã. Por Cristo e em Cristo brilha uma luz no fim do túnel de dor e de morte, que nos sufocaria, não fosse o Evangelho. Cristo ressuscitou. Destruiu a morte com sua morte e a todos deu a vida, para que, como filhos no Filho, clamemos no Espírito: *Abba! Pai!*”.

Nota:153

cf. **Puebla 331, 324, 327:** “Jesus Cristo restaurou a dignidade original que os homens tinham recebido ao serem criados por Deus à sua imagem, ao serem chamados a uma santidade ou consagração total ao Criador e destinados a conduzir a história até a manifestação definitiva deste Deus que difunde sua bondade para alegria eterna de seus filhos em um Reino que já começou.

324. Mas a dignidade do homem verdadeiramente livre exige que ele não se deixe enclausurar nos valores do mundo, particularmente nos bens materiais, mas que, como ser espiritual que é, se liberte de qualquer escravidão e vá mais além até ao plano superior das relações pessoais onde se encontra consigo e com os demais. A dignidade dos homens se realiza aqui, no amor fraterno, entendido com toda a amplitude que o Evangelho lhe deu e que inclui o serviço mútuo, a aceitação e promoção prática dos outros, especialmente dos mais necessitados

327. O amor de Deus que nos dignifica radicalmente se faz necessariamente comunhão de amor com os outros homens e participação fraterna; para nós, hoje em dia, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, esforço de libertação para quem mais precisa. De fato, “ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o irmão a quem vê” (I Jo 4,20). Todavia a comunhão e a participação verdadeiras só podem existir nesta vida projetadas no plano bem concreto das realidades temporais, de tal modo que o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se vão realizando em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia. O Evangelho nos deve ensinar, em face das realidades em que vivemos imersos, que não se pode atualmente na AL amar de verdade o irmão nem portanto a Deus sem que o homem se comprometa em nível pessoal e, em muitos casos, até em nível estrutural com o serviço e promoção dos grupos humanos e dos estratos sociais mais pobres e humilhados, arcando com todas as conseqüências que se seguem no plano destas realidades temporais”.

Nota:154

cf. **Puebla 334-335:** “Perante Cristo e Maria devem revalorizar-se na AL os grandes traços da verdadeira imagem do homem e da mulher: sendo todos fundamentalmente iguais membros da mesma estirpe, apesar da diversidade de sexos, de línguas, de culturas e de formas de religiosidade, temos por vocação comum um destino único que por incluir o alegre anúncio de nossa dignidade nos converte em evangelizados e evangelizadores de Cristo neste Continente.

335. Nesta pluralidade e igualdade de todos, cada um conserva seu lugar e seu valor irrepetíveis, pois também cada homem latino-americano deve sentir-se amado por Deus e escolhido por ele desde toda a eternidade por mais que os homens não apreciem esse valor e esse lugar ou por pouco que cada um se estime a si próprio. Como pessoas em diálogo, não podemos realizar nossa dignidade senão como senhores co-responsáveis de um destino comum do qual Deus nos tornou capazes. inteligentes, isto é, aptos para discernir a verdade e segui-la

diante do erro e do engano, livres, isto é, não submetidos inexoravelmente aos processos econômicos e políticos, embora nos reconheçamos humildemente condicionados por eles e obrigados a humanizá-los, submetidos, ao invés, a uma lei moral que vem de Deus e se faz ouvir na consciência dos indivíduos e dos povos, ensinando, admoestando, repreendendo e enchendo-nos da verdadeira liberdade dos filhos de Deus”.

GS, n.16: “No fundo da consciência o ser humano descobre uma lei que não foi ele que estabeleceu, mas que deve ser seguida por ele. É como se fosse uma voz que lhe falasse ao coração e o chamasse a amar o bem e a praticá-lo, afastando-se do mal: faça isto, evite aquilo. Essa lei foi inscrita por Deus no coração. Obedecer-lhe é o segredo da dignidade humana, pois é por que todos serão julgados. A consciência é a intimidade secreta, o sacrário da pessoa, em que se encontra a sós com Deus e onde lhe ouve intimamente a voz. Na consciência revela-se, de modo admirável, a lei que consiste em amar a Deus e ao próximo.

A fidelidade à própria consciência é o laço mais profundo que une entre si todos os seres humanos, inclusive os cristãos, na busca da verdade e de uma solução autêntica para os problemas morais que surgem na vida de cada um e na relação de uns com os outros, na sociedade. Quanto mais força tem a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos humanos evitam o arbítrio cego e procuram se conformar às normas objetivas da moralidade.

Às vezes a consciência erra. A pessoa, porém, não perde sua dignidade, quando é vítima de uma ignorância humanamente insuperável. O mesmo, todavia, já não se pode dizer quando, por falta de empenho em buscar o bem, a consciência vai se tornando cada dia mais confusa, enredada na prática do mal”.

IM, n.6: “A segunda questão refere-se às relações entre os direitos da arte e as normas morais.

As grandes discussões a respeito provêm, em geral, das diversas concepções da ética e da estética. O Concílio mantém o primado absoluto da ordem moral objetiva relativamente a todos os outros setores do agir humano, inclusive o artístico, apesar de sua reconhecida nobreza.

A ordem moral envolve a totalidade do ser humano como criatura racional, chamado a uma vocação transcendente. Precisa ser seguida íntegra e fielmente, para que o ser humano se realize plenamente e alcance a beatitude”.

Nota:155

cf. **Puebla 182-183:** “A Sagrada Escritura nos ensina que não somos nós, os homens, os que amamos primeiro. Foi Deus que primeiro nos amou. Ele planejou e criou o mundo em Jesus Cristo, sua própria imagem criada. Ao fazer o mundo, Deus criou os homens para que participássemos desta comunidade divina de amor: o Pai com seu Filho Unigênito no Espírito Santo.

183. Este desígnio divino, que, para o bem dos homens e para a glória da imensidade de seu amor, o Pai concebeu no Filho antes da criação do mundo (Ef 1,9), ele no-lo revelou, de acordo com o projeto misterioso que tivera de levar até à plenitude a história dos homens, realizando por meio de Jesus Cristo a unidade do universo, tanto terrestre quanto celeste”.

Nota:156

cf. **Puebla 328, 330, 73, 70, 186, 517:** “Mas a uma atitude pessoal de pecado, à ruptura com Deus que degrada o homem, corresponde sempre, no plano das relações interpessoais, a atitude de egoísmo, de orgulho, de ambição e inveja que geram injustiça, dominação e violência em todos os níveis; corresponde à luta entre indivíduos, grupos, classes sociais e povos bem como a corrupção, o hedonismo, a exacerbação sexual e a superficialidade nas relações mútuas. Conseqüentemente se estabelecem situações de pecado que, em nível mundial, escravizam a tantos homens e condicionam adversamente a liberdade de todos.

330. O pecado está minando a dignidade humana que Jesus Cristo resgatou. Através de sua mensagem, de sua morte e ressurreição, ele nos deu a vida divina: dimensão insuspeitada e eterna da nossa existência terrena. Jesus Cristo, que está vivo em sua Igreja, sobretudo entre os mais pobres, quer hoje enaltecer esta semelhança com o Deus de seu povo: pela participação do Espírito Santo em Cristo também nós podemos chamar a Deus de Pai e nos tornarmos radicalmente irmãos. Ele nos faz tomar consciência do pecado contra a dignidade humana, que se alastra pela AL; enquanto este pecado destrói a vida divina do homem, é o maior dano que uma pessoa pode causar-se a si mesma e aos demais. Cristo, finalmente, nos oferece a sua graça mais abundante que o nosso pecado. Dele vem o vigor que nos permite libertar-nos a nós e libertar os outros do mistério da iniquidade.

73. As angústias e frustrações, se as consideramos à luz da fé, têm por causa o pecado, cujas dimensões pessoais e sociais são muito amplas. As esperanças e expectativas de nosso povo nascem de seu profundo sentido religioso e de sua riqueza humana.

70. g) Finalmente, nós, como pastores, sem pretender determinar o caráter técnico destas raízes, vemos que no mais profundo delas há um mistério de pecado: a pessoa humana, convocada a dominar o mundo, impregna os mecanismos da sociedade de valores materialistas.

186. Rompido assim pelo pecado o eixo primordial que submete o homem ao domínio amoroso do Pai, irromperam todas as escravidões. A realidade latino-americana faz-nos experimentar amargamente, até aos extremos limites, esta força do pecado que é a contradição flagrante do plano de Deus.

517. Da mensagem integral de Cristo derivam uma antropologia e teologia originais que abrangem “a vida concreta, pessoal e social do homem. É uma mensagem que liberta porque salva da escravidão do pecado, raiz e fonte de toda opressão, injustiça e a discriminação”.

Nota:157

Rm 4,25: “o qual foi entregue à morte pelos nossos pecados e foi ressuscitado para nos tornar justos”.

Nota:158

cf. **Puebla 194, 329, 330:** “Cumprindo o mandato recebido de seu Pai, Jesus entregou-se livremente à morte na cruz, meta do caminho de sua existência. O portador da liberdade e do gozo do Reino de Deus quis ser a vítima decisiva da injustiça e do mal deste mundo. A dor da criação é assumida pelo Crucificado que oferece sua vida em sacrifício por todos: Sumo Sacerdote que pode compartilhar as nossas fraquezas, Vítima Pascal que nos redime de nossos pecados, Filho obediente que encarna, perante a justiça salvadora de seu Pai, o clamor de libertação e de redenção de todos os homens.

329. Temos de nos libertar deste pecado; do pecado que destrói a dignidade humana. Libertamo-nos participando da vida nova que Jesus nos traz e também pela comunhão com ele no mistério da sua morte e ressurreição, sob a condição de vivermos este mistério nos três planos já indicados, sem tornar exclusivo

nenhum deles. Assim não o reduziremos ao verticalismo da união espiritual com Deus desencarnada, nem ao simples personalismo existencial feito de laços entre indivíduos ou pequenos grupos, nem muito menos ao horizontalismo sócio-econômico-político.

330. O pecado está minando a dignidade humana que Jesus Cristo resgatou. Através de sua mensagem, de sua morte e ressurreição, ele nos deu a vida divina: dimensão insuspeitada e eterna da nossa existência terrena. Jesus Cristo, que está vivo em sua Igreja, sobretudo entre os mais pobres, quer hoje enaltecer esta semelhança com o Deus de seu povo: pela participação do Espírito Santo em Cristo também nós podemos chamar a Deus de Pai e nos tornarmos radicalmente irmãos. Ele nos faz tomar consciência do pecado contra a dignidade humana, que se alastra pela AL; enquanto este pecado destrói a vida divina do homem, é o maior dano que uma pessoa pode causar-se a si mesma e aos demais. Cristo, finalmente, nos oferece a sua graça mais abundante que o nosso pecado. Dele vem o vigor que nos permite libertar-nos a nós e libertar os outros do mistério da iniquidade”.

RH, n.1: “O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história. Para ele se dirigem o meu pensamento e o meu coração nesta hora solene da história, que a Igreja e a inteira família da humanidade contemporânea estão vivendo. Efetivamente, este tempo, no qual, depois do predileto Predecessor, João Paulo I, por seu misterioso designio, Deus me confiou o serviço universal ligado com a Cátedra de São Pedro em Roma, está muito próximo já do ano 2 mil. É difícil dizer, neste momento, o que aquele ano virá a marcar no quadrante da história humana, e como é que ele virá a ser para cada um dos povos, nações, países e continentes, muito embora se tente, desde agora, prever alguns eventos. Para a Igreja, para o Povo de Deus que se estendeu ainda que de maneira desigual até aos mais longínquos confins da terra, esse ano virá a ser o ano de um grande Jubileu. Estamos já, portanto, aproximando-nos de tal data que respeitando embora todas as correções devidas à exatidão cronológica nos recordará e renovará em nós, de maneira particular, a consciência da verdade-chave da fé, expressa por São João nos inícios do seu Evangelho: O Verbo fez-se carne e veio habitar entre nós; e em outra passagem: Deus, de fato, amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Estamos também nós, de alguma maneira, no tempo de um novo advento, que é tempo de expectativa. Deus, depois de ter falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitos modos, pelos Profetas, falou-nos neste últimos tempos pelo Filho..., por meio do Filho-Verbo, que se fez homem e nasceu da Virgem Maria. Com este ato redentor, a história do homem atingiu, no designio de amor de Deus, o seu vértice. Deus entrou na história da humanidade e, enquanto homem, tornou-se sujeito a ela, um dos milhares de milhões e, ao mesmo tempo, Único! Deus, através da encarnação, deu à vida humana aquela dimensão, que tencionava dar ao homem já desde o seu primeiro início e deu-lha de maneira definitiva daquele modo a ele somente peculiar, segundo o seu eterno amor e a sua misericórdia, com toda a divina liberdade e, ao mesmo tempo, com aquela munificência, que, perante o pecado original e toda a história dos pecados da humanidade e perante os erros da inteligência, da vontade e do coração humano, nos dá ensejo de repetir com assombro as palavras da sagrada liturgia: Ó feliz culpa, que tal e tão grande Redentor mereceu ter”.

Nota:159

cf. **Rm 5,17:** “Porque se através de um só homem reinou a morte por causa da falta de um só, com muito mais razão reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça, por meio de um só: Jesus Cristo”.

Nota:160

cf. **DCG 62:** “Contudo, as condições históricas e ambientais não devem ser consideradas como o principal obstáculo à liberdade do homem. O maior obstáculo que o homem encontra ao aderir à obra da salvação é o pecado.

“Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo Maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora dele (GS, 13). “Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram (Rm 5,12). A natureza humana assim decaída, despojada da graça que antes a ornava, ferida nas suas próprias forças naturais, e sujeita ao domínio da morte, é transmitida a todos os homens, e assim todo homem nasce no pecado” (Paulo VI, *Professio Fidei*, n. 16, AAS, 1968, p. 439). E assim os pecados, em número incontável, tornaram-se uma dolorosa experiência dos homens, sendo causa de muitos sofrimentos e misérias. Tampouco se deve deixar de lado a doutrina sobre a natureza e os efeitos do pecado pessoal, pelo qual o homem, agindo ciente e deliberadamente, viola a lei moral e em matéria grave também ofende gravemente a Deus.

A história da salvação é também a história da libertação do pecado. Todas as intervenções de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, têm também a finalidade de dirigir os homens na luta contra as forças do pecado. A missão que na história da salvação foi confiada a Cristo relaciona-se com a destruição do pecado, e a sua realização se cumpre através do mistério da cruz. As profundas reflexões de São Paulo (cf. Rm 5) sobre a realidade do pecado e a conseqüente “obra de justiça” de Cristo contam entre os capítulos principais da fé cristã, que não podem ser silenciados na catequese.

Todavia, a salvação trazida por Cristo é muito mais que a redenção do pecado. Por meio dela realiza-se o plano de Deus de comunicar-se em Jesus, com uma plenitude que supera todo entendimento do homem. Trata-se de um plano que não cessa por causa dos pecados dos homens, mas confere uma graça superabundante em relação ao pecado causado pela morte (cf. Rm 5,15-17). Este plano de amor, pelo qual os homens são chamados a participar da própria vida divina pelo Espírito Santo, é sempre eficaz e refere-se a todos os tempos. O homem, ainda que pecador, permanece sempre na única ordem que Deus quis, isto é, a ordem que Deus se comunica benevolmente conosco em Jesus Cristo e por isso, movido pela graça, pode alcançar a salvação através da penitência”.

Nota:161

Hb 11,1: “A fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se vêem”.

Nota:162

cf. **Gl 4,6:** “A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!”.

1Jo 4,7-21: “Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto se tornou visível o amor de Deus entre nós: Deus enviou o seu Filho único a este mundo, para dar-nos a vida por meio dele. E o amor consiste no seguinte: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou, e nos enviou o seu Filho como vítima expiatória por nossos pecados.

Amados, se Deus nos amou a tal ponto, também nós devemos amar-nos uns aos outros. Ninguém jamais viu Deus. Se nos amamos uns aos outros Deus está conosco, e o seu amor se realiza completamente entre nós. Nisto reconhecemos que permanecemos com Deus, e ele conosco: ele nos deu o seu Espírito. E nós vimos e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Quando alguém confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece com ele, e ele com Deus. E nós reconhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditamos nesse amor. Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele.

Nisto se realizou completamente o amor entre nós: o fato de termos plena confiança no dia do julgamento, porque tal como Jesus é, assim somos nós neste mundo. No amor não existe medo; pelo contrário, o amor perfeito lança fora o medo, porque o medo supõe castigo. Por conseguinte, quem sente medo ainda não está realizado no amor. Quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro. Se alguém diz: Eu amo a Deus, e no entanto odeia o seu irmão, esse tal é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê. E este é justamente o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também o seu irmão”.

Nota:163

cf. **DCG, n.64:** “O homem é, portanto, convidado a assumir na fé, uma vida de amor para com Deus e os outros homens. Nisto consiste a sua máxima responsabilidade e sua mais alta dignidade moral. Qualquer que seja a sua vocação e estado de vida, a santidade de homem resume-se na perfeição do amor (cf. LG, 39-42)”.

SC, n.7: “Para realizar tal obra, Cristo está sempre presente à sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Presente ao sacrifício da missa, na pessoa do ministro, *pois quem o oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz*, mas, especialmente presente sob as espécies eucarísticas. Presente, com sua força, nos sacramentos, pois, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza. Presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura na Igreja. Presente, enfim, na oração e no canto da Igreja, como prometeu *estar no meio dos dois ou três que se reunissem em seu nome* (Mt 18, 20).

Cristo age sempre e tão intimamente unido à Igreja, sua esposa amada, que esta glorifica perfeitamente a Deus e santifica os homens, ao invocar seu Senhor e, por seu intermédio, prestar culto ao eterno Pai.

Com razão se considera a liturgia o exercício do sacerdócio de Cristo, em que se manifesta por sinais e se realiza a seu modo a santificação dos seres humanos, ao mesmo tempo que o corpo místico de Cristo presta culto público perfeito à sua cabeça.

Toda celebração litúrgica, pois, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a Igreja, é ação sagrada num sentido único, não igualado em eficácia nem grau por nenhuma outra ação da Igreja”.

Puebla 939, 973: “Celebrar a fé, na liturgia, como encontro com Deus e com os irmãos, como festa de comunhão eclesial, como fortalecimento em nosso peregrinar e como compromisso de nossa vida cristã. Dar especial importância à liturgia dominical.

973. Esta é a nossa primeira opção pastoral: a própria comunidade cristã, seus leigos, seus pastores, seus ministros e seus religiosos devem converter-se cada vez mais ao Evangelho, para poderem evangelizar os outros”.

Medellín 7,10: “No grupo dos conservadores ou tradicionalistas se encontra, com maior frequência, a separação entre fé e responsabilidade social. A fé é mais a adesão a um credo e a princípios morais. A pertença à Igreja é mais de estilo tradicional e, às vezes, interesseira. Dentro desses grupos, mais que verdadeira crise de fé, se verifica uma crise de religiosidade”.

Medellín 7,13: “Em todos esses ambientes, a evangelização deve orientar-se para a formação de uma fé pessoal, adulta, interiormente formada, operante e constantemente em confronto com os desafios da vida atual, nesta fase de transição.

Esta evangelização deve ser relacionada com os “sinais dos tempos”. Não pode ser a-temporal nem a-histórica. Com efeito, os “sinais dos tempos”, que em nosso continente se manifestam sobretudo na área social, constituem um “lugar teológico” e interpelações de Deus.

Por outro lado, esta evangelização deve ser realizada mediante o testemunho pessoal e comunitário, que se expressará de forma especial no contexto do próprio compromisso temporal.

A evangelização de que estamos falando deve tornar explícitos os valores de justiça e fraternidade, contidos nas aspirações de nossos povos, numa perspectiva escatológica.

A evangelização precisa, como suporte, de uma Igreja-sinal”.

Medellín 10,10: “Por mediação da consciência, a fé – que opera pela caridade – está presente no compromisso temporal do leigo como motivação, iluminação e perspectiva escatológica, e dá seu sentido integral aos valores baseados na dignidade humana, na união fraterna e na liberdade, que “encontraremos novamente, limpos contudo de toda impureza, iluminados e transfigurados” no Dia do Senhor. “A Igreja ensina, além disso, que a esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrenas, mas antes confere-lhes um motivo e um sentido superiores”.

Medellín 6,9: “Segundo a vontade de Deus, os homens devem santificar-se e salvar-se não individualmente, mas constituídos em comunidade. Esta comunidade é convocada e congregada em primeiro lugar pelo anúncio da Palavra de Deus vivo. Entretanto, “não se edifica nenhuma comunidade cristã se ela não tiver como raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia”, “mediante a qual a Igreja continuamente vive e cresce”.

Medellín, 6,13: “Procurar a formação do maior número de comunidades eclesiais nas paróquias, especialmente nas zonas rurais ou entre os marginalizados urbanos. Comunidades que se devem basear na Palavra de Deus e realizar-se, o quanto for possível, na celebração eucarística, sempre em comunhão e sob a dependência do bispo”.

Nota:164

cf. **Puebla 197, 274-279, 435, 436:** “No centro da história humana fica assim implantado o Reino de Deus, resplandecente na face de Jesus ressuscitado. A justiça de Deus triunfou da injustiça dos homens. Com Adão

princípios a história velha. Com Jesus Cristo, o novo Adão, principia a história nova. Esta recebe o impulso indefectível que levará todos os homens, transformados em filhos de Deus pela eficácia do Espírito, a um domínio do mundo cada dia mais perfeito, a uma comunhão entre os irmãos cada dia melhor realizada, à plenitude da comunhão e participação que constituem a própria vida de Deus. Assim proclamamos a Boa Nova da pessoa de Jesus Cristo aos homens da América Latina, chamados a serem homens novos pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho, para sustentarem seu esforço e revigorarem sua esperança.

274. Para os próprios cristãos, a Igreja deveria transformar-se num lugar em que aprendem a viver a fé experimentando-a e descobrindo-a encarnada nos outros. Do modo mais urgente, deveria ser a escola onde se eduquem homens capazes de fazer história, para levar eficazmente com Cristo a história de nossos povos até ao Reino.

275. Diante dos desafios históricos que enfrentam nossos povos, encontramos entre os cristãos dois tipos de reações extremas: os "passivistas", que crêem não poder e não dever intervir, esperando que só Deus atue e liberte; os "ativistas", que numa perspectiva secularizada, consideram Deus distante, como se houvesse entregue a completa responsabilidade da história aos homens, os quais, por essa razão, procuram angustiada e freneticamente levá-la para diante.

276. A atitude de Jesus foi outra. Nele culminou a sabedoria ensinada por Deus a Israel. Este havia encontrado Deus em meio de sua história. Deus o convidou a forjá-la juntos, em Aliança. Ele marcava o caminho e a meta e exigia a colaboração livre e confiante de seu Povo. Jesus aparece igualmente, atuando na história, pela mão de seu Pai. Sua atitude é, ao mesmo tempo, de total confiança e de máxima corresponsabilidade e compromisso. Porque sabe que tudo está nas mãos do Pai, que cuida das aves e dos lírios do campo. Mas sabe também que a ação do Pai procura passar através da sua.

277. Como o Pai é o protagonista principal, Jesus procura seguir seus caminhos e ritmos. Sua preocupação de cada instante consiste em sintonizar fiel e rigorosamente com a vontade do Pai. Não basta conhecer a meta e caminhar para ela. Importa conhecer e esperar a hora, que para cada passo o Pai assinalou, perscrutando os sinais de sua Providência. Dessa docilidade filial dependerá toda a fecundidade da obra.

278. Além disso, Jesus entende perfeitamente que não se trata de libertar os homens do pecado e de suas dolorosas conseqüências. Ele sabe muito bem o que hoje tanto se cala na América Latina: que se deve libertar a dor pela dor, isto é, assumindo a Cruz e convertendo-a em fonte de vida pascal.

279. Para que a América Latina seja capaz de converter suas dores em crescimento para uma sociedade verdadeiramente participada e fraterna, precisa educar homens capazes de forjar a história segundo a "práxis" de Jesus, entendida como a explicitamos a partir da teologia bíblica da história. O Continente precisa de homens conscientes de que Deus os chama para atuar na aliança com ele. Homens de coração dócil, capazes de tornar seus os caminhos e o ritmo que a Providência indique. Especialmente capazes de assumir sua própria dor e a de nossos povos e convertê-los, com espírito pascal, em exigência de conversão pessoal, em fonte de solidariedade com todos os que compartilham este sofrimento e em desafio para a iniciativa e a imaginação criadoras.

435. Em sua essência, o secularismo separa e opõe o homem com relação a Deus; concebe a construção da história como responsabilidade exclusiva do homem, considerado em sua mera imanência. Trata-se de "uma concepção do mundo segundo a qual este último se explica por si mesmo, não sendo necessário recorrer a Deus: Deus seria pois supérfluo e até mesmo um obstáculo. Este secularismo, para reconhecer o poder do homem, acaba se colocando acima de Deus ou mesmo negando-o. Novas formas de ateísmo — um ateísmo antropocêntrico, não abstrato e metafísico, mas prático e militante — parecem derivar dele. Em união com este secularismo ateu, nos é proposta todo os dias, sob as formas mais diversas, uma civilização de consumo, o hedonismo erigido em valor supremo, uma vontade de poder e de domínio, de discriminações de toda espécie: constituem elas outras tantas inclinações desumanas deste "humanismo" (EN 55).

436. A Igreja, pois, em sua tarefa de evangelizar e suscitar a fé em Deus Pai providente e em Jesus Cristo, ativamente presente na história humana passa por um confronto radical com esse movimento secularista. Vê nele uma ameaça à fé e à própria cultura de nossos povos latino-americanos. Por isso, uma das incumbências fundamentais do novo impulso evangelizador há de ser atualizar e reorganizar o anúncio do conteúdo da evangelização partindo da própria fé de nossos povos, de modo que estes possam assumir os valores da nova civilização urbano-industrial, numa síntese vital cujo fundamento continue sendo a fé em Deus e não o ateísmo, conseqüência lógica da tendência secularista".

ECOP, n.2: "Pela presença de Cristo Jesus na História humana, toda ela assume o sentido pleno de realização do desígnio salvador de Deus. A salvação torna-se, deste modo, a única ordem real. A partir dela, todo mal é pecado ou conseqüência do pecado, e todo bem é fruto da graça. Toda ação humana tem, assim, uma referência objetiva à salvação".

Nota:165

cf. **1Cor 12:** "Sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância. Vocês sabem que, quando eram pagãos, se sentiam irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. Por isso, eu declaro a vocês que ninguém, falando sob a ação do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: Maldito Jesus! E ninguém poderá dizer: Jesus é o Senhor! a não ser sob a ação do Espírito Santo.

Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.

Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer.

De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito.

O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o pé diz: Eu não sou mão; logo, não pertence ao corpo, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. E se o ouvido diz: Eu não sou olho; logo, não pertence ao corpo, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfato? Deus é quem dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: Não preciso de você; e a cabeça não pode dizer aos pés: Não preciso de vocês.

Os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários; e aqueles membros do corpo que parecem menos dignos de honra são os que cercamos de maior honra; e os nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com maior decência; os que são decentes não precisam desses cuidados. Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros. Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria.

Ora, vocês são o corpo de Cristo e são membros dele, cada um no seu lugar. Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direção e o dom de falar em línguas. Por acaso, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos mestres? Todos realizam milagres? Têm todos o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? Aspirem aos dons mais altos. Aliás, vou indicar para vocês um caminho que ultrapassa a todos".

Nota:166

At 2,42-47: "Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações. Em todos eles havia temor, por causa dos numerosos prodígios e sinais que os apóstolos realizavam. Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Diariamente, todos juntos freqüentavam o Templo e nas casas partiam o pão, tomando alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação".

At 4,32-35: "A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuía, mas tudo era posto em comum entre eles. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E todos eles gozavam de grande aceitação. Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; depois, ele era distribuído a cada um conforme a sua necessidade".

Nota:167

cf. **Puebla 644; 648; 853; 690-693:** "A paróquia realiza uma função de Igreja em certo sentido integral, já que acompanha as pessoas e famílias no decorrer de toda a sua existência, na educação e crescimento na fé. É centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos. Aqui, amplia-se mais o horizonte de comunhão e participação. A celebração da eucaristia e demais sacramentos torna presente de maneira mais clara a totalidade da Igreja. O seu vínculo com a comunidade diocesana é garantido pela união com o bispo, que confia a seu representante (normalmente o pároco) o cuidado pastoral da comunidade. A paróquia vem a ser para o cristão o lugar de encontro, de fraterna comunicação de pessoas e de bens, superando as limitações próprias às pequenas comunidades. Na paróquia se assume, de fato, uma série de serviços que não estão ao alcance das comunidades menores, sobretudo em nível missionário e na promoção da dignidade da pessoa humana, atingindo-se, assim, os migrantes mais ou menos estáveis, os marginalizados, os separados, os não crentes e, em geral, os mais necessitados.

648. Como pastores, queremos resolutamente promover, orientar e acompanhar as comunidades eclesiais de base, de acordo com o Espírito de Medellín e os critérios da **Evangelii Nuntiandi**, favorecer o descobrimento e a formação gradual de animadores para elas. Em especial, é preciso procurar como possam as pequenas comunidades que se multiplicam sobretudo na periferia e na zonas rurais, adaptar-se também à pastoral das grandes cidades do nosso Continente.

853. Nem todos, entretanto, somos enviados a servir e evangelizar em virtude da mesma função. Uns o fazem como ministros hierárquicos, outros como leigos e outros pela vida consagrada. Todos, complementarmente, construímos o Reino de Deus na terra.

690. Os presbíteros são constituídos, pelo sacramento da ordem, colaboradores principais dos bispos em seu tríplice ministério; tornam presente a Cristo-Cabeça no meio da comunidade; formam junto com seu bispo e unidos em íntima fraternidade sacramental, um só presbitério dedicado a tarefas variadas para o serviço da Igreja e do mundo. Essas realidades fazem deles 'peças centrais da tarefa eclesial' (João Paulo II, **Alocução Sacerdotes**, I. AAS - LXXI, p.179).

691. Já que os presbíteros são inseparáveis dos bispos, os traços de espiritualidade pastoral acima descritos também a eles se aplicam. Na atual situação da Igreja na América Latina, considera-se prioritário o seguinte:

692. O presbítero anuncia o Reino de Deus, que se inicia neste mundo e chegará à plenitude quando Cristo vier no fim dos tempos. Para servir a este Reino, abandona tudo em seguimento do seu Senhor. Sinal desta entrega radical é o celibato ministerial, dom do próprio Cristo e penhor duma generosa e livre dedicação ao serviço dos homens.

693. O presbítero é um homem de Deus. Só lhe é dado ser profeta na medida em que tenha feito a experiência do Deus vivo. Só esta experiência o fará portador duma palavra poderosa para transformar a vida pessoal e social dos homens, de conformidade com o designio do Pai".

CT, n.24: "A catequese, por fim, tem uma ligação íntima com a ação responsável da Igreja e dos cristãos no mundo. Aqueles que aderiram a Jesus Cristo pela fé e que se esforçam por consolidar esta fé mediante a catequese, têm necessidade de viver em comunhão com os demais que deram o mesmo passo. A catequese corre o risco de se esterilizar se uma comunidade de fé e de vida cristã não acolher o catecúmeno num certo estágio da sua catequização. É por isto que a comunidade eclesial, em todos os seus níveis, é duplamente responsável em relação à catequese: ela tem a responsabilidade, antes de mais, de prover à formação dos próprios membros; depois, tem a responsabilidade também de os acolher num meio ambiente em que eles possam viver o mais plenamente possível aquilo que aprenderam.

A catequese está igualmente em abertura para o dinamismo missionário. Se ela for bem conduzida, os mesmos cristãos terão a peito dar testemunho da própria fé, transmiti-la aos seus filhos, dá-la a conhecer a outros e servir de todas as maneiras a comunidade humana”.

LG, n.10: “O Cristo Senhor, constituído pontífice dentre os homens (cf. Hb 5,1-5) fez do novo povo “um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai” (Ap 1,6; cf. 5,9-10). Os batizados são consagrados pela regeneração e pela unção do Espírito Santo. Todas as ações dos cristãos são como hóstias oferecidas: proclamam a força daquele que nos libertou das trevas para vivermos na sua luz admirável (cf. 1Pd 2,4-10). Sendo assim, todos os discípulos de Cristo se oferecem como hóstia viva, santa e agradável a Deus (cf. At 2,42-47), testemunham Cristo em toda parte e a todos que procuram dão a razão de sua esperança na vida eterna (cf. 1Pd 3,15).

Há uma diferença de essência e não apenas de grau entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico. Contudo, ambos participam a seu modo do mesmo sacerdócio de Cristo e mantêm, por isso, estreita relação entre si. O sacerdócio ministerial, em virtude do poder sagrado que o caracteriza, visa à formação e governo do povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico em nome de Cristo e o oferece, em nome do povo. Os fiéis por sua vez, em virtude de seu sacerdócio régio, tomam parte na oblação eucarística. Exercem contudo seu sacerdócio na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho da vida santa, na abnegação e na prática da caridade”.

CNBB, Vida e Ministério do Presbítero – Pastoral Vocacional, Doc. 20, n. 181: “O ministério dos bispos, presbíteros e diáconos é uma participação especial no sacerdócio de Cristo, participação que difere essencialmente do sacerdócio comum dos fiéis (LG 10). Com efeito, Cristo – por especial efusão do Espírito no sacramento da Ordem – torna os Apóstolos, os bispos e seus colaboradores mais próximos participantes de *sua* consagração e missão (LG 28), conferindo-lhes aquela autoridade e poder sagrado, com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa seu corpo (PO 2). Em outras palavras, com o Concílio, pode-se dizer que bispos e presbíteros se configuram com o Cristo Cabeça e estão a serviço do Cristo, na sua função de Chefe da Igreja”.

Nota:168

Ef 5,25-33: “Maridos, amem suas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela; assim, ele a purificou com o banho de água e a santificou pela Palavra, para apresentar a si mesmo uma Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou qualquer outro defeito, mas santa e imaculada. Portanto, os maridos devem amar suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, está amando a si mesmo. Ninguém odeia a sua própria carne; pelo contrário, a nutre e dela cuida, como Cristo faz com a Igreja, porque somos membros do corpo dele. Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Esse mistério é grande: eu me refiro a Cristo e à Igreja. Portanto, cada um de vocês ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido”.

Nota:169

cf. **GS 40-50:** “Tudo que até agora foi dito a respeito da dignidade humana, da comunidade existente entre os seres humanos e do sentido profundo de sua atividade constitui o fundamento da relação entre a Igreja e o mundo e a base de seu diálogo recíproco.

Depois de o concílio ter falado sobre o mistério da Igreja, convém que a considere agora enquanto existe e atua no mundo, em convívio com ele. A Igreja procede do amor do Pai eterno, foi fundada na história pelo Cristo Redentor e é sustentada na unidade pelo Espírito Santo. Sua finalidade é salutar e escatológica e só se realizará plenamente no século futuro. Contudo, está presente aqui na terra, é feita de mulheres e homens que são membros da sociedade terrena, chamados desde agora a formar, na história, a família dos filhos de Deus, que deve ir aumentando até a vinda do Senhor. Família, cuja união vem dos bens celestiais de que todos participam, foi *constituída e organizada* por Cristo *nesse mundo, como uma sociedade, dotada dos meios adequados a toda sociedade visível.*

A Igreja é assim, ao mesmo tempo, *um grupo histórico e uma comunidade espiritual* em caminho, com toda a humanidade, participando, com o mundo, da condição terrena e agindo como fermento ou como alma da sociedade humana, a ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus. Só a fé percebe esta compenetração das sociedades terrena e celestial.

O mistério da história humana, perturbada pelo pecado, permanecerá impenetrável até o fim dos séculos, quando se manifestará plenamente a glória dos filhos de Deus.

A Igreja, fiel a seu próprio fim, comunica a todos a vida divina e ilumina com sua luz o mundo inteiro, contribuindo para restabelecer e elevar a dignidade humana e fortalecer os laços sociais, proporcionando uma significação nova e mais profunda a toda a atividade humana.

Através de cada um de seus membros e atuando em conjunto, a Igreja acredita poder contribuir para tornar mais humana a família dos humanos e sua história. Além disso, a Igreja católica se alegra de poder assinalar a importância da contribuição que deram e ainda dão, no mesmo sentido, as outras igrejas cristãs e as diversas comunidades eclesiais.

Tem, além disso, a convicção de poder contar, sob inúmeros e variados aspectos, com o apoio e com a ajuda do mundo, das pessoas individualmente e da sociedade humana, com seus bens e com sua atividade, para abrir caminho ao Evangelho. Para promover adequadamente esta colaboração, em que, reciprocamente, Igreja e mundo se ajudam, convém estabelecer aqui alguns princípios gerais.

41. Hoje em dia todos procuram desenvolver plenamente sua pessoa, estabelecer e afirmar claramente seus direitos. Encarregada de manifestar o mistério de Deus, último fim do ser humano, a Igreja o ajuda a esclarecer o sentido da própria existência, e lhe revela sua mais íntima verdade. De fato, a Igreja sabe que somente Deus, a quem serve, satisfaz aos mais profundos desejos do coração humano, que as coisas da terra jamais hão de saciar.

Sabe também que, sob ação do Espírito de Deus, o ser humano não será jamais completamente indiferente ao problema religioso, como o demonstra não apenas a experiência dos séculos passados, mas inúmeros testemunhos contemporâneos. Sempre se desejou saber, ainda que de maneira confusa, qual o sentido da vida, da atividade no mundo e da morte.

A própria presença da Igreja coloca tais problemas. Só Deus, que fez o ser humano à sua imagem e o resgatou do pecado dá resposta plenamente satisfatória a essas questões, pelo seu Filho feito homem. Quem segue a Cristo, homem perfeito, torna-se cada vez mais humano.

A fé permite que a Igreja coloque a dignidade da natureza humana acima de toda discussão entre os que tendem por um lado a exaltar o corpo, e, por outro, a desprezá-lo. Nenhuma lei preserva tão bem a dignidade e a liberdade humanas como o Evangelho de Cristo, confiado à Igreja.

O Evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus, rejeitando toda servidão decorrente, em última análise, do pecado, leva ao respeito sagrado da consciência e da liberdade, induz a colocar a serviço de Deus e em favor dos outros todos os talentos humanos, recomendando a todos, acima de tudo, o amor. É esta, a lei fundamental da economia cristã. Deus é, ao mesmo tempo, criador e salvador, Senhor da história humana e da história da salvação.

A autonomia da criatura, especialmente dos seres humanos, e sua dignidade, não só são preservadas, como restituídas e confirmadas, na esfera própria das coisas divinas.

Baseada, pois, no Evangelho que lhe foi confiado, a Igreja proclama os direitos humanos. Reconhece e dá todo valor ao empenho com que eles são hoje promovidos, em todas as partes do mundo. Mas esse movimento precisa estar imbuído do espírito do Evangelho, para não cair numa espécie de falsa autonomia. Há sempre a tentação de considerar que os direitos pessoais só se preservariam sem a lei divina, o que constituiria perigoso desconhecimento da verdadeira dignidade humana.

42. A união da família humana é favorecida e aperfeiçoada pela unidade, em Cristo, da família dos filhos de Deus. A missão própria que Cristo confiou à sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social, mas religiosa, da qual, entretanto, emanam luz e forças que servem para fundamentar e fortalecer a comunidade humana, de acordo com a lei divina. Dependendo das circunstâncias, a Igreja pode, e em certos casos deve, suscitar iniciativas em favor de todos, especialmente dos pobres, como o são as obras de misericórdia.

A Igreja reconhece o que há de bom nos movimentos sociais de nossos dias, especialmente na evolução para maior unidade do mundo, nos processos sadios de socialização, nas organizações civis e nas associações econômicas. A promoção da unidade está intimamente vinculada à missão própria da Igreja que, em Cristo, é o *sacramento, isto é, sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.*

Mostra ao mundo que a verdadeira união social externa provém da união das mentes e dos corações, da fé e da caridade, indissolivelmente ligadas à união que se funda no Espírito Santo. A força que a Igreja pode dar à sociedade vem do vigor da fé e do amor. Resulta da vida, não de qualquer domínio externo que possa exercer, utilizando-se de meios puramente humanos. Por sua natureza e missão, a Igreja não está vinculada a nenhuma forma de cultura nem a nenhum sistema político, econômico ou social.

Graças à sua universalidade, porém, estabelece um laço estreitíssimo de união entre as diversas comunidades e nações humanas, desde que nela confiem e lhe reconheçam a plena liberdade de ação. Por isso a Igreja aconselha não apenas aos seus filhos, mas todos os seres humanos, que superem as dissensões entre nações e raças, passando a viver num espírito familiar de filhos de Deus, que consolidará internamente todas as justas associações entre os homens. O concílio considera com todo respeito tudo que há de verdadeiro, de bom e de justo nas mais diversas instituições sociais.

Declara que a Igreja quer ajudar e promover todas essas instituições, no que dela dependa e que tenha relação com sua missão. O que mais deseja é estar a serviço do bem de todos, gozando de plena liberdade em qualquer regime que seja, desde que reconheça os direitos fundamentais da pessoa e da família e as necessidades do bem comum.

43. O Concílio exorta os fiéis, cidadãos de uma e de outra cidade a se deixarem conduzir pelo espírito do Evangelho e, ao mesmo tempo, a cumprir fielmente seus deveres terrestres. Afastam-se da verdade todos aqueles que, sabendo que não temos aqui morada permanente, mas buscamos a futura, julgam poder negligenciar suas obrigações temporais, pensando não lhes estar sujeitos por causa da fé, segundo a vocação a que cada um foi chamado. Não é menor o erro daqueles que, pelo contrário, julgam poder mergulhar nos negócios terrenos independentemente das exigências da religião, pensando que esta se limita a determinados atos de culto e ao fiel cumprimento de certos preceitos morais. Esta divisão entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos é um dos mais graves erros do nosso tempo.

Os profetas, no Antigo Testamento, já o condenavam como um escândalo e Jesus Cristo, no Novo Testamento, o ameaça com pesadas penas. Evite-se a perniciosa oposição entre as atividades profissionais e sociais, de um lado, e as religiosas, de outro.

O cristão que não cumpre suas obrigações temporais, falta a seus deveres para com o próximo e para com Deus e põe em risco a sua salvação eterna. Alegrem-se, ao contrário, os cristãos que, seguindo o exemplo de Cristo, que trabalhou como operário, exercem todas as suas atividades unificando os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos e técnicos numa síntese vital com os bens religiosos, sob cuja direção tudo se orienta para a glória de Deus.

Competem aos leigos, embora sem exclusividade, os deveres e as atividades seculares. Agindo como cidadãos do mundo, individual ou coletivamente, observarão as normas de cada disciplina e procurarão adquirir verdadeira competência nos setores em que atuam. Trabalharão em cooperação com os demais, na busca dos mesmos objetivos. Imbuídos de fé e lhe reconhecendo claramente as exigências, tomarão e procurarão levar a bom termo as iniciativas que se fizerem necessárias.

A lei divina se aplica às realidades temporais através dos leigos, agindo de acordo com sua consciência, devidamente formada. Mas os leigos devem contar com as luzes e a força espiritual dos sacerdotes. Não pensem, porém, que seus pastores sejam peritos ou tenham respostas prontas e soluções concretas para todas as questões que possam surgir. Não é esta a sua missão. Seu papel específico é contribuir com as luzes da sabedoria cristã, fiéis à doutrina do magistério. Em geral, as soluções se apresentarão como decorrência da visão cristã em determinadas circunstâncias. Muitas vezes acontece que outros cristãos, igualmente sinceros, pensem de maneira diversa. Mesmo que a solução proposta por uma das partes decorra, aos olhos da maioria, dos mais autênticos princípios evangélicos, não pode pretender a exclusividade, em nome da autoridade da Igreja.

Todos devem se empenhar num diálogo de esclarecimento recíproco, segundo as exigências da caridade e do bem comum. Os leigos que têm responsabilidade na Igreja, estão obrigados a agir, no mundo, de acordo com o espírito cristão, sendo, entre os seres humanos, testemunhas de Cristo. Bispos encarregados de governar a Igreja de Deus e sacerdotes, preguem de tal forma a mensagem de Cristo que todas as atividades temporais dos fiéis sejam iluminadas pelo Evangelho.

Os pastores devem estar conscientes de que seu modo de viver o dia-a-dia é responsável pela imagem que se tem da Igreja e da opinião que se forma a respeito da verdade e da força da mensagem cristã. Pela vida e pela palavra, juntamente com os religiosos e com os fiéis, mostrem que a Igreja, com todos os seus dons, pela sua simples presença, é fonte inexaurível das virtudes de que o mundo de hoje tanto precisa.

Dediquem-se aos estudos, para se tornarem capazes de dialogar com pessoas das mais variadas opiniões, tendo no coração o que diz o concílio: *A humanidade é hoje cada vez mais una, do ponto de vista civil, econômico e social. É preciso pois que os sacerdotes atuem em conjunto, sob a direção dos bispos e do papa, evitando toda a dispersão de forças, para conduzir a humanidade à unidade da família de Deus.*

Graças ao Espírito Santo a Igreja se manterá sempre como esposa fiel a seu Senhor e nunca deixará de ser, no mundo, sinal da salvação. Isto não quer dizer que entre os seus membros, não tenha havido muitos, através dos séculos, que foram infiéis ao Espírito de Deus, tanto clérigos como leigos. Ainda hoje a Igreja não ignora a distância que existe entre a mensagem que anuncia e a fraqueza humana daqueles a quem foi confiado o Evangelho. Devemos tomar conhecimento de tudo que a história registra a respeito dessas infidelidades e condená-las vigorosamente, para que não constituam obstáculo à difusão do Evangelho. Mas a Igreja tem consciência de quanto a experiência da história contribui para amadurecer suas relações com o mundo.

Conduzida pelo Espírito Santo, a Igreja, como mãe, *exorta seus filhos a se purificarem e a se renovarem, para que o sinal de Cristo brilhe cada vez mais na face da Igreja.*

44. Assim como interessa ao mundo reconhecer a Igreja, na sua realidade social, como fermento da história, a Igreja não deve esquecer quanto lhe aproveita a evolução e a história do gênero humano.

A experiência dos séculos passados, o progresso das ciências e os muitos tesouros escondidos nas mais variadas culturas são extremamente úteis à Igreja: manifestam as virtudes da natureza humana e abrem novos caminhos para o conhecimento da verdade.

Desde o início de sua história a Igreja soube anunciar Cristo por intermédio de expressões e conceitos lingüísticos aprendidos dos diversos povos e torná-lo melhor conhecido recorrendo à sabedoria dos filósofos. A Igreja teve sempre por objetivo adaptar o Evangelho à capacidade de entender do povo e às exigências dos intelectuais. Essa acomodação da pregação da palavra revelada é uma lei permanente da evangelização.

Em todas as nações a possibilidade de exprimir a seu modo a mensagem de Cristo deve ser cultivada, promovendo-se um intercâmbio fecundo entre a Igreja e as diversas culturas. Para intensificar este intercâmbio, especialmente nos dias de hoje, em que as coisas mudam rapidamente e a maneira de pensar é extremamente variada, a Igreja precisa daqueles que vivem no mundo, conhecem por dentro as diversas instituições e disciplinas, mesmo que não sejam cristãos.

Todo o povo de Deus, mas especialmente os bispos e os teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, devem estar atentos à linguagem do nosso tempo, analisá-la e interpretá-la à luz da palavra divina, para aprofundar sempre mais a compreensão da verdade revelada, melhor entendê-la e divulgá-la de maneira mais acessível.

Dotada de estrutura social visível, sinal de sua unidade em Cristo, a Igreja pode aproveitar e se aproveita de fato da evolução da sociedade. Não que lhe falte qualquer elemento constitucional, mas deve sempre se conhecer de maneira mais profunda e se exprimir de maneira mais adequada aos tempos em que vivemos. Tem consciência de que muito deve, quer individual, quer coletivamente, a pessoas de todas as classes e condições.

Todos os que lutam pela promoção da família, da cultura, da vida econômica, social e política, tanto nacional como internacional, segundo o desígnio de Deus, promovem igualmente a comunidade eclesial no que ela depende do auxílio externo, que é muito importante. A Igreja reconhece ainda que mesmo as resistências e oposições que encontrou e ainda encontra lhe são proveitosas, como sempre o foram.

45. Ajudando o mundo e sendo por ele ajudada, a Igreja caminha para um único fim: a vinda do reino de Deus e a salvação de todo o gênero humano. Todo bem que o povo de Deus, em sua peregrinação terrestre, pode oferecer à família humana, vem da Igreja, como *sacramento da salvação universal*, mistério em se manifesta e se realiza o amor de Deus para com os seres humanos.

O Verbo de Deus, por quem foram feitas todas as coisas, encarnou-se para salvar a todos e tudo recapitular, como homem perfeito. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para o qual convergem todos os desejos da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações e a realização de todas as nossas aspirações. Foi quem o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, como juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e reunidos pelo seu Espírito, caminhamos para a realização final da história humana, que corresponderá plenamente ao seu desígnio de amor: *instaurar tudo em Cristo, no céu e na terra* (Ef 1, 10).

O próprio Senhor o diz: *Eis que venho em breve e comigo trago o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim* (Ap 22, 12s).

46. Depois de falar da dignidade da pessoa e do papel que é chamada a exercer no mundo, tanto individual como socialmente, o concílio convida todos a considerar, à luz do Evangelho e da experiência humana, alguns problemas mais urgentes, que afetam toda a humanidade. Dentre as muitas preocupações de todos, lembremos: o casamento e a família, a cultura, a vida econômica, social e política, a união dos povos e a paz. Cada uma destas questões se ilumina à luz de Cristo, que ajuda tanto os cristãos como os não-cristãos a encontrarem caminhos para sua solução.

47. A salvação da pessoa e da sociedade, tanto humana como cristã, está intimamente relacionada com o bem estar do casal e da família. Como todos os que têm consciência da importância do casamento, os cristãos apreciam e contam muito com os diferentes recursos que hoje favorecem a constituição desta comunidade de amor e lhe facilitam a vida, ajudando-os no desempenho de um de seus principais papéis.

Mas a instituição matrimonial nem sempre é respeitada. Contrariam-na, em muitos lugares, a poligamia, o divórcio, o amor livre e várias outras deformações. O amor nupcial é freqüentemente profanado pelo egoísmo, pelo hedonismo e pelas práticas ilícitas contra a fecundidade. Além disso, as condições econômicas, psicossociais e políticas do mundo moderno trazem inúmeras perturbações para a família. Em certas regiões da terra o problema demográfico causa enormes preocupações. As consciências sofrem com tudo isso. No entanto, a força e a consistência da instituição matrimonial se manifestam pela resistência que ela continua oferecendo a todas essas dificuldades, apesar das profundas modificações que a vida social sofre.

Lembrando alguns aspectos da doutrina da Igreja, o concílio procura esclarecer e confortar os cristãos e todos os humanos a se esforçarem defender e promover a dignidade natural do casamento.

48. O matrimônio, pelo consentimento recíproco e irrevogável dos cônjuges, funda a comunhão íntima de vida e de amor conjugal, estabelecida pelo criador e dotada de suas próprias leis. A instituição estável, segundo a lei divina, nasce do ato humano pelo qual os cônjuges se dão e se recebem um ao outro, inclusive diante da sociedade. Uma vez contraído, esse vínculo sagrado não depende mais da vontade humana, em função do bem dos próprios cônjuges e de sua prole. Deus é o autor do matrimônio, de seus bens e de seus fins, que são da maior importância para a continuação do gênero humano, o proveito pessoal e a salvação eterna de cada um dos membros da família, a dignidade, a estabilidade, a paz e a prosperidade da própria família. Para o conjunto da sociedade e para o gênero humano em geral, enfim.

Por sua própria natureza, a instituição matrimonial e o amor conjugal se ordenam à procriação e educação da prole, que os como que coroar. O homem e a mulher, pelo casamento, *já não são dois, mas uma só carne* (Mt 19, 6). Unidos pessoalmente e agindo de comum acordo, prestam-se serviço e auxílio mútuos, experimentam o sentido de sua unidade e a vão realizando melhor cada dia. Este íntimo dom recíproco de um ao outro, somado ao bem dos filhos, exige pois, de ambos, total fidelidade e requer a indissolubilidade da união.

O Cristo Senhor abençoou generosamente este amor tão rico, que brota da fonte divina do amor e é apresentado como imagem de sua união com a Igreja. Assim como outrora Deus veio ao encontro de seu povo com uma aliança de amor e de fidelidade, vem agora ao encontro dos cônjuges cristãos com o sacramento do matrimônio. Ele amou a Igreja e se entregou por ela, como os esposos devem-se amar e guardar fidelidade perpétua um ao outro.

O legítimo amor conjugal, assumido pelo amor divino, é comandado e enriquecido pela virtude redentora de Cristo e pela ação santificadora da Igreja, para que os cônjuges se encaminhem para Deus e sejam ajudados e confortados no desempenho de sua função paterna e materna. Os cônjuges cristãos são sustentados no exercício dos deveres de seu estado assim como na dignidade que lhes cabe, através de um sacramento específico, uma espécie de consagração, por cuja virtude, ao cumprirem seu papel conjugal e familiar, imbuídos do espírito de Cristo, que os leva a tudo viver na fé, na esperança e no amor, vão-se aperfeiçoando e mutuamente se santificando, para juntos entrarem na glória de Deus.

O exemplo e a oração familiares mostram, para os filhos e para todos que participam da vida familiar, o caminho da humanidade, da salvação e da santidade. Dignificados pela função paterna e materna, os cônjuges devem cumprir os deveres da educação religiosa, a começar por si mesmos.

Os filhos, membros vivos da família, contribuem a seu modo para a santificação dos pais. Devem corresponder com gratidão, piedade e confiança ao que recebem dos pais e assisti-los nas dificuldades e, especialmente, na velhice.

A vivez, considerada como prolongamento do matrimônio, deve ser por todos reconhecida e honrada.

As famílias compartilhem umas com as outras suas riquezas espirituais. Sendo participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, a família cristã deve manifestar ao mundo a presença do salvador e a verdadeira natureza da Igreja, tanto pelo amor dos cônjuges, como pela fecundidade generosa, pela unidade e pela fidelidade, assim como pela amável cooperação de todos.

49. Noivos e cônjuges são muitas vezes convidados pela palavra divina a alimentar e fomentar um amor casto durante o noivado e fiel, durante o casamento. São muitos aqueles que nos dias de hoje dão grande importância ao verdadeiro amor entre marido e mulher, manifestado de muitos modos, segundo os costumes honestos que variam de acordo com os povos e as épocas.

Esse amor, eminentemente humano, afeição voluntária de um para com o outro, abraça a pessoa na sua totalidade, conferindo especial dignidade e nobreza às expressões de afeto, inclusive corporais, como elementos e sinais da amizade conjugal.

Por especial dom da graça e da caridade, o Senhor se dignou a sanar, aperfeiçoar e elevar esse amor, que, unindo o humano ao divino, leva os cônjuges ao dom livre e recíproco de si mesmos, comprovado pelas manifestações de afeto e pela maneira de agir de um para com o outro, através de toda a vida. A prática desse amor o faz crescer, ao contrário da simples atração erótica, que se volta egoisticamente para si mesmo, e desaparece rápida e miseravelmente.

Esse amor se exprime e se aperfeiçoa através dos atos próprios do matrimônio, em que os cônjuges se unem de maneira casta e íntima. São pois atos honestos e dignos. Quando humanamente exercidos, exprimem e favorecem o dom recíproco, enchendo os cônjuges de alegria e de satisfação.

Ratificado pela fidelidade mútua e sancionado pela força única do sacramento de Cristo, o amor conjugal é capaz de se manter fiel tanto na prosperidade como na dificuldade, afastando as ameaças de adultério e de divórcio.

Desde que se reconheça a igual dignidade pessoal do homem e da mulher, no amor recíproco e total, compreende-se bem de que natureza é a unidade do matrimônio, confirmada pelo Senhor.

A prática constante dos deveres desta vocação cristã exige muita virtude. Os cônjuges recebem muitas graças para levar uma vida santa, mas devem cultivar incessantemente a firmeza no amor e a generosidade no espírito de sacrifício, impetrando-as na oração.

O autêntico amor conjugal será mais valorizado e considerado pela comunidade se os cônjuges cristãos derem testemunho de fidelidade e de harmonia, destacarem-se pelo cuidado com os filhos e atuarem, na medida de suas possibilidades, na renovação cultural, psicológica e social em favor do matrimônio e da família.

Os jovens, o mais cedo possível, especialmente no seio da família, devem ser instruídos a respeito da dignidade, da função e da prática do amor conjugal, para que, na castidade, possam aguardar a idade mais conveniente para se tornarem noivos e se casarem.

50. O matrimônio e o amor conjugal, por sua própria índole, são ordenados à procriação e educação da prole. Os filhos são o dom mais importante do matrimônio, fonte da maior felicidade para os pais. Deus disse que *não é bom o homem ficar só* (Gn 2, 18), e, *desde o início os fez homem e mulher* (Mt 19, 4), conferiu-lhes uma participação especial na obra criadora e os abençoou, dizendo: *crescei e multiplicai-vos* (Gn 1, 28).

O cultivo do amor conjugal, pois, e toda a estrutura da vida familiar a que dá origem, sem prejuízo dos demais fins do matrimônio, tendem a encorajar os cônjuges a cooperar com o amor do criador e do salvador, que, através deles, faz crescer e progredir sua própria família.

O dever de transmitir a vida e de educar, missão própria dos cônjuges, torna-os cooperadores e intérpretes do amor criador de Deus. No cumprimento de sua função, procurem agir com toda responsabilidade humana e cristã. Mostrem-se dóceis a Deus, com toda reverência, consultem-se mutuamente e coloquem em comum os seus esforços, para chegar a uma decisão. Em vista do seu próprio bem e do bem da prole, já nascida ou por nascer, levem em conta as circunstâncias e as condições em que vivem, tanto materiais como espirituais, as exigências da comunidade familiar, da sociedade e da própria Igreja, e, finalmente, tomem sua decisão diante de Deus.

No seu modo de agir os cônjuges cristãos tenham consciência de que devem orientar sua consciência em conformidade com a lei divina e de acordo com o magistério da Igreja, que a interpreta de maneira autêntica.

A lei divina, ao mostrar a significação plena do amor conjugal, constitui a sua garantia e o encaminha para a perfeição, como amor humano. De tal forma que os cônjuges cristãos, confiantes na Providência e cultivando o espírito de sacrifício, ao exercerem a função de procriar com generosa responsabilidade humana e cristã, glorificam ao criador e se orientam para a perfeição em Cristo.

Entre os cônjuges que cumprem dessa forma a função que lhes foi atribuída pelo criador, merecem especial menção aqueles que, de acordo com as normas da prudência, decidem juntos, com coragem, ter um número maior de filhos para educar.

Mas o matrimônio não foi instituído apenas para a procriação. A própria índole da união indissolúvel entre as pessoas e o bem da prole, exigem que o amor recíproco dos cônjuges seja cultivado, cresça e amadureça.

Portanto, mesmo quando, por mais que se deseje, não se tem filhos, o matrimônio, como regime de vida e de comunhão, guarda todo valor assim como sua indissolubilidade".

Puebla 582; 585; 589; 639: "A família é imagem de Deus, que "no mais íntimo do seu mistério não é uma solidão, mas uma família" (João Paulo II, Homília Puebla, 2-AAS, LXXI, p. 184). É uma aliança de pessoas, à qual se chega por vocação amorosa do Pai, que convida os esposos a uma "íntima comunidade de vida e de amor" (GS 48), cujo modelo é o amor de Cristo por sua Igreja. A lei do amor conjugal é comunhão e participação, não dominação. É uma exclusiva, irrevogável e fecunda entrega à pessoa amada, sem perder a própria identidade. Um amor assim compreendido em sua rica realidade sacramental, é mais do que um contrato; possui as características da aliança.

585: A lenta e prazerosa educação da família sempre importa em sacrifício, recordação da cruz redentora. Mas a íntima felicidade que dá aos pais, recorda-lhes também a ressurreição. Neste espírito de páscoa, evangelizam os pais a seus filhos e são por eles evangelizados. O reconhecimento das faltas e a sincera manifestação do perdão são elementos de conversão permanente e de permanente ressurreição. O ambiente de páscoa floresce em toda a vida cristã e se converte em profetismo, em contato com a divina Palavra. Mas evangelizar não é só ler a Bíblia, mas, a partir dela, trocar palavras de admiração, consolo, correção, luz, segurança.

589: Surge daí a missão da família. Esta Igreja doméstica, convertida pela força libertadora do Evangelho em "escola do mais rico humanismo" sabendo-se peregrina com Cristo e comprometida com Ele no serviço da Igreja particular, lança-se rumo ao futuro, disposta a superar as falácias do racionalismo e da sabedoria mundana que desorientam o homem moderno. Percebendo a realidade e atuando sobre ela, como Deus a vê e governa, busca maior fidelidade ao Senhor, para não adorar ídolos, e sim ao Deus vivo do amor.

639: O batizado, na Igreja doméstica que é sua família, é chamado à primeira experiência de comunhão na fé, no amor e no serviço ao próximo".

Nota:170

Gn 1,28: "E Deus os abençoou e lhes disse: Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra".

Nota:171

cf. **LE, n.6, 7, 9, 10, 12:** "Para continuar a nossa análise do trabalho em adesão às palavras da Bíblia, em virtude das quais o homem tem o dever de submeter a terra, é preciso concentrarmos agora a nossa atenção no trabalho no sentido subjetivo; e isto muito mais do que fizemos pelo que se refere ao significado objetivo do trabalho, porquanto tocamos só brevemente aquela vasta problemática, que é perfeita e pormenorizadamente conhecida dos estudiosos nos vários campos e também dos mesmos homens do trabalho, segundo as suas especializações. As palavras do Livro do Gênesis, a que nos referimos nesta nossa análise, falam de maneira indireta do trabalho no sentido objetivo; e de modo análogo falam também do sujeito do trabalho; no entanto, aquilo que elas dizem é assaz eloquente e carregado de um grande significado.

O homem deve submeter a terra, deve dominá-la, porque, como imagem de Deus, é uma pessoa; isto é, um ser dotado de subjetividade, capaz de agir de maneira programada e racional, capaz de decidir por si mesmo e tendente a realizar-se a si mesmo. É como pessoa, pois, que o homem é sujeito do trabalho. É como pessoa que ele trabalha e realiza diversas ações que fazem parte do processo do trabalho; estas, independentemente do seu conteúdo objetivo, devem servir todas para a realização da sua humanidade e para o cumprimento da vocação a ser pessoa, que lhe é própria em razão da sua mesma humanidade. As principais verdades sobre este tema foram recordadas ultimamente pelo Concílio Vaticano II, na Constituição 'Gaudium et Spes', especialmente no capítulo primeiro dedicado à vocação do homem.

E assim aquele domínio de que fala o texto bíblico, sobre o qual estamos meditando agora, não se refere só à dimensão objetiva do trabalho, mas introduz-nos, ao mesmo tempo, na compreensão da sua dimensão subjetiva. O trabalho, entendido como processo, mediante o qual o homem e o gênero humano submetem a terra, não corresponderá a este conceito fundamental da Bíblia senão enquanto, em todo esse processo, o homem, ao mesmo tempo, se manifestar e se confirmar como aquele que domina. Este domínio, em certo sentido, refere-se à dimensão subjetiva ainda mais do que à objetiva: esta dimensão condiciona a mesma natureza ética do trabalho. Não há dúvida nenhuma, realmente, de que o trabalho humano tem seu valor ético, o qual, sem meios-termos, permanece diretamente ligado ao fato de aquele que o realiza ser uma pessoa, um sujeito consciente e livre, isto é, um sujeito que decide por si mesmo.

Esta verdade, que constitui em certo sentido a medula fundamental e perene da doutrina cristã sobre o trabalho humano, teve e continua a ter um significado primordial para a formulação dos importantes problemas sociais ao longo de épocas inteiras.

A Idade Antiga introduziu entre os homens uma própria diferenciação típica em categorias, segundo o tipo de trabalho que realizavam. O trabalho que requeria do trabalhador o emprego das forças físicas, o trabalho dos

músculos e das mãos, era considerado indigno dos homens livres, e por isso eram destinados à sua execução os escravos. O Cristianismo, ampliando alguns aspectos já próprios do Antigo Testamento, neste ponto operou uma transformação fundamental de conceitos, partindo do conteúdo global da mensagem evangélica, e sobretudo do fato de aquele que, sendo Deus, se tornou semelhante a nós em tudo,¹¹ ter passado a maior parte dos anos da vida sobre a terra junto de um banco de carpinteiro, dedicando-se ao trabalho manual. Esta circunstância constitui por si mesma o mais eloquente evangelho do trabalho; aí se torna patente que o fundamento para determinar o valor do trabalho humano não é em primeiro lugar o gênero de trabalho que se realiza, mas o fato de aquele que o executa ser uma pessoa. As fontes da dignidade do trabalho devem ser procuradas sobretudo não na sua dimensão objetiva, mas sim na sua dimensão subjetiva.

Em tal concepção quase desaparece o próprio fundamento da antiga diferenciação dos homens em grupos, segundo o gênero de trabalho que eles faziam. Isto não quer dizer que o trabalho humano não possa e não deva ser de algum modo valorizado e qualificado do ponto de vista objetivo. Isto quer dizer somente que o primeiro fundamento do valor do trabalho é o mesmo homem, o seu sujeito. E relaciona-se com isto imediatamente uma conclusão muito importante de natureza ética: embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada, o trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho. E por esta conclusão se chega a reconhecer justamente a preeminência do significado subjetivo do trabalho sobre o seu significado objetivo. Partindo deste modo de entender as coisas e supondo que diversos trabalhos realizados pelos homens podem ter um maior ou menor valor objetivo, procuramos todavia pôr em evidência que cada um deles se mede sobretudo pelo padrão da dignidade do mesmo sujeito do trabalho, isto é, da pessoa, do homem que o executa. Por outro lado, independentemente do trabalho que faz cada um dos homens e supondo que ele constitui uma finalidade por vezes muito absorvente do seu agir, tal finalidade não possui por si mesma um significado definitivo. De fato, em última análise, a finalidade do trabalho, de todo e qualquer trabalho realizado pelo homem ainda que seja o trabalho mais humilde de um serviço e o mais monótono na escala do modo comum de apreciação e até o mais marginalizador permanece sempre o mesmo homem.

7. Estas afirmações basilares sobre o trabalho, precisamente, resultaram sempre das riquezas da verdade cristã, em particular da mesma mensagem do evangelho do trabalho, criando o fundamento do novo modo de pensar, de julgar e de agir dos homens. Na época moderna, desde os inícios da era industrial, a verdade cristã sobre o trabalho teve de se contrapor às várias correntes do pensamento materialista e economicista.

Para alguns fautores de tais idéias, o trabalho era entendido e tratado como uma espécie de mercadoria, que o trabalhador especialmente o operário da indústria vendia ao dador de trabalho, que era, ao mesmo tempo, possessor do capital, isto é, do conjunto dos instrumentos de trabalho e dos meios que tornam possível a produção. Este modo de conceber o trabalho encontrava-se especialmente difundido na primeira metade do século XIX. Em seguida, as formulações explícitas deste gênero quase desapareceram, cedendo o lugar a um modo mais humano de pensar e de avaliar o trabalho. A interação do homem do trabalho e do conjunto dos instrumentos e dos meios de produção deu azo a desenvolverem-se diversas formas de capitalismo paralelamente a diversas formas de coletivismo nas quais se inseriram outros elementos, na seqüência de novas circunstâncias concretas, da ação das associações de trabalhadores e dos poderes públicos, e da aparição de grandes empresas transnacionais. Apesar disso, o perigo de tratar o trabalho como uma mercadoria 'sui generis' ou como uma força anônima necessária para a produção (fala-se mesmo de força-trabalho) continua a existir ainda nos dias de hoje, especialmente quando a maneira de encarar a problemática econômica é caracterizada pela adesão às premissas do economismo materialista.

Para este modo de pensar e de julgar há uma ocasião sistemática e, em certo sentido, até mesmo um estímulo, que são constituídos pelo acelerado processo de desenvolvimento da civilização unilateralmente materialista, na qual se dá importância primeiro que tudo à dimensão objetiva do trabalho, enquanto a dimensão subjetiva tudo aquilo que está em relação indireta ou direta com o próprio sujeito do trabalho fica num plano secundário. Em todos os casos deste gênero, em todas as situações sociais deste tipo, gera-se uma confusão, ou até mesmo uma inversão, daquela ordem estabelecida desde o princípio pelas palavras do Livro do Gênesis: o homem passa então a ser tratado como instrumento de produção; enquanto que ele ele só por si, independentemente do trabalho que realiza deveria ser tratado como seu sujeito eficiente, como seu verdadeiro artífice e criador. É precisamente esta inversão da ordem, prescindindo do programa ou da denominação sob cujos auspícios ela se gera, que mereceria no sentido indicado mais amplamente em seguida o nome de capitalismo. Como é sabido, o capitalismo tem o seu significado histórico bem definido, enquanto sistema, e sistema econômico-social, em contraposição ao socialismo ou comunismo. No entanto, à luz da análise da realidade fundamental de todo o processo econômico e, primeiro que tudo, das estruturas de produção qual é, justamente, o trabalho importa reconhecer que o erro do primitivo capitalismo pode repetir-se onde quer que o homem seja tentado, de alguma forma, da mesma maneira que todo o conjunto dos meios materiais de produção, como um instrumento e não segundo a verdadeira dignidade do seu trabalho ou seja, como sujeito e autor e, por isso mesmo, como verdadeira finalidade de todo o processo de produção.

Sendo assim, compreende-se que a análise do trabalho humano feita à luz daquelas palavras que dizem respeito ao domínio do homem sobre a terra, se insira mesmo no centro da problemática ético-social. Tal concepção deveria também ter um lugar central em toda a esfera da política social e econômica, quer à escala dos diversos países, quer a uma escala mais ampla, das relações internacionais e intercontinentais, com referência em particular às tensões que se esboçam no mundo, não só centradas no eixo Oriente-Occidente, mas também no outro eixo Norte-Sul. O Papa João XXIII, num primeiro momento, com a sua Encíclica 'Mater et Magistra', e o Papa Paulo VI, depois, com a Encíclica 'Populorum Progressio', dedicaram uma decidida atenção a tais dimensões dos problemas éticos e sociais contemporâneos.

9. Permanecendo ainda na perspectiva do homem como sujeito do trabalho, é conveniente tocar, ao menos de maneira sintética, alguns problemas que definem mais de perto a dignidade do trabalho humano, porque isso irá permitir caracterizar mais plenamente o seu valor moral específico. E importa fazê-lo tendo sempre diante dos olhos a sobredita vocação bíblica para submeter a terra, na qual se expressou a vontade do Criador, querendo que o trabalho tornasse possível ao homem alcançar tal domínio que lhe é próprio no mundo visível.

A intenção fundamental e primordial de Deus quanto ao homem, que ele criou, à sua semelhança, à sua imagem, não foi retratada nem cancelada, mesmo quando o homem, depois de ter infringido a aliança original

com Deus, ouviu estas palavras: Comerás o pão com o suor da tua fronte. Tais palavras referem-se àquela fadiga, por vezes pesada, que, a partir de então, passou a acompanhar o trabalho humano; no entanto, elas não mudam o fato de o mesmo trabalho ser a via pela qual o homem chegará a realizar o domínio que lhe é próprio no mundo visível, submetendo a terra. Esta fadiga é um fato universalmente conhecido, porque universalmente experimentado. Sabem-no os homens que fazem um trabalho braçal, executado por vezes em condições excepcionalmente difíceis; sabem-no os que labutam na agricultura, os quais empregam longas jornadas no cultivar a terra, que por vezes apenas produz espinhos e abrolhos; como o sabem também aqueles que trabalham nas minas e nas pedreiras, e igualmente os operários siderúrgicos junto dos seus altos-fornos, e os homens que exercem a atividade no setor da construção civil e em obras de construção em geral, freqüentemente em perigo de vida ou de invalidez. Sabem-no bem, ainda, os homens que trabalham agarrados ao banco do trabalho intelectual, sabem-no os cientistas, sabem-no os homens sobre cujos ombros pesa a grave responsabilidade de decisões destinadas a ter vasta ressonância no plano social. Sabem-no os médicos e os enfermeiros que velam de dia e de noite junto dos doentes. Sabem-no as mulheres que, por vezes sem um devido reconhecimento por parte da sociedade e até mesmo em alguns casos dos próprios familiares, suportam dia a dia as canseiras e as responsabilidades do arranjo da casa e da educação dos filhos. Sim, sabem-no bem todos os homens do trabalho e, uma vez que o trabalho é verdadeiramente uma vocação universal, sabem-no todos os homens sem exceção.

E no entanto, com toda esta fadiga e talvez, em certo sentido, por causa dela o trabalho é um bem do homem. E se este bem traz em si a marca de um bonum arduum bem árduo para usar a terminologia de Santo Tomás de Aquino, isso não impede que, como tal, ele seja um bem do homem. E mais, é não só um bem útil ou de que se pode usufruir, mas é um bem digno, ou seja, que corresponde à dignidade do homem, um bem que exprime esta dignidade e que a aumenta. Querendo determinar melhor o sentido ético do trabalho, é indispensável ter diante dos olhos antes de mais nada esta verdade. O trabalho é um bem do homem é um bem da sua humanidade porque, mediante o trabalho, o homem não somente transforma a natureza, adaptando-a às suas próprias necessidades, mas também se realiza a si mesmo como homem e até, em certo sentido, se torna mais homem.

Sem esta consideração, não se pode compreender o significado da virtude da laboriosidade; mais exatamente, não se pode compreender por que é que a laboriosidade haveria de ser uma virtude; efetivamente, a virtude, como aptidão moral, é algo que faculta ao homem tornar-se bom como homem. Este fato não muda em nada a nossa justa preocupação por evitar que no trabalho, mediante o qual a matéria é nobilitada, o próprio homem não venha a sofrer uma diminuição da sua dignidade. É sabido, ainda, que é possível usar de muitas maneiras do trabalho contra o homem, que se pode mesmo punir o homem com o recurso ao sistema dos trabalhos forçados nos 'lager' (campos de concentração), que se pode fazer do trabalho um meio para a opressão do homem e que, enfim, se pode explorar, de diferentes maneiras, o trabalho humano, ou seja o homem do trabalho. Tudo isto depõe a favor da obrigação moral de unir a laboriosidade como virtude com a ordem social do trabalho, o que há de permitir ao homem tornar-se mais homem no trabalho, e não já degradar-se por causa do trabalho, desgastando não apenas as forças físicas (o que, pelo menos até certo ponto, é inevitável), mas sobretudo menoscabando a dignidade e subjetividade que lhe são próprias.

10. Confirmada deste modo a dimensão pessoal do trabalho humano, deve-se passar depois para a segunda esfera de valores, que com ele anda necessariamente unida. O trabalho constitui o fundamento sobre o qual se edifica a vida familiar, que é um direito fundamental e uma vocação do homem. Estas duas esferas de valores uma conjunta ao trabalho e a outra derivante do caráter familiar da vida humana devem unir-se entre si e compenetrar-se de modo correto. O trabalho, de alguma maneira, e a condição que torna possível a fundação de uma família, uma vez que a família exige os meios de subsistência que o homem obtém normalmente mediante o trabalho. Assim, trabalho e laboriosidade condicionam também o processar-se da educação na família, precisamente pela razão de que cada um se torna homem mediante o trabalho, entre outras coisas, e que o fato de se tornar homem exprime exatamente a finalidade principal de todo o processo educativo. Como é evidente, entram aqui em jogo, em certo sentido, dois aspectos do trabalho: o que faz dele algo que permite a vida e a manutenção da família, e aquele outro mediante o qual se realizam as finalidades da mesma família, especialmente a educação. Não obstante a distinção, estes dois aspectos do trabalho estão ligados entre si e complementam-se em vários pontos.

Deve-se recordar e afirmar que, numa visão global, a família constitui um dos mais importantes termos de referência, segundo os quais tem de ser formada a ordem sócio-ética do trabalho humano. A doutrina da Igreja dedicou sempre especial atenção a este problema e será necessário voltar ainda a ele no presente documento. Com efeito, a família é, ao mesmo tempo, uma comunidade tornada possível pelo trabalho e a primeira escola interna de trabalho para todos e cada um dos homens.

A terceira esfera de valores que se apresenta, na perspectiva aqui mantida a perspectiva do sujeito do trabalho abarca aquela grande sociedade de que o homem faz parte, em virtude de laços culturais e históricos particulares. Tal sociedade mesmo quando não tenha ainda assumido a forma completa de uma nação é não só a grande educadora de cada um dos homens, se bem que indiretamente (pois cada pessoa recebe na família os conteúdos e os valores que constituem, no seu conjunto, a cultura de uma determinada nação), mas é também uma grande encarnação histórica e social do trabalho de todas as gerações. Tudo isto faz com que o homem ligue a sua identidade humana mais profunda ao fato de pertencer a uma nação, e encare o seu trabalho também como algo que irá aumentar o bem comum procurado juntamente com os seus compatriotas, dando-se conta assim de que, por este meio, o trabalho serve para multiplicar o patrimônio da inteira família humana, de todos os homens que vivem no mundo.

Estas três esferas conservam de modo permanente a sua importância para o trabalho humano visto na sua dimensão subjetiva. E esta dimensão, ou seja, a concreta realidade do homem do trabalho, tem precedência sobre a dimensão objetiva. Na dimensão subjetiva é que se realiza, antes de mais nada, aquele domínio sobre o mundo da natureza, que o homem é sempre chamado a exercer, desde o princípio, segundo as palavras do Livro do Génesis. O próprio processo de submeter a terra, quer dizer, o trabalho sob o aspecto da técnica, é caracterizado no decorrer da história, e especialmente nestes últimos séculos, por um imenso desenvolvimento dos meios produtivos à disposição; e isso é um fenómeno vantajoso e positivo, contanto que a dimensão

objetiva do trabalho não tome o predomínio sobre a dimensão subjetiva, tirando ao homem ou diminuindo a sua dignidade e os seus direitos inalienáveis.

12. Diante da realidade dos dias de hoje, em cuja estrutura se encontram marcas bem profundas de tantos conflitos, causados pelo homem, e na qual os meios técnicos fruto do trabalho humano desempenham um papel de primeira importância (pense-se ainda aqui neste ponto, na perspectiva de um cataclismo mundial na eventualidade de uma guerra nuclear, cujas possibilidades de destruição seriam quase inimagináveis), deve recordar-se, antes de mais nada, um princípio ensinado sempre pela Igreja. É o princípio da prioridade do trabalho em confronto com o capital. Este princípio diz respeito diretamente ao próprio processo de produção, relativamente ao qual o trabalho é sempre uma causa eficiente primária, enquanto que o capital, sendo o conjunto dos meios de produção, permanece apenas um instrumento, ou causa instrumental. Este princípio é uma verdade evidente que resulta de toda a experiência histórica do homem.

Quando lemos no primeiro capítulo da Bíblia que o homem tem o dever de submeter a terra, nós ficamos sabendo que estas palavras se referem a todos os recursos que o mundo visível encerra em si e que estão postos à disposição do homem. Tais recursos, no entanto, não podem servir ao homem senão mediante o trabalho. E com o trabalho permanece igualmente ligado, desde o princípio, o problema da propriedade. Com efeito, para fazer com que sirvam para si e para os demais os recursos escondidos na natureza, o homem tem como único meio o seu trabalho; e para fazer com que frutifiquem tais recursos, mediante o seu trabalho, o homem apossa-se de pequenas porções das variadas riquezas da natureza: do subsolo, do mar, da terra e do espaço. De tudo isso ele se apropria para aí assentar o seu banco de trabalho. E apropria-se disso mediante o trabalho e para poder ulteriormente ter trabalho.

O mesmo princípio se aplica, ainda, às fases sucessivas deste processo, no qual a primeira fase continua sendo sempre a relação do homem com os recursos e as riquezas da natureza. Todo o esforço do conhecimento com que se tende a descobrir tais riquezas e a determinar as diversas possibilidades de utilização das mesmas por parte do homem e para o homem, leva-nos a tomar consciência do seguinte: que tudo aquilo que no complexo da atividade econômica provém do homem tanto o trabalho, como o conjunto dos meios de produção e a técnica a eles ligada (isto é, a capacidade de utilizar tais meios no trabalho) pressupõe estas riquezas e estes recursos do mundo visível, que o homem encontra, mas não cria. Ele encontra-os, em certo sentido, já prontos e preparados para serem descobertos pelo seu conhecimento e para serem utilizados corretamente no processo de produção. Em qualquer fase do desenvolvimento do seu trabalho, o homem depara com o fato da principal doação da parte da natureza, o que equivale a dizer, em última análise, da parte do Criador. No princípio do trabalho humano está o mistério da Criação. Esta afirmação, já indicada como ponto de partida, constitui o fio condutor do presente documento e será mais desenvolvida ainda, na parte final das presentes reflexões.

A consideração do mesmo problema, que se fará em seguida, há de confirmar-nos na convicção quanto à prioridade do trabalho humano no confronto com aquilo que, com o tempo, passou a ser habitual chamar-se capital. Com efeito, se no âmbito deste último conceito entram, além dos recursos da natureza postos à disposição do homem, também aquele conjunto de meios pelos quais o homem se apropria dos recursos da natureza, transformando-os à medida das suas necessidades (e deste modo, em algum sentido, humanizando-os), então há que fixar desde já a certeza de que tal conjunto de meios é o fruto do patrimônio histórico do trabalho humano. Todos os meios de produção, desde os mais primitivos até aos mais modernos, foi o homem que os elaborou: a experiência e a inteligência do homem. Deste modo foram aparecendo não só os instrumentos mais simples que servem para o cultivo da terra, mas também graças a um adequado progresso da ciência e da técnica os mais modernos e os mais complexos: as máquinas, as fábricas, os laboratórios e os computadores. Assim, tudo aquilo que serve para o trabalho, tudo aquilo que, no estado atual da técnica, constitui dele instrumento cada dia mais aperfeiçoado, é fruto do mesmo trabalho.

Esse instrumento gigantesco e poderoso qual é o conjunto dos meios de produção, considerados, até certo ponto, como sinônimo do capital nasceu do trabalho e é portador das marcas do trabalho humano. No presente estágio do avanço da técnica, o homem, que é o sujeito do trabalho, quando quer servir-se deste conjunto de instrumentos modernos, ou seja, dos meios de produção, deve começar por assimilar, no plano do conhecimento, o fruto do trabalho dos homens que descobriram tais instrumentos, que os projetaram, os construíram e aperfeiçoaram, e que continuam a fazê-lo. A capacidade de trabalho quer dizer, de participar eficazmente no processo moderno de produção exige uma preparação cada vez maior e, primeiro que tudo, uma instrução adequada. Obviamente, permanece fora de dúvidas que todos os homens que participam no processo de produção, mesmo no caso de executarem só aquele tipo de trabalho para o qual não são necessárias uma instrução particular e qualificações especiais, todos e cada um deles continuam sendo o verdadeiro sujeito eficiente, enquanto que o conjunto dos instrumentos, ainda os mais perfeitos, são única e exclusivamente instrumentos subordinados ao trabalho do homem.

Esta verdade, que pertence ao patrimônio estável da doutrina da Igreja, deve ser sempre sublinhada, em relação com o problema do sistema de trabalho e igualmente de todo o sistema sócio-econômico. É preciso acentuar e pôr em relevo o primado do homem no processo de produção, o primado do homem em relação às coisas. E tudo aquilo que está contido no conceito de capital, num sentido restrito do termo, é somente um conjunto de coisas. Ao passo que o homem, como sujeito do trabalho, independentemente do trabalho que faz, o homem, e só ele, é uma pessoa. Esta verdade contém em si conseqüências importantes e decisivas".

Puebla 213: "Por Cristo, único Mediador, participa a humanidade da vida trinitária. Cristo hoje sobretudo por sua atividade pascal, nos leva a participar do mistério de Deus. Por sua solidariedade conosco, nos torna capazes de vivificar pelo amor nossa atividade e transformar nosso trabalho e nossa história em gesto litúrgico, isto é, de sermos protagonistas com ele da construção da convivência e das dinâmicas humanas que refletem o mistério de Deus e constituem sua glória que vive".

GS, n.67: "O trabalho humano para a produção e distribuição de bens ou na prestação de serviços é o que há de mais importante na economia. Tudo mais são autônomo, simples instrumentos.

Tanto como assalariado, o trabalho procede diretamente da pessoa, que imprime sua marca nas coisas e as sujeita à sua atividade. Normalmente o trabalho é a fonte de sustento do trabalhador e de sua família, mas é também um meio de colaborar com seus iguais, exercer a caridade e aperfeiçoar o mundo criado por Deus. Além disso, pelo trabalho oferecido a Deus, o ser humano se associa à obra redentora de Jesus Cristo, que, trabalhando manualmente em Nazaré, conferiu especial dignidade ao trabalho.

Nisto se baseiam o dever e o direito ao trabalho. Compete à sociedade, concretamente, ajudar os cidadãos a encontrar trabalho. Por sua vez, a remuneração do trabalho deve permitir que se leve dignamente a vida material, social, cultural e espiritual, de acordo com a função e a produtividade de cada um, com as condições da empresa e com o bem comum.

Como a atividade econômica, freqüentemente, associa a pessoa à produção, é iníquo e desumano organizá-la em detrimento dos trabalhadores, escravizando-os praticamente ao que produzem. Nenhuma lei econômica o justifica. Todo processo de produção precisa estar sujeito às necessidades da pessoa e se amoldar às suas razões de viver, a começar pela vida familiar, levando-se em conta a idade e o sexo. É sobretudo importante considerar à parte o caso das mulheres e das mães de família.

Os trabalhadores devem ter oportunidade de desenvolver seus dotes pessoais no próprio trabalho. Podem, assim, aplicar ao trabalho seu tempo e suas forças, com a devida responsabilidade, sem prejuízo do tempo de lazer necessário para que se dediquem à vida familiar, cultural, social e religiosa. Além disso, devem ter oportunidade de desenvolver livremente suas forças e capacidades novas fora do mundo do trabalho".

Nota:172

cf. **Puebla 327, 521-524**: "O amor de Deus que nos dignifica radicalmente se faz necessariamente comunhão de amor com os outros homens e participação fraterna; para nós, hoje em dia, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, esforço de libertação para quem mais precisa. De fato, "ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o irmão a quem vê" (I Jo 4,20). Todavia a comunhão e a participação verdadeiras só podem existir nesta vida projetadas no plano bem concreto das realidades temporais, de tal modo que o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se vão realizando em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia. O Evangelho nos deve ensinar, em face das realidades em que vivemos imersos, que não se pode atualmente na AL amar de verdade o irmão nem portanto a Deus sem que o homem se comprometa em nível pessoal e, em muitos casos, até em nível estrutural com o serviço e promoção dos grupos humanos e dos estratos sociais mais pobres e humilhados, arcando com todas as conseqüências que se seguem no plano destas realidades temporais.

521. Devemos distinguir dois conceitos de política e compromisso político: primeiro, a política em sentido mais amplo que visa o bem comum, no âmbito nacional e no âmbito internacional. Corresponde-lhe precisar os valores fundamentais de toda a comunidade a concórdia interna e a segurança externa conciliando a igualdade com a liberdade, a autoridade pública com a legítima autonomia e participação das pessoas e grupos, a soberania nacional com a convivência e solidariedade internacional. Define também os meios e a ética das relações sociais. Neste sentido amplo, a política interessa à Igreja e, portanto, a seus pastores, ministros da unidade. É uma forma de dar culto ao único Deus, dessacralizando e ao mesmo tempo consagrando o mundo a Ele (LG 34).

522. A Igreja contribui assim para promover os valores que devem inspirar a política, interpretando em cada nação as aspirações de seus povos especialmente os anseios daqueles que uma sociedade tenda a marginalizar. E o faz mediante seu testemunho, sua doutrina e sua multiforme ação pastoral.

523. Segundo: a realização concreta dessa tarefa política fundamental se faz normalmente através de grupos de cidadãos que se propõem conseguir e exercer o poder político para resolver as questões econômicas, políticas e sociais segundo seus próprios critérios ou ideologias. Neste sentido se pode falar de "política de partido". As ideologias elaboradas por esses grupos, embora se inspirem na doutrina cristã, podem chegar a diferentes conclusões. Por isso, nenhum partido político, por mais inspirado que esteja na doutrina da Igreja, pode arrogar-se a representação de todos os fiéis, já que seu programa concreto nunca poderá ter valor absoluto para todos (João Paulo II, Discurso Inaugural, I, 4-AAS, LXXI, p. 190).

524. A política partidária é o campo próprio dos leigos. Corresponde à sua condição leiga constituir e organizar partidos políticos, com ideologia e estratégia adequada para alcançar seus legítimos fins".

ECOP, n.4-5: "Realizando a sua missão, a Igreja busca orientar-se pelos critérios da fé, que complementam os postulados da razão e natureza humana. Mostra o sentido último do homem e do mundo à luz da Ressurreição de Cristo, manifestação definitiva do sentido da História. Para a Igreja, a Fé deve ordenar toda a vida do homem e todas as suas atividades, também as que se referem à ordem política.

5. A ordem política está sujeita à ordem moral. A Igreja, iluminada pela Fé, procura definir com sempre maior clareza as exigências que da ordem moral decorrem para a ordem política. Nós, Pastores, temos consciência de não estarmos exorbitando de nossa missão, quando proclamamos estas exigências e exortamos os cristãos a assumirem sua função específica na construção da sociedade de acordo com estes princípios".

Nota:173

cf. **Puebla 1134-1165; 707; 733-735; 769; 1130**: "A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação.

1135. A imensa maioria de nossos irmãos continua vivendo em situação de pobreza e até miséria, que se veio agravando. Queremos tomar consciência, do que a Igreja latino-americana fez ou deixou de fazer pelos pobres depois de Medellín, como ponto de partida para a busca de pistas opcionais eficazes em nossa ação evangelizadora, no presente e no futuro da América Latina.

1136. Verificamos que episcopados nacionais e numerosos setores de leigos, religiosos, religiosas e sacerdotes tornaram mais profundo e realista o seu compromisso com os pobres. Esse testemunho incipiente, mas real, levou a Igreja latino-americana à denúncia das graves injustiças derivadas de mecanismos opressores.

1137. Os pobres, também alentados pela Igreja, começaram a organizar-se para uma vivência integral de sua fé e, por isso, para reivindicar os seus direitos.

1138. A denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre causaram-lhe, em não poucos casos, perseguições e vexames de vários tipos: os próprios pobres têm sido as primeiras vítimas de tais vexames.

- 1139.** Isso tudo foi causa de tensões e conflitos dentro e fora da Igreja. Acusaram-na com frequência, seja de estar do lado dos poderes socio-econômicos políticos, seja dum perigoso desvio ideológico marxista.
- 1140.** Na Igreja da América Latina, nem todos nos temos comprometido bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles e somos com eles solidários. O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres.
- 1141.** O compromisso evangélico da Igreja, como disse o papa, deve ser como o de Cristo: um compromisso com os mais necessitados (cf. Lc 4,18-21; Discurso Inaugural, III, 3). Por conseguinte, a Igreja deve ter os olhos em Cristo quando se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora. O Filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso ao fazer-se homem, pois identificou-se com os homens tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, em seu nascimento, em sua vida e, sobretudo, em sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima da pobreza.
- 1142.** Só por este motivo, os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama. Assim é que os pobres são os primeiros destinatários da missão e sua evangelização é o sinal e prova por excelência da missão de Jesus.
- 1143.** Este aspecto central da evangelização foi sublinhado por S. S. João Paulo II: "Desejei vivamente este encontro porque me sinto solidário convosco e porque, sendo pobres, tendes direito a meu particular desvelo; e o motivo é este: o papa vos ama porque sois os prediletos de Deus. Ele mesmo, ao fundar sua família, a Igreja, tinha presente a humanidade pobre e necessitada. Para remi-la, enviou precisamente seu Filho, que nasceu pobre e viveu entre os pobres para nos tornar ricos com sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9) Alocução Bairro Santa Cecília AAS, LXXI, p.220) .
- 1144.** De Maria, que em seu canto do Magnificat proclama que a salvação de Deus tem muito a ver com a justiça para com os pobres, "parte também o compromisso autêntico com os outros homens, nossos irmãos, especialmente pelos mais pobres e necessitados e pela necessária transformação da sociedade" (João Paulo II, Homilia Zapopán 4 ASS LXXI, p.230).
- 1145.** Ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo. O melhor serviço do irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente.
- 1146.** É de suma importância que este serviço do irmão siga a linha que o Concílio Vaticano II nos traça: "Cumprir antes de mais nada as exigências da justiça, para não ficar dando como ajuda de caridade aquilo que já se deve em razão da justiça; suprimir as causas e não só os efeitos dos males e organizar os auxílios de forma tal que os que os recebem se libertem progressivamente da dependência externa e se bastem a si mesmos" (AA 8).
- 1147.** O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus.
- 1148.** Para o cristão, o termo "pobreza" não é somente expressão de privação e marginalização de que nos precisemos libertar. Designa também um modelo de vida que já desponta no Antigo Testamento no tipo dos "pobres de Javé" e é vivido e proclamado por Jesus como bem-aventurança. São Paulo resumiu este ensinamento dizendo que a atitude do cristão deve ser de usar os bens deste mundo (cujas estruturas são transitórias) sem absolutizá-los, pois são apenas meios para se chegar ao Reino. Este modelo de vida pobre é exigido pelo Evangelho de todos os que crêem em Cristo e, por isso, podemos chamá-lo "pobreza evangélica". Os religiosos vivem de maneira radical esta pobreza exigida de todos os cristãos, ao se comprometerem por seus votos e viver os conselhos evangélicos.
- 1149.** A pobreza evangélica une a atitude de abertura confiante em Deus com uma vida simples, sóbria e austera, que aparta a tentação da cobiça e do orgulho.
- 1150.** A pobreza evangélica põe-se em prática também pela comunicação e participação dos bens materiais e espirituais; não por imposição, mas por amor, para que a abundância de uns remedeie a necessidade dos outros.
- 1151.** A Igreja se alegra por ver em muitos filhos seus, sobretudo da classe média mais modesta, a vivência concreta desta pobreza cristã.
- 1152.** No mundo de hoje, esta pobreza é um desafio ao materialismo e abre as portas a soluções alternativas da sociedade de consumo.
- 1153.** A opção preferencial pelos pobres tem como objetivo o anúncio de Cristo Salvador, que os iluminará sobre a sua dignidade, os ajudará em seus esforços de libertação de todas as suas carências e os levará à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica. "Jesus Cristo veio para compartilhar nossa condição humana com seus sofrimentos, suas dificuldades, sua morte. Antes de transformar a existência cotidiana, ele soube falar ao coração dos pobres, libertá-los do pecado. abrir seus olhos para um horizonte de luz e enchê-los de alegria e esperança. Hoje, Jesus Cristo faz o mesmo. Está presente em vossas Igrejas, em vossas famílias, em vossos corações" (João Paulo II, Alocução Operários Monterrey, 8 - AAS LXXI, p. 244).
- 1154.** Esta opção, exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina, deve levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre.
- 1155.** A necessária mudança das estruturas sociais, políticas e econômicas injustas não será verdadeira e plena se não for acompanhada pela mudança de mentalidade pessoal e coletiva com respeito ao ideal duma vida humana digna e feliz, que por sua vez dispõe à conversão.
- 1156.** A exigência evangélica da pobreza, como solidariedade com o pobre e como rejeição da situação em que vive a maioria do Continente, liberta o pobre de ser individualista em sua vida e ser atraído e seduzido pelos falsos ideais duma sociedade de consumo. Da mesma forma, o testemunho duma Igreja pobre pode evangelizar os ricos, que têm o coração apegado às riquezas, convertendo-os e libertando-os desta escravidão e de seu egoísmo.

- 1157.** Para viver e anunciar a exigência da pobreza cristã, a Igreja deve rever suas estruturas e a vida de seus membros, sobretudo dos agentes de pastoral, com vistas a uma conversão efetiva.
- 1158.** Esta conversão traz consigo a exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, já que na sua ação evangelizadora a Igreja contará mais com o ser e poder de Deus e de sua graça do que com o "ter mais e o poder secular. Assim, apresentará uma imagem autenticamente pobre, aberta a Deus e ao irmão, sempre disponível, onde os pobres têm capacidade real de participação e são reconhecidos pelo valor que têm.
- 1159.** Comprometidos com os pobres, condenamos como anti-evangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso Continente.
- 1160.** Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza.
- 1161.** Reconhecemos a solidariedade de outras Igrejas unimos os nossos esforços aos dos homens de boa vontade para desarraigar a pobreza e criar um mundo mais justo e fraterno.
- 1162.** Apoiamos as aspirações dos operários e camponeses que querem ser tratados como homens livres e responsáveis, chamados a participar nas decisões que concernem à sua vida e futuro e animamos todos em sua própria superação.
- 1163.** Defendemos o seu direito fundamental de "criar livremente organizações de defesa e promoção dos seus interesses e para contribuir responsabilmente para o bem comum" (João Paulo II, Alocução Operários Monterrey, 3 - AAS, LXXI, p. 242).
- 1164.** As culturas indígenas possuem valores indiscutíveis; são a riqueza dos povos. Comprometemo-nos a considerá-las com respeito e simpatia e a promovê-las sabendo "quando é importante a cultura como veículo de transmissão da fé, para que os homens progredam no conhecimento de Deus. Neste ponto, não pode haver distinções de raças e culturas" (João Paulo II, Alocução Oaxaca, 2 - AI LXXI, p. 208).
- 1165.** Com seu amor preferencial, mas não exclusivo, dos pobres, a Igreja presente em Medellín foi, Como disse o Santo Padre, um chamado à esperança rumo a metas mais cristãs e mais humanas. A III Conferência Episcopal de Puebla quer manter vivo este chamado e abrir novos horizontes à esperança.
- 707:** Num espírito de fidelidade total ao Evangelho e sem perder de vista o nosso carisma de sinal de unidade e pastor, dar a entender por nossa vida e atitudes a nossa preferência pela evangelização e serviço aos pobres.
- 733.** A abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da vida religiosa latino-americana. De fato, os religiosos acham-se cada vez mais em zonas marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre.
- 734.** Isso tem levado à revisão das obras tradicionais, para melhor responder às exigências da evangelização. Iguamente projetou uma luz mais clara sobre a relação dos religiosos com a pobreza dos marginalizados, que já não supõe somente o desprendimento interior e a austeridade comunitária, mas também solidariedade, partilha e, em certos casos, convivência com o pobre.
- 735.** Contudo, esta opção produz efeitos negativos, quando falta a preparação adequada, o apoio comunitário, a maturidade pessoal ou a motivação evangélica. Em não poucas ocasiões, tal opção implicou no risco de ser mal interpretada.
- 769:** Incentivar os religiosos para que assumam um compromisso preferencial pelos pobres, levando em consideração o que disse João Paulo II: "Sois sacerdotes e religiosos; não sois dirigentes sociais, líderes políticos ou funcionários dum poder temporal. Por isso vos repito: não tenhamos a ilusão de servir o Evangelho se permitimos que o nosso carisma se "dilua" através dum exagerado interesse pelo vasto campo dos problemas temporais" (João Paulo II, Alocução Sacerdotes, 8 - AAS, LXXI, p. 182).
- 1130:** A evangelização dos pobres foi para Jesus um dos sinais messiânicos e será também para nós sinal de autenticidade evangélica".
- Nota:174**
- cf. **Puebla 533-534; 1254-1293; 1296; 1226; 1228; 1308-1309; 1188:** "Nossa responsabilidade de cristãos é promover de todos os modos os meios não violentos para restabelecer a justiça nas relações sócio políticas e econômicas, segundo a doutrina do Concílio, que vale tanto para a vida nacional como para a vida internacional: "Só podemos calorosamente aplaudir aqueles que, para reivindicar os seus direitos, renunciam ao emprego da violência e recorrem aos meios de defesa, que aliás estão ao alcance também dos mais fracos, contanto que isso seja viável sem lesar direitos e obrigações de outros ou da comunidade" (GS 78).
- 534.** "Devemos dizer e reafirmar que a violência não é nem cristã nem evangélica e que as transformações bruscas e violentas das estruturas serão enganosas, ineficazes em si mesmas e certamente não conformes com a dignidade do povo" (Paulo VI, discurso em Bogotá, 23-8-1968). Com efeito, "a Igreja está consciente de que as melhores estruturas e os sistemas mais idealizados logo se tornam desumanos se as inclinações do homem não forem sanadas, se não houver a conversão do coração e da mente por parte daqueles que vivem nessas estruturas ou as dirigem" (EN 36).
- 1254.** João Paulo II lembrou-nos que a dignidade humana é um valor evangélico e o Sínodo de 1974 no ensinou que a promoção da justiça é parte integrante da evangelização. Essa dignidade e esta promoção da justiça devem verificar-se tanto na ordem nacional como na internacional.
- 1255.** Ao ocupar-nos da realidade da ordem nacional internacional, fazemo-lo numa atitude de serviço como pastores, e não de um ponto de vista econômico, político ou meramente sociológico. Esforçamo-nos para que haja entre os homens maior comunhão e participação nos bens de toda ordem que Deus nos outorgou.
- 1256.** Por isso, queremos encarar a situação da dignidade da pessoa humana e da promoção da justiça em nossa realidade latino-americana, refletindo sobre a mesma à luz de nossa fé e dos princípios fundados na própria natureza humana, para encontrar critérios e serviços que nortearão nossa ação pastoral, hoje e no futuro próximo.
- 1257.** O homem latino-americano sobrevive numa situação social que contradiz sua condição de habitante dum Continente majoritariamente cristão: são evidentes as contradições existentes entre estruturas sociais injustas e as exigências do Evangelho.
- 1258.** Muitas são as causas desta situação de injustiça, mas à raiz de todas elas encontra-se o pecado, tanto em seu aspecto pessoal como nas próprias estruturas.

1259. Verificamos com profundo pesar que se agravou a situação violenta que se pode chamar institucionalizada (subversiva e repressiva), na qual a dignidade humana é violada até em seus direitos mais fundamentais.

1260. Precisamos assinalar de maneira especial que, depois dos anos cinquenta, e não obstante as realizações obtidas, têm fracassado as amplas esperanças do desenvolvimento e aumentado a marginalização de grande parte da sociedade e a exploração dos pobres.

1261. A falta de realização da pessoa humana em seus direitos fundamentais tem início antes mesmo do nascimento do homem, pelo incentivo de evitar a concepção e também de interrompê-la por meio do aborto; prossegue com a desnutrição infantil, o abandono prematuro, a carência de assistência médica, de educação e moradia, que propiciam uma desordem constante, na qual não se pode estranhar a proliferação da criminalidade, da prostituição, do alcoolismo e da toxicomania.

1262. Neste contexto, impedido o acesso aos bens e serviços sociais e às decisões políticas, agravam-se os atentados à liberdade de opinião, à liberdade religiosa, à integridade física. Assassínatos, desaparecimentos, prisões arbitrárias, atos de terrorismo, seqüestros, torturas disseminadas por todo o Continente, demonstram uma total falta de respeito pela dignidade da pessoa humana. Por vezes até pretende-se justificar alguns desses atentados como exigências da segurança nacional.

1263. Ninguém pode negar a concentração da propriedade empresarial, rural e urbana em mãos de poucos, o que torna imperioso reivindicar verdadeiras reformas agrárias e urbanas; de igual forma, a concentração do poder pelas tecnocracias civis e militares, que frustram as exigências de participação e garantias dum Estado democrático.

1264. O homem latino-americano encontra uma sociedade cada vez mais desequilibrada na sua convivência. Há "mecanismos que, por estarem impregnados, não dum autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem em nível internacional ricos cada vez mais ricos, à custa de pobres cada vez mais pobres" (João Paulo II, Discurso Inaugural, III, 4) Tais mecanismos se manifestam numa sociedade muitas vezes programada à luz do egoísmo, nas manipulações da opinião pública, em expropriações invisíveis e em novas formas de domínio supranacional, pois crescem as distâncias entre as nações ricas e pobres. Acrescente-se, além disso, que em muitos casos e poderio de empresas multinacionais se sobrepõe ao exercício da soberania das nações e ao pleno domínio de seus recursos naturais.

1265. Como consequência dos novos manejos e da exploração causada pelo sistema de organização da economia e da política internacional, o subdesenvolvimento do hemisfério pode agravar-se e até tornar-se permanente. Devido a isso, vemos o ideal da integração latino-americana ameaçado, fato lamentável, motivado em grande parte pelas ambições econômicas nacionalistas, pela paralisação dos grandes planos de cooperação e por novos conflitos internacionais.

1266. O desequilíbrio sócio-político, em nível nacional e internacional, está criando um grande número de desenraizados, tais como os emigrantes, número este que pode crescer de forma imprevisível em futuro próximo. A esses devem acrescentar-se os desenraizados políticos, como os asilados, refugiados, desterrados e também toda a gama de pessoas desprovidas de documentos. Em situação de total abandono encontram-se os anciãos, os inválidos, os nômades e as grandes massas de camponeses e indígenas "quase sempre abandonados num nível de vida ignóbil e, por vezes, duramente ludibriados e explorados" (Paulo VI, Discurso Camponeses, Bogotá 23.8.1968).

1267. Finalmente, não se torna estranho neste complexo problema social o aumento dos gastos com armamentos, como tampouco a criação artificial de necessidades supérfluas, impostas de fora aos países pobres.

1268. A realização da pessoa consegue-se graças ao exercício de seus direitos fundamentais, eficazmente reconhecidos, tutelados e promovidos. Por isso a Igreja, perita em humanidade, deve ser a voz daqueles que não têm voz (da pessoa, da comunidade perante a sociedade, das nações fracas perante as poderosas) cabendo-lhe uma ação de docência e serviço em prol da comunhão e da participação.

1269. Em face da situação de pecado, surge por parte da Igreja o dever de denúncia, que deve ser objetiva, denodada e evangélica; que não intenta condenar, mas sim salvar o culpado e a vítima. Tal denúncia, feita após entendimento prévio entre os pastores, requer a solidariedade interna da Igreja e o exercício da colegialidade.

1270. A declaração dos direitos fundamentais da pessoa humana, hoje e no futuro, é e será parte indispensável de sua missão evangelizadora. A Igreja proclama, entre outros, a exigência de realização dos seguintes direitos:

1271. Direitos individuais: direito à vida (a nascer, à procriação responsável), à integridade física e psíquica, a proteção legal, à liberdade religiosa, à liberdade de opinião, à participação nos bens e serviços, a construir o próprio destino, ao acesso à propriedade e "outras formas de domínio privado sobre os bens exteriores" (GS 71).

1272. Direitos sociais: direito à educação, à associação; ao trabalho, à moradia, à saúde, ao lazer, ao desenvolvimento, ao bom governo, à liberdade e justiça social, à participação nas decisões que concernem ao povo e às nações.

1273. Direitos emergentes: direito à própria imagem, à boa fama, à privacidade, à informação e expressão objetivas, à objeção de consciência "contanto que não se violem as justas exigências da ordem pública" (DH 4), e a uma visão pessoal do mundo.

1274. Entretanto, a Igreja também ensina que o reconhecimento desses direitos supõe e exige sempre, "no homem que os possui, outros tantos deveres: uns e outros têm na lei natural que os confere ou impõe, sua origem, seu sustentáculo e sua força indestrutível" (PT 28).

1275. Todo o desequilíbrio da sociedade internacional, como a necessidade de salvaguardar o caráter transcendente da pessoa humana numa nova ordem internacional, impelem a Igreja a urgir a proclamação e o esforço por tornar realidade certos direitos como:

1276. O direito a uma convivência internacional justa entre as nações, com pleno respeito a sua autodeterminação econômica, política, social e cultural.

1277. O direito de cada nação defender e promover seus próprios interesses perante as empresas transnacionais, fazendo-se necessário a elaboração, em nível internacional, dum estatuto que regule as atividades de tais empresas.

1278. O direito a uma nova cooperação internacional, que reveja as condições originais de tal cooperação.

1279. O direito a uma nova ordem internacional em consonância com os valores humanos de solidariedade e justiça.

1280. Esta nova ordem internacional evitará uma sociedade edificada sobre critérios neomalthusianos; basear-se-á nas legítimas necessidades sociais do homem; assumirá um pluralismo sadio com a adequada representação das minorias e dos grupos intermediários, a fim de que o mesmo não seja um círculo fechado de nações; preservará o patrimônio comum da humanidade e, em especial, os oceanos.

1281. Finalmente, os excedentes econômicos, as poupanças provenientes do desarmamento e qualquer outra riqueza sobre a qual pesa, também em nível internacional, a "hipoteca social", deverão ser utilizados socialmente, garantindo o acesso imediato e livre dos mais fracos ao próprio desenvolvimento integral.

1282. Reconhecendo, de modo especial, que os povos latino-americanos possuem em comum tantos valores, necessidades, dificuldades e esperanças, deve-se promover uma legítima integração, que supere os egoísmos e os nacionalismos estreitos respeite a legítima autonomia de cada povo, sua integridade territorial, etc. e promova a autolimitação dos gastos com armamentos.

1283. A Igreja, além de anunciar a dignidade da pessoa humana, de seus direitos e deveres e de denunciar as violações cometidas contra o homem, deve exercer uma ação de serviço, como parte integrante de sua missão evangelizadora e missionária. Ela deve criar, juntamente com todos os homens de fé e boa vontade, uma consciência ética em torno dos grandes problemas internacionais. Por esta razão, ela:

1284. - dá testemunho evangélico de Deus presente na história e desperta no homem uma atitude aberta à comunhão e participação;

1285. - estabelece em sua área organismos de ação social e promoção humana;

1286. - supre, na medida de suas possibilidades, a lacunas e ausências dos poderes públicos das organizações sociais;

1287. - convoca a comunidade humana para que se revejam e orientem as instituições internacionais e se criem formas de proteção que, baseadas na justiça, garantam a promoção autenticamente humana da crescente multidão de desamparados.

1288. Recomenda-se a colaboração entre as Conferências Episcopais, para o estudo de problemas pastorais, especialmente dos que respeitam à justiça e que ultrapassam o nível nacional.

1289. Em especial, compete à ação da Igreja com relação aos anônimos sociais, o dever de acolhê-los e assisti-los, de restaurar sua dignidade e sua fisionomia humana, "porque quando um homem é ferido em sua dignidade, toda a Igreja sofre" (Paulo VI, janeiro de 1977).

1290. A Igreja deve empenhar-se para que este grupo flutuante da humanidade se reintegre socialmente, sem perder os próprios valores; deve velar pela restauração plena de seus direitos; colaborar para que aqueles que não existem legalmente adquiram a necessária documentação, a fim de que todos tenham acesso ao desenvolvimento integral, que a sua dignidade de homens e filhos de Deus merece. Com isto ela cooperará para assegurar ao homem uma existência digna, que o capacite para realizar-se no interior da família e da sociedade.

1291. Também necessária é a ação da Igreja para que os desenraizados e marginalizados do nosso tempo não se constituam permanentemente em cidadãos de segunda categoria, já que eles são sujeitos de direitos, com legítimas aspirações sociais, e têm direito a uma atenção pastoral adequada, conforme os documentos pontifícios e as orientações propostas nas reuniões latino-americanas sobre pastoral de migrações.

1292. A Igreja faz um apelo urgente à consciência dos povos e também às organizações humanitárias para que:

- se fortaleça e generalize o direito de asilo, instituição genuinamente latino-americana (tratado do Rio de Janeiro, 1942), forma atual daquela proteção que a Igreja anteriormente oferecia;

- os países ampliem suas quotas de recepção de refugiados e emigrantes e se agilize a implementação dos acordos e mecanismos de integração competentes nessas ações;

- se ataque pela raiz o problema ocupacional, com políticas específicas de posse da terra, de produção e comercialização, que cubram as urgentes necessidades da população e fixem o trabalhador em seu meio;

- se incentive a cooperação fraterna das nações por ocasião de catástrofes;

- se possibilite a anistia como sinal de reconciliação, para se conseguir a paz, de acordo com o convite de Paulo VI na proclamação do Ano Santo de 1975;

- se criem centros de defesa da pessoa humana, que trabalhem com o objetivo de "que se derrubem as barreiras de exploração criadas, não raro, por egoísmos intoleráveis, contra os quais se destroçam seus melhores esforços de promoção" (João Paulo II, Alocução Oaxaca, 5).

1293. A todas as pessoas aflitas e aos que sofrem por causa da violação de seus direitos, fazemos chegar nossa palavra de compreensão e animo. Exortamos os responsáveis pelo bem comum e que ponham todo o seu empenho, com vontade resoluta, para remediar as causas que geram essas situações, e criem as condições necessárias para uma convivência autenticamente humana.

1296: Refletindo nos nossos planejamentos pastorais, desejamos possuir a criatividade do Espírito, o seu dinamismo para transformar o homem latino-americano num homem novo, a imagem de Cristo Ressuscitado, portador da nova esperança para seus irmãos."

1226: "Tomar consciência da realidade e extensão do fenômeno da descrença, com vistas à purificação da fé dos crentes; à coerência entre fé e vida e à colaboração "em verdadeira paz, para a edificação do mundo" (CG 92) .

1228: O Espírito do Senhor impele o Povo de Deus, na história, a discernir os sinais dos tempos e a descobrir, nos mais profundos anseios e problemas dos seres humanos, o plano de Deus sobre a vocação do homem na construção da Sociedade, para torná-la mais humana, justa e fraterna.

1308: É necessário criar no homem latino-americano uma sã consciência social, um sentido evangélico crítico face à realidade, um espírito comunitário e um compromisso social. Tudo isto tornará possível uma participação livre e responsável, em comunhão fraterna e dialogante, para a construção da nova sociedade,

verdadeiramente humana, penetrada de valores evangélicos. Ela deve ser modelada em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e dar resposta aos sofrimentos e aspirações de nossos povos, cheios de uma esperança que não poderá ser iludida.

1309. Graças a Deus, existe atualmente muita vitalidade evangelizadora em nosso Continente:

- As comunidades eclesiais de base em comunhão com seus pastores.
- Os movimentos de apostolado leigo organizados, como os movimentos de casais, de juventude e outros.
- A consciência mais esclarecida dos leigos a respeito de sua própria identidade e missão eclesial.
- Novos ministérios e serviços.
- Intensa atividade pastoral comunitária dos sacerdotes, religiosos e religiosas nas regiões mais pobres.
- A presença cada vez maior e mais simples dos bispos no meio do povo.
- A colegialidade episcopal mais vivida.
- A sede de Deus e a sua procura na oração e contemplação, à imitação de Maria, que guardava em seu coração as palavras e os atos de seu Filho.
- A consciência cada vez mais clara da dignidade do homem em sua visão cristã.

Todos estes aspectos são outros tantos sinais de esperança e alegria para quem vive imerso no mistério pascal de Cristo e sabe que unicamente o Evangelho vivido e proclamado, como ele o fez, leva à autêntica e total libertação da humanidade: "E em nenhum outro se encontra a salvação; pois, debaixo do céu não foi dado aos homens outro nome pelo qual possamos salvar-nos" (At 4, 12).

1188: A Igreja evangelizadora faz um veemente apelo para que os jovens nela busquem o lugar de sua comunhão com Deus e os homens a fim de construir "a civilização do amor" e edificar a paz na justiça. Convida-os a que se comprometam eficazmente numa ação evangelizadora que não exclua ninguém, de acordo com a situação em que vivem, e tendo predileção pelos mais pobres".

Nota:175

cf. **Puebla 7, 1300, 1099, 1114, 1115, 1251, 1252, 1188:** "Com palavras afetuosas e confiantes saudamos aos abnegados agentes de pastoral de nossas Igrejas particulares, sem distinguir as categorias a que pertençam. Exortando-vos a continuar vossos trabalhos em favor do Evangelho, concitamos-vos a desenvolver um esforço crescente em prol da pastoral das vocações, onde se incluem os ministérios que se confiam aos leigos em razão de seu batismo e de sua confirmação. A Igreja precisa de mais sacerdotes diocesanos e religiosos, quanto possível sábios e santos para o ministério da Palavra e da Eucaristia e para a maior eficácia do apostolado religioso e social. E necessita de leigos que tenham consciência da missão que lhes cabe no interior da Igreja e na construção da cidade secular.

1300. As comissões, em seus respectivos temas, deram já uma resposta. Não é necessário repeti-la. Nesta última parte, como conclusão, desejamos apenas apresentar as grandes linhas ou opções-chaves. É sobretudo um espírito, uma característica que deve marcar a evangelização em nosso Continente radicalmente cristão, mas no qual a fé, como vivência total e norma de vida, não tem a incidência que seria de desejar na conduta pessoal e social de muitos cristãos. As formas de injustiça que enfraquecem e violentam nossa convivência social e que se manifestam especialmente na pobreza extrema, na violação da dignidade da pessoa e dos direitos humanos, deixam claro que a fé ainda não atingiu entre nós a sua plena maturidade. As próprias culturas vivas no Continente e a nova civilização que se vai formando sob a influência do mundo técnico-científico, de tendência marcadamente secularista, exigem dos cristãos um compromisso mais evangélico e uma atitude de permanente diálogo.

1099. O Continente latino-americano foi evangelizado na fé católica desde o seu descobrimento. Isto constitui um traço fundamental de identidade e unidade do Continente, e ao mesmo tempo, uma tarefa permanente. Por causas diversas, presencia-se hoje um crescente pluralismo religioso e ideológico.

1114. Em qualquer evangelização ressoa a palavra de Cristo, que é por sua vez a Palavra do Pai. Esta palavra procura a resposta da fé. Entretanto, a mesma palavra, proclamada pela Igreja, pretende outrossim entrar num fecundo intercâmbio com as manifestações religiosas e culturais que caracterizam o nosso hodierno mundo pluralista. Isto é o diálogo, que sempre tem um caráter de testemunho, dentro do máximo respeito à pessoa e à identidade do interlocutor. O diálogo tem suas exigências de lealdade e integridade da parte de ambos os interlocutores. Não se opõe à universalidade da proclamação do Evangelho, e sim completa-a por outra via e salva sempre a obrigação que incumbe à Igreja de partilhar o Evangelho com todos. Oportuno é recordar aqui que foi precisamente no âmbito da missão que nasceu, no século passado pela graça do Espírito Santo, a preocupação ecumênica; não se pode pregar um Cristo dividido.

1115. Sendo assim, a Igreja, no Concílio, insiste com os pastores e fiéis para que "reconhecendo os sinais dos tempos, participem diligentemente no trabalho ecumênico", a fim de "promover a restauração da unidade entre todos os cristãos", "um dos principais propósitos do Concílio" (UR 4).

1251. Para tanto, propomos a mobilização de todos os homens de boa vontade. Que eles se unam, com novas esperanças, para essa tarefa imensa. Queremos escutá-los com viva sensibilidade; unir-nos a eles em sua ação construtiva.

1252. Com nossos irmãos que professam a mesma fé em Cristo, embora não pertençam à Igreja Católica, esperamos unir esforços, preparando constantes e progressivas convergências que apressem a chegada do Reino de Deus.

1188. A Igreja evangelizadora faz um veemente apelo para que os jovens nela busquem o lugar de sua comunhão com Deus e os homens a fim de construir "a civilização do amor" e edificar a paz na justiça. Convida-os a que se comprometam eficazmente numa ação evangelizadora que não exclua ninguém, de acordo com a situação em que vivem, e tendo predileção pelos mais pobres".

DCG, n.27: "As comunidades cristãs, de acordo com as circunstâncias em que se encontram, devem participar do diálogo ecumênico e das demais iniciativas que visam a restauração da unidade dos cristãos (cf. UR, 5).

A catequese contribui com o seu auxílio para esta causa (cf. UR, 6), expondo claramente a doutrina integral da Igreja (cf. UR, 11), promovendo um conhecimento adequado das outras confissões, tanto nos aspectos em que concordam com a fé católica, quanto naqueles em que dela diferem. No tratamento deste assunto deve-se ter o cuidado de evitar expressões e maneiras de expor a doutrina que possam "induzir em erro os irmãos separados ou quaisquer outras pessoas, quanto à verdadeira doutrina da Igreja" (LG 67); deve, igualmente, ser observada a ordem ou hierarquia das verdades da doutrina católica (cf. UR, 11; AG, 15; Ad Ecclesiam totam de

14 de maio de 1967, AAS, 1967, p. 574-592). Os argumentos em favor da doutrina católica devem ser propostos com caridade e ao mesmo tempo com a devida firmeza”.

CT 32, 33: “O grande movimento, certamente inspirado pelo Espírito de Jesus, que de há alguns anos para cá, impele a Igreja Católica a procurar juntamente com outras Igrejas ou confissões cristãs a recomposição da perfeita unidade desejada pelo Senhor, leva-me a dizer uma palavra sobre o caráter ecumênico da catequese. Esse movimento assumiu todo o seu relevo no Concílio Vaticano II e, a partir do Concílio, revestiu-se na Igreja de uma nova amplitude, concretizada numa série impressionante de fatos e iniciativas que já são do conhecimento de todos.

A catequese, de fato, não pode ficar alheia a esta dimensão ecumênica, uma vez que todos os fiéis, cada um segundo suas próprias capacidades e sua situação na Igreja, são chamados a participar no movimento para a unidade.

A catequese terá uma dimensão ecumênica, pois, se ela, sem renunciar a ensinar que a plenitude das verdades reveladas e dos meios de salvação instituídos por Cristo permanece na Igreja, fizer tal ensino com sincero respeito, em palavras e em obras, para com as comunidades eclesiais que não estão em perfeita comunhão com esta mesma Igreja.

Neste contexto, é sobremaneira importante fazer uma apresentação correta e leal das outras Igrejas e comunidades eclesiais, das quais o Espírito de Cristo não recusa servir-se como de meios de salvação; e entre os elementos e os bens, tomados em conjunto, com que a Igreja se edifica e é vivificada, alguns e até muitos e muito importantes podem existir fora dos limites visíveis da Igreja Católica.⁸⁵ Entre outras coisas, uma tal apresentação ajudará os católicos, por um lado, a aprofundarem a sua própria fé e, por outro lado, a melhor conhecerem e estimarem os outros irmãos cristãos, facilitando assim a procura em comum do caminho para a plena unidade na verdade total. Ela há de ajudar também os não-católicos a melhor conhecerem e apreciarem a Igreja Católica e a sua convicção de ser o meio geral de salvação.

A catequese terá ainda uma dimensão ecumênica, se ela souber suscitar e alimentar um verdadeiro desejo de unidade; e mais ainda, se ela inspirar esforços sérios incluindo o esforço para se purificar com humildade e fervor do Espírito, a fim de tornar mais desimpedidos os caminhos - não em vista de um irenismo fácil, baseado em omissões ou em concessões no plano doutrinário, mas sim em vista da unidade perfeita, quando o Senhor a quiser e pelas vias que ele quiser.

A catequese será ecumênica, enfim, se ela se esforçar para preparar as crianças e os jovens, bem como os adultos católicos, a fim de viverem em contato com não-católicos, afirmando a própria identidade católica com respeito pela fé dos outros.

33. Nas situações de pluralidade religiosa, os Bispos poderão julgar oportunas ou mesmo necessárias certas experiências de colaboração no domínio da catequese entre católicos e outros cristãos, como complemento de catequese normal, que, de toda a maneira, os católicos devem receber. Tais experiências encontram o seu fundamento nos elementos que são comuns a todos os cristãos. A comunhão de fé entre os católicos e os outros cristãos, no entanto, não é completa e perfeita; existem mesmo, em alguns casos, profundas divergências. Por conseqüência, esta colaboração ecumênica é por sua própria natureza limitada: ela não poderá nunca significar uma redução a um mínimo comum. Ademais, a catequese não consiste somente em ensinar a doutrina, mas também em iniciar a toda a vida cristã, levando para tanto a participar plenamente nos Sacramentos da Igreja. Daqui a necessidade, naquelas partes onde exista uma experiência de colaboração ecumênica no domínio da catequese, de vigiar para que a formação dos católicos fique bem assegurada na Igreja Católica em matéria de doutrina e de vida cristã.

Houve um certo número de Bispos que fizeram notar, no decorrer do Sínodo, o caso cada vez mais freqüente, diziam eles em que as autoridades civis ou outras circunstâncias impõem nas escolas de alguns países um ensino da religião cristã (com manuais próprios, horas de aulas etc.) comum a católicos e a não-católicos. Não será muito necessário, mas é bom que se diga: em tais casos não se trata de uma verdadeira catequese. Contudo, tal ensino tem também uma importância ecumênica quando apresenta com lealdade a doutrina cristã. No caso de as circunstâncias imporem esse ensino, importa que seja assegurada além dele, e ainda com maior cuidado, uma catequese especificamente católica”.

Puebla 304: “Visão cristã do homem, quer à luz da fé, quer à luz da razão, para julgar sua situação na América Latina a fim de se contribuir na construção de uma sociedade mais cristã e, portanto, mais humana”.

Nota:176

1Ts 4,18: “Consolem-se, pois, uns aos outros com essas palavras”.

Nota:177

Ap 22,17-20: “O Espírito e a Esposa dizem: Vem! Aquele que escuta isso, também diga: Vem! Quem estiver com sede, venha! E quem quiser, receba de graça a água da vida. A quem está escutando as palavras da profecia deste livro, eu declaro: Se alguém acrescentar qualquer coisa a este livro, Deus vai acrescentar a essa pessoa as pragas que aqui estão descritas. E se alguém tirar alguma coisa das palavras do livro desta profecia, Deus vai retirar dessa pessoa a sua parte na árvore da Vida e na Cidade Santa, que estão descritas neste livro. Aquele que atesta essas coisas diz: Sim! Venho muito em breve. Amém! Vem, Senhor Jesus!”.

Nota:178

cf. **Puebla 265, 298, 209-210:** “Em outro extremo estão os que quiseram viver uma mudança contínua. Não é este o sentido de ser peregrinos. Não estamos à procura de tudo. Existe algo que já possuímos na esperança, mas com segurança e do qual devemos dar testemunho. Somos peregrinos, mas também somos testemunhas. Nossa atitude é de tranqüilidade e de alegria por aquilo que já encontramos e de esperança pelo que ainda nos falta. Tampouco é certo que todo caminho se faz andando. O caminho pessoal, em suas circunstâncias concretas, sim, mas o largo caminho que é comum aos povos de Deus já está aberto, já foi percorrido por Cristo e pelos santos, e em especial pelos santos da América Latina: os que morreram defendendo a integridade da fé e a liberdade da Igreja, servindo aos pobres, servindo aos índios, servindo aos escravos. Foi percorrido igualmente pelos que alcançaram os mais altos cumes da contemplação. Eles caminham conosco. Ajudam-nos com sua intercessão.

298. A Imaculada Conceição apresenta-nos em Maria o rosto do homem novo redimido por Cristo, no qual Deus recria ainda “mais admiravelmente” (Coleta da Natividade de Jesus) o projeto do paraíso. Na Assunção se nos manifestam o sentido e o destino do corpo santificado pela graça. No corpo glorioso de Maria começa a

criação material a ter parte no corpo ressuscitado de Cristo. Maria, arrebatada ao céu, é a integridade humana, corpo e alma, que agora reina intercedendo pelos homens, peregrinos na história. Essas verdades e mistérios iluminam o Continente onde a profanação do homem é uma constante e onde muitos se fecham num fatalismo passivo.

209. A vida trinitária, de que Jesus Cristo nos faz participantes, somente na glória é que chegará à plenitude. A Igreja, peregrina enquanto instituição humana e terrena, reconhece com humildade seu erros e pecados que obscurecem a face de Deus em seus filhos. Mas está decidida a continuar sua atuação evangelizadora a fim de permanecer fiel à sua missão com a confiança posta na fidelidade de seu fundador e no poder do Espírito.

210. Jesus Cristo procurou sempre a glória do Pai consumou sua entrega a ele na cruz. Jesus é Primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8,29). Ir ao Pai: nisto consistiu o caminhar terreno de Jesus Cristo. A partir de então, ir ao Pai é o caminhar terreno da Igreja, povo de irmãos. Somente no encontro com o Pai acharemos a plenitude que seria utópico procurar no tempo. Enquanto a Igreja espera a união consumada com seu esposo divino, "o Espírito e a Esposa dizem: vem Senhor Jesus" (Ap 22,17-20)".

DCG, n.67: "A Igreja não é só a comunhão entre os irmãos, cuja cabeça é Cristo, mas se apresenta também como instituição à qual foi confiada uma missão de salvação universal. O povo de Deus, "constituído por Cristo em ordem à comunhão de vida, de amor e de verdade, é, nas mãos do mesmo Cristo, instrumento da redenção universal, e é enviado ao mundo inteiro como luz do mesmo mundo e sal da terra" (LG, 9).

Por esta razão a Igreja é apresentada pelo Concílio Vaticano II como realidade que abrange toda a história, que aceita todas as suas diferentes culturas e as ordena para Deus, e que em virtude da ação do Espírito de Cristo se constitui em "sacramento universal da salvação". É ainda apresentada como Igreja que entra em diálogo com o mundo; que, observando os sinais dos tempos, tenta descobrir tudo aquilo que é de valor para os homens e pode levar a um entendimento com eles; que, além disso, se preocupa em ser compreendida e reconhecida pelo mundo, procurando eliminar aquelas formas externas que parecem menos evangélicas e nas quais se manifestam demasiadamente as marcas de épocas já passadas.

A Igreja, é verdade, não é deste mundo, "não é movida por nenhuma ambição terrena" (GS, 3), e será perfeita só no céu, para onde volta o seu olhar e dirige os seus passos. Mas, por outro lado, está unida ao mundo e à sua história. "A intensa preocupação com que a Igreja, Esposa de Cristo, acompanha as necessidades dos homens, as suas alegrias e esperanças, seus sofrimentos e trabalhos, não é outra coisa senão o seu veemente desejo de estar presente a eles para iluminá-los com a luz de Cristo e unir a todos naquele que é o seu único Salvador. Mas esta solicitude não deve jamais ser entendida no sentido de que a Igreja se conforme com as coisas deste mundo, ou que diminua o ardor com que espera o Senhor e o seu Reino eterno" (Paulo VI, *Professio Fidei*, n. 27, AAS, 1968, p. 444)".

Nota:179

Puebla 1007: "Como educadores da fé das pessoas e das comunidades, empenhar-se numa metodologia que inclua, sob forma de processo permanentes por etapas sucessivas, a conversação, a fé em Cristo, a vida em comunidade, a vida sacramental e a compromisso apostólico".

Nota:180

Mt 5,48: "Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu".

Nota:181

As Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil, n.73-77, CNBB, Doc. 25: "No anúncio e promoção dos valores do Reino, os membros da CEB e a própria CEB se encontrarão com pessoas e grupos que lutam pelos mesmos valores, ou semelhantes, mas que não comungam da mesma fé ou são membros de outras igrejas. O campo da promoção da justiça e da dignidade da pessoa humana são campos privilegiados de colaboração fraterna entre as igrejas cristãs e destas com todos os homens de boa vontade. Conservando sua própria identidade, as CEBs devem se abrir para reflexão e atuação conjunta em tudo o que for benefício da pessoa humana.

74. Mais delicado se torna o problema quando se trata de colaboração com grupos ideológicos fechados em si mesmos e, sobretudo, com grupos que explicitamente repudiam a fé e a abertura para Deus. Sem negar os valores que tais grupos trazem, é preciso sempre distinguir o nível e a possibilidade de colaboração. Se com alguns grupos não explicitamente cristãos elas podem assumir a realização de projetos concretos, com outros, por vezes, essa colaboração não poderá ir além de uma concordância quanto a certos objetivos válidos, deixando sempre clara a profunda divergência na concepção de mundo, de homens e de seu destino.

75. Na prática, hoje, as CEBs que congregam as pessoas pobres e simples da periferia e zona rural precisam se situar diante dos movimentos populares que mais recentemente têm emergido como instrumento das lutas do povo por uma sociedade mais justa. Muitos membros e líderes desses movimentos pertencem às CEBs e foram mesmo despertados dentro delas. Por outro lado, circunstâncias anteriores fizeram com que pessoas de boa vontade, mas sem fé, participassem das promoções das CEBs que, como Igreja, constituíam o único lugar tolerado de atuação social .

76. Sem destruir os laços fraternos criados e sem prejudicar os passos dados, é necessário manter clara a distinção entre CEBs e movimentos populares. Os movimentos populares são movimentos sociais entre as classes mais pobres e seus objetivos são a libertação e promoção sócio-política do povo. Eles não são movimentos de Igreja, não dependem dela em sua organização e atuação, tendo plena autonomia com relação à Igreja. As CEBs precisam tomar consciência disto para não ocupar um espaço que não é seu e imprimir um ritmo de vida eclesial a um movimento secular. Da mesma forma, as CEBs perderiam sua identidade se, para se acomodar aos movimentos populares, alterassem seu modo de vida e seus valores explícitos de fé.

77. Isso posto, vale plenamente para as CEBs tudo o que a Igreja ensina sobre a presença e atuação dos cristãos na estrutura e organização do mundo. Nesse sentido, os movimentos populares, as promoções de bairro, os ambientes de trabalho e convivência são campos a serem fermentados pelas CEBs com o fermento e as energias do Evangelho com relação à libertação integral do homem".

Nota:182

1Jo 3,2: "Amados, desde agora já somos filhos de Deus, embora ainda não se tenha tornado claro o que vamos ser. Sabemos que quando Jesus se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque nós o veremos como ele é".

Nota:183

cf. **EN 51**: "Dar a conhecer Jesus Cristo e o seu Evangelho àqueles que os não conhecem, é precisamente, a partir da manhã do Pentecostes, o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu Fundador. Todo o Novo Testamento, e de maneira especial os Atos dos Apóstolos, dão testemunho de um momento privilegiado e, de algum modo, exemplar, desse esforço missionário, que viria em seguida a assinalar toda a história da Igreja.

Esse primeiro anúncio de Jesus Cristo a Igreja o realiza por meio de uma atividade complexa e diversificada, que algumas vezes se designa com o nome de "pré-evangelização", mas que, a bem da verdade, já é evangelização, embora em seu período inicial e ainda incompleto. Uma gama quase infinita de meios - a começar da pregação explícita, como é óbvio, mas passando também pela arte, pelos contatos e interesse no campo científico e no campo das pesquisas filosóficas, até ao recurso legítimo aos sentimentos do coração do homem - podem ser postos em prática para se alcançar tal objetivo".